

Larissa Pelúcio

AMOR EM TEMPOS DE APLICATIVOS

**Masculinidades heterossexuais e a negociações
de afetos na nova economia do desejo**

Tese apresentada para atendimento das normas do Edital 002/2016-DTA/FAAC de Concurso Público de Títulos e Provas do Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP - Campus de Bauru, na disciplina Gênero, Sexualidade e Teorias Feministas para obtenção do título de Livre-Docente em: Gênero, Sexualidade e Teorias Feministas

unesp

Bauru, outubro de 2017

Larissa Pelúcio

Amor em tempos de aplicativos
Masculinidades heterossexuais e a negociações de afetos na nova
economia do desejo

Tese apresentada para atendimento das normas do Edital 002/2016-DTA/FAAC de
Concurso Público de Títulos e Provas do Departamento de Ciências Humanas da
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP - Campus de Bauru, na
disciplina *Gênero, Sexualidade e Teorias Feministas* para obtenção do título de Livre-
Docente em: Gênero, Sexualidade e Teorias Feministas

Bauru, outubro de 2017

Aos meus mais de 300 crushs e matchs

Resumo

Esta tese busca expandir a etnografia realizada em meios digitais com homens que procuravam encontros sexuais e afetivos fora do casamento, utilizando-se para tal de sites especializados que prometiam “sigilo” e “segurança”, além de “aventura” e “emoção”. Naquela pesquisa, concentrei-me no site canadense *Ashley Madison*. Tratava-se de pesquisa que buscava pensar as conjugalidades contemporâneas, mas que derivou em discussões sobre sexualidade e desejos, às quais se somaram às negociações no campo das relações de gênero, as quais se davam em cenário marcado pela incitação à aventura e ao consumo de emoções, levando-me a prestar atenção à constituição das masculinidades contemporâneas frente a estas demandas. A esta nova chave de entrada, somou-se o alargamento do uso de aplicativos para smartphones como recurso de inserção no competitivo mercado dos afetos. Busquei, então, na presente pesquisa compreender como homens adultos, que se entendem como heterossexuais, pertencentes à classe média e média baixa, têm negociado sexo e amor com suas potenciais parceiras e lidado com as relações de gênero que atravessam esses contatos no presente e como, nessas mediações digitais performam, atualizam e tencionam modelos de masculinidades. Assim, o principal objetivo desta tese foi compreender como esses recursos comunicacionais têm incidido na forma desses homens, nascidos entre 1955 e 1985, compreenderem e atualizam a própria masculinidade, regidos pela lógica do consumo romântico, na esfera do capitalismo afetivo, quando são incitados a mobilizar formas de se relacionar específicas, nem sempre coerentes com aquelas que aprenderam nos meios analógicos. Entre os achados deste trabalho está a confirmação de teses que mostraram a transposição, para o campo dos afetos, de vocabulário emprestado do mundo do trabalho precarizado e do consumo intensificado. A utopia romântica do par heterossexual confronta-se com a incitação à busca perpétua pela “melhor opção”, sustentada pela ideia de abundância que os aplicativos móveis insinuam, bem como pela mecânica do descarte que possibilita que a procura seja, além de ansiosa, lúdica. As referências do amor romântico parecem pouco eficientes para se construir relações prazerosas em tempos de capitalismo afetivo. No trabalho imersivo concentrei o campo etnográfico em três aplicativos para relacionamentos (*Adote um Cara*, *happn* e *Tinder*), por meio dos quais foi possível mapear os percursos do que chamo aqui de “nova economia do desejo” que sustenta o amor neoliberal. O pessoal e o político se interseccionam nesse percurso, de forma que foi preciso considerar transformações macrossociais a fim de perceber como estas têm incidido nas vidas singulares de meus interlocutores. Procuo cotejar, portanto, o íntimo e pessoal ao cenário político e social brasileiro deste século, quando assistimos à politização de temas como gênero e sexualidade. Metodologicamente, associei à etnografia on-line/off-line análises sobre a emergência de uma nova ética emocional, dialogando com os estudos de gênero e sexualidade, teorias feminista e estudos de masculinidades, priorizando perspectivas pós-estruturalistas.

Palavras-chave: aplicativos para relacionamentos – masculinidades contemporâneas – capitalismo afetivo – amor neoliberal – teorias feministas — nova economia do desejo – etnografia com/em mídias digitais

Abstract

This dissertation aims to expand my ethnography in digital media with men seeking sexual and affective encounters outside of marriage, using specialized websites that promise "secrecy" and "security", as well as "adventure" and "emotion". In that survey, I focused on the Canadian website Ashley Madison. It was a research that sought to think about contemporary conjugalities, but that led to discussions on sexuality and desires, to which were added the negotiations in the field of gender relations, in a scenario marked by incitement to adventure and consumption of emotions, leading me to pay attention to the constitution of contemporary masculinities in the face of these demands. To this new key of entry, it was added the enlarged use of applications for smartphones as a resource of insertion in the competitive market of the affections. Therefore, I sought to understand how heterosexual adult men belonging to the middle and lower middle class have been negotiating sex and love with their potential partners, how they have been dealing with gender relations that cross these contacts in the present, and how, in these digital intermediations, they perform, update and tension models of masculinities. Thus, the main objective of this dissertation was to understand how these communicational resources have influenced the form in which these men, born between 1955 and 1985, understand and perform their own masculinity, ruled by the logic of romantic consumption, in the sphere of affective capitalism, when they are incited to mobilize specific ways of relating, not always coherent with those learned in analogic media. Among the findings of this work there is the confirmation of previous researches that showed the transposition of vocabulary borrowed from the world of precarious work and intensified consumption to the field of affections. The romantic utopia of the heterosexual pair is confronted with the incitement to perpetual quest for the "best option," supported by the idea of abundance insinuated by the mobile applications, as well as by the mechanics of discarding that make the search beyond eager, playful. The references of romantic love seem to be somewhat inefficient to build pleasurable relationships in times of affective capitalism. In the immersive work I focused the ethnographic field on three applications for relationships (Adopt a Guy, Happn and Tinder), where it was possible to map the paths of what I call here the "new economy of desire", which sustains neoliberal love. The personnel and the political intersect in this way, so that it was necessary to consider macrosocial transformations in order to perceive how they have affected the singular lives of my interlocutors. Therefore, I try to compare the intimate and personal to the political and social scenario of Brazil in this century, when we see the politicization of themes such as gender and sexuality. Methodologically, I have associated online/ offline ethnography with the analysis of the emergence of a new emotional ethic, dialoguing with gender and sexuality studies, feminist theories and masculinity studies, prioritizing poststructuralist perspectives.

Key words: applications for relationships - contemporary masculinities - affective capitalism - neoliberal love - feminist theories - new economy of desire - ethnography with/ in digital media

Agradecimentos

Eu estava sentada com o celular nas mãos esperando que mais uma entrevista se iniciasse. Olhava para fora e a cidade de São Paulo parecia ser toda feita de *matchs* e *cruhs*, curtidas e derivas. Estava um pouco exausta daquilo, já contabilizava meses nessa rotina negociada entre aulas, reuniões, projetos, orientações e trabalho de campo. Olhava o celular enquanto podia ver no sistema do *WhatsApp* a palavra “digitando”; era meu mais recente *crush* respondendo ao meu áudio de apresentação. Fui ali surpreendida por uma outra mensagem, era minha mãe que me convidava para mais uma viagem em sua companhia. Afetos digitais não me faltaram nesse percurso, conclui e São Paulo ficou menos sisuda.

O sedutor convite derivou em um estágio de pesquisa no qual pude, além de cumprir os compromissos implicados com esse tipo de deslocamento, redigir boa parte desta tese. De forma que já deixo meus agradecimentos à professora Gabrielle Houbre, da *Université Paris 7*. Mas meu primeiro agradecimento sentimental é, certamente, dedicado a Olgaíses Cabral Maués, minha mãe, professora, militante, mulher inspiradora. Nunca foi declaradamente feminista, mas foi o exemplo que me fez abraçar bem jovem essa bandeira de luta e, posteriormente, dedicar-me a esse campo fértil, plural e disputado dos estudos de gênero e das teorias feministas. Patrocinadora, inspiradora, incentivadora, cá estamos juntas em mais uma etapa dessa minha adiada vida acadêmica, iniciada aos 32 anos, na Universidade Federal de São Carlos, onde conheci o professor Richard Miskolci, parceiro intelectual e amigo inestimável a quem agradeço profundamente. Leitor crítico e generoso de meus originais, contribuiu para esse trabalho de diversas maneiras; fosse na leitura prévia ou nos papos infundáveis em cafés intermináveis. Que sejam sempre vividas as amizades!

Amigxs e parceirxs são necessários a todas travessias. Agradeço à professora Berenice Bento, minha querida Berê; xs professorxs Syntia Alves e Leandro Colling, companheirxs de eventos, aventuras e irmã/o no Santo; a Jorge Leite Júnior, também professor e essencialmente queer; a Tiago Duque, professor babadeiro e amigo dadivoso; à Iara Beleli, Adriana Piscitelli, Miriam Adelman, Miriam Grossi e à professora Maria Moraes por terem me iniciado de teoricamente no feminismo com seus textos, posturas e aulas. À Patrícia Porchat, parceira de lutas e companheira de campus e copos, unidas que fomos pelo queer.

Sem o apoio de pessoas suaves e prontas para as trocas a gente não se sustenta. Aqui a lista é grande: Ágata Zanata, companheira de muitas labutas e cumplicidades, tão querida; Anna Paula Vencato, amiga e ponto; Andreza Ugaya, que baila na minha vida; Fernanda Henriques, seus risos e levezas; Flávia Teixeira, a menor guerrilheira do mundo; Flamarion

Maués, sábio e para sempre o mais velho entre nós; Guilherme de Almeida, pelos nossos Santos; Jussara Costa, a coisa mais linda da Paraíba; Jéssica Remanzini, que cuidou tanto de mim; Lucas Álvaro (*in memoriam*), tão lindo, tão menino, tão amoroso; Mariana Hipólito, minha Nanã amiga; Marina Duarte, parceira que iluminou minhas caminhadas por Paris; Mário Pizzignacco, pelo companheirismo de toda uma vida; Paula Sandrine, que me ensinou que a gente pode ser chic na bagaceira; Pedro Paulo Pereira, pelos nossos quereres queer; Tomás Barata, amigos que amornam; Vanessa Leite, adoçando encontros; Verônia Volpato Citadini, minha irmãzinha fada. Agradeço, ainda, à Késia Maximiano, pelo suporte emocional na hora que “o bicho pegou” nesta pesquisa e pela sistematização dos questionários das entrevistas com colaboradores.

Aos/às colegas de departamento e de campus que apostaram em mim, seguraram várias pontas para que esse trabalho fosse gestado e esta livre docência pleiteada: José Carlos Marque, Caroline Luvizotto, Christiane Carijo, Marianne Feijó, Ari Maia, Emmanuel Ciolac são alguns nomes a que não poderia deixar de agradecer. Sem a ajuda de Keity de Brito Prado, Roseli Cristina Nonato Pitondo e Edvaldo Scoton, tudo teria sido muito mais difícil e moroso. Só posso agradecer imensamente a eles.

Agradeço a toda a equipe de estudantes do grupo de Pesquisa *Transgressões – corporalidades, gêneros, sexualidades e mídias contemporâneas* por serem gente inspiradora!!

Inspiradoras e amorosas são também minhas filhas Tainá, Giulia e Milla, minha neta Helena, que um dia, espero, possa viver em um mundo no qual não haja machismo, nem racismos, tampouco homofobia, nem recusas às vidas trans. Mundo no qual, a pluralidade seja lindeza e a riqueza seja a diferença que encanta a vida. Que possamos viver sem discursos de ódio, num Brasil verdadeiramente democrático e justo. Utopias que aprendi a desejar com armas para lutar afiadas pelo meu amado, José Flamarion Pelúcio Silva! *Hasta la victotia simpre*, meu pai!

Ao fim agradeço a um anjo bom que esteve comigo até o dia em que passei no concurso para docente de Antropologia na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, a Unesp de Bauru: Julieta Soares Araújo, minha “Preta-Velha”, dadivosa como uma entidade da Umbanda sabe ser, sábia e modesta com só os pretinhos da Umbanda são.

Agradeço aos meus irmãos e às minhas irmãs da Aldeia Tupiniquim e do Terreiro de Umbanda Pai José da Senzala por todos os ensinamentos e por todo axé recebido nesses anos todos. Salve a força de vocês!!

Por fim, agradeço às forças terrenas, aos financiamentos que tornam pesquisas exequíveis. Boa parte desta pesquisa só foi possível graças à Fundação de Amparo à Pesquisa

do Estado de São Paulo, instituição à qual sou grata desde meu mestrado, com a qual sempre pude contar como fomentadora de minhas ousadias acadêmicas.

À Verônica Rios (*in Memoriam*), quem me ensinou a amar as margens.

Sumário

Resumo	3
Abstract	4
Agradecimentos	5
Sumário.....	8
Introdução - Agitada pelas sensações, início.....	9
Capítulo I - “Tudo que é sólido se desmancha no virtual, tudo” – até a metodologia?	26
Love me Tinder	32
“Coloque quantos quiser no carrinho”	36
“Encontre as pessoas que cruzaram seu caminho”	44
Argonautas digitais	51
Afecções metodológicas	58
Capítulo II - O político e o pessoal – masculinidades desafiadas	69
Os feminismos são bons para pensar.....	79
Hegemonias e masculinidades	90
Capítulo III - Masculinidades ponto com.....	107
Mulheres complicadas	126
Mulheres resolvidas.....	138
A dupla moral e a “crise” das masculinidades contemporâneas	149
Capítulo IV - Amor (?) em tempos de aplicativos	158
Economia dos afetos.....	171
O colapso do amor romântico	182
A heteronormatividade abala a heterossexualidade: no campo dos paradoxos	194
Finalmente...É mesmo de amor que se está falando?	203
Referências bibliográficas	211
Apêndice	228
Questionário enviado a colaboradores	228

Introdução - Agitada pelas sensações, início

... eu estava justamente no lugar do nativo, agitada pelas “sensações”

(Favret-Saada, 2005, p. 159)

Nunca fui tão nativa. Imersa em conversas que começam pelos *chats*¹ dos próprios aplicativos para relacionamentos amorosos e sexuais, passei a migrar sem pudor para o *Whatsapp*². Eu mesma fazendo o convite e oferecendo meu número para os potenciais colaboradores. Lembro-me de quando temia esses contatos que pareciam me deixar sempre “on call”, ao alcance de hipotéticas (mas possíveis) chamadas que podiam ser feitas pelos homens que concordam em contribuir com minha pesquisa. Passados quase dois anos desde que inicie este trabalho, os temores se diluíram, não só porque fui aprendendo a lidar com os códigos, muitas vezes tácitos, que orientam as comunicações por meios digitais, mas também porque a própria tecnologia mudou. Nossos usos de antigos recursos também mudaram. Discorrerei sobre isso ao longo deste relatório, mas dedico o **capítulo I** para tratar da metodologia da pesquisa, onde discuto essas mudanças.

Com o uso diário e intensificado dos aplicativos fui me familiarizando com as transformações técnicas dos mesmos, bem como as reconfigurações, apropriações e ressignificações de usos que meus colaboradores de pesquisa iam dando a eles. Familiarizar-me apagou algumas ansiedades e me trouxe outras. Estar on-line em busca de parceiros, aprendi, é estar “agitada pelas sensações”. Silêncios comunicam abandono, desprezo, desinteresse; visualizações de mensagens enviadas que ficam sem respostas também geram angústias, interrogações, desestabilidades emocionais. Notificações que pulam na tela no *smartphone* podem mobilizar muitos sentimentos. Mesmo em quem está pesquisando. Muitas vezes, essas notificações me alcançavam em momentos de lazer ou

¹ Os aplicativos móveis para encontros têm uma ferramenta que permite que as pessoas possam conversar de forma sincrônica, se desejarem. Nos dois aplicativos que explorei, esse contato só é possível quando há a combinação de interesse por meio do “crush”, no *happn*, quer dizer, do “encontrão” entre os/as usuários/as, pela manifestação de ambas as pessoas do seu interesse pela outra ou do aceite do “charme” por parte da mulher, no *Adote um Cara*. No *Tinder*, diz-se “match”, ou seja, combinação. Usei este último de forma menos prolongada, mas consistente, pois a maior parte de meus interlocutores usava-o e menções a ele foram recorrentes durante as conversas.

² Sistema de comunicação sincrônica associado a um número de *smartphone* por meio do qual se pode trocar além de mensagens de texto, mensagens em áudios, fotos, links diversos. Surgiu em 2009 e alcançou grande popularidade nos anos mais recentes. Segundo dados dos administradores do *Whatsapp*, em maio de 2017, o aplicativo alcançou 120 milhões de usuários no Brasil. (Olhar Digital: <https://olhardigital.com.br/noticia/whatsapp-revela-numero-de-usuarios-no-brasil/68604>. Consulta em 27/07/2017)

quando estava imersa em outras comunicações ou, ainda, em meio a um trabalho que me exigia concentração. Convocavam-me de qualquer forma. Algumas eram ansiadas outras me enchiam de apreensão ou mesmo antecipavam tédio.

Assim como meus interlocutores, desenvolvi formas de driblar assédios indesejados, cortar contatos inconvenientes e, como pesquisadora, me valer desses recursos de forma metodológica, recolhendo material para análises dessas comunicações atravessadas por afetos. Com os homens aprendi que há estratégias de interação nesses fletos digitais capazes de sinalizar interesse/desinteresse por quem está do outro lado. Valer-me de comunicação enxuta mobilizando *emoticons*³, abreviações de palavras e outros recursos textuais e gráficos a fim de expressar sentimentos e, mesmo, dissimulá-los. Esses sinais, espero demonstrar ao longo deste relatório, estão bastante marcados por comportamentos de gênero.

Fui aprendendo com eles como negociar as conversações e aproximações por esses meios, assim como interromper contatos que ocorrem em uma temporalidade marcada por intensificações de (des)afetos, aceleração na construção de intimidades em uma dinâmica de trocas emocionais que geram ansiedades, mas que parecem rapidamente se dissolver na teia de contatos que vamos construindo desde a primeira aproximação via *chats* dos aplicativos, passando pelo uso do *WhatsApp* com gravação de áudios, pedido de amizade no *Facebook* e *Instagram*⁴, tentativas de conversas pelo *Skype*⁵ ou tudo isso num espaço de tempo comprimido, num universo relacional ampliado. Conversei com vários homens ao mesmo tempo. Sou pesquisadora. Eles conversavam com muitas mulheres simultaneamente. São investidores emocionais.

³ Trata-se de ícones que expressam emoções. Desenhos de rostos estilizados, por exemplo, indicando felicidade, sono, surpresa, são alguns exemplos. Servem para “transmitir o estado psicológico, emotivo de quem os emprega, por meio de ícones ilustrativos de uma expressão facial (...) Normalmente são usados nas comunicações escritas de programas mensageiros, como o MSN *Messenger* ou pelo *Skype*, *WhatsApp* e outros meios de mensagens rápidas” (Fonte Wikipédia: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Emoticon>). Há uma gama vasta de ilustrações de alimentos, animais, monumentos, objetos, entre outros que podem ajudar na comunicação textual, oferecendo elementos visuais para compor o texto escrito, chamados de emojis.

⁴ Criado em 2010, o aplicativo prioriza as imagens. De início só era possível postar fotos valendo-se de um leque de filtros que podem modificar as cores das imagens. A partir de 2015 tornou-se possível postar vídeos de até 60 segundos. O *Instagram* permite, ainda, que se redija pequenos textos-legendas, compartilhe-se as postagens em outras redes que o/a usuário/a tenha conta (*Facebook* e *Twitter*), além de disponibilizar sistema de conversas reservadas (mensagens diretas). Publicamente pode-se curtir e comentar as fotos das pessoas que são “seguidoras”, isto é, que associam seus perfis pessoais a outros perfis.

⁵ “Skype é um software que possibilita comunicações de voz e vídeo via Internet, permitindo a chamada gratuita entre usuários em qualquer parte do mundo. As chamadas gratuitas (de Skype para Skype) se realizam entre usuários que possuem o software instalado no computador. Há um serviço de chamada em conferência, no qual diversos participantes podem conversar em simultâneo” (Fonte: <https://www.significados.com.br/skype/>). Pode-se, ainda, comprar créditos a fim de se realizar chamadas para telefones fixos ou móveis.

Leonardo⁶, 47 anos, paulistano, à época vivendo no Rio de Janeiro, acumulou tantos casos que, “sistemático” como se declara, resolveu fazer uma planilha no Excel⁷ a fim de organizar os 70 encontros viabilizados por meio do uso intensivo de recursos analógicos e digitais. Leo tem uma história fascinante, que me ajuda a reconstruir parte desse percurso em que o capitalismo encontra com os afetos e os meios de comunicação passam a cumprir um papel central na promoção de parcerias (ainda que efêmeras) e na própria constituição do desejo.

Meu *match*⁸ com Leonardo se deu via *Tinder*, o mais popular aplicativo para relacionamentos do Brasil, quando eu estava no Rio de Janeiro para passar o réveillon. Conversamos uma única vez, mas a sua disposição em falar rendeu mais de 1h de curtos áudios e 10 páginas de transcrição, as quais podem ser acessadas ao fim deste relatório.

A narrativa deste gerente de marketing, declarado branco, pai de uma moça de 27 anos, fruto do primeiro casamento, me ajuda a remontar, a partir de sua experiência particular, a história afetiva das mídias voltadas para encontros amorosos e sexuais. Habilidoso com as palavras, Leo me escreve logo de início que prefere seduzir mentes a corpos, e que estava apostando na minha pesquisa, por isso iria me contar algumas histórias que nunca tinha revelado a ninguém. Fruía, certamente, prazer em criar em mim expectativas. Falar de si é também um convite sedutor, do qual me vali muitas vezes, oferecendo escuta atenta e ansiando, eu mesma, poder me colocar não apenas como pesquisadora, mas como alguém que tem também muitas histórias para contar. Leo não estava interessado nelas, mas em sistematizar/relembrar suas aventuras sexuais e amorosas mediadas por meios analógicos e digitais de comunicação.

Leo inicia o primeiro áudio:

A minha relação com os aplicativos e os sites é muito antiga. Ela não vem de agora, desse boom que a gente teve nos últimos, vamos colocar aí, dois, três anos. Com

⁶ Os nomes de todos os interlocutores foram trocados. Alguns deles, como é o caso de Leonardo se apresentavam no aplicativo com um nome ou *nick* (apelido, mas que na internet é como um nome digital) distinto de seus nomes de batismo. Geralmente quando isso se deu esteve relacionado ao tipo de demanda sexual e de relacionamento buscados. No caso de Leonardo, procurava mulheres que se interessassem em sair com o casal, ele e sua esposa. Saliento também que foi mantida a grafia das mensagens conforme enviadas pelos interlocutores.

⁷ Programa da Microsoft que, entre outras funções, serve para construir gráficos, tabelas e realizar cálculos. Nessa sistematização percebo a lógica do trabalho colonizando a esfera afetiva/sexual. Agradeço a Richard Miskolci por essa observação.

⁸ Match significa combinação. Esta aparece quando usuários/as “dão like” em um perfil que também teclou no coração da tela, sinalizando o “like” ou a “curtida”. Quando duas pessoas que estão usando o aplicativo têm interesse uma pela outra a combinação aparece na tela, avisando que você tem um “match” e a partir daquele momento pode entrar em contato com aquela pessoa via sistema de conversas do próprio aplicativo.

vários sites ou aplicativos para relacionamentos, tá? Iniciou-se depois que, aos 23 anos, se separou da primeira esposa, que havia sido também sua primeira namorada. Saiu desta relação “querendo ganhar o mundo”, mas estava muito gordo, “obesidade mórbida”, e por não ter acumulado experiências sexuais e afetivas sentia-se inseguro.

(...) E aí eu conheci os aplicativos. Mas você vai me dizer: “puxa, nessa época?”. Sim, nessa época. Ainda não era a internet. A gente tinha alguma coisa bem parecida. Mas era na última página da Veja [revista]. Se chama class line, onde você contratava uma caixa postal com seu número de telefone. E aí, se fosse o caso, você ligava para a pessoa e começava a conversar. E eu fiz isso algumas vezes. Eu... eu, praticamente fazia toda a semana. Tentava conhecer alguém. E cheguei a conhecer algumas pessoas. (...) Eu conheci uma ou outra e acabei namorando. Porque a gente passava por cima daquela primeira etapa de atração visual, né? Então eu conseguia sair da situação de ser um cara obeso e que tinha esse problema em relação à minha segurança comigo mesmo. E como usava o telefone principalmente, conseguia atrair as pessoas pelo papo... pela inteligência, né?

(...) A internet começou no Brasil aí tipo 97,98, foi quando eu fiz meus primeiros contatos pela internet via chat, via ICQ⁹, foi quando eu comecei a mexer com internet (isso faz 20 anos já). Foi quando eu descobri aquelas salas de bate-papo do UOL. E aí eu acabei conhecendo também uma e outra pessoa. Aí saía... era uma coisa bem light, assim. Porque também eu tinha um grupo bem grande de amigos.

Leo apostava na retórica para suas conquistas analógicas. A obesidade e a timidez que o emasculavam eram suplantadas pela sua capacidade de comunicação, em uma época em que veicular imagens pela internet era ainda uma ação bastante restrita. Era necessário que se tivesse um aparelho de scanner para digitalizar fotos em papel ou possuir câmera digital, ainda cara e bastante limitada na sua capacidade de armazenamento. Além disso, Leo comenta que tinha uma vida social ativa off-line. As experiências online foram percebidas por muito tempo, até mesmo pelos primeiros

⁹ “ICQ é um programa de comunicação instantânea pioneiro na Internet que pertence à companhia Mail.ru Group. É um dos primeiros programas de mensagem instantânea da internet, criado em 1996. A sigla “ICQ” é um acrônimo feito com base na pronúncia das letras em inglês (I Seek You), em português, ‘Eu procuro você’, porém é popularmente conhecido no Brasil como ‘i-cê-quê’” (Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/ICQ>).

estudos sociológicos sobre esse tipo de interação¹⁰, como menos verdadeiras, tidas como uma espécie de escapismo para os inábeis socialmente; “lugar” para se criar identidades falsas ou imaginadas que poderiam ajudar a driblar solidão ou outros sentimentos que dificultavam a sociabilidade daqueles/as que imergiam no universo on-line.

Até que a internet foi ficando mais conhecida, cada vez mais... e aí vieram os primeiros sites realmente de relacionamento. E o primeiro deles foi o Par Perfeito¹¹. E nessa época eu já pesava meus 160, 150 quilos... (...) Em 2003 eu conheci uma garota pela internet. Ela morava em São Paulo. Era uma carioca, mas morava em São Paulo. Aí a gente se conheceu. Trocou os perfis e se conheceu. Ficamos 15 dias conversando por telefone (...) e quatro meses depois a gente foi morar juntos. Ficamos juntos por 11 anos.

Acontece que nessa época, 2003, quando a gente se conheceu, eu já tava pesando quase 170 quilos. Aí, ela me convenceu a fazer uma cirurgia bariátrica, uma cirurgia de redução de estômago e eu fiz isso dia primeiro de março de 2004.

Ela era uma pessoa hiperlegal, superamiga, a gente se dava muito bem ... vim pro Rio de Janeiro conhecer a família dela (...). Foi um relacionamento bem legal no começo. Ela também era obesa, mas não chegava à obesidade mórbida. E aí, eu fiz a cirurgia em 2004 e aí, em questão assim de um ano eu tinha perdido quase... na verdade, em um ano e meio, eu perdi 100 quilos. (...) A verdade, que quando você faz a cirurgia bariátrica, que você perde peso, a sua autoestima vai lá em cima, né? Na verdade, no fundo, você acha que vai comer o mundo. A mulher fala “bom dia” pra você e você já responde de outra forma: “bom dia, tudo bem?” [faz uma voz de galanteio]. Isso bateu de uma forma que eu pensei que eu era o último biscoitinho do pacote, o último gole da Coca-Cola, né?

E aí, sem muitas pretensões eu assistir uma reportagem na televisão que falava sobre empregabilidade. Sobre as pessoas que deveriam testar sua empregabilidade. Mesmo tendo uma carreira sólida, estando empregadas em

¹⁰ A percepção inicial de pesquisadores/as sobre o universo singular e auto referido que a internet proporcionava sugeria que estávamos lidando com uma realidade emergente e singular. Pressupunha-se que “o universo on-line seria apartado do off-line (Reihngold, 1994; Turkle, 1997).

¹¹ O *Par Perfeito*, *Match*, originalmente, anuncia-se como o “maior site de relacionamentos” online. Chegou no Brasil em 2000, valendo-se como diferencial de um minucioso questionário desenvolvido por psicólogos para a composição do perfil de cada usuário/o. Segundo o próprio site, em julho de 2017, havia “30 milhões de usuários cadastrados no Brasil e 400 mil novos usuários todos os dias” (http://www.parperfeito.com.br/cpx/pt-br/parperfeito/Index_460)

uma boa empresa, mas que as pessoas sempre testassem sua empregabilidade. E se você precisava fazer alguma especialização, estudar um pouquinho... para ver como você estava em relação ao mercado. E isso profissionalmente. Aquilo bateu pra mim de outra forma. Eu falei assim, “poxa, eu preciso testar a minha sexualidade. A minha sedução. Saber como eu estou em relação ao mercado”. (...) Aí foi que eu entrei no site novamente. Isso era 2004.

O empreendedorismo emocional passou a orientar as investidas de Leonardo que, mesmo casado, agora em seu segundo matrimônio, passou a ser um grande investidor. Era tão flexível nos encontros quanto no trabalho. Sua atividade profissional permitia que “ajeitasse seus encontros” organizando-os em horários comerciais. Sentia-se livre para tal. “A liberdade sexual se assemelha à liberdade econômica e assim organiza e, inclusive, legitima as desigualdades [de gênero] de maneira implícita”¹² (Illouz, 2012, p. 88).

Testar o grau de “desejabilidade” nos aplicativos mostrou-se como um elemento importante para os usuários que participaram desta pesquisa. Ivan, 34 anos, carioca, que se autodeclara pardo, estava namorando há mais de um ano quando me enviou um charme pelo *Adote um Cara*, um dos aplicativos que me serviu de campo. Ele me disse que, de fato, não queria estar com outras mulheres, mas queria ter a oportunidade de testar sua capacidade de conquista. “É uma coisa meio machista, que acho que todo homem sente falta quando está no relacionamento sério”, testar seu potencial de sedução, “até para se valorizar e ver se ainda teria alguma chance no mercado”, comentou ele, em conversa de texto pelo *WhatsApp*. Não era qualquer mulher que garantiria a Ivan essa segurança, mas uma que atendesse aos padrões que ele considerava que seriam compatíveis com seu próprio capital corporal e social. Educador físico, suas fotos apresentam um esportista com músculos definidos, sugerindo ser um homem alto, jovem e cuidadoso com a aparência. Estar em um relacionamento sério, quer dizer, monogâmico e sob o pacto da fidelidade sexual e emocional, parece emascular esse jovem carioca que encontra nos aplicativos um meio para exercitar a sedução textual sem, pelo menos até onde me revelou, romper com outro atributo valorado da masculinidade: a honra com os compromissos assumidos.

Leo viveu o fim do seu segundo casamento sendo preterido por outro homem. Naquele momento já não morava mais em sua cidade, mas na da esposa, prestes a se

¹² No original: “La libertad sexual se asemeja a la liberda económica en tanto organiza e incluso legitima las esigualdades de maneira implícita”.

tornar ex. A rede de relações que estabeleceu ali era entremeada com a dela. Com o fim do casamento, outra rede se mostrou bastante útil: a internet.

Continuando. Em 2012 eu vim morar no Rio de Janeiro. Fiquei um ano só casado. Meu casamento, nos últimos anos, já era uma questão... muita amizade, muita amizade. É a questão da gente voltar a morar no Rio de Janeiro fez com que ela quebrasse uma zona de conforto que esse nosso relacionamento tinha e eu acabei sobrando nessa situação. Ela falou que queria resgatar os amigos, que queria voltar pra cá para resgatar a família... os lugares, resgatar a vida dela aqui. Mas ela acabou resgatando tb um namorado de 15 anos atrás. Não houve traição. Ela falou comigo a respeito de tudo, do que tava sentindo e coisa e tal. Foi bem legal. Fazia só um ano que eu estava aqui e aí eu resolvi ficar. Faz quatro anos que eu tô aqui.

Lógico que a primeira opção foi só trabalhar, não conhecia ninguém aqui. Como eu tinha convivido com as pessoas aqui no Rio através dela, eles eram amigos dela, parentes dela, não era meus. (...) Então eu fui atrás de correr em busca dessas amizades, de conhecer pessoas. Aí, a velha e boa internet e aí sim com os aplicativos. E aí eu percebi que a coisa aqui era bem diferente, como eu falei pra vc anteriormente. Até que numa dessas vezes eu acabei conhecendo uma garota maravilhosa, com quem eu estou há dois anos. Onde eu parei com todas essas situações. Hoje eu sou fiel, desde o primeiro dia que encontrei com ela. Adoro isso. Adoro que alguém me fez ficar assim. Me fez estar feliz nessa fidelidade em relação a mim mesmo, em relação a esse relacionamento que estou, em relação a ela. Mas aí, o que aconteceu? Logo quando a gente se conheceu a gente fez algumas loucuras, sexo muito intenso, aquelas coisas. E eu conversei com ela sobre ter saído com mais de uma mulher de uma vez, algumas coisas que aconteceram. Nunca dentro de um relacionamento, mas com amigas, esse tipo de coisa. E foi quando ela me mostrou, na época, querer participar disso. Ter uma experiência dessas, saber como poderia ser. Mas a gente não queria que fosse uma questão é... de simplesmente de sexo. Colocar alguém no meio da cama da gente. Teria de ter uma amizade e coisa e tal. Mas não podia ser qualquer uma.

Foi quando eu criei esse perfil fake¹³ no Tinder, expondo essa situação pra ver qual seriam as respostas. Demorou muito pra ter alguma resposta. Quando eu tive alguma resposta de alguém querendo conhecer a gente, eu fui até ela e: “olha, tem uma pessoa assim, assim...”, e aí ela desistiu. “Não, não, não

¹³ Perfil que não revela dados verídicos sobre quem o criou.

é bem o que eu quero. Eu tenho curiosidade, mas não tenho coragem. Vamos ficar só nós dois mesmo, vai ficar legal.”. E eu respeitei muito isso porque na verdade eu não precisava de uma terceira pessoa. Eu precisava satisfazer o que minha parceira, que minha mulher queria. Mas eu continuei com o perfil.

Mesmo se dizendo satisfeito e feliz com a fidelidade, Leo sente-se seduzido pelo interesse de sua parceira em experimentar novas possibilidades eróticas juntamente com ele (ou justamente por ele?). Os aplicativos também respondem a esses anseios contemporâneos relativos ao amor e ao erotismo: a incitação constante, sobretudo para a classe média, da busca por aventuras associadas ao sexo recreativo, ao consumo de prazeres e ao imperativo da experimentação como elementos capazes de tornar sólido o amor conjugal. Essas experimentações, sempre arriscadas, colocam a relação em um campo de gestão de riscos dos afetos e emoções. “Há uma velha conexão entre risco e aventura, valorizada pela ousadia passível de levar a descobertas” (Spink, 2001, p. 1282). O risco-aventura, locução mobilizada por Mary Jane Spink para “ênfatizar um deslocamento importante dos sentidos modernos do risco que recuperam a aventura como dimensão positivada da gestão dos riscos” (Idem, p. 1278), aparece na fala de muitos de meus colaboradores quando se referem às buscas nos aplicativos. Querem companhia agradável e desejavelmente sexo, mas buscam também por vertigem, o que pressupõe surpresas positivas, experiências inéditas e prazeres descompromissados¹⁴.

As buscas permanentes, propiciadas pelo mecanismo de descartes de perfis, colaboram com a ideia de que há um campo inesgotável de possibilidades de prazer e de experimentações. Encontrar alguém pode ser apenas um meio para se acumular experiências e, supostamente, conhecer a si mesmo melhor e mais profundamente. Colecionar emoções faz parte desse processo de imersão em si que, por outro lado, sugere amadurecimento proporcionado por essas vivências em série.

A escolha associa-se à liberdade como valor moderno que ganha, na contemporaneidade, outros contornos: pode significar não cessar nunca a busca, de forma que “a liberdade sexual e emocional gera sua própria forma de sofrimento”¹⁵ (Illouz, p. 2012, p. 86).

¹⁴ Fui me dando conta, ao longo da escrita, de que eles também buscavam amor, ainda que a busca por esse tipo de sentimento não fosse um fim em si ou representasse o encerramento das buscas.

¹⁵ No original: “la libertad sexual y emocional genera su propia forma de sufrimiento”.

Eva Illouz (Idem, p. 311), ao fazer uma análise sociológica do amor no presente, afirma que, no entanto,

O eu moderno está melhor preparado para enfrentar experiências reiteradas de abandono, rupturas e traições que o eu do passado, e isso se dá graças ao desapego, à autonomia, ao hedonismo, à ironia e ao cinismo. Tem mais, desde muito cedo, a maioria das pessoas espera que o percurso do amor romântico implique em uma travessia agitada¹⁶.

Os mareios e turbulências dessa travessia parecem ser mais exigentes para as mulheres (em geral) que para os homens. Não investiguei as dinâmicas femininas nos aplicativos, mas em leituras de matérias de revistas voltadas para o público feminino¹⁷, conversas com amigas¹⁸ e ouvindo meus interlocutores sobre o comportamento das mulheres com as quais já se envolveram, percebo que estas, ao se vincularem mais compromissadamente a um homem e, quando isso se dá, tendem a apagar seus perfis em sites e aplicativos para relacionamentos. Propõem-se, portanto, a se fidelizarem ao relacionamento.

O compromisso como pacto que vincula pessoas afetivamente pauta-se em uma série de regras às quais as mulheres parecem não só mais dispostas a seguir, como mais desejosas em fazê-lo. Essa disposição está fundada em hierarquias de gênero que permanecem orientando as relações heterossexuais no presente. Adio esta discussão para o **capítulo II** e retomo a cronologia do vínculo entre mídias e afetos, a partir da biografia de meu interlocutor.

Leo se tornara um usuário consistente de recursos comunicacionais como mediadores para seus encontros sexuais, mesmo quando esteve comprometido. Como empreendedor arguto, logo atualizou a máxima de McLuhan: “o meio é a mensagem”,

¹⁶ No original: “El yo moderno está mucho mejor preparado para afrontar experiencias reiteradas de abandono, ruptura y traición que el yo del pasado, y ello es gracias al desapego, la autonomía, el hedonismo, la ironía y el cinismo. Es más, desde muy temprana edad, la mayoría de las personas esperan que el derrotero del amor romántico suponga una travesía agitada”

¹⁷ As revistas consultadas foram *Nova* e *Marie Claire*, em suas versões brasileiras on-line. As buscas se concentraram entre os anos de 2014 e 2017. Na primeira o número de matérias sobre aplicativos de paquera passa de 100, envolvendo desde dicas de como se comportar em um primeiro encontro a histórias de sucesso e fracasso no uso dos aplicativos. Na segunda, as matérias sobre o *Tinder* e *happn* chegam perto de 90, tratando de temas como prostituição e aplicativos, liberdade sexual feminina, famosos que usam aplicativos e encontros intergeracionais.

¹⁸ Estas conversas, ainda que em contexto de informalidade, foram bastante frequentes e conduzidas de forma mais sistematizada, informando as amigas sobre minha pesquisa.

para as comunicações digitais¹⁹. Nem todas as pessoas, na avaliação de meu interlocutor, haviam se dado conta de que estavam transferindo para o digital as dinâmicas de sedução off-line ou ensaiando um léxico que em si era novo, mas não atualizava de fato o flerte que agora ganhava um novo sítio. Ou, ainda, se valiam das escassas pistas sociais que aquelas mídias ofereciam para forjarem outros *selves*²⁰. Não inovavam, nem se arriscavam, ao contrário de Leonardo.

(...) de uma forma direta e eu acabei criando um método pra isso. Que era um método de você ser diferente nos sites, - ainda não existiam os aplicativos – você ser diferente na forma de se apresentar. Como ser diferente? Sendo verdadeiro (...) A pessoa começava a conversar comigo e a primeira coisa que ela perguntava era: “ah, tc [tecla] da onde?”. Eu já deletava. Não era isso que me interessava (...) Não me interessa saber de onde você tecla. Se eu me apaixonar por você e achar que você é a mulher da minha vida, o que menos vai importar é a distância. E, no fundo, no fundo, é assim que eu penso. Então eu me colocava de uma forma verdadeira, sem as defesas, sem as máscaras. Eu me colocava de uma forma limpa e isso acabou atraindo muito mais gente, muito mais mulheres do que a gente possa imaginar.

Nancy Baym, em seu *Personal Connection in the Digital Age*, observa que o uso das tecnologias digitais como meios para socializarmos com outras pessoas transpondo barreiras de tempo e espaço possibilitou a suspensão de algumas pistas sociais informadas pela materialidade do corpo, a potência simbólica dos gestos, entre outras informações apreendidas nos contatos “corpo a corpo”, de forma que algumas pessoas passaram a sentir que seu ‘verdadeiro eu’ se expressava melhor on-line. (Baym, 2010, p. 03)

As comunicações eletrônicas e, mais que elas, as digitais reconfiguraram as geografias²¹ dos encontros. A compressão tempo/espaço, discutida por David Harvey

¹⁹ Herbert Marshall McLuhan cunhou esta frase no contexto da disseminação das comunicações eletrônicas, mas seu sentido ainda tem força na era digital, pois “[d]e acordo com o autor, cada tecnologia carrega em si mesma aspectos que interferem na construção e na transmissão de seus conteúdos, o que implica em efeitos diretos na recepção dessas mensagens”. (Mateus e Ventura, 2016, p. 2)

²⁰ Ana Maria Nicolaci-da-Costa discute em artigo publicado em 2002, a forma como a grande mídia repercutia pesquisas de caráter científico, o que, na visão da autora não era garantia de veracidade ou de rigor metodológico sobre os perigos contidos na internet. Estes iam desde vício por jogos (vídeo games) até encontros fatídicos com psicopatas, passando por golpes de toda ordem, inclusive amorosos, de pessoas que se faziam passar por quem não eram a fim de ludibriar incautos/as. A criação de perfis falsos podia também ser mais inocente, visando apenas a experimentalismos diversos: pessoas tímidas que se tornavam expansivas online a partir da assunção de outras características físicas, de classe, gênero, raça descritas em seus perfis.

²¹ O telégrafo possibilitou pela primeira vez que pessoas distantes geograficamente se comunicassem de forma sincrônica, por exemplo. No caso específico dos aplicativos, usuários/as deslocaram o local inicial

(2001) como marco pós-moderno, se efetiva e se potencializa com a internet. Antes mesmo desta tecnologia, as comunicações mudavam os usos das cidades, conectaram espaços e pessoas (Castells, 2011), nutriam sentimentos de pertença e fomentavam identidades. “*Não me interessa saber de onde você tecla*”, afirma Leo, posto que a comunicação vai se dar desde que na outra ponta a pessoa se mantenha online e disposta à troca. Além dessa aposta, sua condição de classe e gênero permite-lhe mobilidade. Leonardo operava dentro da lógica do descarte e da abundância. A mulher de sua vida poderia estar ali. Encontrá-la demandava investimentos emocionais e de tempo.

Nenhuma tecnologia que eu conheça radicalizou de maneira tão extrema a ideia do eu como ‘selecionador’ e a ideia de que o encontro romântico deve resultar da melhor escolha possível. Em outras palavras, o encontro virtual é literalmente organizado dentro da estrutura do mercado. (Illouz, 2011, p. 114)

O “espírito do empreendedorismo” orienta essa estrutura. O empreendedor, identifica Idalberto Chiavenato (2012), em termos apologéticos, está presente não só nos visionários que abrem empresas promissoras, mas “em todas as pessoas que estão preocupadas e focadas em assumir risco e inovar continuamente”, como Leonardo no campo das relações sexuais e amorosas experimentadas por meio comunicacionais digitais.

As pessoas estavam acostumadas a entrar ali [nos sites] e... e... se apresentar de uma forma analógica. E eu me apresentava de uma forma digital. Dá pra você entender? As pessoas estavam acostumadas a entrar ali e trocar informações que, na verdade, não levam a nada, né? As pessoas estavam acostumadas a entrar nos sites como se fosse a última opção e não a primeira opção. Como se só quem fosse fracassado emocionalmente ou como fosse fracassado em autoestima frequentaria um lugar desse. Era a última opção que você tinha para arrumar alguém. E eu comecei a me apresentar como se aquela fosse a minha primeira opção.

da paquera para as telas dos celulares, adiando o encontro presencial em sítios associados ao lazer e ao flerte como bares e festas, para quando já estão mais seguros/as de que essa investida valerá a pena. Além disso, sentem-se mais protegidos/as no que se refere à violência urbana, evitando o flunar por bares e ruas da cidade, já combinando o encontro em locais específicos ligados ao consumo e ao lazer, fazendo opções entre estes de acordo com as intenções, por vezes tateantes, de suas investidas.

Talvez não seja arriscado dizer que o exercício de uma sexualidade recreativa²² movia meu interlocutor, agora magro, com recursos financeiros e conectado. Este é um tema que me interessa bastante nas discussões que encaminharei aqui. O sexo como parte do lazer e este como um imperativo contemporâneo capaz de indicar o domínio sobre o tempo e os prazeres, bem como na busca por excitação permanente. As aventuras sexuais estão, muitas vezes, associadas ao consumo de lugares, experiências e coisas: de bebidas a joguetes sexuais, de jantares a manuais de sedução. (Illouz, 2009)

Tudo isso nos coloca frente a uma nova ética sexual que parece desafiar meus interlocutores de uma forma paradoxal, posto que para vivê-las prazerosamente precisam que as mulheres tenham mais agência e assumam seus desejos nesses jogos que tendem a colocar o domínio do campo sexual em um plano mais simétrico que no passado recente, quando os homens tinham ali o controle quase incontestado. Meus interlocutores são ao mesmo tempo produtores desta nova ética sexual e usuários confusos destes recursos. Nos O risco e a aventura compõem a gramática dessa nova ética.

[O] risco, visto na perspectiva da aventura, cumpre atualmente funções múltiplas, sendo tanto um anteparo aos processos de destradicionalização típicos da modernidade tardia, como uma figura de linguagem utilizada para falar de novas sensibilidades decorrentes do imperativo de enfrentar a imponderabilidade e volatilidade dos riscos modernos. (Spink, 2000, p. 1278)

Quando Spink faz essa análise, não está pesando propriamente em relações íntimas e/ou em gênero, mas todos seus exemplos remetem a atividades e comportamentos associados socialmente aos homens, sobretudo os de classe média e das elites financeiras. Por outro lado, a produção de sentidos associados às masculinidades coloca o risco como um elemento historicamente constituidor das masculinidades ocidentais alcançando diferentes posições de classe e geração. As guerras, os esportes, jogos de azar, empreendimentos financeiros e econômicos, atividades laborais que envolvem perigo de vida e à saúde têm composto o repertório interpretativo²³ de nossas

²² Conceito que problematizo, a partir de Miskolci (2017), a seguir.

²³ Spink (2000, p. 1278) esclarece o conceito: “Chamamos de repertório interpretativo o conjunto de termos, conceitos, lugares-comuns e figuras de linguagem utilizados para falar de um fenômeno específico. Sendo produções culturais e estando inscritos nos textos, imagens e lugares de memória que constituem o imaginário social, os repertórios são melhor compreendidos quando abordados no tempo longo da história”.

leituras sobre o que envolve ser e se sentir homem. Entre estes sentidos se encontra o exercício de uma sexualidade acumulativa e variada. Em nossa sociedade, a constituição das masculinidades ainda tem se dado sob a égide da expressão pública da violência e do estímulo aos excessos. Nas palavras de Wilma Villela: “os homens podem (devem) satisfazer seus desejos, não sendo esperado de um homem comedimento, seja sexual, seja na alimentação, no uso de substâncias, na exposição ao risco, nas expressões de agressividade”. (Villela, 2005, p. 30).

Para Illouz (2012), essa maneira de viver a sexualidade se estabelece nas sociedades de matriz ocidental após as duas grandes guerras, mais notadamente, após a Segunda, quando às mudanças sociais expressivas se somam as relativas às tecnologias de comunicação. Proponho que seu ponto máximo de inflexão se dá de forma mais sensível nos últimos anos da década de 1960, quando se passou a falar em “Revolução Sexual”. Discutirei esses aspectos históricos oportunamente, no **capítulo final** deste trabalho. Neste ponto, ainda seguindo a narrativa de Leo, quero apresentar uma das hipóteses que foram se impondo com a imersão em campo: a internet potencializou o sexo acumulativo como experiência imprescindível para o exercício da masculinidade contemporânea, sobretudo aquela baseada em valores burgueses, como escreve Illouz, historicizando e analisando o “medo” masculino diante do compromisso amoroso.

Os homens transferiram para o sexo e para a sexualidade o controle que antes exerciam no lar, assim, o campo sexual se transformou no âmbito onde podiam expressar e exhibir suas autonomia e autoridade. O desapego na sexualidade passou então a simbolizar e organizar o tropo mais amplo da autonomia e do controle, ou seja, da masculinidade²⁴. (Illouz, 2012, p. 103)

Leo se torna um acumulador, e isso o faz sentir viril²⁵, sobretudo em um momento em que seu segundo casamento já não ia bem e sua esposa retoma uma antiga paixão, pedindo a separação.

²⁴ No original: “Los varones transferieron al sexo y a la sexualidad el control que antes ejercían en el hogar, por lo que el campo sexual se transformo en el ámbito donde podían expresar y exhibir su utonomía y su autoridad. El desapego en la sexualidade pasó entonces a simbolizar y a organizar el tropo más amplio de la autonomía y el control, o sea, de la masculinidad”.

²⁵ “Masculino” durante muito tempo foi somente um termo gramatical. Também no século XIX e início do século XX não se exorta os homens a serem “masculinos”, mas “viris”, homens, se dizia, “verdadeiros”... Que o “masculino” tenha vindo suplantar o “viril” é bem sinal de que, decididamente, há algo que mudou no império do macho (Courtine, 2013, p. 09).

Em 2004 foram cinco mulheres que eu conheci; em 2005 foram 8; em 2006 foram 12. E esse número foi aumentando, dando um total assim... até 2012, mais ou menos, 2013, deu... eu devo ter saído no total, no total, com mais de 70 mulheres. (...) Até que numa dessas vezes eu acabei conhecendo uma garota maravilhosa, com quem eu estou há dois anos. (...) ah, nós nos conhecemos através do Tinder, eu e minha namorada. (...) Sempre pensei muito em escrever sobre tudo isso. A gente tá falando de aí uns 15 anos, até mais, estamos falando de 20 anos que eu uso esse tipo de aproximação mais intenso na época do meu segundo casamento (...) Mas eu sempre tive um certo medo... primeiro, preguiça de escrever, né? Segundo, eu sempre tive medo da resposta das mulheres, em achar que isso seria uma questão muito machista da minha parte. Eu não sei... eu precisaria saber como colocar isso, né? Mas em compensação, acho que seria muito atraente essa minha experiência!

O receio declarado de Leonardo frente a possíveis reações negativas de hipotéticas leitoras sinaliza consciência das transformações nas relações de gênero recentes. Publicizar seus métodos de conquistas, suas aventuras e, assim, expor algumas pessoas envolvidas nessas dinâmicas poderia, segundo ele aventou, ser percebido como machismo, justamente por soar como bravata. Sinaliza também sua percepção sobre a forma como as mulheres, sobretudo as de classe média, suas potenciais leitoras, têm lidado com as assimetrias de gênero elaborando enfrentamentos a discursos que, de maneira intencional ou não, reproduzem hierarquias que as subalternizam.

No **capítulo III** trato mais detidamente das masculinidades contemporâneas em suas relações com afetos e tecnologias comunicacionais. Antes disso, no **capítulo II**, retomo, de forma sintética, a formação do campo dos estudos das masculinidades (*men's studies*) e procuro relacionar esse debate ao cenário contemporâneo no qual os estudos de gênero e masculinidades balizam pesquisas e abordagens mais afinadas com as discussões que desenvolvo aqui.

Sigo com Leonardo e seus desejos e ansiedades quanto à publicação de suas experiências. Ele chegou a aventar a possibilidade de que eu fosse a pessoa a transformar todas aquelas histórias em livro. Mas “me abandonou”. Não voltamos mais a nos falar até quando, em junho de 2017, seis meses depois daquele longo depoimento, entrei novamente em contato com ele. Sinalizou interesse em me contar mais sobre as mulheres

e sua visão sobre as feminilidades, mas não seguimos. Metodologicamente, não se mostraram produtivos os contatos insistentes de minha parte. Aprendi que conversas “visualizadas” e nunca respondidas significam que você não é mais interessante para aquela pessoa do outro lado da tela. Não investiguei detidamente como mulheres costumam proceder quando perdem interesse nos eventuais “*crushs*”²⁶ e “*matches*”. Homens parecem não ter qualquer pudor em praticar o que os norte-americanos chamam de *ghosting* ou o desaparecimento²⁷.

Quando a corporificação do outro não nos interpela, constrange, convoca e exige intermediações nos termos de sociabilidade com os quais estamos mais habituadxs²⁸ a lidar, essas separações e distanciamentos podem ser muito mais difíceis de serem negociadas e estabelecidas. Pelas mídias digitais podemos terminar relações com reticências e não com pontos finais, de maneira menos constrangedora. Enviamos *emoticons*, contornamos com evasivas que culpam nosso cotidiano pela falta de tempo para a interlocução ou simplesmente bloqueamos o contato, deletando sua presença.

Como já mencionado, essas são estratégias digitais para se lidar com as relações estabelecidas por meio de interações que, por vezes, se iniciam e terminam on-line. Elas têm requerido todo um outro aprendizado emocional, uma vez que

Estamos desafiados pelo “desafio da ausência de presença”, preocupando-nos com a frequência em com que estarmos vivendo em “um mundo flutuante”, no qual nos envolvemos principalmente com parceiros não presenciais, apesar de estarmos cercados de pessoas de carne e osso em nossa localização física. Podemos estar fisicamente presentes em um espaço, mas mentalmente e emocionalmente envolvidos em outro lugar. (Baym, 2010, p. 03)²⁹

²⁶ No *happn*, é possível “curtir” um perfil secretamente, isto é, sem que se envie charme, mas o contrário não. Quer dizer, para mandar um charme é preciso primeiro digitar no coração que fica abaixo da foto de cada usuário/a. Ao fazer esta operação, a pessoa está “curtindo” um/uma potencial parceiro/a sem que este/esta saiba desse interesse. Se a curtida for correspondida, o sistema avisa que houve o “crush”, vocês se “trombaram” e podem começar a conversar, se assim desejarem.

²⁷ “O vocábulo *ghosting* foi eleito pelo dicionário britânico Collins como uma das palavras do ano de 2015. Derivada do inglês *ghost* (fantasma), o termo tem sido usado para designar uma forma de terminar relacionamentos na era digital em que a pessoa desaparece, tal qual um fantasma, e deixa de responder às mensagens dos aplicativos e redes sociais, eximindo-se de dar qualquer explicação”. (Silva & Barbosa, 2016, p. 265)

²⁸ Opto pelo x no lugar das vogais que indicam gênero a fim de borrar o binarismo e ampliar o leque das experiências relativas às vivências generificadas.

²⁹ No origina: “(...) Us as struggling with the “challenge of absent presence”, worryng that too often we inhabit a “floating world” in which we engage primally with non-present partners despite the presence of

Essas características que marcam as relações no present, me inspiram no **último capítulo** deste trabalho, quando discuto os relacionamentos amorosos e sexuais em tempos de capitalismo afetivo, no qual “repertórios culturais baseados no mercado moldam e impregnam as relações interpessoais e afetivas, e as relações interpessoais encontram-se no epicentro das relações econômicas” (Illouz, 2011, p.13). Discussão que fez com que eu me desse conta de que estava escrevendo sim sobre masculinidades, tecnologias e afetos, mas também sobre amor. Concluo essa pesquisa preparando-me para uma nova empreitada: pensar o amor, o sexo e as relações heterossexuais do presente nessa nova paisagem emocional, o que guardo para as **conclusões (Finalmente... é mesmo de amor que se está falando?)** um tanto experimentalistas desta tese.

Baym refere-se às nossas lutas e desafios para lidarmos com essa nova configuração que ainda guarda muitos referentes da forma analógica e também da romântica de nos relacionarmos. Experimentei esses desafios em vários níveis. Procuro descrevê-los e analisá-los nestas páginas.

Os investimentos emocionais que fiz ao longo desta pesquisa me colocaram frente a diversos desafios pessoais, teóricos, conceituais e metodológicos. Fazer uma etnografia sobre masculinidades, sexo, amor e desejo revelou não só as marcas de gênero que as hipóteses iniciais já supunham; colocaram-me em contato com homens com os quais jamais teria chance de interagir dada as distâncias geográficas, geracionais e de classe. Mexeram com meu desejo e evidenciaram minhas ignorâncias sobre o campo emocional desses sujeitos. Quando o desconhecimento guarda vestígios de consciência, o preconceito ronda e pode se instalar. Lidei com os meus e não foi fácil.

A teoria é mais potente quando colocada no plural. Teorizei em diálogo com muitas vozes que me ajudaram grandemente na escuta dos outros e de mim mesma. Teorias não são outra coisa na prática; elas nos orientam praticamente, para além das necessidades de saberes sistematizados e escritas vigiadas pelo método. É nisso que acredito.

Nessas transformações me vi desafiada também pela forma de fazer pesquisa. A imersão diária em um “mundo flutuante”, como o que envolve os aplicativos para fins de relacionamentos amorosos e sexuais, exige que repensemos metodologias, técnicas de coletas de dados, modos de se construir interações e, em se tratando de uma etnografia,

flesh-and-blood people in our physical location. We may be physically present in one space, yet mentally and emotionally engaged elsewhere”.

supõe-se que as análises já estão implicadas na forma de falar sobre o campo. É sobre esses aspectos que versa o próximo capítulo, no qual apresento também os aplicativos nos quais fui pesquisadora e, sem intenções prévias, tornei-me também nativa.

Capítulo I - “Tudo que é sólido se desmancha no virtual, tudo” – até a metodologia?

Pietro, gaúcho, 57 anos, “*epicurista nato ou hedonista contundente*”, como se define, foi um dos meus primeiros interlocutores, quando eu ainda experimentava ferramentas e caminhos metodológicos para iniciar a pesquisa. É dele a frase que abre esse tópico, no qual apresento não só a metodologia (ou seriam metodologias?) que sustenta essa investigação, mas também os desafios de uma pesquisa que lida com desejo, relações de gênero, sexo, amor e sedução em tempos de aplicativos.

O campo foi, sobretudo, online, isto é, foram poucas entrevistas presenciais, mas muitas as incursões em campo a fim de testar o funcionamento da geolocalização que compõe os usos desse recurso para se conhecer pessoas para fins amorosos e sexuais. Foram exaustivas também as interações por meio dos *chats* dos aplicativos e, principalmente, pelo *WhatsApp*, sistema de comunicação síncrona utilizado em 2017 por “1 bilhão de pessoas, em mais de 180 países (...) para manter contato com amigos e familiares”. Gratuito, o aplicativo

disponibiliza serviços de mensagens e chamadas (...). Está disponível em telefones celulares ao redor do mundo todo. (...) O WhatsApp começou [em 2009] como uma alternativa ao sistema de SMS, e agora oferece suporte ao envio e recebimento de uma variedade de arquivos de mídia: fotos, vídeos, documentos, compartilhamento de localização e também textos e chamadas de voz. (*WhatsApp*: <https://www.whatsapp.com/about/>)

Entre novembro de 2015 a junho de 2017 reuni 112 conversas realizadas via *WhatsApp*, com durações que variaram de algumas horas a meses. No mesmo período fiz contato com quase 300 homens³⁰ que, de forma mais ou menos consistente, concordaram em participar da pesquisa, por vezes apenas se prontificando a isso sem dar continuidade alguma, sequer respondendo ao questionário inicial, mas que ofereceram, ainda assim, alguns dados para reflexão. Destes, 242 responderam ao questionário inicial, sobre o qual

³⁰ Ainda que os *crush*, *matches* e charmes tenham superado essa cifra sem que, em alguns, caso houvesse contato da parte deles para conversas, respostas aos meus contatos ou que eu aceitasse o charme, ferramenta disponível no *happn* e *Adote um Cara*, sobre a qual falarei mais à frente.

falarei mais à frente, porém, por problemas tecnológicos³¹, perdi parte destes dados, conformando, assim, um universo de 236 questionários respondidos. Além dessas colaborações consentidas, há cerca de uma dezena de conversas, as quais posso chamar de “negociações” com homens que, mesmo se negando a integrar a pesquisa, ofereceram material suficiente para reflexões sobre metodologia e mesmo sobre masculinidades. O que aprendi com essas negativas, curiosamente, compõe o quadro metodológico desta investigação.

Iniciei essa pesquisa de forma bastante experimental, posto que minhas primeiras incursões no mundo dos aplicativos móveis se deu quando ainda encerrava a pesquisa anterior, também financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), intitulada *Conjugalidades contemporâneas, mídias digitais e negociação dos afetos: a economia das emoções nos sites para infidelidade* (Processo 2013/19384-3³²). Naquele momento, concentrava o campo investigativo em um site chamado *Ashely Madison* (AM), de origem canadense que, desde meados de 2011, passou a atuar no Brasil.

Naquele exercício imersivo, com intensa textualização subjetiva, materializada em longos e-mails, ficou flagrante que os colaboradores de minha pesquisa anterior estavam tateantes em busca de referências para suas experiências masculinas que pudessem provê-los de um vocabulário de gênero que não os emascula-se³³. Ficou claro, ainda, que se sentiam desafiados pelas feminilidades do presente, isto é, como suas interlocutoras lidavam com a sexualidade, o desejo e questionavam seus comportamentos em um espectro que vai das atuações profissionais às domésticas. Foi a partir daquela imersão que questões relativas às masculinidades contemporâneas se tornaram imperativas e se somaram à mesões cada vez mais constantes, por parte de meus

³¹ Infelizmente, tive um problema no celular o que me fez perder arquivos de conversas que ainda não haviam sido exportadas para meu e-mail. Ironicamente, desmancharam-se no virtual, como na frase que abre esse tópico, um conjunto de dados que, mais do que questionários, reunia informações ricas de conversas empreendidas com alguns interlocutores.

³² Resultados da pesquisa anterior podem ser acessados em: <http://www.generonaamazonia.ufpa.br/edicoes/edicao-3/Artigos/Artigo2-Larissa%20e%20Mariana.pdf> e http://www.scielo.br/pdf/cpa/n44/pt_0104-8333-cpa-44-00031.pdf.

³³ A partir de nossa interlocução fui recolhendo farto material sobre os sentimentos daqueles homens acerca de seus próprios desejos, ambições profissionais, práticas e relações amorosas, vida em família, entre outros temas que se cruzavam às percepções acerca das mulheres com as quais se relacionavam maritalmente, mas, sobretudo, a respeito das que encontravam por meio do site, fazendo-os questionar não apenas os comportamentos destas últimas em contraposição ao de suas companheiras, como também pensarem sobre questões que o senso comum costuma localizar fora do campo de interesse masculino, tais como aparência física, o amadurecimento/envelhecimento como elemento desmotivador para as pretensas parceiras, bem como aqueles relativos ao âmbito doméstico: prazer de estar com os/as filhos/as, cuidar do cotidiano da casa não apenas como provedores, mas como membros da comunidade doméstica.

interlocutores, do uso de aplicativos móveis para fins de relacionamentos. O *Ashley Madison* parecia mesmo estar se esgotando para os meus fins.

A imersão naquele universo, apesar de profícua, apontou para a necessidade de ampliá-lo, uma vez que a dinâmica que rege as relações dos usuários com os espaços digitais está atravessada por singularidades socioculturais que provocam, muitas vezes, transformações significativas na maneira como as pessoas se apropriam dos serviços, levando-as a abandonarem seus perfis online e/ou migrarem para outras plataformas ou, ainda, aderirem a novas possibilidades de comunicação mediada pelas tecnologias contemporâneas. O esgotamento do site *Ashley Madison*, foi um claro exemplo destes usos e rearranjos, bem como do desafio que a portabilidade tem colocado para estes serviços on-line, posto que os aplicativos para *smartphones* têm ocupado significativo espaço neste competitivo mercado dos afetos.

As mídias contemporâneas são emocionais por excelência. Afetamos e nos deixamos afetar por esses meios. Curtimos; damos *likes*; manifestamos rancores; verbalizamos posições políticas; protestamos; articulamos ações; propagamos pontos de vistas; nos apaixonamos, conectamos intensamente o pessoal e o político³⁴.

Essas emoções manifestas nas chamadas “curtidas” cruzam afetos e mercado de uma forma bastante nova, como apresenta a pesquisadora holandesa José Van Dijck em entrevista para Isadora Camargo e Carolina Terra:

O botão “curtir” revela reações instantâneas e emocionais, e é um mecanismo muito sofisticado que faz com que haja muito mais que uma “sensação boa de aprovação”. Tais botões do curtir permitem ao Facebook desvendar algoritmicamente detectar padrões de gosto: se os seus amigos gostam de tal filme ou livro, você provavelmente deve gostar também. Baseado nestes gostos, o Facebook passa a determinar o que você precisa. Logo, ele começa a enviar anúncios de outros produtos passíveis do gosto do usuário. (Camargo & Terra, 2017, p. 173)

³⁴ As cisões familiares provocadas por posicionamentos políticos expressos via *Facebook* durante as eleições de 2014 constituem exemplos destes borramentos com forte carga emocional. Os fenômenos dos *haters* (odiadores), pessoas que expressam on-line suas recusas violentas a comportamentos relativos a filiações ideológicas e políticas, expressões de gênero e sexualidade, também ilustram esse ponto.

No presente, a internet é muito “menos esotérica” (Hine, 2016, p. 15) e constitui grandemente nosso cotidiano. “Usamos a internet de uma forma despercebida para fazer nossas atividades diárias, fazer fofocas, comprar objetos, encontrar amigos e para nos entreter”. (Idem, Ibidem)

Usuária contumaz de mídias sociais digitais, dou-me com uma postagem feita no *Facebook*, na qual uma integrante de meu grupo de pesquisa (*Transgressões: corporalidades, sexualidade, gêneros e mídias contemporâneas*), registrado junto ao CNPq, declarava: “*Entrei para o Tinder, julguem-me*”. Ela, uma jovem negra de 21 anos à época, assumidamente feminista, havia criado um blog que ganhava destaque e popularidade nas discussões interseccionais e já muito familiarizadas com recursos da internet. Com aquela convocatória provocativa à sua lista de “amigos/as” do *Face*³⁵, a jovem estudante de jornalismo me ajudava a entender que, em 2013, “*estar no Tinder*” ainda era sinal de certo “fracasso” amoroso (tal como Leo também sinalizou); de incompetência no campo da sedução; de inabilidade para relações concretas. Podia indicar também fealdade, timidez ou promiscuidade.

Instigada pela postagem de Aline Ramos, a estudante mencionada, passei a considerar que havia algo de novo no campo dos afetos e das tecnologias que merecia atenção antropológica e sociológica, a qual já vinha sendo bastante instigada pela minha pesquisa anterior. Como Richard Miskolci e Iara Belelli (2017, p. 09), minhas observações ainda assistemáticas me sugeriam que “há uma continuidade histórica no uso da tecnologia para manipular limites morais e restrições sociais outras em busca de mais agência e liberdade, especialmente na esfera dos afetos, dos amores, da sexualidade”.

Aline, que me autorizou a usar seu nome verdadeiro, tornou-se, a partir daquele post, minha orientanda (bolsa PIBIC-Reitoria)³⁶. Publicamos um texto juntas³⁷, além de termos apresentado resultado da referida pesquisa em diferentes eventos. A ideia inicial

³⁵ Coloco entre aspas pois nem todas as pessoas que integram nosso rol de relações nas plataformas de sociabilidade on-line são conhecidas a ponto de serem, de fato, reconhecidas como “amigas”. Daí a expressão “somos amigos no Face” para sinalizar que se tem aquele perfil entre seus contatos sem que, com isso, haja vínculos emocionais de qualquer ordem. A forma abreviada de nomear o *Facebook* tornou-se comum entre usuários/as.

³⁶ O projeto intitulou-se “A nova geografia dos afetos online: uma etnografia sobre os usos intensificados dos aplicativos *Tinder* e *Lovoo* por jovens nas cidades de Bauru e São Paulo”, realizado entre os anos de 2014 e 2015.

³⁷ PELÚCIO, Larissa; RAMOS, Aline. Gênero, sexualidade e mídias digitais: expressão de corpos e desejos nos aplicativos móveis para a promoção de encontros sexuais e afetivos. In: VI SEMINÁRIO CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE II SEMINÁRIO INTERNACIONAL CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE, 2014, Juiz de Fora. Anais [do] VI Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade; II Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade; II Encontro Gênero e Diversidade na Escola, Juiz de Fora, MG. Juiz de Fora: Center Gráfica e Editora, 2014. v. 01. p. 499-513.

era desenvolver pesquisa comparativa entre Bauru, uma cidade de médio porte, com cerca de 370 mil habitantes, e a metrópole do estado, São Paulo. A dimensão comparativa estendia-se às marcas etárias, uma vez que Aline trabalharia com perfis de homens e mulheres mais jovens (entre 20 a 29 anos) e eu me voltaria para as pessoas entre 30 a 60.

Essa experiência inicial com aplicativos mostrou-se extremamente desafiante. Lidar com homens e mulheres simultaneamente criou um recorte complicado no que se refere ao marcador “orientação sexual”. A maior parte das mulheres com quem interagi entendia-se como lésbica e/ou bissexual e os homens como heterossexuais; havia, além disso, as marcas de gênero e geracionais; além das dinâmicas tecnológicas singulares dos dois aplicativos que estávamos utilizando. Vi-me, em suma, frente a demandas diárias intensas por interações que pretendiam sincronicidade nas conversas. Abordagens que vinham pelas ferramentas de mensagens dos próprios aplicativos, por e-mail (apostei nesse canal que havia sido tão bem-sucedido na pesquisa anterior) ou por *WhatsApp* (mais raramente, dado meu temor inicial em fornecer meu número de telefone), me exigindo recorrer à literatura sobre relacionamentos amorosos e sexuais entre mulheres, entre outras leituras que sinalizavam a abrangência do campo e as dificuldades de análise dos dados.

A esses desafios relativos ao desenho da pesquisa e às dinâmicas de campo se somou o volume impressionante de dados acumulados diariamente. A velocidade com que ia estabelecendo contatos, acumulando conversas estava também implicada com a portabilidade e a conectividade permanente. A quantidade de dados gerados em poucas horas foi me causando grande ansiedade. Sentimento que, posteriormente, me dei conta, foi bastante importante para entender as interações estabelecidas por meio dos aplicativos móveis. São mídias ansiosas e impacientes, melhor dizendo, nos provocam facilmente essas emoções. O contato com distintas pessoas simultaneamente; a convocação (muitas vezes apenas imaginada) para respostas rápidas a interpelações que chegam por diversos canais estabelecidos online; o cuidado em elaborar textos curtos e explicativos de convencimento à adesão à pesquisa; as recusas desaforadas; o compromisso em colocar tudo isso em um diário de campo foi uma experiência vertiginosa que me aproximou sensivelmente de meus futuros interlocutores.

Por outro lado, toda essa dinâmica parecia me colocar frente a uma pesquisa inconciliável com minha rotina de trabalho, o que se agravou depois que minha orientanda concluiu a pesquisa, se formou e mudou-se para São Paulo, onde iniciou sua vida profissional.

Vivi como pesquisadora um dos sentimentos que, mais tarde, descobri ser muito comum entre os homens que colaboraram com esta pesquisa: o esgotamento emocional frente às demandas constantes e, no caso deles, frustrações recorrentes, proporcionadas pelo uso dos aplicativos. Como eles, eu também precisei me distanciar por um tempo. Fiquei com meus perfis off-line. Como eles, também acabei retornando, reativando perfis e aderindo a novos aplicativos³⁸.

Apreendi com esse primeiro momento da pesquisa que precisaria mudar a dinâmica de trabalho. Diferente das etnografias que já havia feito, quando reservava dias específicos para ir a campo e interagir com sujeitos de pesquisa³⁹, agora o campo parecia atravessar diferentes momentos e áreas da minha vida. Quando trabalhei com o *Ashley Madison*, apesar do volume de mensagens diárias que recebia por meio de meu perfil naquele site, procurei separar alguns dias na semana para este acesso, assim como para checar e-mails, organizá-los e respondê-los. A comunicação, mesmo que intensa e muito rigorosa, era assíncrona e, por isso, mais fácil de administrar, ainda que fosse bastante exigente. Cheguei a receber 400 mensagens em um único dia.

Porém, com a portabilidade e a conectividade permanente nesse novo campo, as notificações de contatos pulavam na tela do celular a qualquer hora do dia e em qualquer dia da semana. Interlocutores me “chamavam” para conversas em horários que nem sempre eram convenientes para mim. Aprender a administrar estas convocações foi um esforço técnico e emocional intenso que serviu também como um interessante trabalho com a alteridade. Comecei a pensar se não estava fazendo como as pessoas com as quais Leonardo interagiu nos sites e *chats* no início deste século: agindo analogicamente em um universo digital.

As estratégias para aplacar a ansiedade gerada por notificações recorrentes não eram complicadas tecnicamente; bastava desativá-las ou deixar o celular em “modo avião”, sem acesso à internet. Ter um celular só para a pesquisa também era uma boa saída. Ambas estratégias que não deram muito certo. A primeira me deixava off-line também de meus interesses pessoais e profissionais, o que poderia ter sido resolvido com

³⁸ Não é incomum que usuárias e usuários dos aplicativos para fins de relacionamentos tenham esse tipo de comportamento. Diversas pesquisas registram esse padrão e abandono e retorno aos aplicativos motivados por frustrações, desencantamento, cansaço emocional ou, de forma mais alvissareira, o encontro do o que procuravam, isto é, uma relação off-line prazerosa a qual não é garantia de um abandono definitivo. Entre as pesquisas que registram esses comportamentos ver Miskolci (2017); Morelli (2017); Padilha (2015); Couto et. al. (2013); Pelúcio (2013).

³⁹ Mesmo em minha pesquisa de doutorado, também financiada pela Fapesp, quando trabalhei pela primeira vez com as comunicações via internet, eu reservava momentos para estar frente ao computador de mesa e conectar-me por meio de uma linha de telefone.

a aquisição de outro *smartphone*. Porém, quando houve recursos financeiros para tal, já havia acumulado muitos contatos no aparelho pessoal. Isto me fez perceber que se tivesse outro celular só para pesquisa não apreenderia tão intensamente a dinâmica de interação e uso de meus interlocutores, os quais, na sua maior parte, estão sempre on-line. De fato, eu precisava começar a pensar digitalmente.

Iniciei esse deslocamento para uma etnografia que incluía a imersão digital mudando meu recorte e focando exclusivamente nas masculinidades heterossexuais (tema que já vinha mobilizando minha atenção desde a pesquisa anterior). Nesse universo dos aplicativos móveis, meu objetivo geral passou a ser explorar e analisar a maneira como homens nascidos entre 1946 a 1986⁴⁰ estavam lidando com as transformações nas relações de gênero no plano afetivo e sexual, e como estavam se valendo dos meios comunicacionais digitais para expressarem seus desejos, procurarem parceiras e se posicionarem frente a um conjunto amplo de mudanças sociais que impacta de forma direta ou tangenciada a esfera íntima.

Abandonei as mulheres e um dos aplicativos com o qual vinha trabalhando, o *Lovoo*, uma vez que não contava com muitos usuários em São Paulo, capital, ainda que contasse com um número relativamente expressivo de usuários no interior do estado. Como pretendia manter a dimensão comparativa entre cidade de médio porte (Bauru) e a capital (São Paulo), mantive-me por um curto espaço de tempo (seis meses) apenas com o *Tinder*.

Love me Tinder

No tempo em que estive afastada da pesquisa, o mercado dos aplicativos móveis para fins de relacionamentos cresceu significativamente⁴¹. Em 2014, segundo matéria do site de notícia UOL, o *Tinder* contava com 100 milhões de usuários/os em todo o mundo⁴², 10% destes/as estavam no Brasil. Em 2016, aplicativo mais popular do Brasil

⁴⁰ Em pouco tempo em campo percebi que trabalhar com os homens nascidos no imediato pós-guerra não estava sendo produtivo. Oportunamente desenvolverei essa discussão justificando o porquê da mudança no recorte etário para nascidos entre 1955 e 1985.

⁴¹ Dados da Agência Nacional de Comunicações (Anatel) mostram que o número de *smartphones* cresceu 99% no acesso à internet no Brasil entre 2013 e 2014, aliás, este último ano foi, até o momento (junho de 2017) o de maior crescimento na venda de celulares inteligentes no Brasil (<http://www.anatel.gov.br/dados/component/content/article?id=283>)

⁴² Em outra matéria, dados oferecidos pelos próprios administradores do *Tinder*, apontavam que em 2016 já eram 50 milhões de usuários ativos. No início de 2016, em comunicado à imprensa, os administradores do *Tinder* anunciam um novo recorde de *downloads* sem, contudo, revelarem números. Na mesma

passou a ter sua versão paga (*Tinder Plus*), oferecendo vantagens e benefícios àquelas/es que estivessem dispostos/as a pagar por alguns mecanismos que teoricamente potencializariam os encontros por esse meio⁴³.

Como funciona o *Tinder* gratuito? Você faz o download do aplicativo para seu *smartphone*, registra-se, aciona o GPS do aparelho e pode, a partir daí, visualizar perfis sintéticos de pessoas que estão próximas geograficamente⁴⁴ e que também se cadastraram no *Tinder*. De acordo com suas opções, você conseguirá visualizar homens e mulheres, ou apenas um ou outro. Como cartas de baralho, o formato me remete a esse layout, imagens vão se suceder de acordo com a dinâmica do “curta” ou “passe”, graficamente representados por um “x” em vermelho, posicionado do lado esquerdo da tela; e o coração verde, à direita. Entre ambos, na versão atual (julho de 2017) aparece uma estrela que sinaliza o “super like”. Esta ferramenta funciona como uma espécie de alerta para quem o recebe, uma vez que a pessoa será notificada e pode visualizar imediatamente o perfil de quem enviou o super like, de forma que a aleatoriedade das curtidas pode ser assim contornada.

Segundo o *Tinder*, dados preliminares indicam que o Super Like aumenta as chances de um match em 30% e prolonga em 70% a duração de uma conversa iniciada pelo app. É, na prática, como se fosse uma carta “Super Trunfo” no jogo do *Tinder*. Tanto é assim que sua disponibilidade é limitada: cada usuário pode dar apenas um Super Like por dia [na versão gratuita]. (Ghedin, 2015, s/p).

Os perfis, geralmente, aparecem oferecendo um conjunto telegráfico de informações sobre a pessoa que está na tela. É possível ainda saber se vocês têm amigos/as comuns na plataforma de sociabilidade *Facebook*. Aliás, esse vínculo foi um atrativo anunciado pelos criadores do aplicativo como um mecanismo capaz de afinar as combinações por afinidades no *Tinder*, associando “curtidas” e interesses manifestos por cada usuárix no *Facebook*, além de evitar perfis *fakes*, isto é, falsos.

reportagem, revelam que o Brasil se tornou um dos mercados mais importantes do produto – entre os 196 nos quais o aplicativo está disponível.

⁴³ “A assinatura custa US\$ 9,99 por mês, tira as propagandas, permite desfazer uma curtida, alterar a localização (função chamada de Passport), além de oferecer mais Super Likes” (Ribeiro, 2016, s/p)

⁴⁴ É possível regular a distância que se pretende abranger: de 2 a 160 quilômetros de distância desde onde o/a usuário/a se encontra. Na ferramenta “raio de descoberta” se escolhe também o espectro etário e o gênero, sendo possível optar por buscas heterossexuais, homossexuais ou bissexuais.

Já que importa dados de outra rede social, a conta recém-criada fica previamente configurada para selecionar perfis da mesma região que o novo usuário. Ele, então, pode editar seu perfil. O usuário é capaz de escolher até seis fotos para publicar em sua conta, além de definir se quer selecionar perfis masculinos ou femininos, de qual idade e em até que distância. Também é possível escrever uma pequena biografia e editar seus gostos. (Souza, 2016, p. 118)

No meu caso, aproveitei todas as possibilidades de configuração para fotos e anuncie-me como pesquisadora. “Antropóloga pesquisando masculinidades, tecnologias e afetos. Quer colaborar?”, interrogo no breve anúncio que serve de legenda a uma foto na qual apareço em plano americano, sorridente, com os dentes branqueados por filtros de imagens que também melhoram a aparência da pele e trazem muitos recursos para tornar a foto mais publicitária.

Voltemos à mecânica de seleção do aplicativo: no caso da pessoa para quem você concedeu o coração verde também haver “curtido” o seu perfil, a tela anuncia o “match”. “*This is a match*” (conforme imagem abaixo) surge no alto da tela em itálico e, logo abaixo, as fotos dos respectivos perfis são colocadas lado a lado. Com a combinação feita vem o efeito sonoro, lembrando sininhos. Eu sempre me sinto, nessa hora, como se tivesse ganhado moedas em uma máquina de caçar níqueis. A pergunta na tela, nesse momento, é: “quer continuar jogando?”. Pode-se escolher, então, seguir apostando em mais e mais combinações ou seguir para a caixa de mensagens e enviar

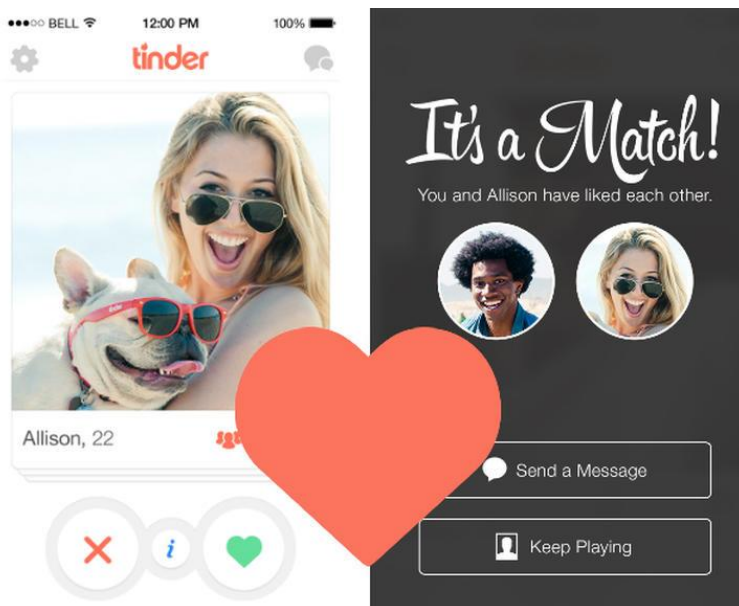


Imagem publicitária-promocional divulgada pelo próprio aplicativo.

um “alô” para “seu match”⁴⁵. Neste cassino amoroso, a sensação é de que temos fichas inesgotáveis.

A dimensão lúdica dos aplicativos apareceu muito no relato de interlocutores de pesquisa e em minha própria experiência diária observando alunxs, amigxs e, mesmo, atenta ao uso feito por desconhecidos em transportes públicos e espaços de lazer como bares. Não foi incomum acompanhar ou presenciar de forma quase invasiva pessoas passando os dedos pelos perfis, às vezes sozinhas, por outras compartilhando com alguém esse momento, derivando daí comentários sobre a aparência de quem aparece na tela do celular. As risadas que podiam decorrer dali e os comentários que derivavam, não raro, em relatos de aventuras e desventuras com usuários/as de aplicativos formaram também parte dos dados desta pesquisa. Algumas pessoas entram nos aplicativos até mesmo para “matar o tempo”, como me disse certa vez um colaborador: *ali, de boa, à toa esperando o médico me chamar... ou de bobeira numa fila... distraí, é gostoso, e quem sabe numa dessas não aparece alguém legal, né?* (Luc, 31 anos, em conversa de texto pelo *WhatsApp*, em 15/04/2016)

Luc, 31 anos quando conversamos, avalia o *Tinder* como um aplicativo “fácil” para quem quer apenas diversão e sexo se comparado àqueles que oferecem formulários mais longos para a composição do perfil⁴⁶.

*Você bota seis fotos e vai dando sim ou não pra todo mundo. Logo, é muito mais fácil de aparecer gente interessada em... “puta, o que que eu faço hoje à noite?”. Pela praticidade, né? “Ah, não tenho o que fazer, não tenho com quem sair”. Vai lá e dá um monte de “sim” ou “não”, um monte de “likes”... apareceu alguém interessado, deu match, pronto, já chama pra sair. É prático, é rápido, é eficiente. [No Tinder] é muito mais fácil de encontrar alguém que tá só buscando uma distração momentânea. Bem mais difícil você conseguir isso num aplicativo mais complexo. (Em áudio gravado por WhatsApp, em uma tarde de 15/04/2016)*⁴⁷

Talvez eu precisasse de aplicativos mais “complexos” para seguir a pesquisa.

⁴⁵ Tornou-se uma espécie de gíria entre pessoas mais jovens e até mesmo adultos, substituindo-se a expressão “meu/minha paquera” por “match” ou “cruch”.

⁴⁶ Sites para relacionamentos como o famoso *E-Harmony* ofereciam questionários que, se completados na íntegra, exigiam cerca de 40 minutos de dedicação de quem ali pretendesse criar um perfil. Para uma discussão mais acurada deste e outros sites similares ver Beleli (2012, 2015) e Illouz (2011).

⁴⁷ Luc é designer gráfico, músico, morava com os pais à época. Estava sem emprego fixo. Autodeclara-se negro. Conheci-o pelo *Adote um Cara*.

“Coloque quantos quiser no carrinho”⁴⁸

Estava bem cansada do *Tinder* com seus perfis minimalistas e seu *chat* de mensagens lento. Foi quando uma orientanda, Gabryella Ferrari⁴⁹, contou-me sobre o *Adote um Cara*, um site e também aplicativo para *smartphones* que se anunciava como “uma rede social descolada e divertida onde somente as meninas podem chegar nos caras! Para permitir que os caras entrem em contato com elas, as meninas devem falar com eles ou colocá-los no carrinho” (<https://www.adoteumcara.com.br/help#tab-content-1>). Para um projeto de pesquisa interessados em relações de gênero e, mais especificamente, em masculinidades contemporâneas, aquele aplicativo me pareceu muito interessante uma vez que as masculinidades compunham meu horizonte conceitual.

Em novembro de 2015 abri meu perfil ali. Um ano depois passei a acessar mais regularmente o *Adote um Cara* também pelo site. Aliás, nessa configuração a plataforma se mostrou mais completa, apresentando estatísticas sobre meus dados (número de mensagens recebidas, quantidade de “charmes”⁵⁰ a mim destinados, número de homens que coloquei “na cesta de compras”⁵¹, entre outras ações quantificáveis, geravam meus pontos; teoricamente, um dado quantitativo sobre minha popularidade no aplicativo).

O *Adote um Cara* (ou *Adote*, como os usuários com os quais interagi o chamam) foi idealizado na França, em 2007, chegando ao Brasil em fevereiro de 2015. Em matérias publicitárias veiculadas por diversos meios eletrônicos e digitais aparece como o “número um na França”. “Em cinco anos de existência, o site francês já chegou a 5,7 milhões de membros – 85% deles possuem de 18 a 35 anos”. Em 2017, o *Adote* contava com um tráfego diário de mais de 500 mil visitas mensais no Brasil (SimilarWeb –Janeiro/2017).

⁴⁸ Chamada fática no site do *Adote um Cara*.

⁴⁹ Conteí com a ajuda de Gabryella Ferrari, bolsistas BAAE (Bolsa de Apoio Acadêmico e Extensão), quem fez criterioso levantamento em publicações jornalísticas online sobre aplicativos para relacionamentos.

⁵⁰ Ferramenta existente, tanto no *Adote um Cara* quanto no *happn* (que mudou nome e ícone para essa ação em setembro de 2017, passando a adotar um balão que remete ao diálogo com a palavra ‘oi’ escrita por cima). Por meio de recurso, representado em ambos pelo ícone de uma varinha de condão, pode-se chamar a atenção da mulher que despertou interesse no usuário, sinalizando assim a intenção de conversar e se aproximar daquela pessoa. Em ambos, os interessados só podem enviar mensagem à mulher para a qual enviou o charme se esta aceitar o mesmo.

⁵¹ No início, o *Adote um Cara* valia-se do ícone da cesta de compras, comum em muitos sites de vendas, para que as mulheres exercessem seu “protagonismo” na escolha dos homens/produtos de seu interesse. O ícone foi posteriormente substituído pela imagem de um lápis, sinalizando a escrita de mensagem.

adote um cara 2 13 4 caminhoneiro metrossexual 36.535 PTS

LARISSAPELUCI
48 anos Bauru
"Solta"
36.535 PTS #esportista #músicas #sensível #atrevida #mpb #cores ID.1595890

★ POPULARIDADE
Como tomei-me tão popular?

E-mails	112 x 50 =	5600
Chances	500 x 20 =	10000
Visitas	3.097 x 5 =	15485
Carrinho	50 x 50 =	2500
Bônus		2950
TOTAL		36.535

DETALHES

- COR DOS OLHOS**: pretos
- CABELOS**: curto, castanho escuro
- MEDIDAS**: 160 cm, 55 kg, esportista
- ESTILO**: descontraída, street style
- PARTICULARIDADES**
- HOBBIES**: feitiçarias do bem
- PROFISSÃO**: professora universitária
- UNIVERSIDADE**: não informou
- ÁLCOOL**: para brindar
- CIGARRO**: suportável
- ALIMENTAÇÃO**: natureza
- COMIDA PREFERIDA**: chinesa, italiana, mexicana

Manuel Conejo e Florent Steiner, os dois jovens (ambos com 34 anos, em 2014) empreendedores franceses que conceberam o *Adote um Cara*, assumiram claramente a linguagem mercadológica para o campo dos afetos amorosos e sexuais. No *Adote* homens são anunciados em “promoções”, “produto sem procedência”, enquanto as mulheres são incitadas às “compras” (“coloque quantos você quiser no carrinho”).

É Conejo que declara em entrevista à revista *Veja* que apesar de os homens serem apresentados como mercadorias, eles

“estão felizes em aparecer na rede como produtos”, brinca. “É engraçado, mas nunca recebemos uma reclamação. Somos um site feminista, mas não sexista” (21/01/2014). Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/vida-digital/em-site-de-paquera-mulheres-colocam-homens-no-carrinho-de-compras>).

Claro BR 10:48 34%

Menu LARISSAPELUCI 5 recados

online 5 600 PONTOS

solta
47 ANOS EM BAURU
#cores #atrevida #esportista #mpb #cabelocurto

detalhes

- Cor dos olhos pretos
- Cabelo curto, castanho escuro
- Corpo 160 cm, 55 kg, esportista
- Estilo street style
- Profissão professora universitária

Pelas conversas encetadas com 110 homens, pelo próprio chat do aplicativo⁵², não houve nenhum que discordasse de Cornejo. Ser “objetificado” pareceu mais uma “brincadeira”, “um jogo”, “uma descontração” do que uma ofensa. Essas percepções nos dizem muito sobre masculinidades e gênero, debate que será brevemente encaminhado neste relatório. Sigo, por ora, apresentando os aplicativos que me serviram de campo.

Nos meses subsequentes, após retomar a pesquisa, em novembro de 2015, mantive-me apenas em interações e contatos pelo *Adote*. Em janeiro de 2016, passei três semanas monitorando os charmes que recebia diariamente, o número de visitas ao meu perfil, atenta à faixa etária, estilo corporal, declarações de raça/etnia, nível de escolaridade, entre outros marcadores sociais da diferença possíveis de acessar não só pelas fotos mas, sobretudo pelo minucioso formulário do aplicativo/site.⁵³

Além das oito fotos que se pode adicionar, o *Adote* permite que se faça uma frase de apresentação que, na versão para *smartphone*, aparece em itálico e negritada. Esta frase ou apenas uma palavra, como foi minha escolha, funciona como uma espécie de slogan. A mesma figurará logo abaixo da foto principal, ou seja, aquela que será primeiramente vista em seu perfil.⁵⁴ As informações disponibilizadas a seguir aparecem em caracteres menores, mas em caixa alta; são a idade e a cidade que o/a usuária selecionou como moradia e, para Rio de Janeiro e São Paulo, é possível marcar o bairro. Abaixo dessas, algumas *hashtags*⁵⁵ indicam características diversas pinçadas pelo sistema de

⁵² Com alguns desses homens nunca mantive conversas por *WhatsApp*. Isso se deu no início da pesquisa, quando eu ainda temia passar o número do meu celular, mas também com alguns homens que após conversarem comigo e se deram conta de que, de fato, a pesquisa era meu objetivo, não desejavam mais seguir com a interação. Assim como houve um deles apenas que não quis estabelecer contato por *WhatsApp* por ser casado e se sentir menos seguro em conversas por aquele meio. Ainda que alguns não tenham seguido na pesquisa, ofereceram elementos preciosos para análise e reflexão. Todos sempre tiveram cientes de que se tratava de pesquisa acadêmica.

⁵³ A média de charme foi de 3 por dia. O número de homens que visitou meu perfil no mesmo período foi de 298, uma média de 35 ao dia. Dos charmes recebidos a maior parte, mais de 50%, vinha de rapazes entre 19 e 30 anos. Isso se deve também pelo perfil etário dos usuários do *Adote*. Segundo seus idealizadores mais de 85% dos usuários masculinos têm entre 18 e 35 anos.

⁵⁴ O *Adote* é o mais rigoroso dos três aplicativos no que se refere às fotos. Estas precisam ser aprovadas antes de entrarem online. Não são permitidas fotos que não sejam de rosto. Assim, não se pode colocar só partes do corpo ou imagens de paisagens. São vetadas fotos de grupos de pessoas, de animais, celebridades e personagens de ficção ou desenhos animados. No *happn* e no *Tinder* não há esses critérios, de forma que o *Tinder* se tornou também um aplicativo para negócios. Há perfis que anunciam planos de saúde, projetos arquitetônicos, ensaios fotográficos, assim como aqueles que trazem fotos extraídas de diferentes fontes e que indicam preferências por práticas sexuais como sadomasoquismo, BDSM, podolatria e sexo com mais de um/uma parceiro/a. Estas últimas também aparecem no *happn*, mas são menos comuns que no outro aplicativo.

⁵⁵ A *hashtag* - simbolizada pela cerquilha - cria indexadores compostos por palavras-chave que organizam o tema em espaços virtuais.

algoritmos⁵⁶ do próprio aplicativo. Essas referências são baseadas em escolhas feitas pelo usuário/a ao preencher os campos de múltiplas escolhas do formulário fechado de apresentação. Como se pode ver nas imagens a seguir. No campo “detalhes” se pode escolher relação pretendida, *lifestyle*, cor dos olhos, cabelo, entre outros atributos físicos a partir de opções disponibilizadas pelo aplicativo. É possível escolher mais de um em alguns itens, como “estilo”.



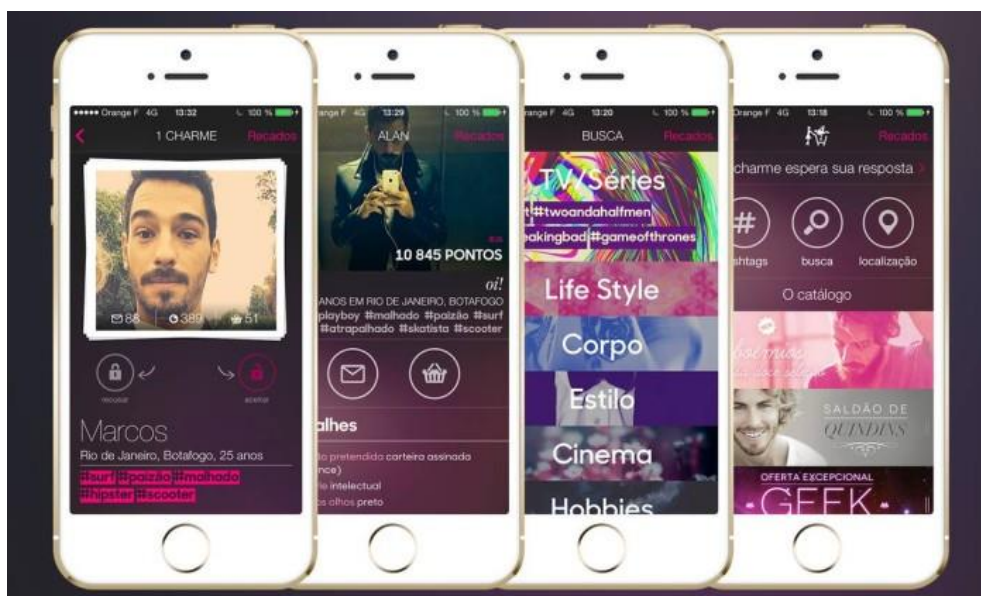
Na sequência, para os perfis masculino, tem-se o “Conteúdo da embalagem”, campo que também permite até cinco opções não excludentes entre elas. Já nos campos “descrição” e “universidade” o espaço é livre, com limites de caracteres para que o usuário preencha como quiser. Segue-se, então, o “conteúdo da embalagem”, também para a livre escrita. Logo vêm as “funções a habilidades”, as quais devem ser escolhidas a partir de uma lista oferecida pelo aplicativo.

As “opções” do formulário referem-se à música, cinema, livros, TV/seriado, enfim ao campo do entretenimento mais intelectualizado, preenchidos ao gosto do/da freguês, freguesa. Até há bem pouco tempo, o formulário se encerrava com

⁵⁶Adoto a definição de Fábio Morelli (2017), bastante didática e sintonizada com o campo de estudos das sexualidades, desejos e tecnologias: “Algoritmos são como engrenagens digitais previamente programadas para se manterem funcionando sozinhas de acordo com as orientações estabelecidas por interesses dos servidores. Eles servem para que haja uma leitura das informações fornecidas pelos usuários e de seu comportamento na rede, para que, assim, o site que os programou possa indicar publicidade, potenciais parceiros/as para encontros amorosos mais certos e, até mesmo, uma lista de música mais coerente com o comportamento musical do/a usuário/a. Os algoritmos, como aponta Frédéric Martel (2015), exigem e acabam reforçando uma redução do comportamento e das ações humanas em poucos códigos como um click, palavras-chave, imagens etc. para poder ler o/a usuário/a de modo mais dinâmico, mas, ainda assim, muito limitado quando se trata de considerar elementos mais qualitativos dos/as usuários/as” (Morelli, 2017, p. 68, nota de rodapé 38).

“Transportes”, onde são oferecidas alternativas diversas, desde carro, ônibus até as mais humoradas como “balão” e “pônei”. Podem ser escolhidas até cinco. Atualmente, pode-se vincular a conta ao *Instagram* ao perfil do *Adote*, o que amplia a galeria de fotos e rompe com o limite imposto pelo aplicativo em relação às fotos de perfil, como aparece no quadro (a imagem é promocional, disponibilizada pelo próprio aplicativo).

São as opções de respostas fechadas do formulário que permitem buscas que não sejam baseadas apenas na geolocalização, isto é, na proximidade física da pessoa pretendida, mas em seus gostos, características físicas e estilo de vida, por exemplo. O próprio aplicativo, que se anuncia como “bem humorado”, faz sugestões como



“caminhoneiro metrosssexual” ou “andrógino cachaceiro”.

Usei, certa vez, a busca por meio de *hashtags* a fim de compor o texto que se encontra nos apêndices sobre o perfil de homens negros no *Adote*⁵⁷. De fato, é uma ferramenta bastante eficiente, permitindo inclusive elencar características e se chegar a perfis bastante segmentados.

A segmentação é mais um elemento que aproxima o *Adote* da lógica do mercado como estratégia para monitoramento das buscas⁵⁸, possíveis encontros e satisfação caso

⁵⁷ No *Adote* vali-me das *hashtags* “negro”, desprezei as “mulato” e “moreno jambo”, também oferecidas pelo aplicativo, apostando que a escolha pelo termo “negro” continha também uma identificação política. Nem todos os homens dessa amostra estariam entre aqueles com os quais mantive contato. Dos 87 usuários do *Adote* que conversaram de forma mais consistente comigo 20% se assumiram como negro. Para os fins do artigo mencionado, ampliei essa amostra utilizando a *hashtag* e selecionando 200 homens negros entre 30 e 60 anos.

⁵⁸ De fato, a segmentação é uma estratégia comum aos aplicativos em geral. Maria Chaves Jardim e Paulo José Carvalho Moura (2017) mapearam 95 aplicativos para relacionamentos amorosos/sexuais disponíveis no Brasil, diversidade que contempla características específicas que vão desde recortes de classe, orientação sexual, marcas geracionais, filiação religiosa, adesões filosóficas e alimentares a ideologias políticas como

este se dê. “Segmentar é uma tarefa gerencial, deliberada, a ser aplicada por qualquer organização, frente a seu mercado. Ela tem muitas utilidades práticas: orienta a decisão sobre quais segmentos focar; estimula a identificação de possibilidades estratégicas de diferenciação de ofertas” (Tavares, 2011, p. 108)

Para compor os perfis nos aplicativos citados escolhi cuidadosamente as fotos⁵⁹, selecionadas a partir de minucioso exercício reflexivo/ imersivo por meio do qual avaliei como desejava me mostrar para os outros. Usei toda a possibilidade iconográfica que aqueles aplicativos me ofereceram⁶⁰. Vali-me da mesma linguagem publicitária, enxuta, quase slogans pessoais, acionadas pelos homens que se cadastram ali. Aprendo com eles. No disputado mercado dos afetos online somos incitadxs a constituir um “eu virtual” competitivo, o que implica saber se diferenciar a partir da criatividade textual e de certa convencionalidade corporal, a fim de obter um número maior de admiradorxs e, assim, lograr nossos intuitos difusos⁶¹.

“*Estou sempre paquerando, tipo um esporte mesmo*”, me diz Mariana, 30 anos, doutoranda na área das ciências humanas, com quem converso espontaneamente sobre minha pesquisa. Ela é usuária contumaz de aplicativos e diz que sabe mesclar bem a paquera on-line e off-line como muitas outras mulheres jovens com quem troco impressões informais sobre essa modalidade contemporânea do flerte. A busca por encontros amorosos e/ou sexuais com ajuda de aplicativos tornou-se tão rotineira, que

ódio a determinados grupos ou comportamentos. Xs autorxs trabalham com a hipótese de que o mercado dos aplicativos “se trata de um mercado segmentado que possui homologias com o convencional” (Jardim e Moura, 2017, p. 170).

⁵⁹ Uso fotos estilo *selfie*, de rosto; outras em plano americano, tiradas por amigxs, mas que tenham boa qualidade de imagem, cor e que valorizem aquilo que considero bonito em mim e, finalmente, as de corpo inteiro. Dica que foi me dada por um de meus colaboradores quando me ensinou que deixar ver o corpo (mesmo que vestido) por inteiro ajuda a criar interesse ou não a partir de elementos corporais considerados “reais”, pois quem os avaliará será aquele que examina o conjunto de fotos do perfil que despertou o interesse e não a descrição que a própria pessoa faz de si. Consideram nesse exame a roupa, o ambiente, a maquiagem, os pés (não somente os sapatos, mas o pé como objeto de fetiche), as poses, entre outros elementos apreensíveis nas fotografias. Procuo, ainda, oferecer um conjunto de fotos que torne possível ao interessado saber mais sobre meus hábitos (fazendo exercício físico), trabalhando com o notebook no colo, em algum lugar para onde viajei... Fui acusada de criar “armadilhas” com esse perfil, pois nas fotos parecia mais disponível para relacionamentos do que o texto de apresentação associando o perfil à pesquisa sugeria.

⁶⁰ No *happn* pode-se postar até 09 fotos, as quais não precisam ser, necessariamente, da figura do/da usuário/a; enquanto no *Adote*, é possível publicar 06 fotos que devem, necessariamente, ser da pessoa registrada, a qual deve mostrar o rosto e não deve estar com outras pessoas na foto. São vetadas fotos de objetos, animais, pessoas públicas, paisagens, enfim, aquelas em que não se possa identificar a quem pertence aquele perfil. Em ambos aplicativos nudez e cenas de violência estão interditas.

⁶¹ Refiro-me a intenções difusas, tomando a sério o que os homens com os quais interagi dizem quando procuram “ver no que dá”, “companhia”, “pode ser que não role sexo, mas pode virar amizade”, “conhecer pessoas interessantes”... Poucos assumem o sexo como central, ainda que ao longo das conversas este seja um elemento importante e desejado, mas pelo que declaram, não estão lá apenas em busca de encontros sexuais.

difícilmente esse tema deixa de vir à baila em encontros com amigas, conversas que chegam até mim em retalhos enquanto caminho pelas ruas, estou em um transporte público ou em ambiente universitário. Instigada pelo tema desta pesquisa, estou sempre observando a forma como pessoas comuns e aleatórias lidam com os seus *smartsphones*. Presto especial atenção a essa dinâmica em ambientes que foram historicamente espaços de paquera como bares e festas. Como Mariana, muitas pessoas estão paquerando on e off-line simultaneamente. Menos de três anos após a postagem provocativa de Aline Ramos sobre sua filiação ao *Tinder*, minhas observações apontam para a incorporação dos aplicativos como forma legítima e eficiente, para diferentes gerações, de se conhecer pessoas para fins de relacionamentos envolvendo sexo, amor e amizade, não necessariamente nesta ordem, nem com todas estas qualidades reunidas. Conversar com pessoas online e/ou encontrá-las off-line passou a compor as possibilidades de lazer para além do romance.

“*Enquanto não acho a pessoa certa, vou me divertindo com as erradas*”, cita Gustavo, um homem branco, de 32 anos, rindo de uma frase que ouviu certa feita e que traduz sua conduta nos aplicativos. Ele se separou há pouco, não quer nada sério por hora, mas tem a perspectiva de encontrar “mulheres legais”. O que significa que aceitem sair com ele, que não façam cobranças relativas à continuidade dos encontros, que não intensifiquem as conversas pelo *WhatsApp* depois da primeira transa e que estejam dispostas a um outro encontro se forem convidadas pelo mesmo homem. Quando iniciei a conversa com Gustavo, ele estava há três dias usando o *Adote um Cara*. Residindo em Bauru e tendo horário de trabalho relativamente flexível, por ser representante comercial, já havia conseguido um encontro, mas reunia um elenco de mais nove encontros com mulheres entre 20 e 45 anos. Sua experiência com aplicativos já vinha do *Tinder*, no qual era usuário há cinco meses. Para ele, usar aplicativos para encontros não só se tornou prático, como uma possibilidade de vivenciar experiências excitantes. Recém-separado após um casamento de 10 anos, do qual nasceu uma menina, Gustavo não estava disposto a nada sério, a não ser que a imprevisibilidade da paixão o surpreendesse. A paixão é significada como uma espécie de força mágica que tira o buscador do jogo⁶².

⁶² Percepções do amor romântico se associam a perspectivas contemporâneas de se vivenciar experiências sexuais e afetivas sem que haja ainda novos nomes e, assim, novas normas para elas. Este ponto será melhor discutido no capítulo final.

Ainda que eu esteja associando os usos dos aplicativos à ludicidade e ao lazer, não estou considerando este último como antagônico à esfera do trabalho⁶³. Vários interlocutores, borrando as fronteiras trabalho/lazer, se distraiam em conversas picantes ou estimulantes durante turnos de trabalhos entediantes, sem se importarem com hipotéticos encontros fora dos meios digitais. Não se trata, contudo, de apostar que estivessem (ou que estejamos) frente a uma ética recreativa na forma de lidarem com a sexualidade. Há algo mais aí que não se resolve facilmente no nível da agência do sujeito, na forma de cada um elaborar modos de manipular as escolhas e suas consequências. Concordo com Richard Miskolci (2017) quanto aos limites teóricos de pensarmos que as buscas digitais por parcerias estejam regidas por esta ética sexual recreativa. O sociólogo observa que

[o] termo “sexualidade recreativa” desqualifica/inferioriza essa nova forma de lidar com a sexualidade, mantendo a anterior mais próxima da moralmente respeitável esfera do trabalho, além de enfatizar excessivamente a agência dos sujeitos em uma esfera da vida social fortemente delimitada por restrições morais e até econômicas. Assim, considero melhor aventar denominações alternativas para essa nova sexualidade que, em vez de julgá-la ou vinculá-la aos indivíduos, a defina de forma mais factual e vinculada também às transformações estruturais das quais faz parte, daí propor a denominação nova economia do desejo. (Miskolci, 2017a, p. 04)

Esta nova economia do desejo está fortemente informada por esferas da vida que parecem apartadas e mesmo antagônicas, mas as tomo como fortemente relacionadas: a produção subjetiva do desejo no campo dos afetos e as dinâmicas contemporâneas do mercado. Esta nova economia, proponho, tem contribuído para configurar uma outra

⁶³ Estou de acordo com Christianne Luce Gomes (2014, p. 07), para quem “é cada vez mais evidente que a compreensão de lazer como uma esfera oposta ao trabalho não vem conseguindo problematizar as complexidades e as dinâmicas que marcam as múltiplas dimensões da vida coletiva em diferentes âmbitos e contextos, notadamente neste século XXI. A oposição trabalho e lazer é cada vez mais paradoxal, pois, a flexibilização laboral (e, com ela, a precarização do trabalho), somada à gradativa divisão internacional do trabalho (que concentra a produção fabril em alguns países e regiões do mundo, especialmente na Ásia), e o avanço tecnológico, que expandiu as fronteiras espaciais/temporais, já deixaram claro que os supostos limites entre ambos são cada vez mais tênues e difusos na vida social cotidiana. Esses são alguns dos exemplos que, inevitavelmente, indicam que algumas das categorias comumente utilizadas para conceituar o lazer precisam ser revisadas e problematizadas”.

geografia⁶⁴ dos e para os encontros, assim como tende a constituir novas formas subjetivas para se lidar com as emoções, exigindo investimentos emocionais sensíveis.

Lidar com os códigos fluídos que estamos criando on-line não significa deixar de lado as normas e convenções sociais para interações interpessoais. As mídias trazem sua carga emocional e significam tanto quanto as mensagens serão trocadas por meio delas. Conversar pelo *WhatsApp*, como comentei ao início, já não tem – no presente – o sentido de intimidade e familiaridade de poucos anos atrás. Assim como o e-mail passou a ter um sentido mais profissional do que em passado recente. Dentro desta economia afetiva, muito recentemente foi estabelecida uma ordenação dos recursos de comunicação⁶⁵ os quais, esquematicamente, seguem uma sequência que guarda relativa previsibilidade. Inicia-se, via de regra, pelo *chat* do aplicativo, após a correspondência de interesses ter sido sinalizada pelo sistema e segue pela conversa no *WhatsApp*. Por meio deste último trocam-se mensagens de voz (importante elemento que carrega pistas sociais para se conferir materialidade sociológica àquele perfil), fotos, links de interesse, estreitando-se o contato e construindo-se intimidade.

O desejo que esses encontros se deem também aparece modulado por negociações entre tempo/espço/lazer, quer dizer, na forma de se usar os espaços tradicionais de sociabilidade oferecidos pela cidade. Daí meu interesse pelo *happn*, aplicativo de origem francesa que lançou sua versão brasileira em abril de 2015.

“Encontre as pessoas que cruzaram seu caminho”⁶⁶

Leonardo, 33 anos, residindo em uma cidade grande (mais de 800 mil habitantes) do interior paulista, me conta que está namorando quando pergunto sobre a foto nova que ele está usando em seu perfil no *WhatsApp*. Quero saber se ele conheceu a moça no *happn*, aplicativo onde se deu nosso *crush*.

Foi no Facebook rs [risos]. Ela é amiga de uma amiga e eu vi ela numa foto e tava marcada⁶⁷. Adicionei ela e tal e mandei um inbox⁶⁸ tipo “oi”

⁶⁴ Discuto estas mudanças no capítulo IV.

⁶⁵ O qual estou chamando de roteiro do flerte ou da paquera.

⁶⁶ Slogan de apresentação do *happn*.

⁶⁷ Refere a uma ferramenta do *Facebook* que permite que quem posta fotos identifique nelas as pessoas que ali aparecem, o que só é possível se elas tiverem na lista de amigos de quem fez a postagem. Há mecanismos que podem ser acionados para impedir que pessoas te marquem em fotos sem sua autorização, bem como notificações que avisam que você foi marcado/a ou solicitação de pessoas para serem marcadas em fotos publicadas por terceiros.

⁶⁸ São comunicações privadas enviadas pelo sistema de mensagens do *Facebook*.

e conversamos um pouco. Aí, um dia eu tava num barzinho aqui em [nome da cidade] e ela me mandou um inbox: “será que é vc que eu tô vendo aqui no [nome do bar]. E aí a gente acabou ficando. E tamo namorando. (Conversa por WhatsApp 12/02/2017)

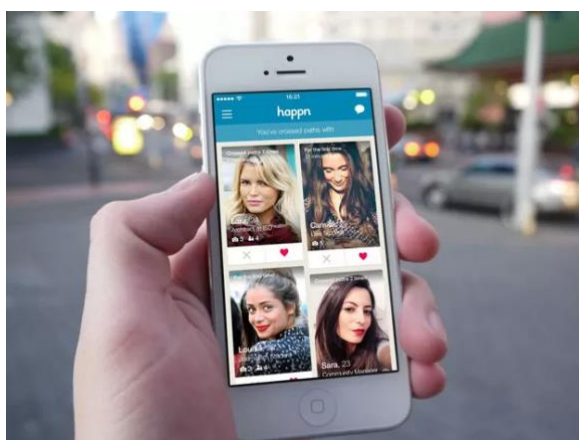
Os idealizadores do *happn* perceberam essa nova dinâmica do flerte, bem como tentam atender a um desejo antigo de saber mais sobre pessoas que fortuitamente cruzam conosco pelos circuitos da cidade e nos despertam interesse, mas sem contatos possíveis, elas podem ser “perdidas”. Esta espécie de “drible no destino”, categoria cara ao amor romântico (Illouz, 2012) é, para Eli Finkel e colaboradores, um dos grandes atrativos das interações on-line. (1) acesso, (2) comunicação e (3) combinação formam a tríade que tem motivado um número significativo de pessoas a fazerem perfis pessoais para buscar parceiros e/ou parceiras pelos meios digitais (Finkel et al., 2012, p. 03), modificando não apenas o cenário das relações afetivas e sexuais, mas a própria geografia dos encontros e dos usos dos espaços nas cidades. Este é um aspecto que relaciona as tecnologias, afetos e dinâmicas sociais contemporâneas pautadas na diluição da dicotomia espaço de trabalho/espaço de lazer, bem como entre ócio e negócio. A gestão da vida social, afetiva e sexual se articula com outras esferas, tencionando fronteiras, mas também exigindo maior observação na gestão destas, assim como o monitoramento de si.

No *happn* a geolocalização é levada muito a sério. O aplicativo chegou ao Brasil rivalizando com o *Tinder*⁶⁹, que também se vale das funções do GPS (Sistema de Posicionamento Global) para promover os encontros entre usuários/as. A diferença é que no *happn* é possível perceber o circuito das pessoas, indicando quais lugares consomem e como se movem pela cidade. Essa dinâmica me remete a outro ponto importante para

⁶⁹ Como já mencionado, o uso que fiz do o *Tinder* foi mais rarefeito, porém de grande importância, pois o largo uso que se faz dele no Brasil, sobretudo na cidade de São Paulo, que segundo informações dos administradores do aplicativo é a segunda cidade com o maior número de usuários/as no mundo (<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/06/dia-dos-namorados-faz-brasileiros-correrem-para-o-tinder.html>), ajudou-me a constituir análises valiosas sobre as adesões e transformações que estas plataformas sofrem. Quando retomei meu perfil no *Tinder*, em junho de 2016, o aplicativo reunia perfis menos elaborados do que o *happn* e *Adote um Cara*, sugerindo a adesão da chamada classe batalhadora (Souza, 2010) ao aplicativo. Quando qualifico os perfis como “menos elaborados” estou me valendo das referências imagéticas para eufemisticamente falar de classe social. São fotos com menos qualidade de imagem, que sugerem aparelhos celulares mais acessíveis financeiramente; além do entorno em que as fotos são feitas os quais mostram móveis populares, paredes sem acabamentos, entre outros elementos que permitem perceber o pertencimento de classe. Segundo Jessé de Souza, “a classe batalhadora corresponde a uma nova classe operária, que não mais trabalha somente nas fábricas, mas ainda tem empregos precários; que tem maior acesso a bens de consumo e bens culturais, porém sem que isso esteja diretamente ligado a um capital cultural que possa promover sua ascensão social. Referências importantes para quem busca compreender a produção e a reprodução das estratificações sociais no Brasil”. (Jardim, 2017)

esta pesquisa: como os usos dos aplicativos desenham e reconfiguram os espaços de encontros em cidades de médio porte, como Bauru e Ribeirão Preto e nas grandes cidades, como São Paulo e Rio de Janeiro, as quais me serviram de campo⁷⁰.

As *medias cities* são, nas palavras de Scott McQuire, aquelas em que o “espaço relacional” criado pelas mídias digitais ganha massa e centralidade na vida social (2008, p. 23). Esses usos da cidade e suas marcações por meio dos aplicativos se torna flagrante no *happn*, uma vez que as pessoas que têm ali seu perfil visualizam perfis de outras que fazem os mesmos circuitos que as primeiras. Os locais por onde circulamos são referentes de estilos de vida, indicam afinidades e sugerem possibilidades de encontros off-line.



Acima, imagem de divulgação do *happn*, associando mobilidade à possibilidade encontro romântico/sexual. Ao lado, chat do *app* em conversa inicial com um dos colaboradores



André Lemos (2010, p. 156) atenta que, nas cibercidades, “cidades onde as infraestruturas de comunicação e informação já são uma realidade e as práticas daí advindas formam uma nova urbanidade” –, estamos constituindo territórios informacionais por meio dos quais on e off-line se conectam, reconfigurando os sentidos

⁷⁰ A princípio pretendia fazer um estudo comparativo entre Bauru e São Paulo, cidades do mesmo estado, uma de médio porte, com cerca de 370 mil habitantes e outra uma metrópole com mais de 12 milhões. Porém, os usos dos aplicativos em Bauru não era expressivo. Enquanto a média de homens que eu cruzava por dia em São Paulo, monitorando o aplicativo *happn*, era de 220 indivíduos, em Bauru nunca passou de 16. No *Adote* e *happn* tive alguns contatos de Bauru, mas o fato de estamos na mesma cidade criava uma incomoda demanda (para mim) por encontro presencial. Além de não serem interessantes para a pesquisa, esses pedidos estavam quase sempre assentados em pretensões de flerte. Metodologicamente poderia ser interessante, mas o que eu busquei foi justamente entender a dinâmica das interações online. No próximo tópico deste capítulo discutirei mais detidamente os aspectos metodológicos de uma etnografia online.

simbólicos de determinadas territorialidades. Erotiza-se o local de trabalho quando se troca informações para um encontro sexual que pode acontecer após o expediente; domestica-se o bar acertando detalhes sobre ações cotidianas da vida familiar em interação via *WhatsApp*, por exemplo. Esses (re)desenhos de circuitos e territórios, bem como as ressignificações que vamos lhes conferindo, têm se constituído em novas formas de urbanidade, mas também de experiências emocionais relacionadas aos espaços. Afetos e tecnologias se imbricam na teia urbana.

“Encontre as pessoas que cruzaram seu caminho”, promete o slogan do *happn* que, em junho de 2017 funciona também em versão para notebooks. Apesar desta possibilidade recente, o *happn* aposta no circuito, na mobilidade, nos traçados cotidianos que fazemos pela cidade. Mesmo que se esteja com o aplicativo desativado, se o GPS estiver acionado, os perfis de usuários/as que passaram uns pelos outros e atendem ao leque de preferências acionados⁷¹ podem ser visualizados na linha do tempo da conta individual.

“Todos nós já vimos alguém interessante no ônibus ou no metrô e nos arrependemos de não ter abordado a pessoa. O Happn nos dá uma segunda chance”, comenta a diretora de tendências do *happn* Marie Cosnard, em entrevista ao jornal Estadão em sua versão digital. (disponível em : <http://link.estadao.com.br/noticias/cultura-digital,brasil-vira-maior-mercado-para-app-de-paquera-happn,10000028543>)

A partir daí a mecânica da escolha e descarte é similar a dos outros dois aplicativos. Visualiza-se, na interface da plataforma, pequenos retângulos com fotos tamanho 3x4, nas quais, logo abaixo, se tem o ícone de um coração, que sinaliza o “like” ou a “curtida”, e à direta dele a varinha de condão que pode ser clicada quando se deseja mandar um charme, quer dizer, chamar atenção de quem nos interessou. Se correspondido o charme, pode seguir para o *chat* e conversar.

Lançado no País em abril de 2015, o serviço alcançou a marca de 1,7 milhão de usuários – no mundo, são mais de 10 milhões de

⁷¹ Em todos os aplicativos aqui descritos é possível fazer seleções de preferências, estas incluem faixa etária e gênero (no *Tinder* e *happn* é possível eleger tanto mulheres quanto homens. O *Adote* ainda não tem a versão bissexual nem homossexual, como esta na apresentação do mesmo, onde há também a promessa de que esta versão em breve estará disponível). No *Tinder* pode-se determinar a distância (até 160 km) que se deseja abranger, enquanto no *Adote* a localização e dada automaticamente pelo próprio sistema e pode ultrapassar os 400 km (ainda assim esse recurso de chama “Perto de mim”). O *happn* é o único em que não há esse mecanismos de seleção por distância uma vez que trabalha com outra lógica.

perfis cadastrados. Em menos de um ano, a capital paulista se tornou a cidade com mais solteiros à procura de novos parceiros dentro do aplicativo, com uma rede de mais de 600 mil pessoas. (Capellas, 2016)

Em matéria publicada pela versão on-line da revista *Veja* (Monteiro, 2017), aparecem dados relativos à questão etária, “vendidos” como um diferencial positivo do *happn* em relação ao seu rival *Tinder*: há no primeiro mais pessoas com idade acima de 40 anos incluiria 20% de usuárixs (60% são mulheres), enquanto no último essa porcentagem seria de 2%. O que, de certa forma, meus dados corroboram. Alerto, no entanto, que não se trata de pesquisa quantitativa, ainda que tenha reunido um número expressivo de colaboradores, os quais organizei em planilhas e gráficos para fins de sistematização de dados, mais do que de pretensão estatística.

Nas tramas destas redes as marcas geracionais são flagrantes. Entre as três faixas etárias recortadas para fins deste trabalho, considero homens mais jovens, hoje na casa dos 30 anos, que cresceram acompanhando as mudanças comunicacionais de forma mais direta ou tangenciando suas experiências emocionais e de sociabilidade. Na vida adulta já puderam dispor de conectividade em rede sem fio e portabilidade dos suportes com o uso de *notebook*, *smartphones* e *tablets*. A mobilidade e a conectividade perpétua (Castells, 2011) passaram a compor as dinâmicas relacionais cotidianas, incluindo a forma de fruição dos espaços das cidades. Estes compuseram 51% de minha amostra no *Adote um Cara* (87 indivíduos); 34% no *happn* (98) e 47% no *Tinder* (50).

A segunda faixa de idade considerada nesta pesquisa contempla os homens nascidos entre os anos de 1966 e 1975. Jovens adultos quando o uso comercial da rede mundial de computadores se disseminou, tiveram esses usos para fins pessoais adiados, de maneira que as mídias digitais não foram centrais na constituição de seus desejos, como para a geração que veio em seguida. Para alguns, o acesso à internet esteve, pelo menos em um primeiro momento, mais associado às atividades laborais⁷² do que às de lazer, sem descartar que estas últimas foram em tempo relativamente acelerado ganhando centralidade nas suas conexões diárias. Percentualmente estes apareceram em minha pesquisa da seguinte forma: 23% no *Adote*; 36% no *happn*; 37% no *Tinder*.

⁷² Com uma crescente erotização do local/espço de trabalho.

Por fim, foco nos homens nascidos entre 1956 e 1965, aqueles que conheceram a internet quando já eram adultos. O cinema, a televisão, sobretudo, foram as mídias que, tendencialmente, mais interviram na forma como aprenderam a modular sentimentos, expressá-los, moldando comportamentos e conformando todo um horizonte de desejos bastante informados pela *imaginação*. Arjun Appadurai (2004) atribui centralidade às fantasias, sonhos e desejos alimentados pelas tecnologias de comunicação e propõe que mesmo as pessoas que vivem em países considerados “atrasados”, assim como aqueles sujeitos vistos como “despreparados” para lidar com as mudanças tecnológicas da modernidade tardia, têm sido afetadas/os pela intensa circulação de informações, imagens e ideias. Seu conceito de “imaginação” procura dar conta justamente do papel que essas elaborações criativas, alimentadas por tantas trocas, ocupam na vida cotidiana e coletiva, revelando o potencial crítico desse processo, mas também se transformando em formas de trabalho, lazer, desejos, consumo, prazer. A porcentagem destes é menor, 10% (*Adote*); 27% (*happn*) e 16% (*Tinder*).

Quando iniciei este projeto, pretendia abranger também homens que estariam na faixa dos 70 anos, isto é, nascidos a partir de 1942, considerando que esta seria uma geração com características singulares relativas às masculinidades. Porém, o contato com o mesmo tornou-se bastante exigente. Além de aparecerem em menor número nos aplicativos, o que já era esperado, mostraram dificuldade em entender minhas pretensões de pesquisa. Não houve qualquer abordagem grosseira, mas havia uma certa confusão quanto ao lugar da pesquisadora como interlocutora. Um deles, por exemplo, me convidou para passar uma semana em sua companhia quando ele estivesse em uma cidade próxima à minha. A surpresa não veio propriamente do convite, mas do fato de termos conversado pouco e não termos ainda trocado informações suficientes que justificassem não um encontro para uma conversa ou drink, mas vários dias em sua companhia.

Outros não eram muito regulares com o uso do *WhatsApp*, levando muito tempo para responder a minhas perguntas ou se propor a interações. Houve ainda os que preferiam já falar ao telefone ou *Skype*. Meios que não me interessavam para o primeiro contato, pois além de exigirem sincronicidade da interação, dificultavam o armazenamento de dados, tornando mais exigente a interrupção da conversa.

Significativamente, dos 194 charmes que recebi via *happn*, em 1 ano e 4 meses de uso, 34 vieram de homens com 60 a 71 anos⁷³ (17,52%) e 62 daqueles que estavam

⁷³ Em todos os aplicativos a baliza de idade elegível vai até os 71 anos.

entre 50 e 59 anos (31,95%). Ou seja, quase a metade veio de homens que estão nas faixas geracionais mais velhas desta pesquisa. Considerando que no *happn* eles compuseram exatos 30% da amostra, considere que esses números sinalizavam marcas geracionais de uso específicas.

Aventei duas hipóteses, as quais não tive como confirmar⁷⁴: a primeira delas é relativa a uma certa falta de expertise mecatrônica, ou seja, saber usar os recursos técnicos disponibilizados e dominar um código (ainda que fluído) de sociabilidade on-line, o que os levaria a enviar o charme antes de tentar o silencioso “coração”⁷⁵. Este último é uma aposta, pois a possibilidade de se trocar mensagens com a pessoa pretendida só se dará se houver correspondência de interesse. Há menos exposição nessa ação, enquanto o charme, se não respondido, indica falta de interesse da outra parte, uma espécie de recusa ao flerte. O que suponho seja mais difícil de se lidar emocionalmente, uma vez que uma das promessas dos aplicativos é mitigar a rejeição.

A segunda hipótese opera em outro sentido. Justamente por conhecerem a dinâmica dos aplicativos, estes homens procuram chamar atenção direta para si, diferenciando-se, desta forma, no vasto catálogo de perfis que o aplicativo oferece, saindo, por esse recurso, do ostracismo etário. Outra possibilidade é que essa é uma geração mais familiarizada com outras estratégias de flerte como os antigos correios-elegantes, bilhetinhos enviados secretamente para a pretendente por meio de intermediário conhecido de uma das partes/ambos ou alguém que se prestasse a tal, como um garçom em um bar.

Por meio da análise dos perfis e da interlocução direta homens de diferentes gerações, classe, regionalidade, raça e filiação religiosa tem sido possível perceber como estes vêm pensando e representado suas masculinidades, as quais só podem ser compreendidas em sua complexidade quando analisadas a partir de abordagem que

⁷⁴ Tomei como procedimento metodológico não responder a charmes, supondo que esses sinalizavam um interesse pela pesquisadora e não pela pesquisa. Considerei que responder a eles exigiria um cuidado redobrado relativo ao meu perfil e minhas intenções ali. Ainda que isso esteja explicitado em minha apresentação em todos os aplicativos, é comum que as pessoas não leiam essa informação. Ciente disso, todas as vezes em que ocorre o *crush* ou *match*, mantenho-me na espera da mensagem do interessado. Respondo com um “oi” e teço algum comentário que indique que olhei atenciosamente o perfil. Os comentários são sobre lugares em que as fotos foram tiradas (nossa, essa praia em que vc está é demais! Vi que curte fazer trilha) para, em seguida, perguntar se viu meu perfil atentamente e se está ciente de que estou fazendo uma pesquisa (Viu meu perfil? Me refiro à pesquisa? Se vc quiser saber mais, eu vou gostar de te explicar. Pode ser bem legal).

⁷⁵ O “coração” que sinaliza a curtida não gera notificação para quem o recebeu. Apenas se revela o interesse quando e se quem foi alvo da curtida também enviar um coração para aquele perfil.

intersecciona marcadores como classe, raça/etnia, geração e orientação sexual dos quais procurei dar conta, sem, contudo me aprofundar ou esgotar a discussão, posto que ao longo da escrita outras questões como as associadas à nova economia dos afetos foram se impondo.

Visei ainda perceber a maneira como esses homens com os quais interagi significa suas experiências no campo das masculinidades e testa em suas práticas cotidianas seus aprendizados de gênero. Isto inclui as suas relações amorosas ou de outra ordem com mulheres. Nos aplicativos, interessou-me conhecer o modo como avaliam suas pretendentes, suas expectativas na constituição de vínculos (ainda que, por vezes, expressem desejar que estes sejam fluídos). Estive atenta, ainda, à forma como se referiram ao comportamento feminino em vários campos: amoroso, sexual, profissional (os mais significativos nas falas), além de posturas políticas e ideológicas frente à temática de gênero.

Lidar com relações de gênero, tecnologias e afetos a partir de perspectiva sócioantropológica tem sido um desafio metodológico sensível, marcado não apenas pela exigência imersiva, mas também pela dinâmica transformação dos usos dos recursos comunicacionais digitais, que tornam técnicas, estratégias e caminhos investigativos escorregadios, mas não intransitáveis. É sobre essa experiência e as reflexões necessárias sobre ela que versa o próximo tópico deste capítulo.

Argonautas digitais

Etnografia na/da/com a internet (Ramos, 2016). Etnografia virtual (Hine, 2004), online, do ciberespaço, pós-tradicional (Lewgoy, 2009) são preposições e adjetivações que sinalizam os desafios que temos enfretando com o trabalho imersivo no fluxo entre on e off-line. A variedade hesitante em nomear a metodologia sinaliza também as dificuldades que temos tido em admitir que, de fato, estamos consolidando um novo campo de estudos dentro da antropologia, mais que trilhando por novas searas investigativas – proponho, estamos construindo uma antropologia digital (Miller e Horst, 2015).

Quando, nos anos de 1990, Arturo Escobar (2004 [1994]) e Pierre Lévy (1999 [1997]) escreveram sobre cibercultura e ciberespaço, não estavam lidando apenas com neologismos. Mais instigados em explorar um fenômeno social novo e marcante, estavam em busca de oferecer cabedal conceitual que nos permitisse esse exercício intelectual.

Escobar propõe a antropologia da cibercultura como um novo campo que demanda novas questões e um repensar metodológico; Lévy (1999, p. 12) propõe pensar a cibercultura de forma um tanto entusiástica, apostando em seu potencial criativo e democrático (sem desconsiderar seus usos comerciais e um tanto espúrios). No que toca à sensibilidade antropológica, o filósofo nos convoca a pensar nas “mudanças qualitativas na ecologia dos signos” provocadas pelas redes digitais. Ambos falavam de uma realidade nascente, perturbadora e que, por mais que se fizesse presente, ainda estava circunscrita a grupos específicos nos quais marcas de nacionalidade, geracionais, de classe e gênero eram caladas, mas presumíveis.

“A internet atual percorreu um longo caminho desde o ciberespaço dos anos 1990” (Hine, 2016, p. 15). Tornou-se, segundo Christine Hine, incorporada, corporificada e cotidiana. Proposta sintetizada no que a autora chama de internet 3E (“*embedded, embodied e everyday*”). No presente, não “experimentamos a internet como um ‘ciberespaço’ transcendental, mas, ao invés disso, a incorporamos em múltiplas estruturas de construção de significado” (Idem, p. 16). Estar online compõe nossa forma contemporânea de lidar com o tempo, o espaço, as pessoas e as coisas. O espaço online está indexado e impregnado com/dos elementos que compõem os contextos off-line nos quais as pessoas interagem, atribuindo significados para o vivido na web. A internet, propõe Hine, é atualmente uma forma popular de nos referimos a nichos específicos de sociabilidade e de circuitos on-line nos quais as pessoas interagem entre si, mas também incorporam coisas e sistemas maquinais. Essa incorporação aparece, por exemplo, em nossas expressões metonímicas cotidianas como “estou sem bateria”, “estou com pouco sinal” que apontam as coisas “como parte de nosso ser e, para alguns, inclusive de sua forma de desejar” (Miskolci, 2017, p. 06).

As tecnologias de comunicação digital, aquelas que, segundo David Miller e Hearth Horst (2015), foram desenvolvidas ou podem ser convertidas para códigos binários, proporcionaram novas formas de constituirmos relações mediadas.

A proposta fundamental das tecnologias de comunicação desde a sua criação anterior foi permitir que as pessoas passassem a trocar mensagens sem serem fisicamente apresentadas. Até a invenção do telégrafo, nos anos de 1800, essa capacidade de toda comunicação transcender o espaço

trazia consigo atrasos de tempo inevitáveis.⁷⁶ (Baym, 2010, p. 2.
Tradução livre da pesquisadora)

Até pelo menos os anos de 1980, receber um telegrama era motivo de inquietação, pois indicava, certamente, algo urgente e quase sempre não eram boas notícias. As cartas e o telefone interligaram-nos a outros significativos de maneira diversa do que experimentamos no presente, quando, muitas vezes nos comunicamos intensamente com pessoas das quais sabemos pouco sobre como vivem de fato, uma vez que esses meios pós-massivos⁷⁷ colaboram para uma comunicação bastante individualizada e editada⁷⁸. As conversas por meios digitais encapsulam a relação numa troca modulada pela ausência das intervenções de outras pessoas e elementos de nosso cotidiano, de modo que, não sabemos ao certo, mesmo com tantas revelações e cumplicidades, quem está ali do outro lado. Daí a importância da etnografia conectiva (Dirksen et al., apud. Hine, 2016) não estar restrita ao que ocorre on-line, mas perceber e seguir os fluxos entre on e off-line e também as teias que são tecidas nas conexões por meios digitais.

O que minhas leituras e dados apontam é que deixamos para atrás “primeira onda” dos estudos de comunicação mediada por novas tecnologias. Segundo Bruno Campenella e Carla Barros (2016, p. 7)

[Naquela] abordagem inicial, os dados apresentados não eram relacionados a contextos socioculturais particulares, partindo-se do pressuposto de que o universo on-line seria apartado do off-line (Rheingold, 1994; Turkle, 1997). Propunha-se, assim, a criação de um termo específico para a etnografia realizada nesse “novo mundo”, frequentemente percebido como carente de “autenticidade”.

⁷⁶ No original: “The fundamental purpouse of communication technologies from their anciente inception has been to allow people to exchange messages without being physically co-presente. Until the invecion of the telegraph in the 1800s, this ability to transcend space brought with it inevitable time delays”.

⁷⁷ “Refiro-me à internet, e suas diversas ferramentas como blogs, wikis, podcasts, redes P2P, softwares sociais e os telefones celulares com múltiplas funções” (Lemos, 2010, p. 157). Para uma discussão profícua sobre a relação da formação do espaço urbano e das subjetividades modernas em relação aos meios de comunicação ver Lemos (2010).

⁷⁸ Baym (2010); Turkle (2011) e Miskolci (2017) avaliam as comunicações mediadas digitalmente em sua dimensão individualizada, nas interações pessoa a pessoa, com o apagamento do entorno ou mesmo a edição do mesmo, assim como dos textos, fotos e mensagens de voz que podem (dis)simular sentimentos, modular e controlar informações que só podem ser percebidas em sua inteireza sociológica em contextos off-line.

Esse “novo mundo” crescentemente mediado por tecnologias digitais é tão real quanto o mundo não digital sempre foi. No presente isso parece evidente e os aplicativos móveis se mostraram um campo profícuo de investigação nesse novo contexto de pesquisas envolvendo a Internet 3E.

Agora que estamos cada um de nós cada vez mais conectados/as e temos um número maior de pessoas acessando as comunicações digitais, dado o barateamento dos suportes e serviços, no Brasil⁷⁹, precisamos nos interrogar como isso muda a forma de pensarmos as sociedades e as relações sociais. Aliás, como isso nos transforma, nos informa, nos instiga, nos desloca? Como toda essa intensificação no uso de tecnologias de informação tem impactado nosso dia a dia, o miúdo da vida? Na Antropologia, pelo menos desde Malinowski, nós lidamos com aquilo que acontece no cotidiano miúdo de pessoas ordinárias, mas que compõe o que chamamos de cultura e de vida social. O fato de passarmos a ter e viver uma sociabilidade mais técnica não tornou nossos contatos menos afetivos e emocionais, como já mencionei em outro momento.

A vida privada de atores anônimos tornou-se, já há algum tempo, mais interessante que a ficção. Há um certo exagero nessa minha afirmação, assumo. Mas quando se tem canais de televisão fechados que só passam *realities show* ou quando a nossa experiência comum só parece ter pleno significado quando vão para as redes sociais digitais, temos material socioantropológico para pensar.

Paula Sibilia, em seu *Show do Eu*, escreveu que “[...] quanto mais a vida cotidiana é aficcionada e estilizada com recursos midiáticos, mais avidamente se procura uma experiência autêntica e verdadeira [...]” (Sibilia, 2008, p. 195). A portabilidade, a conectividade perpétua e as facilidades tecnológicas proporcionadas pelos *smartphones*, têm potencializado essa publicização do eu. Iara Beleli diz que estamos vivendo uma era do “Imperativo das Imagens” (2015), o que nos faz mais conscientes de nossa própria autoimagem. A publicidade informa nosso olhar e nos pedagogiza sobre como devemos nos mostrar para sermos prestigiadas, curtidas, compartilhadas, desejadas...As tecnologias estão impregnadas de afetos.

Ainda que não nos demos conta, “a escolha das tecnologias [para a comunicação] não apenas revela o idioma do controle, mas também expressam o das emoções” (Bumachar, 2011, p. 93). A sincronidade experimentada com as comunicações via *WhatsApp*, por exemplo, é distinta daquela que conhecíamos via telefone fixo e mesmo

⁷⁹ Dados recentes mostram que ¼ da população acessa a rede diariamente (Secretaria de Comunicação Social, 2015).

por celulares. Há mais controle individual em relação ao tempo para visualizações de mensagens e respostas, além das ferramentas que o aplicativo oferece – que impedem que pessoas de sua lista de contatos saibam se aquele/a usuário/a está ou não on-line; qual o horário do último acesso e mesmo se, de fato, visualizaram a mensagem⁸⁰. A interface da plataforma, as possibilidades de comunicação via texto, áudio, fotos, câmera ao vivo e compartilhamento de links pluralizam e intensificam a comunicação, diferenciando-a de outras experiências emocionais mediadas. Talvez venha daí a demanda recorrente dos colaboradores desta pesquisa em adicionar-me ou serem adicionados à lista de contatos daquele aplicativo. A alegação mais comum referia-se à morosidade das trocas de mensagens pelo *chat* do *happn*, *Tinder* ou *Adote um Cara*. Eu, particularmente, sentia falta do layout confortável do *WhatsApp* e da possibilidade de mandar mensagens de voz com as quais abria o contato para as possíveis de colaborações⁸¹.

Raramente os homens com os quais dialoguei para fins de pesquisa estavam conversando apenas comigo. Por vezes, pediam desculpas pela demora em responderem, justamente por estarem em outra janela de diálogo, atendendo telefonemas, resolvendo alguma questão de trabalho (ou no trabalho), conversando com alguém na rua, dando *like* em outros perfis, respondendo e-mails, enfim, engajados simultaneamente em múltiplas

⁸⁰ Em novembro de 2014 o *WhatsApp* passou a sinalizar com dois sinais de “check” (✓✓) azuis. Um sinal apenas, em cinza, indica que a mensagem foi enviada; dois na mesma cor sinaliza sua entrega ao destinatário. Maximiano Marentes e colaboradores (2016) discutem a ansiedade e desassossego gerados por essas visualizações e a espera que o envio confirmado causa em jovens casais portenhos (vivendo me Buenos Aires), desestabilizando as relações e atrapalhando a concentração em atividades cotidianas como estudos e trabalho.

⁸¹ Pela ferramenta de diálogo dos próprios aplicativos eu interrogava ao meu interlocutor se havia lido em meu perfil que eu estava fazendo pesquisa. Alguns já haviam se dado conta, outros já me abordavam mostrando-se disposto a colaborar, mas uma boa parte não havia se atentado a esse fato. O primeiro passo, então, era interrogar sobre o interesse em saber mais sobre a pesquisa. Caso houvesse interesse, ainda pelo *chat* do aplicativo enviava um texto em tom coloquial no qual eu descrevia a pesquisa e meu número de *WhatsApp*: “Estou trabalhando com mídias digitais e afetos há algum tempo, mas nesta pesquisa estou desde novembro de 2015, quando a questão das masculinidades ficou mais presente. As mídias digitais têm atravessado nosso cotidiano de maneira significativa, inclusive modulando nossas relações afetivas. Nessa pesquisa, financiada pela fundação de amparo à pesquisa do estado de São Paulo (Fapesp), estou atenta a como essas dinâmicas comunicacionais do presente têm impactado afetivamente os homens. Tenho pensado como homens têm se relacionado com esses elementos tecnológicos e como tudo isso tem refletido nas suas relações sexuais, amorosas com mulheres e mesmo na sua própria masculinidade. Grosso modo é isso”. Após ser adicionada (evitava eu mesma adicionar a fim de respeitar o tempo e interesse do colaborador), enviava dois áudios (considerando não só a praticidade de verbalizar as tantas informações, mas de oferecer mais pistas sociais sobre mim como tom de voz, sotaque, articulação verbal). No primeiro áudio me apresentava academicamente e no segundo falava dos termos éticos da pesquisa garantindo anonimato, sigilo, desligamento da pesquisa quando fosse conveniente para o interlocutor, acesso aos dados parciais e finais da mesma, além de esclarecer que ele também poderia me fazer perguntas, inclusive pessoais e que iríamos conversar sobre intimidades, sexualidade, segredos, de maneira que eu sempre iria sondar previamente se poderia entrar em determinados assuntos. Avisava também que cada pessoa ficasse bem à vontade em relação ao momento da interlocução e respostas, alertando que eu mesma não podia sempre ter interações tão sincrônicas como desejava.

comunicações. Como observa Nancy Baym (2010, p. 3), “podemos estar fisicamente presentes em um espaço, mas mentalmente e emocionalmente envolvidos em outro lugar”⁸². Eu mesma experimentei essa dinâmica exigente, mas rotinizada.

Esse engajamento ativo permite que o etnógrafo desenvolva insights e teste teorias em desenvolvimento através da interação. Isso também nutre o desenvolvimento de uma compreensão corporificada dessa forma de existência, através da reflexão dos prazeres e das frustrações das experiências on-line. (Hine, 2016, pp. 16-17)

A portabilidade – somada à acessibilidade à internet – foi um facilitador e um elemento estressor ao mesmo tempo para minhas práticas e técnicas de pesquisa. Como já mencionei em outro momento, é preciso aprender a administrar afetos; adiar respostas, isto é, não responder tão sincronicamente às mensagens e, ao mesmo tempo, sinalizar que há interesse da parte da pesquisadora em seguir com aquela conversação, a qual pode ser possível para o interlocutor apenas nas horas em que tudo que eu desejava era relaxar. Experimentei, assim, um dos efeitos flagrantes dessas mídias: o borramento entre o tempo do lazer e o do trabalho⁸³.

Fazer o diário de campo tornou-se quase impossível, posto que o volume de informações diárias costumava ser muito grande, envolvendo além dos dados qualitativos, demandas quantitativas (quantos *crush*, *maths*, charmes, conversas, idade

⁸² No original: “We may be physically present in one space, yet mentally and emotionally engaged elsewhere”. Muitos dos jovens adultos com os quais conversei mantinham contatos com mulheres que viviam em cidades e, até mesmo, estados diferentes dos deles. Todos se mostravam bastante dispostos a ir ao encontro dessas mulheres caso o relacionamento online se intensificasse e desejassem confirmar as afinidades presencialmente. César, sociólogo, funcionário público, 34 anos, negro, paulistano, vivendo em um bairro distante da zona sul paulista, investiu duas vezes nessa mobilidade que, ao fim, não se transformou em encontro porque as mulheres não sustentaram a possibilidade de encontro presencial. Luc, 31 anos, também se reconhece como negro, paulista, vivendo na Grande São Paulo com os pais. Design *freelancer*, foi para outro estado passar o réveillon com uma mulher mais velha que havia conhecido por aplicativos. Vick, 32 anos, carioca, branco, administrador, vivendo na zona sul do Rio com os pais, namorou por anos com uma mulher que estava sempre em trânsito e considera que a distância pode ser driblada não só pelas tecnologias de comunicação, mas pela mobilidade facilitada pelo barateamento de voos. Júlio, 33 anos, estudante de pós-graduação em Ciências Sociais em uma universidade pública de Belém, também se mostra disponível para grandes deslocamentos caso sinta que a relação on-line tem potencial.

⁸³ Como observar Baym (2010, p. 12), “Nossa autonomia é cada vez mais limitada pela expectativa de que possamos ser alcançados para comunicação a qualquer hora, em qualquer lugar, e devemos uma resposta apropriada e precisa. Estamos presos pelo mesmo estado de “contato perpétuo” (Katz & Askhus, 2002). [our autonomy is increasingly constrained by the expectation that we can be reached for communication anytime, anywhere, and we will owe an appropriate and timely response. We are trapped by same state of ‘perpetual contact’ (Katz & Askhus, 2002)].

dos interlocutores, área de atuação profissional, entre outras variáveis)⁸⁴. É preciso registrar também que realizar pesquisa ao mesmo tempo em que se tem 18 créditos anuais em cursos de graduação, aulas na pós-graduação, exigências de extensão e gestão acadêmicas agregou à mais valia emocional extraída ao longo dessa pesquisa a mais-valia relativa, no sentido clássico tratado por Karl Marx (1988).

A solução que encontrei frente ao limite de tempo foi fazer apontamentos quantitativos e breves observações sobre fatos relevantes referentes às interações do dia. Organizei pastas personalizadas com o nome dos colaboradores, idade e aplicativo no qual fizemos contato inicialmente. Quando, por motivos de trabalho excessivo, deixei de fazê-lo, fui traída pela tecnologia e perdi dados importantes. Percebi que para esse tipo de pesquisa o *smartphone* tem de ter muita memória, para que os *backups* volumosos possam ser realizados sem impedimentos e que adiar operações de armazenamento de dados é arriscado.

Diferentemente das mídias analógicas, os conteúdos digitais têm potencializadas capacidades de armazenamento, compartilhamento, mobilidade, alcance, interatividade e lidam com uma estrutura temporal singular, tanto no que se refere a memórias que não se apagam facilmente⁸⁵ (ou a que perdemos irremediavelmente), quanto a já clássica noção de compressão tempo/espço. Nancy Baym (2010) sublinha esses elementos elencados como aspectos importantes que singularizam pesquisas com mídias digitais. Todos esses conceitos-chave, como Baym os nomeia (interatividade; estrutura temporal; pista/sinais sociais; armazenamento; compartilhamento; alcance/abrangência e mobilidade), foram se impondo durante meu campo, mas arrisco dizer que a portabilidade e a conectividade permanente se colocaram como o fator novedoso desde que passei a fazer pesquisas que envolvem o fluxo off/on-line. Nas pesquisas anteriores, fosse no doutorado⁸⁶ ou naquela

⁸⁴ Dilton Coutor Júnior (2016), que pesquisou sociabilidade entre jovens universitários gays e lésbicas em grupo do *Facebook*, registra a sensação de ser tragado pela produção contínua de conteúdos. Depois de longas horas e interação por diferentes meios digitais com esses jovens e de organizar as conversas do dia, durante à noite, enquanto dormia era gerado mais e mais conteúdo, dando ao pesquisador a sensação de que não conseguiria fazer frente ao volume de informações com o qual se deparava diariamente.

⁸⁵ Ver Beatriz Accioly Lins, 2017.

⁸⁶ Tratou-se da pesquisa sobre o modelo preventivo de aids e sua recepção por travestis que se prostituem. Tal investigação me levou a buscar contato com os clientes delas. Foi pela internet, mas especificamente pelo extinto site de sociabilidade online, Orkut, que consegui estabelecer os primeiros contatos com homens que se assumiram como clientes de travestis. A partir de uma sequência de mensagens e trocas de e-mails, passei a conversar com eles por MSN. Certa feita um desses homens me falou de encontros presenciais dos chamados T-Lovers (amantes de travestis e transexuais). Foi assim que passei a mesclar incursões online com as off-line, passando a conviver intensamente com um grupo que se auto denominavam de T-Lovers. A pesquisa, financiada pelo FAPESP, resultou no livro *Abjeção e Desejo – uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids* (Annablume, 2009). Quando fazia a pesquisa do doutorado, entre 2003 e 2007, a internet era discada, os serviços bem mais caros que hoje em dia, os recursos periféricos como webcam e

que inspirou a que está sendo aqui tratada, esses dois elementos sublinhados (portabilidade/conectividade) ou não existiam conjugados ou ainda eram pouco relevantes, de tal forma que a interação mais profícua e relevante com os usuários do *Ashely Madison* se deu por e-mail⁸⁷, de forma assíncronica e não pela sincronicidade implicada em aplicativos como *WhatsApp*. Ainda que este tivesse surgido quando a pesquisa ainda estava em curso, nunca me foi solicitado contato por aquele meio. Usava-se ainda o MSN (sistema de mensagens síncronas da Microsoft que foi desativado em 2013), o qual não teve versão para *smartphone* ou *tablet* e, portanto, não favorecia a mobilidade. Chamo atenção para essas características das interações porque elas incidem sobre a metodologia e exigem técnicas específicas – como espero deixar claro nesta seção. Tratou-se, ademais, de pesquisa na qual, mais do que administrar tempo e modular em escrita telegráfica as interações, lidei constantemente com tensões de gênero, desejos, sedução, segredos e (des)afetos.

Para Eva Illouz (2012) o afeto é uma energia interna que nos impele a agir, colorindo de forma singular nossas ações. Os afetos, sabemos, são socialmente moldados e, assim, preñes de cultura, ainda que nem sempre estejamos conscientes disso. Nossa relação com os aparelhos celulares, as emoções vividas nas imersões digitais, os prazeres suscitados pelas experiências sexuais mediadas por plataformas e aplicativos são tão reais quanto aqueles vividos face a face. As experiências comunicacionais em um mundo crescentemente mediado por tecnologias digitais são tão reais quanto aquelas que ocorrem no mundo não digital. Desde a minha pesquisa de doutorado eu já vinha experimentando essas emoções mediadas, mas que eram absolutamente arrebatadoras. Não só para as pessoas que colaboravam comigo, mas para mim como pesquisadora e como pessoa. Aliás, esta é mais uma das fronteiras tênues que marca nossas imersões etnográficas – on/off, tempo/espço, pesquisadora/eu mesma.

Afecções metodológicas

A sensação de não suportar mais a pesquisa não é incomum. Muitos são os desabafos sobre solidão do trabalho intelectual, saturação mental em relação a campo, desgastes de algumas relações, porém, talvez não seja exagerado dizer que em nenhuma

microfones não vinham acoplados às máquinas e a velocidade operacional era bem inferior que a atual, o que tornava o trabalho com imagens e som muito menos atraente do que veio a se tornar.

⁸⁷ Os resultados da mencionada pesquisa podem ser consultados nos links já disponibilizados em nota de rodapé deste texto.

outra investigação com a qual me envolvi estive tantas vezes exausta emocionalmente como nesta, quando me senti muitas vezes enredada pelos/nos circuitos digitais desejantes. É curioso que ao longo desta pesquisa os consentimentos em participar tenham sido maiores que as negativas. Aventurei algumas hipóteses para os reiterados aceites (que nem sempre resultaram em colaborações consistentes)⁸⁸. Uma delas, estranhamente, tem a ver com utopias emocionais⁸⁹ do presente: posso ajudá-los a se entenderem mais; torno-me uma interlocutora que tende a responder frequentemente suas abordagens, atendendo às suas expectativas de diálogo mais sincrônico, o que significa terem alguém com quem falar em momentos nos quais se sentem sós ou dispostos a uma conversa intimista; podem testar comigo suas habilidades de sedução, uma vez que não é incomum que tenham elogios à minha aparência e sinalizem a vontade de me encontrarem pessoalmente, esperando que eu também diga algo sobre seu grau de desejabilidade. Isso

⁸⁸ Ao me apresentar como pesquisadora e sondar o interesse do interlocutor em saber mais sobre o trabalho, envio pelo chat do próprio aplicativo o seguinte texto: “Toparia saber mais sobre a pesquisa? Se sim, eu te passo meu Whats e aí gravo um áudio me apresentando melhor e te falando mais sobre a pesquisa. Se vc topa, a gente segue. Se não curtir é só deletar o contato :) [número de meu WhatsApp].” Caso haja demanda por mais informações, segue, então outro texto: “Estou trabalhando com mídias digitais e afetos há algum tempo, mas nesta pesquisa estou desde novembro de 2015, quando a questão das masculinidades ficou mais presente. As mídias digitais têm atravessado nosso cotidiano de maneira significativa, inclusive modulando nossas relações afetivas. Nessa pesquisa, financiada pela fundação de amparo à pesquisa do estado de São Paulo (Fapesp) estou atenta a como essas dinâmicas comunicacionais do presente têm impactado afetivamente os homens. Tenho pensado como homens têm se relacionado com esses elementos tecnológicos e como tudo isso tem refletido nas suas relações sexuais, amorosas com mulheres e mesmo na sua própria masculinidade. Grosso modo é isso”. Ao ser adicionada pelo colaborador (preferi sempre que estes tomassem a iniciativa para não se invasiva), escrevia uma mensagem perguntando de poderia mandar o áudio me apresentando melhor e expondo os termos de participação na pesquisa. No áudio de apresentação o teor é o que segue: “Oi [nome do interlocutor] meu nome é Larissa Pelúcio, sou professora de antropologia na Unesp, em Bauru, onde estou morando desde que me concursei. Talvez você saiba, mas não custa explicar. Quando a gente presta concurso para universidades públicas nos comprometemos com o ensino, a extensão e a pesquisa. E essa é a parte da pesquisa. A gente está sempre com algum projeto sendo desenvolvido. Esta é minha segunda pesquisa com mídias digitais, gênero e sexualidade. Para não alongar muito este áudio vou gravar um segundo te explicando quais são os termos de participação”. Segundo áudio: “Bem, como toda pesquisa acadêmica, esta também precisa obedecer a alguns princípios éticos. Então, estão garantidos desde já o anonimato, o sigilo e o seu desligamento da pesquisa quando lhe convier. Você tem direito a ter acesso aos dados parciais e integrais da pesquisa. Já tem alguma coisa publicada e posso te enviar o link dos artigos, juntamente com o link para o meu currículo Lattes, que é minha identidade acadêmica. A sua participação se dá em seu tempo. Muitas vezes eu não posso responder na hora, mas eu respondo sim, viu? Sempre vou te sondar se podemos entrar em determinados assuntos, pois essa é uma pesquisa que passa por questões íntimas e você pode escolher se vai responder ou não e se não se sentir confortável com o tema, não insistirei. Você pode ficar à vontade para me fazer perguntas também, inclusive pessoais. Envio primeiro um conjunto de perguntas (não precisa ser econômico nas respostas). A partir daí, a ideia é que a gente estabeleça uma conversa mais espontânea. Se você topa, preciso que escreva ou grave em áudio que conhece os termos e teor da pesquisa e que está participando de livre e espontânea vontade” (questionário mencionado encontra-se no apêndice)

⁸⁹ Empréstimo a reflexão de Eva Illouz (2013) sobre a forma como temos, em tempos de capitalismo emocional, ou seja, pós-industrial, bastante pautado pelos anseios culturais veiculados pelas mídias de massa, vinculado a ideia de felicidade ao consumo, inclusive de emoções, apostando em linguagens vulgarizadas provenientes da psicanálise e das referências dos discursos de autoajuda, como recursos para a gestão dos afetos e emoções. Valendo-nos de lógica mercadológica para tal.

ocorreu com Renato, 49 anos, branco, do ramo de comunicações jornalísticas, morando em São Paulo, que insiste em entender o porquê o *like* que dei em seu perfil: “*por que me escolheu?*”. Explico mais uma vez sobre a pesquisa, sobre o fato de ele ter mais de quarenta anos e ser empresário, entre outras variáveis importantes para a pesquisa. Escrevi a ele, no *chat* mesmo do *happn*, que suas fotos me sugeriam um pertencimento à classe média alta e que essas características me chamaram atenção como pesquisadora. Mas não o convenci, e ele voltou à pergunta: “*por que me escolheu?*”. Mais argumentações de minha parte, todas centradas nos objetivos de pesquisa. “*Por favor, não estou querendo ser grosseiro, só estou querendo saber por que fui escolhido se não se trata de paquera*”. Aceitou, então, que eu gravasse áudios explicativos e me respondeu que além de trabalhar em uma das maiores empresas de comunicação do País, o que o vetava a falar de certos temas, sobretudo aqueles que pudessem expor sua intimidade. Contra-arguntei inteirando-o, mais uma vez, sobre o sigilo e anonimato que envolvem as pesquisas acadêmicas: “*Mas aí não passei de um número dentro de seu universo de pesquisa*” e declinou ao convite para participar. Renato queria que eu falasse como “Larissa” e, talvez, oferecesse a ele o que Caique, branco, 41 anos, ator e músico, vivendo em São Paulo, considera que o *happn* lhe dá: “*um grande reforço pra a autoestima*”.

Como separar o que penso “não como pesquisadora, mas como Larissa?”, se o que me coloca nessas teias desejanter é minha posição justamente de pesquisadora? Será que há mesmo essa cisão entre um eu, supostamente mais “selvagem”, pois não estaria domesticado pelo pensamento racionalista da ciência⁹⁰, e essa outra figura supostamente segura de si e de suas certezas, a pesquisadora? O quanto estamos assim tão seguras, se o campo nos afeta de diferentes formas, inclusive levando-nos a repensar nossas questões acadêmicas? Por exemplo, quando fui questionada sobre minha postura ética, uma vez que não enviava por escrito o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ou quando um interlocutor me disse que eu deveria dizer mais claramente no perfil que meu interesse ali era somente para a pesquisa mesmo. Repensei também o quanto me deixava seduzir pelo convite para falar de mim mesma.

⁹⁰ Alusão à proposta de Lévi-Strauss (1989) quando argumenta que o pensamento “selvagem”, aquele que opera pela lógica do concreto, não se difere em estágio do pensamento científico, mas na forma de operar a sua significação da realidade. O pensamento selvagem seria aquele que não está domesticado pelo rigor conceitual, abstrato, da ciência do mundo ocidental, o saber positivo, mas o que classifica, organiza, pensa o mundo concreto que o cerca, organizando-o, retirando seu saber das coisas, pois, como diz Lévi-Strauss, elas são boas para pensar.

Revelei opiniões diversas, falei de minha vida pessoal, não apenas como estratégia para humanizar-me e suscitar empatia, conseguindo assim interações mais profundas, mas porque o envolvimento que vamos tendo com a troca de narrativas de si permite a construção de relações densas. Assim, todxs nós que pesquisamos no campo das sexualidades e dos afetos acabamos por nos deixar seduzir pelos convites para falarmos mais de nós mesmxs. Nós, que nos aproximamos protegidxs pela aura da ciência, quase sempre vista como sisuda, mas confiável; que pedimos confissões a partir de perguntas que parecem não ameaçar ninguém, vamos nos imiscuindo na intimidade de nossxs colaboradoras/es querendo mais. Muitas vezes, essa é a chave para se entrar e permanecer em campo.

Às vezes, a única possibilidade que temos de fazer o campo de pesquisa e catapultar a produção de conhecimento está precisamente no convite que *s⁹¹ participantes de pesquisa nos fazem. É como se *s participantes de pesquisa nos dissessem: ‘tu, pesquisad*r com gênero e sexualidade como eu, venha fazer pesquisa comigo e em mim!’. Aceitar o convite não é uma decisão compulsória: é uma decisão que merece ser fruto de uma prática refletida de liberdade, do exercício da ética. (...) o que é mais produtivo para esta pesquisa? Qual a relevância política de cruzar determinados limites? (Zago, 2015, p. 94)

Em diálogo com as pesquisas de Miskolci e em nossas interlocuções acadêmicas presenciais, o sociólogo observa que seus colaboradores, homens que buscam encontros eróticos com outros homens, sem necessariamente se reconhecerem como gay, costumavam colocá-lo numa espécie de “*friend zone*”. O fato de ser branco, classe média, doutor e proporcionar conversas que tendiam fazê-lo um “confidente”, as interações resvalavam facilmente para a fronteira do psicanalítico, observa Miskolci. No meu caso, ser uma mulher de 48 anos (nos aplicativos), professora universitária, solteira e ter aparência física que atende a padrões de uma certa convencionalidade corporal foi fator determinante para que muitos aceitassem conversar comigo. Não foram poucos os que admitiram que usaram a pesquisa como pretexto para “me conhecer melhor” e, quem

⁹¹ Luiz Felipe Zago adota uma grafia inclusiva a fim de contemplar a multiplicidade de gêneros substituindo pronomes, artigos, adjetivos e advérbios que denotem binarismo pelo asterisco.

sabe, “rolar algo”. Outros declararam que ao verem se tratar de pesquisa, pensaram que teriam uma interlocução no mínimo interessante com alguém intelectualizado, ou seja, “rolaria um bom-papo”. A fala de um dos colaboradores mais jovens, 32 anos, é um bom exemplo do que estou apontando:

Eu te mandei charme pq li seu perfil e ao ver que vc é antropóloga isso me chamou a atenção. Gosto de gente inteligente com quem eu possa aprender e ter boas conversas. E em um primeiro momento ao ver sua descrição pensei: pode ser uma mulher muito inteligente (oq está se comprovando na conversa, com todo respeito claro)” (Em conversa pelo *WhatsApp*, em 19/04/2016)

Houve quem declara-se que a possibilidade de conversar com uma mulher “inteligente” sobre relacionamentos, sexo e amor poderia gerar muitas reflexões interessantes, “boas trocas”, como me disse Caique, qum já mencionei mais acima: *“Eu estou querendo muito mesmo poder falar dessas coisas todas com alguém legal, que tenha o que dizer”* (Em conversa por *WhatsApp* em 23/03/2016).

Mas, ao contrário da pesquisa anterior com os usuários do *Ashley Madison*, na qual fui sistematicamente comparada à “psicóloga”, e as conversas por e-mail associadas a momentos terapêuticos, na atual investigação tornei-me alvo constante de flertes, dos mais sutis e galantes até os mais desconcertantes com envio de fotos de genitais ou insistentes interpelações para encontros presenciais nos quais o interlocutor iria me apresentar um “*um mundo paralelo*”, administrando as informações sobre esse universo de prazeres. Como resposta às minhas insistências em conversarmos pelo *WhatsApp*, vinha o convite de fazermos primeiro para depois falarmos sobre suas “*aventuras, fantasias e taras*”.

Quando aquele interlocutor se tornou realmente inconveniente, sugerindo que ao invés do café poderíamos pôr em prática em outro lugar mais discreto suas ideias “tentadoras”, avisei que iria deletá-lo de meus contatos. Ele realmente não estava dando a menor atenção aos meus recorrentes apelos para lembrá-lo qual a relação que eu estava propondo ali. Dei “block”⁹². Não sem constrangimento, pois considerei que aquela ação era agressiva e, como pesquisadora, deveria saber lidar com o assédio de meu interlocutor.

⁹² Impedir que o contato bloqueado tenha acesso ao perfil de quem fez o bloqueio. No caso desta pesquisa, trata-se de recurso mais proveitosos do que apagar/deletar o contato, pois daquela forma conservo o arquivo das conversas.

Senti-me acuada. Agi motivada pela sensação de que, aos olhos dele, ser pesquisadora não era algo relevante, afinal, eu era uma mulher. Meus argumentos pareciam ser tomados como caprichos e, mesmo, como parte de um jogo de sedução⁹³.

Ser uma mulher fazendo pesquisa sobre amor, sexo, segredos entre homens que se consideram heterossexuais me exigiu uma constante negociação com colaboradores no sentido de traçar as fronteiras entre pesquisa e meus (e deles) interesses pessoais amorosos/eróticos. Por outro lado, estas mesmas características que me colocavam em zona de desconforto muitas vezes podiam ser atraentes e motivadoras para as conversas, não só para eles, mas para mim também. Como eles, me dei conta de que também estava testando meu grau de desejabilidade.

As interlocuções em trabalhos que se dão intensamente online atravessam nosso cotidiano doméstico e de trabalho. É desafiante pontuar e pactuar esses momentos para os/as interlocutoras. Muitos dos homens que se dispuseram a conversar comigo preferiram fazê-lo em momentos em que estavam desocupados, entediados talvez, sozinhos, o que pode ser na madrugada ou em um domingo à tarde. Há sempre a possibilidade de eu não responder, de me desconectar, de sinalizar que naquele momento não é possível conversar. Para isso, o óbvio, é desejável que seu celular de trabalho não seja também o pessoal, o que nem sempre é possível dado os custos dos aparelhos. Por outro lado, não são poucas as pesquisas que tenho orientado e acompanhado nas quais dar acesso à rede de colaboradxs da pesquisa ao perfil pessoal no *Facebook*, conta no Instagram, entre outros torna-se parte fundamental da metodologia.

Não há receitas para administrar esses atravessamentos entre vida pessoal e acadêmica, mas se pode compartilhar experiências e estratégias, inspirar-se com os achados de outras pesquisas. É nesse sentido que exponho aqui algumas histórias que têm me provocado e me feito buscar caminhos de negociações.

Bruno, 39 anos, profissional liberal, paulistano, foi meu primeiro *crush* destabilizador. Não estava em nenhum “relacionamento sério”, para usar uma linguagem dos aplicativos, durante toda a pesquisa, e este não é um dado desprezível, devo admitir, quando se trata de um trabalho no qual mantive um perfil em aplicativos

⁹³ “Adoro esse seu tom de mistério”, escreveu o interlocutor. Recebendo como resposta que não havia mistério nenhum, apenas estava querendo que estabelecêssemos um diálogo sobre sexualidade sem que isso tivesse que ser uma cantada ou uma disposição de minha parte em colocar em prática aquelas experiências. Meus argumentos eram recebidos com palavras que reiteravam o flerte e não davam espaço para a argumentação sobre meu trabalho como motivador para meu interesse em suas narrativas.

para relacionamentos disposta a interagir com homens que se mostrassem interessados na pesquisa e com eles conversar sobre sedução e desejo.

Desestabilizei-me com aquele *crush* pois, até então, nenhum dos homens com quem interagia havia me despertado interesse pessoal. Conversei com Bruno por algumas horas seguidas. Eu estava em uma viagem de ônibus, voltando justamente do trabalho de campo em São Paulo, onde nosso encontro virtual se deu via o aplicativo *happn*. Ao fim de três horas a conversa começou a tomar rumos que não cabiam na pesquisa. Disse a ele, então, que a partir daquele momento ele não seria mais um interlocutor de pesquisa, mas um “cara que estou conhecendo”. Ele assentiu. Prontamente mudei o nome dele em minha lista de contatos. Não era mais “Bruno 39 happn”, só Bruno. Por duas semanas. Depois foi para a pasta de conversas arquivadas do *WhatsApp*. Esgotou-se nosso interesse mútuo. Talvez porque adiemos o presencial, quem sabe porque o acesso ao *Facebook* um do outro nos revelou perfis políticos incompatíveis ou porque estávamos, por motivos diferentes, conversando com outras pessoas simultaneamente.

O que importa de fato desta história de (des)encontros contemporâneos não é porque Bruno e eu deixamos de nos falar sem nunca termos nos desentendido, mas o pacto ético que fizemos. Ao fim, cá está ele na pesquisa, é certo, mas enquanto nosso flerte virtual durou ele foi “um cara que eu estava conhecendo”.

Com essa experiência fui absolutamente nativa. Afetou-me e proporcionou importantes reflexões sobre as formas como a comunicação digital nos atravessa, excita, desencanta, instiga a imaginação. Por meio dessa vivência pude entender melhor as recorrentes queixas de meus interlocutores sobre a não efetivação das expectativas e promessas feitas em curto espaço de tempo, no *frison* das descobertas digitadas entusiasmamente.

Há um fluxo off-line que interpela o on-line sem que, necessariamente, a pessoa que está do outro lado da relação saiba de fato como estamos sendo afetadas/os por esse cotidiano off que não a inclui diretamente/presencialmente. O abandono é lugar comum nesses contatos. Os motivos para tal têm a ver, aento como hipótese, com aquilo que Nancy Baym (2010) chama de “laços fracos”, aqueles que acabam por demandar menor esforço emocional nas negociações interpessoais. O que não significa que não nos impactem. Quando a corporificação do outro não nos interpela, constrange, convoca e exige intermediações nos termos de sociabilidade com o qual estamos mais habituadxs a lidar, essas separações e distanciamentos podem ser muito mais difíceis de serem

negociadas e estabelecidas. Porém, concordo com Miskolci (2016, pp. 77-78) quando reconhece que

[l]aços fortes não são apenas positivos, pois podem aprisionar e limitar as relações sociais disponíveis a alguém de forma injusta e desigual. Para muitos, os chamados “laços fracos” (Wellman, 1988) das conexões online são duplamente desejáveis: porque garantem segurança de poderem ser rompidos sem consequências negativas para sua vida cotidiana assim como podem ser os mais adequados para desejos segmentados como os que envolvem a formação de redes relacionais envolvendo interesses eróticos comuns.

Gabriel, Leandro, Luan, todos na casa dos 30 anos, foram homens gentis e colaborativos com a pesquisadora. Estavam sempre dispostos à interlocução, teciam elogios recorrentes a mim, os quais eu agradecia ou simplesmente ignorava emendando outro tema de conversação que deixasse bem claro minhas intenções acadêmicas. Após algumas investidas deles e de negativas claras de minha parte, sumiram. É legítimo. Apesar de colaborarem com meu trabalho, desejavam também obter mais que uma conversa pontuada por interrogações, queriam ser desejados, divertirem-se falando de sexo não como hipótese ou narrativa de experiências pregressas, mas o praticando digitalmente comigo. Em um sábado à noite, Gabriel queria preencher seu tempo vazio me convidando para “um *Skype*”.

Leonardo preferia as conversas pela manhã, quando estava só no escritório da oficina da família. Sempre cauteloso, arriscava aqui e ali elogios, perguntava quando eu iria à sua cidade, onde tenho familiares, respeitava minhas evasivas, até que cansou delas. Contribuições ricas, mas que não ultrapassaram duas semanas de contatos. Com Luan a comunicação foi mais intermitente, ainda assim trocamos mensagens por menos de um mês. Ele queixou-se, desde o início, de eu tê-lo colocado na “*caixinha da pesquisa*”, fechando, segundo seu ponto de vista, a possibilidade de interlocução para além dos interesses acadêmicos. Aconselhou-me a ser menos explícita nos meus interesses para não criar viesses na pesquisa.

Você pode falar que é uma pesquisa, mas não abrir tanto, porque aí a gente já fica pensando no que falar, sabe, não sai mais natural, não vai fluir com tanta espontaneidade a conversa, sempre vou pensar duas

vezes antes de falar alguma coisa com você, entendeu? (Em áudio enviado pelo *WhatsApp* em 23/04/2016).

Isso não impediu que ele insistisse no flerte. Posicionei-me, dizendo que não tinha nada contra conversarmos, mas que tinha que fluir, “você dá muito pouco para sustentar uma conversa, e aí já entra na parte de galanteios...”, argumentei diante de suas mensagens diárias, curtas e com respostas monossilábicas. Esquivou-se, dizendo que não achava que nossa conversa não deveria interditar “elogios simples”. Retruquei, dizendo que não eram os elogios que me desestimulavam, mas a comunicação telegráfica que só ganhava fôlego quando se tratava de investidas de sedução. “*Vou deixar vc trabalhar, que seja produtivo*”. E me deletou de seus contatos. Fiquei desconsertada, mas, ao fim, aliviada, imaginando como seria mais exigente essa ruptura se meu campo fosse nos moldes das etnografias off-line.

A etnografia que realizo me coloca em contato simultâneo com muitas vidas parceladas, sem que possa situá-las em contextos sociais significativos, quer dizer, que me ofereçam mais rapidamente pistas sociológicas orientativas. Por outro lado, como aconteceu com Luan, as rupturas tendem a se dar reduzindo grandemente a possibilidade de reencontros e necessidade de se voltar a pactuar nosso lugar como pesquisadora. Evidentemente isso não vale para todas as pesquisas com mídias digitais. Carolina Parreiras (2008)⁹⁴, em sua dissertação de mestrado realizada em uma comunidade no extinto Orkut⁹⁵, precisou negociar sua permanência naquele universo de sociabilidade, pois a tensão com um dos membros da comunidade foi acompanhada por outras pessoas que ali interagem, gerando debates e conflitos com os quais ela teve que lidar. Diferentemente do campo que percorro – no qual meus interlocutores não têm contato entre si. Trata-se de uma etnografia feita na lógica do par: eu e ele(s), nunca eu e um grupo.

Fui aprendendo, não sem tropeços, que a etnografia on-line esta assentada não só em outro campo, um campo sem território, mas ainda assim codificado. Mesmo que estes códigos ainda estejam sendo elaborados, eles existem, são testados, alguns rechaçados, outros se estabelecem revelando marcas geracionais, por exemplo, como o claro roteiro comunicacional do flerte. Os mais jovens “chamam” na ferramenta de mensagens do

⁹⁴ Trata-se da dissertação de mestrado intitulada “Sexualidades no ponto.com: espaços e homossexualidades a partir de uma comunidade on-line”.

⁹⁵ Rede social do Google que existiu entre 2004 e 2014 e foi muito popular no Brasil.

aplicativo e não se demoram a pedir ou passar o *WhatsApp*. Ligações de voz e/ou chamadas de vídeos tendem a ser adiadas, enquanto aqueles acima dos 50 anos, como já mencionei, não costumam seguir esse roteiro, preferindo enviar mensagens de voz, se possível, partir logo para o telefonema e mesmo chamada via *Skype*, a qual inclui vídeo e é mais confortável se ocorrer de forma estática, quer dizer, sem que as pessoas envolvidas estejam em movimento. Ambas as estratégias de flerte não estão completamente descoladas dos códigos de sociabilidade off-line, mas tampouco, os reproduzem completamente.

A etnografia que realizei me colocou em contato simultâneo com muitas vidas parceladas, sem que possa situá-las em contextos sociais significativos, quer dizer, que me oferecessem mais rapidamente pistas sociológicas orientativas. Procurei sanar essas lacunas por meio do questionário que, via de regra, enviava já nos primeiros contatos. Por meio das perguntas listadas ali procurei traçar um perfil sociocultural de cada um (como já mencionado em nota, o questionário pode ser acessado no apêndice deste relatório).

Os contatos mediados não nos eximem de repactuar as relações em campo. Luan, que havia me bloqueado, voltou a fazer contato meses depois. Não parecia guardar mágoa e, diferentemente da fase anterior, não insistiu no flerte, quis saber sobre o andamento da pesquisa e me inteirou de sua nova rotina. As rupturas digitais também podem exigir que repactuemos nosso lugar como pesquisadora, ainda que não tenhamos que fazer isso presencialmente.

Bruno, o *crush* significativo, também retomou o contato meses depois. Uso a pesquisa para retomar as conversas, mostrando interesse em saber se eu havia avançado nas discussões. Logo passou ao flerte e ao convite para um encontro presencial. Retomo este episódio pois, mais uma vez, o comportamento de Bruno me colocou diante de experiências similares às narradas por interlocutores e recolhidas nas leituras em blogs, revistas femininas e em conversas com amigas. O adiamento do encontro presencial pode gerar desinteresse das partes ou de uma das pessoas envolvidas. Há uma velocidade/ansiedade que rege as buscas e a efetivação da experiência erótica e sexual. Morávamos em cidades distantes e tínhamos que ajustar agendas. Quando fiz o contato para acertar detalhes do encontro, Bruno deu evasivas e diante de minha resposta (*Ok, entendi. Uma hora dessas dá certo*) optou pelo silêncio. Nunca me respondeu. Este comportamento tem gênero, foi o que constatei quando interroguei alguns colaboradores sobre a forma como se desvinculavam de seus *matches* e *crushs*.

A maneira como os homens com os quais mantive interlocução via aplicativos móveis manipulam com as tecnologias em relação a seus afetos e desejos deixa transparecer tentativas de lidar de forma mais consistente com as expressões do feminino – resultantes da primeira fase da revolução sexual, examinando em si próprios os sentidos da masculinidade, sobretudo daquela que temos adjetivado como hegemônica (Connell, 1995; Kimmel, 1998; Vale de Almeida, 2000; Welzer-Lang, 2001). Os questionamentos sobre os sentidos dessa hegemonia estão presentes nas reconsiderações críticas que a própria Raewyn Connell – quem cunhou o conceito, ainda escrevendo como Robert Connell – tem feito do conceito (Connell, 2013) de maneira que, aqui também tomo o mesmo conceito, ainda que com cautela, levando em conta, além de marcar regionais, etárias, de classe, as próprias ressignificações dos sentidos do ser homem que estão em curso e que procurei mapear por meio deste trabalho investigativo.

No próximo capítulo desenvolvo discussões teóricas e conceituais sobre masculinidades, no esforço de entender como se configuram no presente. Por meio de seus perfis e da interlocução direta com eles, foi possível perceber como estes têm pensado e representado suas masculinidades, as quais só podem ser compreendidas em sua complexidade quando analisadas a partir de outros marcadores como classe, raça/etnia, geração e orientação sexual, mas também quando prestamos atenção a contextos macrosociais nos quais essas subjetividades se constituem e as relações sociais ganham sentido. Pensar em sexo e gênero exige investigar estruturas sociais e negociações de verdades que ante de serem individuais, expressam valores coletivos. A sexualidade, por exemplo, já discutii fartamente Michel Foucault (2003), é um potente discurso modulador de subjetividades e por seu caráter eminentemente social possibilita que percebamos como, por meio do sexo, as pessoas colocam em atos as hierarquias sociais, expressam moralidades e tencionam questões privadas com a dimensão pública.

Capítulo II - O político e o pessoal – masculinidades desafiadas

“As mulheres têm uma necessária resistência a qualquer tipo de machismo e eu acho fundamental isso aí. Os homens estão meio assustados com isso”, avalia Pietro, o filósofo gaúcho que largou a vida citadina para viver na beira do mundo”, uma praia no litoral do Rio Grande do Sul, onde se inseriu no setor de turismo. Os feminismos provocam deslocamentos e desnaturalizações, é o que leio nas observações sempre argutas de Pietro, que aos 57 anos já viveu muitos amores e hoje se considera dependente do celular conectado, seja para negócios ou prazeres. Suas constatações veem dessas interações cotidianas, nas conversas digitadas com mulheres de diferentes partes do Brasil.

“Os homens estão meio assustados” com as resistências femininas ao machismo; talvez estejam mais assustados em ter de repensar posturas naturalizadas que, por isso, não costumam ser percebidas como opressoras, desrespeitosas ou violentas, mas simplesmente como “coisas de homem”. Passados mais de quarenta anos após as primeiras publicações no campo dos estudos sobre masculinidades (*Men’s studies*)⁹⁶, os discursos essencialistas ainda oferecem modelos explicativos muito eficazes para meus interlocutores lidarem com questões de gênero. Ainda assim, reuni um volume considerável de falas nas quais as reflexões sobre os comportamentos femininos e masculinos parecem desafiar esses mesmos essencialismos. Como pensar as masculinidades fora desses registros tentadores que assentam na fisiologia a resposta para problemas sociais?

Reflexões semelhantes, relativas ao lugar não problematizado e problematizável das masculinidades (ainda pensada no singular) aconteceram de forma sistematizada em meados dos anos de 1970, quando “teóricos das ciências humanas nos Estados Unidos (...) inauguram esse questionamento sobre o papel masculino ideal, fonte de alienação para os homens e de desentendimento com as mulheres” (Badinter, 1993, p. 05). Seguiam,

⁹⁶ Jeff Hearn e David Morgan (1990, p. 10) registram que esta foi a locução usada por pesquisadores norte-americanos, em países europeus preferiu-se “male dominance studies”, “The critical study of men”, por exemplo.

nesse movimento teórico e crítico, passos de feministas que vinham há pelo menos uma década questionando os “papéis tradicionais” que lhes eram atribuídos.

Karen Giffin lembra, em tom biográfico, que no fortalecimento do “movimento de mulheres”, o alijamento dos homens dos debates foi estratégico por um lado mas, por outro, reproduzia dicotomias que estruturavam ciências canônicas e que apareciam também no pensamento de senso comum, de forma que, ao se guiarem por motivações políticas, as feministas consolidavam, ainda que se intenção, “a noção de dois ‘sexos opostos’”. (Giffin, 2005, p. 48)

A facilidade com a qual recusamos a participação dos homens nas nossas discussões oferece um contraste agudo com o tratamento dado ao poder masculino como objeto central das análises subsequentes, nos estudos de gênero feitos pelas mulheres. Nestes estudos, foi-se descobrindo e esmiuçando o esquema binário que organizava nosso mundo: na oposição e hierarquização de cultural/natural, social/biológico, ciência/arte, razão/emoção, produção/reprodução, público/privado, ativo/passivo, corpo/mente etc.. (Giffin, 2005, p. 48)

Nestes estudos, o poder masculino era claramente heterossexual. Homens gays, por outro lado, participavam ativamente da produção de um campo de estudos no qual gênero e sexualidade passavam a ser percebidos como construções históricas e sociais, de forma que aquelas estruturas binárias antes de serem eternas e inscritas na biologia, passam a ser descritas como produzidas em relações de poder capilares que compõem tanto práticas concretas, quanto aquelas microscópicas e singularizadas. A analítica do poder, guinada foucaultiana frente às teorias clássicas do poder, influenciaria muitos estudos feministas, não só na França, país de origem do filósofo, mas também às feministas norte-americanas. Ainda que tenham se articulado críticas à omissão de Foucault no que toca às discussões de gênero,

Diamond & Quinby (1988) destacam algumas convergências entre o pensamento feminista e a obra de Foucault: 1) ambos identificam o corpo como o local de poder, como o locus de dominação através do qual a docilidade é executada e a subjetividade constituída; 2) ambos apontam para as relações

loais do poder ao invés de concebê-lo apenas como o poder vertical do Estado ou do capital. (Narvaz & Nardi, 2007, p. 47)

O poder é para Foucault uma estratégia, uma complexa trama de relações sociais. Sendo assim, não existe uma instância pontual do poder, um lugar único onde ele se localizaria pois, seu funcionamento, é eficiente justamente porque se espraia. Poder significa relações que operam dentro de “uma rede mais ou menos organizada, hierarquizada, coordenada”. O poder, nesta perspectiva, não antagoniza dominantes e dominados, mas os “agoniza”, os coloca em permanente embate. As polaridades são, de fato, complementaridades, propõe Jacques Derrida. Essa operação discursiva permite que se naturalizem diferenças a partir da articulação de pares de oposição como simples negação das diferenças entre os polos do dualismo e não como parte de um mesmo sistema, no qual o hegemônico só se constrói em uma oposição necessária a algo inferiorizado e subordinado.

Nos anos 70, com o movimento feminista e os estudos de mulheres prosseguindo a todo vapor, e com homens do movimento e dos estudos gays insistindo que os homens heterossexuais eram todos candidatos à liberação, a hegemonia das ideologias binárias/da dominação masculina se viu sob séria contestação. No âmbito universitário e em outros espaços da classe média, formaram-se coletivos de homens dedicados à reflexão sobre sua própria experiência no patriarcado, que assumiram as críticas e reconheceram como seus os hábitos masculinos de dominação e desvalorização. Segundo os participantes, havia sentimentos de muita culpa; como no feminismo, havia discordância e conflito. (Giffin, 2005, p. 49)

A culpa tendeu a discursos vitimários, logo problematizados, sobretudo por teóricos/ativistas gays que mostravam que muitos homens estavam confortáveis no modelo hegemônico, o qual, nos Estados Unidos, Michel Kimmel chamou de “masculinidade compulsiva”. Beligerante, violenta e colonizadora, a masculinidade compulsiva representava o próprio projeto de nação daquele país. “Porque os homens americanos nunca estão seguros da nossa masculinidade, sempre inquietos, eternamente ansiosos, incessantemente competitivos” (Kimmel apud Griffin, 2005, p. 50).

Trinta anos e muitas milhas separam as análises de Kimmel de meu campo de pesquisa no Brasil contemporâneo, conectado e atravessado pelos debates de gênero, sexualidade, raça e diferenças. Porém, o que se evidenciou nas tantas interlocuções digitais foram inseguranças frente a exigências femininas referente a outros modelos de masculinidades que possam prover relações mais igualitárias no campo doméstico e mais segurança emocional para as mulheres. Além disso, como discutirei mais à frente, meus interlocutores têm dialogado e negociado afetos com mulheres mais escolarizadas (às vezes com mais anos de estudos que eles próprios), com perspectivas profissionais que as levam a adiar ou recusar a maternidade ou, ainda, investir na carreira sem abrir mão de ser mãe, fazendo com que sejam pessoas que aprendem, não sem esforços, a articular diferentes esferas da vida e que se tornam mais exigentes em relação a possíveis companheiros sexuais/amorosos, pois pretendem que estes valorizem esses esforços oferecendo suporte prático e emocional para elas.

Maria Jardim e Paulo José Moura (2017) trazem exemplos dessas exigências femininas colhidos nas interações com mulheres que participam de um grupo no *Facebook* intitulado “Mulheres Empoderadas”⁹⁷, o qual versa sobre como podem entender melhor a mente masculina, evitar envolvimento online decepcionantes e conquistar um amor, sobretudo, com uso de aplicativos.

“Perdi o interesse porque descobri [pelo Facebook] que ele estava desempregado (...), [é] complicado assumir alguém nessa situação” (Viviane, professora ensino fundamental, 29 anos); ou ainda questões de ordem cultural: “não é preconceito não, mas nos dias de hoje, uma pessoa que não terminou o ensino médio, não dá, e ele não tinha concluído” (Maria, 27 anos, personal trainer); “Não posso levar para minha casa qualquer um, tenho dois filhos. Preciso de alguém que pelo menos não fale “Pra mim fazer”. Tinha vergonha de apresentar ele para meus amigos e filhos” (Jeanne, funcionária pública, 49 anos); “quero um namorado, mas não tenho urgência. Quero uma referência para meus filhos. Não pode ser qualquer um; ele nem falava o português direito” (Salete, 41 anos, viúva, dona de casa); “Bloqueei ele (...) só postava coisas sobre a bíblia. Acredito em Deus, mas não frequento igreja e acho meio pesado focar só numa coisa” (Carla, 23 anos, faxineira terceirizada em uma

⁹⁷ Para maiores informações sobre a página ver Jardim & Moura, 2017.

universidade pública); “descobri que ele era preconceituoso e homofóbico pelas publicações no Facebook” (Laine, 25, estudante de Medicina Veterinária). (Jardim & Moura, 2017, p. 181)

Diante disso, muitos de meus interlocutores mostraram-se inquietos quando cobrados por reproduzirem comportamentos qualificados como machistas e que, até há bem pouco tempo, pareciam apenas “coisas de homem”. Mais que isso, eram atitudes até mesmo requeridas no universo da paquera. No presente, questionados por mulheres com as quais têm ou tiveram relações distintas (amorosa, familiares, sexuais, profissionais), mostram-se, por vezes, ansiosos frente a essas reconfigurações.

“A empresa [trata-se de uma agência pública no campo da cultura] tem investido numa política de valorização das profissionais mulheres. Ai, outro dia, a gente estava numa reunião com a gerente do [nome do setor] e ela foi enfática em dizer que estava compondo um staff feminino. E aí uma delas diz assim ‘ainda bem! Tem de ser assim mesmo’. Eu e um outro colega nos olhamos assim, sabe, meio no deboche. Não porque eu não ache que tenha que ter esse tipo de política, mas daí a virar uma coisa de recusa aos homens, já acho que é um radicalismo. As mulheres estão usando mal os instrumentos masculinos que elas sempre criticaram”.

A avaliação é de Mike, 53 anos, descasado no momento, funcionário público de nível superior. Crítico, ele afirma que reconhece os privilégios usufruídos como homem, mas em nossas muitas conversas, parece-me que essas mudanças estruturais, pessoais e subjetivas o desafiam e, por vezes, articulam-se em recusas a comportamentos femininos que expressam essas reconfigurações que parecem “virilizar” mulheres de uma forma, se não errônea, pouco eficiente, segundo meu interlocutor.

Connell identifica o que considera serem as tendências atuais de mudança nas estruturas de relações de gênero: nas relações de produção, o aumento da participação feminina na força de trabalho remunerada; nas relações de poder, a evidência mais visível seria... o colapso histórico da legitimidade do poder patriarcal, e um movimento global pela emancipação de

mulheres (ibidem); nas relações de catexia, a visibilidade da sexualidade gay e lésbica como alternativas na ordem heterossexual. Argumenta que a escala da violência contemporânea indica tendências à crise na ordem de gênero, mas alerta que tais tendências não levam necessariamente ao desmonte, e podem até provocar tentativas de reforçar uma masculinidade dominante (Giffin, 2005, p. 54).

Nessas reinscrições histórias, passada um pouco mais de uma década desde as observações de Connell, citada por Giffin, estamos novamente às voltas com questionamentos e recusas sobre o lugar social e político das relações de gênero, recusas a avanços e reafirmações de modelos de masculinidades que pareciam ter perdido seu lugar de incontestável domínio. A internet tem possibilitado que essas inflexões sejam mais visíveis e que as contestações sejam replicadas e comentadas em interações por vezes raivosas e polarizadas. “Aquilo que antes era blindado pelos pudores de expressar-se publicamente passa a ter lugar nas páginas pessoais ou nos comentários de páginas da internet”. (Vencato, 2017, p. 817)

O debate sobre o gênero e as sexualidades tem se entrelaçado nesse contexto dando voz e visibilidade a novos sujeitos políticos, assim como tem revitalizado e criado novas tensões. Isso pode ser visto através dos posicionamentos divergentes acerca de questões diversas, que vão desde a política praticada pelo Estado, passando pelos “direitos das minorias” e alcançando embates sobre questões que são frequentemente associadas ao reino do “privado” (Idem, p. 813).

A autora coloca a palavra “privado” entre aspas, assumindo o que há décadas as feministas têm discutido como sendo assuntos da esfera pública, muitas vezes regulados pelo Estado: a sexualidade e as relações de gênero. As mídias, volto a sublinhar, têm exercido papel crucial nesses debates nos quais amor, política, sexualidade e gênero se implicam. Nas ruas e na televisão aberta, passou-se a se discutir mais sobre (homo)sexualidades; cresceu o número de manifestações a favor dos direitos e visibilidade positivada de gays, lésbicas, travestis, transexuais e bissexuais. Até mesmo em meios de comunicação tidos como conservadores a mudança de abordagem editorial

para esses temas torna-se crítica aos discursos que reiteram violência contra as sexualidades e gêneros dissidentes da norma heterossexual. O *Fantástico – a revista eletrônica da família brasileira*, veiculado aos domingos à noite pela Rede Globo de Televisão, apresentou, em novembro 2010, uma série de reportagens denunciatórias dos preconceitos presentes no cotidiano nacional. A série se inicia com matéria que mostra o ataque a quatro jovens gays na avenida Paulista, na capital do estado.

O tom da narrativa da notícia foi claramente condenatório, classificando o ato como covarde e preconceituoso. Na semana seguinte, o *Fantástico* iniciou sua edição fazendo correr na tela em grandes caracteres vermelhos a palavra “intolerância”, enquanto, em off [narrativa de fundo] o locutor repetia: “Intolerância!”. A trilha dramática amarra a sequência de imagens que ampliam o escopo da narrativa. Em *takes* rápidos vê-se cenas dos fatos que irão compor a reportagem: ataques a rapazes gays, pessoas negras e estrangeiras (Ferraz & Pelúcio, 2012, p. 02).

A âncora do Programa à época, Patrícia Poeta, dialoga diretamente com a audiência, usando termos que serão cada vez mais incorporados ao vocabulário comum como “homofobia”, emprestando-lhe sentido negativo e colocando-se contra um conjunto de atos violentos motivados por preconceitos sexuais e de gênero. Paralelamente a essa visibilização positiva, ainda que feita pelo viés vitimizador, assistimos também nas grandes redes de televisão aberta a matérias sobre a chamada “Parada Gay”. As paradas da diversidade cresceram como manifestação política e festiva (Jesus, 2010) e espalharam-se pelo país, fomentando debates, protestos externos e também internos, repercutindo nas mídias massivas e pós-massivas⁹⁸.

⁹⁸ “A Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais – ABGLT fez uma estimativa de que, no ano de 2008, ocorreram no Brasil mais de 195 (cento e noventa e cinco) paradas do orgulho LGBT, do dia 8 de fevereiro até o dia 31 de dezembro, em todas as Unidades da Federação. De acordo com a Associação da Parada do Orgulho de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais de São Paulo – APOGLBT (2008), a parada do orgulho LGBT de São Paulo, realizada em 28 de maio do referido ano, com o tema —Homofobia mata! Por um Estado laico de fato!, reuniu 3,4 milhões de pessoas” (Jesus, 2010, p. 56). Em 2017, segundo o site G1, a Parada de São Paulo, capital, reuniu 3 milhões de pessoas e teve como mote o tema “Diretas Já”. (<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/com-19-trios-eletricos-parada-gay-reune-multidao-em-sp.ghtml>)

Em 2006 passa a ser ofertado pelo Estado o curso Gênero e Diversidade na Escola (GDE), por meio da “articulação entre diversos ministérios resultado de uma articulação entre diversos ministérios (Secretaria Especial de Políticas para Mulheres, Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial e o Ministério da Educação), o Conselho Britânico (órgão do Reino Unido atuante na área de Direitos Humanos, Educação e Cultura) e o Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM/IMS/UERJ)” (Disponível em: portal.mec.gov.br/arquivos/redediversidade/pdfs/gde.pdf).

O GDE visou

[d]esenvolver a capacidade dos/as professores/as da Educação Básica da rede pública de compreender e posicionar-se diante das transformações políticas, econômicas e socioculturais que requerem o reconhecimento e o respeito à diversidade sociocultural do povo brasileiro e dos povos de todo o mundo – o reconhecimento de que negros e negras, índios e índias, mulheres e homossexuais, dentre outros grupos discriminados, devem ser respeitados/as em suas identidades, diferenças e especificidades, porque tal respeito é um direito social inalienável (Disponível em: portal.mec.gov.br/arquivos/redediversidade/pdfs/gde.pdf).

Iniciamos o milênio com esse cenário efervescente, no qual gênero e sexualidade começam a ocupar diversas arenas como temas sociais relevantes. No momento da escrita desta tese, vivíamos uma inflexão conservadora, com polarizações e tensões graves que passaram a comprometer os avanços pontuados acima. Processo agudizado após o impeachment da presidenta Dilma Rousseff, em 31 de agosto de 2016⁹⁹, o que tem deixado alguns setores conservadores muito à vontade para se posicionar violentamente contrários a, por exemplo, discussões feministas.

Finalizei o trabalho de campo em meio esses retrocessos, mas em cenário no qual as mudanças pareciam ainda mais relevantes para os afetos da onda reacionária que se seguiu. Desta forma, a maioria dos homens que colaborou comigo reconhecia os efeitos

⁹⁹ “Com o processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff, uma das primeiras ações do presidente Michel Temer, até então interino, foi a extinção e criação de alguns ministérios, o Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos foi um dos extintos, posteriormente foi criado o Ministério dos Direitos Humanos abarcando as pastas do ministério até então suprimido” (Silva, 2017, p. 41).

dos câmbios sociais e culturais, identificava o crescimento das lutas feministas e empoderamento das mulheres, mas também assumiam que, mesmo nessa cena ainda é mais vantajoso ser homem. Talvez, por isso, muitos se mostraram reticentes quando falamos em feminismo, em posturas feministas, diretos da mulher, protagonismo feminino. Vigiar privilégios adquiridos nem sempre é uma ação consciente, mas nunca é inocente. O que meus dados mostram é que mesmo com toda a reflexibilidade¹⁰⁰ característica do presente, há resistências que aparecem assentadas na tradicionalidade quando se fala em relações de gênero. Meus interlocutores raramente assumiram esse aspecto tradicional mobilizando valores que referendam modelos antigos de feminilidade como os religiosos, por exemplo. Preferem Darwin a Deus. Partem, mas frequentemente, para o pseudocientificismo de uma fisiologia específica que marca os gêneros e se fundamenta nas vias microscópicas do cérebro e na invisibilidade dos hormônios. Vão para as essencializações mitigando os efeitos sociais, políticos e culturais que têm moldado as relações de gênero. Não consideram, via de regra, que o “sofrimento emocional” que experimentam ou que aparece manifesto nas queixas das mulheres com quem se envolvem ou já se envolveram, “se relaciona, de um modo complexo, com a organização do poder político-econômico” (Illouz, 2012, p. 311) e que este passa pelas formas como organizamos as relações de gênero e sexualidade.

Parafraseando Pietro, meu colaborador filósofo, a sociedade brasileira está “meio assustada com tudo isso”. O fato é que os sentidos mais prismáticos dos gêneros e as contestações sobre a forma de experienciá-los, mesmo na estreita moldura dos binarismos, tem proporcionado um novo vocabulário para o senso comum, de forma que os homens com os quais interagi também têm se sentido convocados a refletir, de maneira mais ou menos consciente, o “ser homem”. Quase todos os sujeitos com os quais mantive interações mais consistentes e prolongadas mostraram-se atentos à forma de performar essa experiência a partir de valores tradicionais como “honra”, “força”, “dominação”, “trabalho provedor”, relativizados em suas falas, quando consideram que mulheres também tem acionado esses atributos nas relações cotidianas. Mesmo sem abandonarem de todo aqueles princípios historicamente associados à masculinidade, outros valores

¹⁰⁰ Conceito cunhado por Anthony Giddens, para quem as consequências da modernidade nos colocaram frente a recusas relativas às tradições modernas, as mesmas que produziram um rico cabedal conceitual e discursivo que passou a nos constituir. Neste sentido a reflexividade seria institucional, “por fazer parte da atividade social na atualidade, reflexiva porque os termos introduzidos por determinado discurso acabam por transformar a realidade na qual o próprio discurso é formado; isto traz ao sujeito a possibilidade de escolher e decidir quanto aos rumos de seu cotidiano, consumo, sexualidade, etc.. (Paixão et al., 2004, p.93)

parecem atravessar as experiências tateantes desses homens frente às mudanças do presente. A maneira como os sujeitos com os quais mantive contato manipulam as tecnologias em relação a seus afetos e desejos deixa transparecer tentativas de lidar de forma mais consistente com as expressões do feminino resultantes da primeira fase da revolução sexual¹⁰¹, examinando em si próprios os sentidos da masculinidade, sobretudo daquela que temos adjetivado como hegemônica.

O que aqueles homens me ofereceram em seus relatos reflete o aprendizado tateante em lidarem com transformações sociais e culturais que temos experimentado há pelo menos 50 anos e intensificadas nos últimos 20, como procurei mostrar, ainda que de forma impressionista. Desde os anos de 1960 temos vivido em nossas vidas privadas os efeitos políticos das lutas feministas e das transformações nas relações de gênero, impactando a maneira como vamos moldando nossos desejos e expectativas sexuais e amorosas. Some-se a essas transformações a significativa politização, no cenário nacional recente, dos temas relativos às sexualidades que se expressam fora dos marcos da heterossexualidade, bem como uma inflexão das discussões sobre gênero. Esses debates têm oferecido outras percepções e termos para se falar de intimidade, corpos e desejos, assim como têm nos obrigado a pensar em diferentes arranjos domésticos e de relacionamentos afetivos/sexuais. Os homens com os quais mantive contato estão se dando conta, não sem resistência da parte de muitos deles, de que precisam viver, trabalhar, divertirem-se, amar em uma sociedade na qual práticas e teorias feministas voltam a ter expressão. Deparam-se com elas em seus perfis pessoais no *Facebook*, a partir de comentários nem sempre bem-vindos feitos por amigas e/ou colegas de trabalho; nos grupos de famílias ou de colegas no *WhatsApp*; em matérias e reportagens veiculadas nas mídias massivas ou simplesmente, como constatou Pietro, flertando em um aplicativo.

“Há uma consciência gradualmente crescente sobre a possibilidade de mudanças nas relações de gênero”, escrevia Connell (1995, p. 186) há mais de duas décadas, referindo-se a outros cenários e contextos, porém, a observação se aplica ao presente.

¹⁰¹ Penso, como Miskolci (2017, p. 56) que “[a] Revolução Sexual, impulsionada pela separação entre sexo e reprodução assim como demandas feministas e homossexuais pelo direito ao prazer, é uma inflexão histórica - ainda em andamento - baseada na transformação comportamental e na luta pela igualdade de gênero. Sua principal marca foi a politização do privado, ou seja, o reconhecimento do caráter social e histórico da intimidade – a vida pessoal, afetiva e sexual - esfera que passa a ser vista como campo de batalha por igualdade, reconhecimento e segurança. A disseminação de tecnologias de comunicação contribuiu para essas mudanças, a começar pela dessacralização do lar permitida pelo uso do telefone e da televisão. Programas de TV trouxeram o mundo para dentro de casa assim como o telefone tornou o contato interpessoal mais frequente e individualizado. A individualização caminhou junto com o sentimento de agência e das transformações culturais que afirmaram o caráter político do pessoal e íntimo”. Proponho que estamos vivendo uma outra fase daquele projeto revolucionário como será discutido no **capítulo IV**.

Após a inflexão conservadora suscitada pelo pânico social da aids, entramos no novo século (refiro-me especificamente à sociedade brasileira) mais cientes da dimensão política de temas considerados de fórum íntimo. Percepção que foi provocada, em grande parte, pelos movimentos identitários de mulheres, gays, lésbicas e negros/as, como também pelo tenso e profícuo diálogo destes com a reflexão intelectual.

Retomo neste ponto algumas discussões/revisões bibliográficas acerca da constituição dos Estudos sobre masculinidades na perspectiva das Ciências Sociais, no Brasil, campo estreitamente relacionado e impulsionado pelos debates feministas e gays tanto em nível acadêmico como na organização de movimentos sociais (Connell, 1995; Oliveira, 1998; Garcia, 1998; Medrado, 2008). Sem pretensão de se apresentar de forma exhaustiva e pormenorizada toda essa literatura, antecipo as desculpas pelas possíveis omissões e ligeiras apresentações. Início pensando com o *corpus* feminista para, em seguida tomar a categoria gênero como norteadora para os estudos de masculinidades no Brasil.

Os feminismos são bons para pensar

Como constataam diversos estudos,

[o]s movimentos feminista e gay, ao realizarem um exame crítico sobre as relações de poder e hierarquia existentes entre homens e mulheres, exigem uma nova reflexão teórica (a utilização de gênero como categoria analítica) sobre as identidades sexuais, colocando o tema masculinidade na agenda científica (Batista, 2003, p. 210).

Se “a tendência de deixar intocado o homem” vinha sendo revertida em meados dos anos de 1970 em países como Estados Unidos, duas décadas depois esta disposição também se dava no Brasil (Heilborn e Carrara, 1998, p. 272). Maria Luiza Heilborn e Sérgio Carrara fazem este diagnóstico em 1998, quando organizam o dossiê “Masculinidades”, publicado na *Revista Estudos Feministas*. No mesmo ano, Pierre Bourdieu publica seu polêmico, mas influente, *A Dominação Masculina* (2003 [1998]). “A dominação masculina, de Bourdieu, para Welzer-Lang, supõe dois acontecimentos

políticos de importância. O primeiro, a ausência de referência a grandes teóricas feministas que haviam configurado o campo que permitiu Bourdieu escrever seu livro” (Climaco, 2008, pp. 439-440). Crítica semelhante a feita por Mariza Correa (1999), no ano seguinte ao lançamento do livro na França. Correa aponta ainda as reiteraões à lógica binária ocidental empregadas por Bourdieu para analisar a sociedade Cabila, arriscando universalismos que as epistemologias feministas vinham enfrentando de forma crítica.

A epistemologia feminista gestada nos anos de 1970 já apontara o campo científico como um território masculino, não neutro, no qual o homem (no singular) era tomado como “o referente implícito” dos discursos com status de ciência. O sujeito centrado do conhecimento iluminista, branco, heterossexual e masculinista era, então, posto em xeque pelas formulações que reivindicavam um lugar de fala e ressaltavam a importância político-epistemológica de um “saber localizado” (Haraway, 1995). A ciência não é produzida na neutralidade fria dos/das cientistas, mas em espaço nos quais múltiplas teias de desigualdades e enfrentamentos são tecidas e negociadas.

A produção local corre paralela à internacional¹⁰². Autores britânicos que compõem a coletânea *Men, Masculinities & Social Theory*, publicada em 1990, dois anos após o evento no qual as masculinidades foram o tema motor, assumem que as propostas epistemológicas feministas constituíram o ponto de partida para um exame crítico das masculinidades. Margareth Arilha e colaboradorxs (1998) registram que se pode organizar este campo, pelo menos em seu início, dividindo-o entre autores que reconhecem essas contribuições e aqueles que apostam em um campo autônomo de elaboração. Assumo a primeira proposta, ou seja, me afino com as discussões teóricas que tomam os debates feministas como aqueles que provocam, informam e impulsionam os estudos sobre masculinidades. Tendo ainda a concordar com Arilha, Ridenti e Medrado (1998) quando reconhecem que se houve claras contribuições das práticas e teorias feministas para as questões relativas às masculinidades, estas, por outro lado, tenderam a nublar as nascentes pesquisas sobre homens, iniciadas internacionalmente já nos anos de 1970¹⁰³. De qualquer forma é preciso reconhecer que “a história política de feministas, gays e lésbicas tem uma influência direta na forma como as ideias sobre masculinidade

¹⁰² Registre a publicação do dossiê organizado por Heilborn e Carrara, acrescento que, em 2001, é realizado no Recife, evento sobre “Masculinidade organizado pelo CENAP em parceria com o FAGES (UFPE)”, registra Miriam Grossi em apresentação de artigo-síntese de sua participação (Grossi, 2004a), assim como a organização da coletânea publicada também 1998 por Arilha, Ridenti, Medrado.

¹⁰³ Para uma revisão histórica desta produção em países anglo-saxões ver a coletânea *Men, Masculinities & Social Theory* organizada por Jeff Hearn e David Morgan (1990).

se constituíram ao longo das últimas décadas, bem como na definição do conceito de contemporâneo de masculinidade”. (Arihla, Ridenti, Medrado, 1998, p. 17).

Nesse intuito de conceituar masculinidades, a produção de R. Connell é incontornável. Em um de seus textos mais citados, está proposta, mais que uma definição, um caminho para trabalharmos sócioantropologicamente com o termo. Connell sugere que,

[a]o invés de tentar definir a masculinidade como um objeto (um tipo natural de caráter, uma média comportamental, uma norma) nós precisamos focar nos processos e relações através dos quais homens e mulheres conduzem vidas generificadas. “Masculinidade”, na medida em que o termo pode ser brevemente definido, é simultaneamente um lugar em relações de gênero, práticas através das quais homens e mulheres envolvem este lugar em gênero e os efeitos dessas práticas na experiência corporal, na personalidade e na cultura (Connell, 2003, p. 36)¹⁰⁴.

Gênero relaciona-se com o corpo, em sua dimensão política e social, mais do que a meramente biológica. Ainda assim, “não devemos temer a biologia, nem devemos ser tão refinados ou engenhosos em nossa teorização do gênero que não tenhamos lugar para corpos suados” (Connell, 1995, pp. 188-189). Os corpos generificados constituem subjetividades que, por sua vez, encontram na cultura seu campo de inteligibilidade e significação. Na definição proposta por Connell gênero é, como já havia sugerido Joan Scott (1990), operador de poder e de ordenação de hierarquias nas relações sociais. “Parte significativa da atração exercida” pelo conceito de gênero, discute Adriana Piscitelli, vem da sua força epistemológica. “Através da utilização desse conceito, algumas autoras, inclusive, consideraram possível desestabilizar as tradições de pensamento (Piscitelli, 2002, p. 07).

Para Margareth Rago (1998, p. 25),

¹⁰⁴ No original: “En lugar de intentar definir la masculinidad como un objeto (un carácter de tipo natural, una conducta promedio, una norma), necesitamos centrarnos en los procesos y relaciones por medio de los cuales los hombres y mujeres llevan vidas imbuidas en el género. La masculinidad, si se puede definir brevemente, es al mismo tiempo la posición en las relaciones de género, las prácticas por las cuales los hombres y mujeres se comprometen en esa posición de género, y los efectos de estas prácticas en la experiencia corporal, en la personalidad y en la cultura”

[o] feminismo não apenas tem produzido uma crítica contundente ao modo dominante de produção do conhecimento científico, como também propõe um modo alternativo de operação e articulação nesta esfera. Além disso, se consideramos que as mulheres trazem uma experiência histórica e cultural diferenciada da masculina, ao menos até o presente, uma experiência que várias já classificaram como das margens, da construção miúda, da gestão do detalhe, que se expressa na busca de uma nova linguagem, ou na produção de um contradiscurso, é inegável que uma profunda mutação vem-se processando também na produção do conhecimento científico.

Nestas torções epistemológicas que o conceito de gênero tem provocado, destacam-se as contribuições de Judith Butler. Em seu primeiro texto publicado (1986), traduzido para o castelhano, Butler se apresentava como uma teórica pós-feminista, em diálogo direto com Simone de Beauvoir e, assim, com o que ela chamava de expoente máximo do projeto iluminista do feminismo. As fontes imediatas de Butler são Julia Irigaray, Anne Rich e Michel Foucault. Nesse diálogo crítico com estas duas autoras, irá se valer da ideia de um discurso falocêntrico que estrutura a mulher como um não sujeito, uma vez que o mesmo discurso coloca o masculino como o único sujeito possível e da obrigatoriedade da heterossexualidade e do caráter cultural do corpo, borrando, portanto, a dicotomia sexo/gênero (natureza/cultura; mulher/homem; corpo/mente). Butler propõe que sexo e gênero são contínuos, posto que o biológico não tem qualquer naturalidade, uma vez que o acesso a ele só pode se dar por meio da linguagem e da cultura.

Antes dela, os aportes mais potentes no campo dos estudos de gênero são, sem dúvida, os apresentados por Joan Scott (1990), trazendo contribuições fundamentais ao propor que gênero deveria ser tomado como categoria de análise. Este é um avanço epistemológico fundamental para os estudos de Mulheres, os quais já vinham mostrando não só a dimensão social e histórica do gênero, rechaçando determinismos biológicos, como sua associação com as estruturas de poder. Ao adotarem o termo gênero, feministas norte-americanas introduzem em nosso vocabulário analítico a dimensão relacional na/da constituição das feminilidades e masculinidades. Parece evidente hoje, mas na gênese dessas problematizações foi preciso sublinhar esse aspecto: para se pensar na opressão das mulheres em sua radicalidade era preciso pensar de forma relacional e, assim,

evidenciar as relações de poder que constituíam lugares sexados, generificados e hierarquizados.

“[...]Quando as teorias feministas forjam o conceito de ‘gênero’ nessa dimensão relacional (...) os estudos sobre homens e masculinidades como objeto de análises ganham maior ênfase” (Medrado e Lyra, 2008, p. 820). O rompimento das perspectivas essencialistas e binárias de constituição dos gêneros foram outras contribuições dos estudos feministas para os estudos sobre masculinidades.

No Brasil, desde a década de 1980, a matriz construcionista tem orientado as pesquisas no campo dos estudos de gênero e marcou, posteriormente, os estudos sobre sexualidades. O que não significa que estudos sexistas, que enfatizam (mesmo sem intencionalidade) binarismos excludentes, não tenham encontrado lugar. As críticas a essas abordagens, porém, surgem paralelamente à produção. Mesmo quando estas investigações estiveram centradas em aspectos reprodutivos e de saúde, temas que conheceram farta produção no Brasil (Scavone, 2001; Steves & Swain, 2008), muitos estudos estiveram mais afeitos a perspectivas não-reducionista e/ou biologizantes.

Rosely Costa

afirma que os estudos sobre masculinidades emergiram a partir do incentivo de agências financiadoras nacionais e internacionais, que, devido às preocupações com o controle de natalidade nos países em desenvolvimento, visavam a um maior conhecimento dos homens (Medrado e Lyra, 2008, p. 827).

Nesse marco, as propostas foucaultianas sobre discurso de saber e poder mostram-se potentes como referencial analítico. Michel Foucault inspira também os estudos queer, por meio dos quais a heterossexualidade passa a ser percebida como uma norma compulsória que deriva de um regime de verdades que fala tanto de sexualidade e gênero como de relações raciais, de classe, geração, estilos de condutividade e amor, a partir de múltiplos saberes que alcançam o poder de estabelecer sólidas dicotomias: normal/anormal; natureza/cultura; masculino/feminino. Numa frontal crítica a esses dualismos tem-se questionado o que de fato estamos investigando quando criamos um objeto como “masculinidades”. As masculinidades não são exatamente “coisas de homem” ou o avesso das feminilidades, mas “a criação de um sistema performativo, que vincula corpo com identidade, que sutura ideologia e subjetividade que obriga um desejo,

que reproduz distinções, separações e divisões. Um sistema de poder, um sistema semiótico, um sistema político”¹⁰⁵ (Parini, 2006, s/n).

A consolidação dos estudos de gênero e sexualidade como uma área de investigação se torna flagrante no Brasil em meados da década de 1980¹⁰⁶, com o surgimento da aids, quando as Ciências Sociais são convocadas a pensar a sexualidade para além dos marcos médicos e patologizantes¹⁰⁷. Crescem os estudos sobre “minorias”, ainda se pensando em tencionar categorias como “grupo de risco” e “comportamento de risco” provida pelo Epidemiologia. Produções críticas como a de Néstor Perlongher em seu pequeno, mas potente, *O Que é Aids* (1987), questionam fortemente o saber médico e sua vigília sobre o corpo e as práticas sexuais masculinas, especificamente de homens considerados gays/afeminados/homossexuais, assim como o próprio movimento homossexual internacional e brasileiro frente aos tímidos enfretamentos diante do caráter persecutório das ações preventivas. Nesta vaga surgiram estudos sobre a pauperização e feminilização da aids (Knauth, 1996), o que traz não só mulheres para o campo das investigações sócioantropológicas associadas à aids, mas também os homens heterossexuais (Leal, 2008; Knauth, 1998; Victora & Knauth, 1999). Passa-se a discutir gênero e sexualidade revisitando estudos produzidos no final dos anos de 1970 e início dos 80 e elaborando-se, a partir deles, novas categorias de análise, algumas marcadamente epidemiológicas como HSH (homens que fazem sexo com homens). Essas formulações geram vigorosos debates acadêmicos que informam, ao mesmo tempo em que são informados pelo movimento social das chamadas ONGs/Aids, de maneira que a produção de pesquisas na área dos estudos de gênero e sexualidade se avoluma e se qualifica. Resulta que iniciamos o século XXI dialogando com as teorias feministas em suas diferentes vertentes, retomando Foucault, nos familiarizando com a teoria queer¹⁰⁸ e incluindo na pauta teórica e política os direitos sexuais para além das questões relativas à saúde. Passamos a ter mais

¹⁰⁵ No original: “La creación de un sistema performativo, que vincula cuerpo con identidad, que sutura ideología y subjetividad, que obliga un deseo, que reproduce distinciones, separaciones y divisiones. Un sistema de poder, un sistema semiótico, un sistema político”.

¹⁰⁶ No Brasil vivemos, nos anos de 1980, com o recrudescimento da aids o esvaziamento do movimento homossexual, com forte migração dos e das ativistas para as ONGs/aids, as quais passaram a receber fomentos de organismo internacionais via Programa Nacional de DST/Aids, o que se reverteu no início do século XXI.

¹⁰⁷ Para uma revisão desses estudos consultar Grossi (2004) e Simões e Carrara (2014).

¹⁰⁸ Estou a considerar que a introdução da teoria queer no Brasil se deu em 1995, com a resenha de Karla Bessa, publicada nos Cadernos Pagu em 1995 sob o título de “Gender Trouble: outra perspectiva de compreensão do Gênero”. Para ver mais: Bessa, Karla e Martins, Adriana “Gender Trouble: outra perspectiva de compreensão do Gênero”, in Cadernos Pagu, Campinas, São Paulo, v. 4, 2005, p. 261-267. Vale consultar também a coletânea *Stonwall 40 + e o que no Brasil*, organizada por Leandro Colling (2011)

pesquisas sobre o que chamamos hoje de “pessoas trans”¹⁰⁹; apareceram mais pesquisas sobre sociabilidades, consumo, desejos e engajamento político de gays e lésbicas (Facchini; França e Braz, 2014).

Regina Fachini, Marcelo Daniliauskas e Ana Cláudia Pilon (2013, p. 182) fizeram minucioso levantamento e constataram que

[a]o final de 2011, era possível localizar 905 grupos cadastrados no Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil, do CNPq, nos quais termos como *gênero, mulher, feminismo, masculinidade, sexualidade, homossexualidade, homossexualismo, travestismo, transexualismo, travesti, queer, sexo, orientação sexual e educação sexual* estavam presentes seja no nome do grupo, nas linhas de pesquisa ou nas palavras-chave utilizadas, descartados os grupos nos quais gênero dizia respeito à taxonomia biológica ou a gênero literário¹¹⁰ (Ênfase original).

Porém, nas últimas décadas, os estudos sobre masculinidades têm se centrado mais nas homossexualidades masculinas do que nas heterossexuais¹¹¹, o que não

¹⁰⁹ Em 2003, Berenice Bento defende sua tese *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*, sobre o processo transexualizador, já discutindo com a teoria queer e partindo do ponto de vista das pessoas que buscavam o serviço no Brasil e Espanha. O trabalho virou livro e uma referência. Em 2005 Marcos Benedetti lança o livro *Toda Feita*, resultado de dissertação de mestrado defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Quatro anos depois Larissa Pelúcio lança *Abjeção e Desejo – uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids*, também resultado de tese (defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos). Juntos, organizaram em 2003, o Simpósio Temático no Seminário Internacional *Fazendo Gênero 7*, contando com 30 trabalhos apresentados, provenientes de diversas regiões do país e resultados de pesquisas realizadas em todos os níveis de formação. Antes disso, em 2002, Anna Paula Vencato defendeu dissertação de mestrado sobre *drag-queens*, em estudo pioneiro sobre o tema. A lista que se seguiu nessa vaga é longa, sob risco de deixar produções significativas de fora cito ainda: Barbosa (2010), Tiago Duque (2011), Jorge Leite Jr. (2011), Mario Carvalho (2011 e 2015), Flávia Teixeira (2012). No campo da Psicologia referencio a tese de Wiliam Siqueira Peres (2005), além dos estudos de Márcia Áran (2009), Tatiana Lionço (2009), Daniela Murta (2011) e Guilherme de Almeida e Murta (2013).

¹¹⁰ As autoras e autor observam: “Os grupos que incluem termos que remetem ao trabalho com gênero e com sexualidade estão majoritariamente concentrados na grande área das Ciências Humanas, sendo que predominam (em cerca de 2/3 desses grupos) abordagens mais próximas de perspectivas construcionistas”. (Facchini et al., 2013, p. 183)

¹¹¹ O surgimento da aids e o pânico sexual gerado por discursos diversos, sobretudo religiosos, médicos e midiáticos, justificaram investimentos de agências de fomento internacionais em pesquisas nas áreas das ciências humanas sobre práticas sexuais, prazeres e sociabilidade de homens gays. Quando, em meados dos anos de 1990, a mudança no perfil epidemiológico da epidemia ocorre, esse campo investigativo já estava consolidado no Brasil e havia derivado em estudos que iam além das questões relativas à aids. Entramos o novo milênio com o crescimento dos movimentos sociais de gênero e sexualidade, como o Estado encampando demandas provenientes destes setores e com a teoria queer aportando novos conceitos e perspectivas sobre as, agora, contestadas “identidades sexuais”. Considero que esse cenário tenha

significou que não se tenha produzido no campo das masculinidades. Entre meados dos anos de 1990 e início do novo século houve farta publicação de pesquisas sobre masculinidades que tomaram gênero como categoria importante de análise teórica.

A recente produção acadêmica que aborda a temática de gênero, enfocando especificamente a masculinidade, ganhou um grande impulso e uma ampliação para diversos focos discursivos. Os estudos sobre masculinidade, que antes eram mais restritos à sexualidade e reprodução, ganham terreno nos enfoques sobre o trabalho, a paternidade, a violência, dentre outros temas. Por outro lado, ganhou-se à medida que os trabalhos sobre masculinidade passaram a ser discutidos sob o ponto de vista relacional. Neste sentido, autoras e autores como Piscitelli (1998) Matos (2000a, 2000b), Giffin (2005), Medrado e Lyra (2008), para citarmos alguns nomes que, no Brasil, trouxeram importantes contribuições para a análise do processo de construção do campo de estudos sobre as masculinidades, apontam para aspectos bastante significativos a este campo de estudos. Dentre tais aspectos se destacam, sobretudo, a reflexão sobre a masculinidade em seu sentido plural e os estudos de gênero levando em consideração sua dimensão relacional (Souza, 2009, p. 138).

Boa parte desta produção foi gestada no campo das Ciências Sociais em estreito diálogo com a saúde. São referências à já citada coletânea organizada por Arilha, Ridenti e Medrado, em 1998; bem como às publicações organizadas por Regina Barbosa e Richard Parker (*Sexualidades Brasileiras*, 1998, e *Sexualidade pelo Averso*, 1999), livros que reúnem expressiva produção nacional e internacional sobre gênero, sexualidade, relações de poder, cuidados em saúde, nas quais as discussões sobre masculinidades tangenciam diversos artigos ou são o foco central das discussões, em franco diálogo com os estudos de gênero e a crescente produção local sobre sexualidades dissidentes.

Ainda no formato de coletânea, Mirian Goldenberg reúne, em 2000, seis artigos em *Os Novos Desejos: Das academias de musculação às agências de encontros*, nos

contribuído sensivelmente para a predominância desses estudos em detrimento daqueles sobre heterossexualidades.

quais as feminilidades e masculinidades são pensadas em cenários etnográficos urbanos, possibilitando que se problematize e visibilize permanências e mudanças relativas aos lugares sociais de gênero na contemporaneidade.

Na década seguinte seguem as produções de Marcia Couto e colaboradorxs (2009, 2010), Lilia Schraiber e colaboradorxs (2003, 2005), Romeu Gomes (2003, 2004, 2005), entre outras/os pesquisadorxs que abordam as questões relativas à saúde masculina a partir dos aportes das teorias de gênero de matriz construcionista, acionando-se categorias sóciopolíticas como “poder”, “desigualdade” e “iniquidade de gênero” (Schraiber; Gomes; Couto, 2005, p. 09) como termos importantes para se pensar masculinidades/saúde/relações de gênero/sexualidade/sociedade.

A violência torna-se também tema de atenção nos estudos de Fátima Regina Cecchetto (2004) sobre juventude e periferias, em abordagem crítica na qual “[a] autora recusa estereótipos que associam diretamente violência, masculinidade e pobreza ou o paradigma da sociobiologia, que não dá conta de explicar as múltiplas questões e manifestações da violência e das masculinidades”. (Nascimento, 2005, p. 260)

Também em 2004, Monica Schpun organiza a coletânea *Masculinidades e*

[j]á no título (...) deixa clara a forma de abordar a temática, ou seja, de forma plural e interdisciplinar. O livro reúne textos de pesquisadoras e pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento como antropologia, psicanálise, sociologia e história. Apesar de a autora não ter a pretensão de fazer um ‘estado da arte’ dos estudos sobre masculinidade, Mônica Schpun nos proporciona um contato com pesquisas produzidas no Brasil e no exterior (Machado, 2005, p. 196).

Dentre aquelas produzidas localmente estão os trabalhos da própria Schpun, Adriana Piscitelli e Lia Zanotta Machado. Em comum, todos os artigos tratam as masculinidades a partir de perspectiva informada pelos estudos feministas, considerando a dimensão relacional dos gêneros.

O ano de 2004 é profícuo em produções sobre masculinidades. Benedito Medrado e colaboradores organizam *Homens: tempos, práticas e vozes*, onde reúnem artigos apresentados em mesas-redondas durante o *II Seminário Internacional e I Seminário Norte-Nordeste* “Homens, sexualidade e reprodução: tempos, práticas e vozes”

(PAPAI/UFPE/UNICAMP), ocorridos no Recife, em 2013. Processos de socialização, questões associadas à saúde reprodutiva e à aids são algumas das entradas para as discussões que alicerçam os textos da coletânea de caráter multidisciplinar e com franco diálogo com os estudos de gênero.

O falo como elemento simbólico que estrutura as masculinidades (associadas ao corpo de homens com pênis) aparece nas produções de Sócrates Nolasco (1993), Durval Muniz de Albuquerque (2003) e Pedro Paulo de Oliveira (2004). De inspirações teóricas diversas, procuram em comum, pluralizar o sentido do “ser homem”, interseccionando, nem sempre de forma evidente, gênero, classe, regionalidades em perspectivas que dialogam com a Sociologia Clássica, com a História e flertando com os estudos feministas

Diferentemente de estudos que se iniciaram no final da década de 1980¹¹², a tendência de pensar em “crise de masculinidade” foi sendo diluída nas produções citadas. Ainda que, segundo Márcio Ferreira de Souza (2009, p. 133),

[m]uitos dos autores e autoras que refletiram inicialmente sobre as masculinidades no Brasil desenvolveram suas argumentações a partir de uma noção de crise dos homens como uma crise de um padrão de masculinidade hegemônica, o qual lhes sobrecarregava com o peso da masculinidade. Esta preocupação, ainda que contestável, foi de grande importância para incentivar a reflexão sobre a construção social da masculinidade no Brasil. Luis Cuchinir (1992), Siloé Pereira Neves (1987), Roseli Buffon (1993), Maria Isabel Mendes de Almeida (1996), Sócrates Nolasco (1995a 1995b), Mirian Goldenberg (1991; 1992) e João Silvério Trevisan (1998) são algumas das referências que pensaram a crise do masculino no Brasil. Mas, os personagens que protagonizaram o cenário desta crise foram os homens das classes médias mais intelectualizadas, inseridos numa lógica individualista de cunho fortemente psicologizante (LISBOA, 1998, p. 132).

Mais recentemente, a produção reunida pelo Instituto PAPAI¹¹³ é expressiva, aportando contribuições para o campo da saúde reprodutiva e das relações de gênero,

¹¹² Refiro-me, por exemplo, à coletânea *Macho Masculino-Homem: a sexualidade, o machismo e a crise da identidade do homem brasileiro*, organizada por Moacir Costa e publicada em 1986 como obra resultante das reflexões suscitadas no “Simpósio do Homem”, realizado em 1985, na cidade de São Paulo.

¹¹³ Fundado em 1997, no Recife, alicerçado conceitualmente nos estudos de gênero, “[o] Instituto PAPAI é uma ONG que atua com base em princípios feministas e defende a ideia de que uma sociedade justa é

atualizando o debate a partir da articulação com diferentes marcadores sociais da diferença, assim como a coletânea organiza por Romeu Gomes, *Saúde do Homem em Debate*, e publicada em 2011. Merece menção a publicação de *Masculinidades: teoria, crítica e artes*, organizado por Fernando Pentead e José Gatti (2011), por sua proposta guiada no pós-estruturalismo e inspirações nos estudos queer, sinalizando a influência dessas vertentes para o campo das Artes.

Destaco, ainda, o livro de Richard Miskolci *O Desejo da Nação - masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX* (2012), uma abordagem histórica, em diálogo com os estudos culturais e queer sobre a formação das masculinidades pretendidas como modelares para o projeto brasileiro de modernização republicana.

Em 2015 César Franco defende sua dissertação de mestrado sobre masculinidades, constituição de subjetividades por meio do uso de uma plataforma digital que pretende ajudar rapazes a se tornarem “artistas da sedução”. Suas análises estão bastante informadas pelos estudos feministas, de masculinidades e queer, o que torna esse trabalho digno de nota, uma vez que ainda são poucas as pesquisas que, ao trabalharem com as mídias digitais, centram-se nas masculinidades heterossexuais e, ainda assim, dialogam com os estudos queer.

Pesquisas que inserem as masculinidades de homens transexuais também buscaram nos estudos queer bases conceituais e teóricas. São pioneiras as pesquisas de Simone Ávila (2014). A teoria queer passa a alicerçar os estudos de gênero no Brasil de forma mais flagrante a partir de meados da primeira década deste século¹¹⁴, ainda que poucas destas produções se dediquem às masculinidades heterossexuais. Surgem, porém, estudos sobre masculinidades lésbicas (Lacombe, 2007) inspirados nas teorizações de Jack Halberstham, que articula o conceito de masculinidades femininas (1998) e algumas poucas pesquisas sobre bissexualidade e masculinidades (Santos Filho, 2012).

Como Miguel Vale de Almeida (1996, p. 163) sublinha, quero também salientar que nesta tese trabalho com

aquela em que homens e mulheres têm os mesmos direitos. Assim sendo, consideramos fundamental o envolvimento dos homens nas questões relativas à sexualidade e à reprodução. Nosso objetivo é promover a desconstrução do machismo e a revisão dos sentidos da masculinidade e dos processos de socialização masculina em nossa sociedade. Nossas ações buscam, portanto, contribuir para a implementação de políticas públicas que visem ao envolvimento dos homens e dos jovens na construção de novas práticas que busquem a superação de diferentes barreiras individuais, institucionais, culturais e ideológicas, no intuito de garantir e ampliar o exercício dos direitos sexuais e dos direitos reprodutivos, com justiça social”. (http://www.papai.org.br/antigo/conteudo/view?ID_CONTEUDO=537)

¹¹⁴ Em 2000, Marko Monteiro defende sua dissertação de mestrado intitulada *Masculinidades em revista: um estudo da VIP Exame, Sui Generis e Homens*, na qual já discute com a teoria queer, mas em capítulo dedicado às revistas masculinas voltadas para o público gay.

"masculinidade dos homens". Quando recorro a esta última opção, faço-o justamente para analisar a complexa relação entre homens concretos e masculinidade. Partindo da noção de que a masculinidade seria um fenómeno do nível discursivo e do discurso enquanto prática (Foucault 1972: 49) e que constituiria um campo de disputa de valores morais, em que a distância entre o que se diz e o que se faz é grande,

como espero mostrar nos capítulos subsequentes.

Ainda sobre a produção nacional mais recente sobre masculinidade(s), em busca na plataforma científica *Scielo*, apareceram 129 artigos que respondem à busca por estas palavras-chave (“masculinidade”/“masculinidades”). Ative-me àqueles publicados entre 2007 e 2017, em periódicos nacionais e que trabalham com a categoria gênero. Entre estes, a maior parte ainda é composta por textos que dialogam com o campo da saúde ou vice-versa, produzidos por pesquisadores/as do campo da saúde que tomam a literatura sobre gênero, as teorias feministas e estudos de sexualidades como referentes centrais para análises.

Nesta mesma pesquisa, curiosamente, apareceram apenas dois artigos¹¹⁵ que trazem a expressão conceitual “masculinidade hegemônica” em suas palavras-chave. Diferentemente dos achados de Connell e Messerschmidt (2013) que, em artigo de revisão do conceito, mostram que em duas décadas desde que o termo foi cunhado, foi possível mapear mais de 200 trabalhos que incorporam a contribuição teórico-conceitual de Connell.

Hegemonias e masculinidades

O conceito de masculinidade hegemônica é cunhado por R. Connell, em 1987. A própria socióloga conta sobre a gênese do conceito em entrevista a Cristiano Rodrigues, Darlane Silva Vieira Andrade e Maíra Kubik Mano:

¹¹⁵ Um dos artigos trata da constituição de masculinidades em elites chilenas; o outro é o próprio artigo de Connell e Messerschmidt, no qual procuram rever o conceito e valida-lo heurísticamente. Ambos os textos já estão contemplados entre os 129 artigos referidos na busca com as palavras-chave “Masculinidade/Masculinidades/Masculinidade/Hegemônica/MasculinidadesHegemônicas/Masculinidad e e Gênero”.

O conceito de masculinidade hegemônica dizia respeito a grupos que detinham privilégio em relações de gênero, particularmente homens heterossexuais, mas, também, enfatizava seu relacionamento coletivo com outros grupos. O conceito se refere a uma posição de centralidade ou autoridade que um dado grupo mantém nas relações de gênero. A masculinidade construída em torno desta posição central de autoridade existe em relação a outros tipos de masculinidade. Ela também existe em relação a tipos de feminilidade, um aspecto que é frequentemente esquecido nas discussões sobre masculinidade. A ideia de masculinidade hegemônica diz respeito à estrutura da ordem de gênero como um todo. Foi desta maneira que o conceito surgiu em meu livro *Gender and Power* (2015, pp. 47-48).

Apesar de “ser um conceito contestado”, como escrevem Connell e Messerschmidt (2013, p. 242), pensar em hegemonias e masculinidades ainda me parece um caminho bastante potente e profícuo¹¹⁶. Demorar-me-ei um pouco nessa discussão.

Os homens com os quais interagi se assumiam todos como heterossexuais e, pelo menos textualmente, exerciam uma visão deslizante sobre masculinidades. Ora as afirmações traziam resíduos essencialistas (*Porque por mais que você seja uma pesquisadora, por mais que você seja uma cientista social, uma antropóloga, você tem uma coisa no meio das suas pernas – desculpa falar desse jeito, mas eu sou bem direto e brincalhão nesse ponto, que te faz analisar de uma forma diferente que um homem analisa e vice-versa, entendeu?*, me diz Leo), outras se mostravam muito conscientes da masculinidade como um locus e um tropos de poder, isto é, construído linguisticamente e vivido dentro de relações sociais de poder (*Acredito que isso se deve à desconstrução do tipo ideal de que a mulher é a "caça" e o homem o "caçador". Isso se deve a um maior debate sobre gênero*, escreve César, 34 anos, negro, professor, sociólogo), mas, de certa forma, todos, em alguma medida, pareciam bastante seguros de que a masculinidade é coisa de homem e que existem formas corretas de ser homem. Falhar ao responder/atender às normas de gênero mais vulgares, no sentido de serem as mais populares, é um exercício diário e internalizado. O que quero dizer é que, mesmo sem terem percorrido uma

¹¹⁶ Sobre tudo porque é a via gramsciniana que dá centralidade à cultura como sendimentadora das relações de poder na tessitura da vida social. É uma forma dinâmica de compreender como a cultura e as produções culturais aparecem como tão importantes e operadoras de hierarquias quanto à esfera econômica. Pensar em hegemonia, portanto, pode ser uma via mais produtiva para se analisar as relações de gênero em uma sociedade em que as mídias têm tanto poder e passaram a constituir a própria subjetividade dos sujeitos.

literatura sobre gênero, de alguma forma, reconhecem que há hegemonias relativas às masculinidades¹¹⁷.

Não por acaso, os homens que se declararam negros foram os mais cautelosos e quase inseguros na interação comigo, vista como uma mulher branca e intelectualizada. Franco que se interessou por mim e quem despertou também em mim interesses para além da pesquisa (ainda que jamais tenhamos nos encontrado pessoalmente), ao se declarar, antecipa as possíveis dificuldades que um relacionamento amoroso comigo poderia trazer: *a outra dúvida q eu e vc podemos ter é sobre classe social – eu sou bem remunerado e tenho meu humilde apto - mas tenho ascendência simples – se vc for rica não rola* (conversa por *WhatsApp* em 11/06/2017). “Na ascendência simples” estava implicada a variável raça:

Veja eu tenho pele miscigenada, meus cabelos são enrolados qdo crescem - na época da USP deixei crescer e falava q era negro - mas os negros torciam o nariz mas os brancos sempre torceram o nariz pra mim tb Eu sou daqueles q nunca sabe se foi rejeitado pq foi considerado preto ou pq era só feio mesmo (em conversa por *WhatsApp* em 06/07/2017)

Retomo Connell (1995) e Garcia (1998) quando se propõem a pensar o gênero para além do gênero, incluindo outros marcadores que possibilitam que a discussão sobre masculinidades e sobre o conceito de masculinidades hegemônicas ganhe sentido heurístico. Na defesa deste conceito Connell e Messerschmidt (2013) elencam e rebatem as críticas – entre estas a de que a heterossexualidade estaria aí sempre presumida como norma quando se opera com o conceito de gênero; o pagamento dos aspectos relacionais envolvendo mulheres e feminilidades; a biologização implicada na percepção dos corpos masculinos, além do perigo de se engessar modelos.

Pensamos que os críticos apontaram de forma correta as ambiguidades do uso do conceito. É desejável eliminar qualquer uso da masculinidade hegemônica como fixa, como um modelo trans-histórico. Esse uso viola a historicidade do gênero e ignora

¹¹⁷ Dos homens com quem mantive interação, apenas César tinha formação na área dos estudos de gênero, devido ao seu trabalho junto a um órgão de ensino estadual. Porém, muitos deles, sobretudo aqueles entre 30 e 40 anos, mobilizaram um vocabulário mais contemporâneo sobre esses temas, incluindo em suas falas termos como “homofobia”, “machismo”, “sexismo”, “feministas/feminismo”.

a evidência massiva das transformações nas definições sociais da masculinidade (Connell e Messerschmidt, 2013, p. 251).

Creio que essas transformações são flagrantes, inclusive quando assistimos a reiteraões midiáticas de masculinidades que retomam modelos históricos como o do atleta/esportista, do executivo destemido, nas associaões entre os excessos do álcool, da velocidade e do sexo acumulativo com mulheres a um estilo desejado e desejável de masculinidades ou quando discursos conservadores se voltam contra os debates de gênero nas escolas e homens se reúnem no *Facebook* para convocar o dia do orgulho heterossexual. Estas reações apontam, justamente, que as mudanças estão em curso, desafiando hegemonias naturalizadas. Acentuar os binários de gênero ou reforçar estilos de masculinidades que apagam a dimensão social e política desta pela reafirmação de uma suposta biologia que a tudo explica se trata de recurso discursivo que fala mais das ansiedades que as discussões reatualizadas sobre feminilidades, feminismos, gênero, sexualidades, homossexualidades têm produzido do que de certezas.

A manutenção da masculinidade hegemônica não pode ser pensada como elaboração orquestrada e consciente de um grupo de homens nela interessados. Trata-se antes de uma complexa trama de situações e condições que a favorecem mais ou menos, dependendo das circunstâncias. Este tipo de análise enfatiza a idéia de que as estruturas de poder não podem ser tomadas como definitivamente estabelecidas, mas sim como ajustadas a uma dinâmica na qual a busca de sua legitimação e o autovelamento de suas características históricas procura fixá-las como coisas naturais e eternas, de tal forma que se tornem a-históricas. (Oliveira, 1998, p. 104)

Talvez, o que de fato esteja em curso seja uma tensão entre as reconfiguraões de gênero em uma sociedade na qual, há mais de uma década, temas como sexualidades dissidentes, diretos sexuais e de gênero têm ocupado grandemente a arena pública, impactando o campo privado. As pessoas têm, inclusive, assimilado novas palavras para pensar em si e nas relações à sua volta, assim como reavivado conceitos mais antigos, que parecem, voltam a ter centralidade como descritores potentes para pensarem em suas próprias relações íntimas. Esta é uma esfera que me interessa particularmente. As

fragilidades, dúvidas, inseguranças, temores manifestos por alguns dos interlocutores desta pesquisa são sentimentos que só ganham sentido quando analisados em relação com os contextos macrossociais. As negociações amorosa/sexuais com as mulheres que em alguma medida lhes despertaram interesse evidenciam que a vida íntima não se desassocia do cenário político, cultural, social e histórico no qual os encontros digitais e corpo a corpo ocorrem.

Uma vaga conservadora ganha força novamente no início da segunda década deste século e aquela “consciência gradualmente crescente sobre a possibilidade de mudanças nas relações de gênero”, da qual já falei, reavivando Connell, passa a traduzir anseios sociais relativos justamente a deslocamentos que podem derivar e, de certo modo estavam e estão ocorrendo dessa conscientização provocada pela politização do gênero e da sexualidade na agenda pública nacional. Este foi um processo complexo, atravessado por múltiplos fatores, mas, para meu argumento aqui, vale sublinhar que passada a fase “heroica” da luta contra a aids, o esgotamento de recursos financeiros para aquelas ONGs e no exercício de articulação política com diferentes movimentos sociais, outras questões suscitadas pela própria dinâmica social e política do país passaram a mobilizar os ativistas em relação a demandas concernentes a direitos sexuais, fortalecendo, paulatinamente, o que viria ser chamado de Movimento LGBT, mas também o movimento de mulheres e o movimento negro. Muitas das bandeiras destes foram encampadas pelo Estado, de maneira que, em 2004, foi lançado o programa nacional *Brasil Sem Homofobia*, ligado à Secretaria de Direitos Humanos do Ministério da Justiça. Um ano antes o governo Federal criou a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República (SEPPIR/PR), cujo objetivo era diminuir a desigualdade racial no País com ênfase para a população negra e, ainda em 2003, instituiu a Secretaria de Políticas para as Mulheres.

Após quase uma década de políticas inclusivas gestadas por agências públicas do governo¹¹⁸ mais permeável às demandas de movimentos sociais identitários, as reações começam a vir dos discursos religiosos com clara influência na chamada “Bancada Evangélica”, no Legislativo, reverberando em algumas mídias massivas e oferecendo argumentos (ainda que por vezes pouco sofisticados) para segmentos sociais descontentes

¹¹⁸ Para uma discussão crítica sobre avanços das políticas públicas para a população LGBT no Brasil consultar Facchini (2009), Facchini & França (2009), Carrara (2010), Seffner (2011), Mello e colaboradoras (2012), Irineu (2014)

e temerosos com o acesso de grupos historicamente subalternizados ao campo dos direitos. Retomo mais detidamente esta discussão no **capítulo IV**.

Temos que levar a sério que as pessoas que estão nos aplicativos não são “pessoas dos aplicativos”, presas ali em um suposto universo paralelo. Estão, portanto, sendo constituídas nesses processos mais amplos, dos quais a dimensão subjetiva não escapa. No caso do meu campo, nos aplicativos estão homens que transportam para seus *selfies* digitais valores que estão indexados com e no off-line. Relacionam-se com mulheres concretas e complexas, assim como com as próprias ideias cambiantes sobre masculinidades, sobre as quais eles têm suas reflexões por vezes provocadas pelas perguntas que envio; por outras estas percepções podem ser apreendidas em nossas conversas informais e saem mais espontâneas. Nessas falas a consciência de que há modelos prestigiados de masculinidades que os tornam/tornariam mais desejáveis e mais bem sucedidos nos aplicativos aparecem em expressões como “*não tenho tanto estudo assim, mas eu me informo bastante, a internet ajudou muito*”; “*no fim, acho que querem alguém que pague as contas, sou um duro*”; “*acho que quando a gente fica mais velho não tem muita vez*”; “*eu sou o último que elas notam quando saio com meus amigos. Acho que é pelo porte físico*”.

As masculinidades hegemônicas podem ser construídas de forma que não correspondam verdadeiramente à vida de nenhum homem real. Mesmo assim esses modelos expressam, em vários sentidos, ideais, fantasias e desejos muito difundidos (Connell e Messerschmidt, 2013, p. 253).

Miriam Grossi (2004), em revisão dos estudos de masculinidades realizados até aquele momento de sua escrita, encerra o texto problematizando o binário hegemônico/subalterno, levando em conta a pluralização das expressões de masculinidades no Brasil. A autora deixa o debate em aberto, mas sinaliza algumas de suas posições, com as quais me identifico, uma vez que corroboram muito dos meus achados ao longo desta pesquisa. Como Grossi, também não percebo que haja uma “crise da masculinidade”,

[c]rise que seria fruto do desconforto masculino face às conquistas das mulheres no mundo contemporâneo. Eu acho que esta crise é de alguma

forma algo estrutural do indivíduo moderno. Assim como o feminismo trouxe uma crise na vida das mulheres, trouxe na vida dos homens. A categoria “processo de mudança” me parece mais adequada para pensar o momento pelo qual estão passando homens e mulheres em suas relações e constituições de processos identitários.

Ao pensar nas relações de gênero e no processo de constituição de identidade masculina, torna-se inevitável abordar a temática da dominação masculina e a conseqüente subordinação feminina. Vimos, no entanto, aqui, que a questão é muito mais complexa do que os discursos militantes apontam, pois há múltiplos modelos de masculinidade hoje no Brasil: homens honrados, homens sensíveis, novos pais, homens desempregados, etc. Algumas destas “novas” masculinidades se afastam do modelo tradicional de força que definia o homem. Nestes novos modelos seria valorizada a inteligência, a sensibilidade e a capacidade de lidar com novas tecnologias. Alguns se perguntam se os “novos” homens seriam menos machistas? (Grossi, 2004, p. 29).

A discussão teórica sobre novas masculinidades e o “novo homem” datam dos anos de 1990. São elaborações que buscam responder às angústias e reflexões apresentadas por intelectuais e militantes que se engajam nos debates sobre o tema no fim dos anos 70 do século passado em países de capitalismo central.

Quando “a pauta da concepção de um ‘novo homem’ (NOLASCO, 1995a) se coloca” mais sensivelmente no Brasil, surge sem que tenhamos “muita clareza de seu significado. A figura do ‘novo homem’ - que já havia sido tomada como ponto de discussão em Connell (1985) como uma perspectiva alternativa ao rigoroso esquema dos papéis” (Souza, 2009, pp. 133-134) ganha espaço expressivo em toda uma maquinaria cultural que veicula imagens e ideais sobre como e quem seria essa figura generalista, mas que, de fato, intersecciona diferentes marcadores sociais de diferenças. Como mostra Marko Monteiro (2000), trata-se de um homem jovem, urbano, com potencial financeiro para o consumo de marcas prestigiadas, que flerta sem grandes pudores com atividades consideradas femininas como o gosto pela moda, estética, culinária e – supostamente – estaria mais disposto a tornar o campo das emoções menos árido, relacionando-se de forma mais afetuosa com outros homens e com mais entrega com mulheres. Este “homem sensível” (Buffon, 1992) tem classe, pertence aos extratos médios e, em termos

geracionais, estava na casa dos 30¹¹⁹. Mesmo com essa distância entre os perfis jovens com os quais lidei e aqueles pesquisados por Monteiro e Buffon, “homens sensíveis” também apareceram em meu campo de forma mais flagrante entre os jovens e, em menor número, entre aqueles que estavam entre 50 e 65 anos. Justamente os que teriam sido, nos estudos de Roseli Buffon, realizado no final dos anos de 1990, os seus interlocutores privilegiados. Homens jovens das camadas médias urbanas que se mostravam dispostos a outros experimentalismos de gênero e que aparecem agora em meus estudos já maduros, teriam, de lá para cá, perdido a “sensibilidade”? Buffon conclui que a investida na sensibilidade não veio descolada da aposta em projetos de individuação e autonomia, relacionados assim à virada neoliberal e ao universo do consumo. Ao fim, ser sensível, mas autônomo e “bem-sucedido” não os emasculava, ao contrário, os valorizava enquanto sujeitos reflexivos e, assim, conectados com seu tempo, operando como um mantenedor da “superioridade masculina” não só na administração de emoções como na disposição para a mudança. Sem pretensões comparativas, tendo a concordar com a pesquisadora, não sem considerar curioso que a postura daqueles que eram os jovens adultos do fim dos 90 se mantenha nos jovens senhores do final desta segunda década do século XXI. No capítulo seguinte, algumas histórias e diálogos os tornarão reconhecíveis. Hesito, entretanto, em trabalhar com essa categoria de forma explícita para evitar confusões com a discussão conceitual que cunha o termo em contexto teórico específico.

O homem sensível aqui não é exatamente o subalternizado, ao contrário, pode ser aquele que mobiliza recursos materiais e simbólicos suficientes que os capitalizam para se inserir com vantagens no mercado dos afetos. Por outro lado, deparei-me com homens descapitalizados em algum sentido, o que nem sempre os fez mais delicados, reflexivos e atenciosos comigo ou em suas narrativas sobre investidas de conquista. Alguns deles,

¹¹⁹ Vinte cinco anos separam a dissertação de mestrado de Roseli Buffon desta tese. Os homens de 30 que ela entrevistou e com os quais conviveu têm perfis distintos daqueles que colaboraram comigo. No início dos anos 90, aqueles buscavam morar sozinhos, investir em carreiras que pudessem sustentar não só seus hábitos mais refinados de consumo, como uma imagem pública de autonomia e sucesso. No presente, deparei-me com rapazes precariamente estabelecidos profissionalmente, investindo em carreiras que eram incomuns até bem recentemente como *vídeo makers*; *web designer*; *coach*, tatuadores; *personal trainer*; engajados em coletivos de arte e que mesmo com nível superior, não tinham, na sua maioria, empregos em setores convencionais e com estabilidade como funcionalismo público, bancários, advogados, médicos. Muitos deles residem com os pais ou familiares, apesar de ter subido o número de homens jovens com ensino superior quando se compara essa variável com dados de décadas anteriores recentes. Em 2017, segundo o IBGE, 30% dos homens tinha entre 11 a 14 anos de estudos e 11,6% mais de 15 anos de vida escolar. EM 1991, apenas 5,7% da população (sem distinção de sexo/gênero) entre 25 e 30 anos tinha ensino superior. Dados estão disponíveis em: <https://brasilensintese.ibge.gov.br/educacao/anos-de-estudo-e-sexo.html> e no Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2003), respectivamente.

mais que outros, experimentavam os desafios de operar na prática as exigências de modelos de masculinidades prestigiosas. Fosse pelos anos de escolarização, por pertencimento de classe, capital corporal, recursos financeiros, atributos físicos que os racializavam ou por serem mais velhos. Essas variáveis nem sempre se enfeixavam compondo um perfil desprestigiado no ranque da desejabilidade. Podem aparecer isoladamente e serem suficientemente expressivas.

A masculinidade como um “projeto de gênero” (Connell, 1995) precisa ser pensada no plural e em relação com as estruturas sociais que alicerçam modelos do “ser homem”¹²⁰.

Assim, a proposta é de interconexão entre estrutura e prática, salientando o contínuo entrelaçamento entre a vida pessoal e a estrutura social. Nesse sentido, as estruturas sociais estão configuradas através de práticas sexuais ou reprodutivas, não determinadas por uma base biológica, mas por processos históricos. Assim, essa nova abordagem preconiza o estabelecimento de uma conexão entre os estudos da masculinidade e estratégias de mudança, focalizando a vida cotidiana como uma “arena” onde se travam disputas de gênero (Cecchetto, 2000, p. 64).

Tomando a sério a proposta de Hine de que no presente vivemos a época da internet 3E (“*embedded, embodied e everyday*”), muito da vida cotidiana se passa nas nossas conexões permanentes entre off e on-line. Administram-se assuntos profissionais, domésticos, amorosos, de lazer, saúde, serviços enquanto se exerce uma série de outras atividades fora das plataformas digitais. As marcas das masculinidades operam e se reconfiguram nesses fluxos. Da capa do celular às formas de compor mensagens de texto, passando pela maneira de apresentarem-se imagetivamente nos aplicativos, meus interlocutores estão negociando visibilidades e formas de serem percebidos dentro de um espectro de masculinidade que os afastem daquelas que são consideradas menos prestigiosas ou sequer são vistas como performances verdadeiramente masculinas.

¹²⁰ Até muito recentemente não se trabalhava nos estudos de gênero com a possibilidade de termos homens com vagina, como atualmente se pode considerar os “homens trans”, aqueles que assignados como meninas ao nascimento foram construindo uma trajetória de gênero mais associada a estilos de masculinidades, procurando inscrever em seus corpos, mas não necessariamente na genitália, esses referentes. Para uma discussão mais aprofundada ver Almeida (2012) e Ávila & Grossi (2010) e Ávila (2014).

“Não ser macho o bastante ou sê-lo em excesso”, como Elisabeth Badinter já apontou (1993, p. 6), torna-se um desafio agudo para alguns homens no presente quando na interação com mulheres que desejam e frente a outros homens com os quais se relacionam em seu dia a dia – ao mesmo tempo em que a comunicação em rede permite que de forma por vezes despudorada alguns optem pelo excesso, o que ainda hoje implica em desvalorização das mulheres, a partir do desprezo por comportamentos que, muitas vezes, estão muito próximos daqueles que os próprios homens desempenham. Uma experiência digital recente ilustra o meu argumento e me ajuda a justificar a validade, nesta pesquisa, do conceito de masculinidade hegemônica cunhado por Connell em 1987, e aqui colocado no plural, como a própria autora propõe na revisão do mesmo. Ainda que no caso reproduzido a seguir não tenhamos muitos elementos sociológicos para compor perfis mais consistentes daqueles homens, é possível mapear em seus textos performances verbais que referendam posições masculinas tradicionais que reavivam assimetrias, o exercício de uma virilidade na qual o exercício de uma sexualidade heterossexual livre precisa ser dominadora e ativa (pelo menos publicizada como tal), associando os homens à atividade não só sexual, mas também laboral, o que os faria provedores capazes e agentes resolutos de seus destinos.

O mesmo exemplo contribui, ainda, para se pensar em como as comunicações digitais têm potencializado a expressão de certas manifestações de ódio, muitas vezes mitigadas nas relações face a face, além de me levar a algumas reflexões metodológicas sobre o fato de me anunciar como pesquisadora ter contribuído para inibir contatos como os arrolados por Fernanda, a autora do post que circulou largamente por várias plataformas da internet.

Trata-se de uma experiência que a autora do post, publicado em sua página pessoal no *Facebook*, denomina de sociológica. Apesar da longa citação, considero importante reproduzi-la quase na íntegra:

(minha foto mais bonita)

Fernanda, 27 anos

Mãe

Professora

Militante

Feminista

Amor à culinária, literatura e aos amigos

Ódio ao capital e aos de coração raso.

Essa é a minha descrição num experimento social, no meu perfil do Tinder.

Depois de conversar mais uma vez com uma amiga sobre a relativização afetiva que as mulheres sofrem e como é isso pós maternidade, ela lembrou de um post que fiz um tempo atrás, contando dos perfis no Tinder. Homens com fotos dos filhos, mulheres, nunca. Esconder a maternidade é necessidade. Ela, socióloga, propôs que reativássemos meu perfil e fizemos essas alterações. Foi uma semana forte. não fez bem pro meu ego, mesmo.

83 matchs masculinos. Homens entre 24 e 34 anos. Alguns (re)machs - praticamente os únicos que não me fizeram mal ao ler as mensagens recebidas (nem todos, também). todos homens que eu realmente me interessaria pela aparência física e/ou descrição e interesses em comum.

TOP 10 das bostejadas:

1

*Raul - 27 anos:

-Oi gata

-Oi. tudo bem?

-Melhor agora.

- ><

-Que bom que você avisa que tem filho.

-É? Por que?

-Assim facilita e a gente não tem surpresa.

-Como assim?

-ah gata

não se apaixona nem se desiludi

- como assim?

- vc é mãe

já sei q n rola nd sério

2

*Felipe - 31 anos:

-Tu é mãe?

ainda amamenta? ♥

- Oi. Tudo bem? Não mais, por que?

- Nada não.

(combinação desfeita, por ele)

3

*Lucas - 28 anos:

-...

-então o seu filho está onde agora?

- Em casa, comigo. por que?

-Nossa.

Você é bem feminazi esquerdista mesmo.

coitada da criança com uma mãe puta dessas que fica procurando macho.

4

*Lucas - 24 anos:

- ...

- Sou mais novo que vc

-Sim. 3 anos. Isso é um problema grande?

-n, n. é q vc é mãe, e eu procuro uma namorada

-E?...

-E que daí n dá, né

-Por que? Sua mãe nunca namorou?

-N fala da minha mãe

vadia

(combinação desfeita, por ele)

5

*Markus - 25 anos

-vc tem com quem deixar a criança? n sou chegado, mas achei vc gata.

-oi? tu n é chegado em que?

- Filho dos outros kkk [forma comum nas comunicações digitais para se grafar gargalhadas]

- Tu tem a foto com uma criança!!!!

- É meu afilhado.

-Pra chamar mulher?

- Siiim. da certo. Com vcs tbm?

(combinação desfeita por mim, porque não tive mais estomago)

6

*Marcos - 27 anos

-...

-Mas priorizei outras coisas na minha vida

-Como assim? temos a mesma idade e tu tbm é pai

-sou pq minha ex quis. acho q ela e vc n são iguais

-Como assim?

- Vim morar no sul pra fugir dela

- E do teu filho?

-tbm. ela engravidou de gosto

-hmmm. Quantos anos vcs tinham?

-Ela 17 e eu 26

- Tu recém foi pai então?

- ahan

- meu, tu é quase 10 anos mais velho que ela. Acho q ela n queria engravidar e ter um filho sozinha em SP

- mas ela n se cuidou

n tenho muito a ver com isso

(combinação desfeita por mim, por motivos óbvios)

7

*Ivan - 34 anos

-Divorciada?

-Oi. Tudo bem contigo? Sim, sou separada. Por que?

-É que mulher com filho a gente pergunta né

- Por que?

-Se n casou é que n vale muito

- Como assim? tu vai vender a mulher? Quanto é que ta o @ da mulher no século XXI?

- Li teu perfil até o final agora

vc é feminista

raça ruim eim

o corno que deve ter te dado um pe na bunda pq tu n se depila

8

*Renan - 26 anos

-...

- mas vc foi irresponsável

- Fomos um pouco, mas levo uma vida normal.

- e vc cria seu filho sem pai?

-Não. meu filho tem um pai, que ama muito ele.

Nao entendi a colocação.

- alem de mãe e bura kkkkkkk

- Burra? Além de mãe? Por que? Tu tem problemas?

- Problema tem tu q tem filho e fica no tinder catando outra barriga

feminista suja

professor ainda kkkkkkkkkkkkkkkkkkk

9

*Tarciso - 31 anos

-...

- Sou marinheiro e busco apenas aventuras.

- hmmm

- Você ser mãe facilita as coisas

- Por que?

- Porque não precisamos fingir engenuidade e podemos pular os cortejos.

- INgenuidade, querido.

- Vá se fuder

sozinha kkkk

10

*Elton - 29 anos

-... eu concordo com esses caras na verdade

- tu concorda com os absurdos que disse que já ouvi por ser mãe?

- ué, vc ficou solteira pq quis e parece esperta

- e???

- e que todo mundo sabe q ngm leva a sério mulher com filho

- Por que?

-p q se ja teve filho e ta solteira boa coisa n é

- Então todas mulheres divorciadas são péssimas pessoas e péssimas mães? e as que são mães solo porque o cara fugiu?

- N. minha mãe tbm se divorciou quando eu era criança pq meu pai batia nela

- ela foi uma mãe ruim?

- N né

minha cora é minha vida

- Quantos anos ela tinha quando isso aconteceu?

- Ela tinha 26 e eu 5

- Eu e sua mãe fomos mães com a mesma idade e nos separamos também com quase a mesma idade hehehe

(match desfeito, por ele)¹²¹

¹²¹ Quero comparar esta narrativa com o que me disse Ricardo, um fotógrafo *free-lancer*, de 50 anos, pai de cinco filhos. A certa altura, em uma de nossas conversas ele me diz que é “pãe”, uma contração entre pai e mãe:

20/09/16 21:28:02: Larissa Pelucio: Isso pega?

20/09/16 21:28:08: Larissa Pelucio: Vc acha que dificulta?

20/09/16 21:28:25: Ricardo 50 Happn: nao nao acho ate que pelo contrario....

20/09/16 21:28:33: Ricardo 50 Happn: normalmente as mulheres confiam mais

20/09/16 21:28:35: Larissa Pelucio: Ah é?

Quando se fala em irresponsabilidade social e abuso afetivo sobre as mulheres, negligenciar essa cultura da misoginia acerca da maternidade é ser canalha. A solidão da mãe é vista como obstáculo para tornar aquela mulher forte. Nós não queremos esses obstáculos. Ninguém quer. Essa cultura coloca todos os dias milhões de mulheres numa posição que facilita a exposição aos abusos.

Logo depois que me separei, passei por vários "relacionamentos" que tinham um traço forte em comum: Todos homens que me relacionei me esconderam socialmente. O primeiro homem que me assumiu socialmente, no entanto, era mais um dos abusadores emocionais que estão por aí. E eu caí, como uma presa, em mais um relacionamento abusivo porque estava recebendo atenção. Fingia estar bem, feliz, que tudo era flor amor e gratidão, mas a gente aprende a disfarçar bem e evitar perguntas. Enlouqueci, literalmente. (...) Esses diálogos nojentos aí em cima provam que nada está bem.

O meu estado "civil" no momento não importa pra ninguém porque essa não é a questão desse experimento e do futuro artigo. Meu estado emocional e o estado emocional de todas as mães que escondem sua maternidade no primeiro momento para evitar fetichização e conseguir atenção afetiva, sim. (...)

Espero que esse experimento e esse textinho facebookiano ajude a elucidar a posição que todos vocês acabam nos colocando dentro dessa estrutura patriarcal e misógina.

Ser mulher não é fácil.

Ser mulher e mãe, menos ainda.

Ser mulher, mãe e reivindicar uma vida social fora dos padrões patriarcais, é enlouquecedor.(...).

Pensem em quantas mulheres permanecem em relações falidas e criminosas com medo da solidão¹²².

A experiência divulgada de Fernanda rendeu matérias em revistas de circulação nacional, bem como em blogs jornalísticos e de ativistas feministas. As reações foram de

20/09/16 21:28:44: Ricardo 50 Happn: *por conta da responsabilidade etc*

20/09/16 21:28:49: Larissa Pelucio: Verdade

20/09/16 21:29:05: Larissa Pelucio: Seus filhos são de mães diferentes?

20/09/16 21:29:25: Ricardo 50 Happn: *sim sim*

20/09/16 21:29:44: Larissa Pelucio: Há qt tempo está sozinho?

20/09/16 21:29:57: Ricardo 50 Happn: *dez 2013*

¹²² O texto na íntegra pode ser lido no blog Escreva Lola escreva, uma vez que o post foi deletado do perfil da autora pelo próprio Facebook. Disponível em:

<http://escrevalolaescreva.blogspot.fr/2017/05/mae-solo-nao-pode-namorar.html>. Último acesso em 14/08/2017.

diversas ordens: apoio, repúdio aos comentários, críticas à autora, levantando farta discussão que mobilizou muitos afetos. Entre a vilanização de todos os homens e as reflexões mais ponderadas ou críticas houve toda uma gama de intervenções, as quais não cabe explorar aqui pois me desviaria dos objetivos desse trabalho. O que me interessa é sublinhar que estas discussões já não estão circunscritas em fóruns específicos e especializados, seja na academia ou no movimento social, mas se espalham, convocam, alfinetam, provocam e politizam a vida privada.

Como pensar as masculinidades, como se pensar como homem “em um mundo questionado pelo feminismo, pelo movimento gay, pelos estudos de gênero e pela teoria queer?” (Franco, 2015, p. 45). Não fiz esta pergunta aos meus colaboradores; de certa forma elas estiveram implicadas em muitas conversas mantidas, sobretudo pelo *WhatsApp*. Acrescento um elemento a mais ao rol dos desafios que marcam a questão de César Franco: como pensar as masculinidades em sua estreita relação com os meios digitais?

Como discute Graciela Nathanson (2013 e 2015), as máquinas, a tecnologia de ponta e a internet carregam marcas androcêntricas. A “brecha de gênero” não tem propriamente a ver com acesso aos meios digitais como usuárias¹²³, mas com a participação como produtoras de tecnologia devido aos obstáculos culturais (sem desprezar os econômicos e sociais) que, historicamente, têm aliado meninas, adolescentes e mulheres do campo científico, especificamente das ciências exatas e tecnológicas.

Isto se compreende melhor quando questionamos, por exemplo, como as pessoas se relacionam com os aparatos técnicos que as rodeiam, como constroem seus imaginários tecnológicos e os vínculos (de afeto, indiferença, ódio, medo, interesse, paixão) que estabelecem com eles ao longo de sua vida e sua educação, como entram em contato com eles, seja através da educação ou do trabalho, e quais são as motivações das pessoas para optar (ou não) por profissões tecnológicas. Até quando essas opções e

¹²³ “No Brasil, a brecha de acesso tem diminuído nos últimos anos. Em 2009, eram 37,5% de mulheres e 38% dos homens entre 15 e 74 anos de idade acessando a internet (IBGE, 2009), ou seja, uma diferença de 0,5% dos acessos de homens sobre os das mulheres. A quantidade de brasileiras usuárias da rede cresce mais do que as dos homens e quanto maior a idade, maior são as diferenças em favor das mulheres. Em 2011, os usuários de internet correspondiam a 46,5% da população de 10 anos ou mais, representando um crescimento de quase cinco pontos em relação a 2009 (IBGE, 2011)” (Nathanson, 2013, p. 18).

vivências não estão vinculadas a uma educação sexista mais do que opções livremente realizadas? (Nathanson, 2013, p. 16).

Muitos homens com os quais interagi durante a pesquisa de doutorado, refiro-me aos clientes de travestis que se prostituem, me contaram que o primeiro contato mais sexual com imagens de travestis se deu pela internet, à qual tinham acesso pelo trabalho, onde havia computadores disponíveis, em uma época em que estas eram máquinas caras e poucas pessoas as tinham domesticamente. Não era incomum que muitos destes homens estivessem inseridos no setor das Tecnologias de Informação (TI) em níveis diversos. Esse contato direto e diário, somado à expertise mecatrônica que tinham, possibilitava que desbloqueassem senhas de sites que vendiam pornografia, encontrassem fóruns para debates alojados em domínios obscuros e soubessem como apagar os rastros digitais desses acessos. Erotizavam o ambiente de trabalho, expandiam seu repertório sexual, sentiam-se por vezes culpados e assombrados pelo medo de terem seus desejos sexuais descobertos, mas o fato é que o acesso se dava e havia conteúdo produzido por outros homens, o que justificava os riscos.

“Como as pessoas se relacionam com os aparatos técnicos que as rodeiam? Como constroem seus imaginários tecnológicos e os vínculos (de afeto, indiferença, ódio, medo, interesse, paixão)?”. Retomo as questões que Graciela Nathanson pontua na citação acima, pois estas foram perguntas que fiz aos homens que se dispuseram a dialogar comigo nos marcos da pesquisa.

Capítulo III - Masculinidades ponto com

01/09/16 21:28:26: Marcos¹²⁴ 47 Happn: *Meu sobrinho...Ele instalou o aplicativo pra mim. (...)*¹²⁵

01/09/16 21:29:45: Larissa Pelucio: E por que ele instalou?

01/09/16 21:30:37: Marcos 47 Happn: *Eu acredito que a quantidade de encontros seja um fator importante. Contudo, ele tem que ser rápido pq não fica muito tempo nas localidades.* [Refer-se ao sobrinho]

01/09/16 21:31:10: Marcos 47 Happn: *Isso faz a coisa dar medo.*

01/09/16 21:31:25: Larissa Pelucio: Pois é, isso eu já reparei. As respostas ao *crush* ou *match* tem de ser rápido

01/09/16 21:31:38: Larissa Pelucio: Medo de que?

01/09/16 21:33:32: Marcos 47 Happn: *Medo de magoar as pessoas.*

01/09/16 21:33:50: Marcos 47 Happn: *Isso no meu caso.*

01/09/16 21:34:07: Marcos 47 Happn: *Ou até de ser magoado.*

01/09/16 21:34:40: Marcos 47 Happn: *Talvez ele não se envolva tanto [refere-se ao sobrinho]*

01/09/16 21:36:08: Larissa Pelucio: Ah sim. Acho que esses cuidados têm haver com geração tb. As pessoas dessa geração dele já se constituíram emocionalmente a partir dessas dinâmicas comunicacionais.

01/09/16 21:36:41: Marcos 47 Happn: *Exato.*

01/09/16 21:37:09: Marcos 47 Happn: *Eu sou um dinossauro.*

As marcas geracionais aparecem no depoimento de Marcos, “um dinossauro” se comparado ao sobrinho quase 20 anos mais jovem. Aparentemente, o rapaz lida bem com o excesso e ritmo acelerado dos encontros. Ao ver o tio só há algum tempo e supostamente sem sexo, o sobrinho se prontifica a inseri-lo no mundo dos encontros digitais e ser, ele também, um homem que “pega” várias mulheres, ou seja, ser um verdadeiro homem.

¹²⁴ O nome do colaborador foi trocado no esforço de manter o anonimato.

¹²⁵ Marcos me contava sobre o sobrinho, 29 anos, policial rodoviário. “*Meu sobrinho trabalhou na copa [do Mundo de Futebol em 2014] e viaja vários Estados. O telefone dele quase explodiu [depois que baixou aplicativos para relacionamentos]. Ele não dá conta da mulherada (...)]Eu acredito que a quantidade de encontros seja um fator importante. Contudo, ele tem que ser rápido pq não fica muito tempo nas localidades*”. Francisco, um médico de 58 anos, quem conheci por meio do *happn*, manifesta também essa distância geracional relativa ao uso dos aplicativos. Avalia que, para ele, a infinidade de *likes* parece sem propósito e estava achando a experiência frustrante. Enquanto para seu filho (24 anos) estava sendo “*maravilhoso: fica com todas e nenhuma. Parece que elas tb querem assim. Meus projetos são outros*” (Em conversa por *Whatsapp* em 20/05/2016)

No imaginário popular e comum espera-se que um homem heterossexual se relacione afetiva e sexualmente com mulheres. Rolos, amizades coloridas, ficantes, namoradas: seja como for que se chame a relação, ou qual seja sua configuração particular, o homem heterossexual parece depender dela. (Franco, 2015, p. 08)

Marcos mora no interior paulista, é negro, policial, teve dois filhos nascidos quase na mesma época, pois são de mães diferentes. Quando começamos a conversar, ele passava por uma fase difícil relativa à sua saúde, dizia estar sem ânimo para sair e encontrar pessoas, mas ao mesmo tempo se sentia só. Na sua avaliação, o *happn*, aplicativo pelo qual se deu nosso *crush*, é bastante interessante, mas as mulheres com quem conversou por ali não. “*As ideias não batem*”. Em seu perfil aparece com a idade de 35 anos, mas me diz que não houve intensão da parte dele em enganar ou se fazer mais atraente com essa diminuição etária. Justifica-se me dizendo que foi uma sobrinha quem fez o perfil no *Facebook* e colocou a data de nascimento errada. Como a conta no aplicativo se associa ao perfil daquela plataforma, aparece como sendo mais novo. Quando o questiono sobre isso, uma vez que ao preencher o formulário inicial da pesquisa havia declarado ter 47 anos, me explica e completa:

“Eu tenho que ficar explicando isso pra todas (...) Mas acho que não acreditam devido ao meu histórico (...). Relacionamentos que não tiveram continuidade. Os filhos com quase a mesma idade. Ou a mesma, depende do mês que me perguntam. E o pior é ser policial eu acho”.

Marcos diz que procura mais do que sexo ou uma paixão, “*quero conhecimento por meio das experiências das outras pessoas*”, declara, sem recusar sexo ou descartar uma possível paixão. Mas emenda dizendo que não tem conhecido mulheres com as quais tenha afinidade de ideias, melhor, ideológicas. Com posições políticas mais à esquerda e considerando que teve um roteiro amoroso pouco convencional, Marcos não havia se engajado até então em nenhuma conversa mais longa ou em encontros pelo aplicativo. “*É tudo muito rápido, eu não consigo me adaptar ao ritmo que o app¹²⁶ te oferece. São*

¹²⁶ Forma abreviada de grafar a palavra aplicativo.

centenas de mulheres em um mês. É uma loucura isso” (em conversa por *Whatsapp* em 01/09/2016). Diferentemente de seu sobrinho, que aproveita a mobilidade para se fruir de muitos encontros semanais, Marcos busca, antes do sexo, uma mulher com a qual tenha convergência de valores.

A intimidade emocional aparece como um desejo frequentemente expresso pelos homens que colaboram comigo. Paradoxalmente, a intimidade pode se dar muito rapidamente por meios digitais e com a mesma velocidade se diluir em silêncios longos ou definitivos. Muitos homens, mesmo os mais jovens, tendem a fazer avaliações semelhantes às de Marcos: o excesso confunde, as conversas não seguem, o presencial por vezes frustra¹²⁷. Procurar intimidade por esses meios parece, então, um paradoxo. A própria (mercado)lógica dos aplicativos, baseados na mecânica do descarte e da economia afetiva da abundância, incita à busca eterna.

Interlocutores de diferentes idades queixaram-se do descomprometimento das mulheres. Declarações do tipo – *“aceitam o charme, mas nunca respondem às mensagens”*; *“mentem”*; *“não levam a conversa adiante”*; *“diz que tá sempre ocupada e quando vc vai olhar, tá lá online o dia todo”*; *“no fim, querem só sexo e eu não sou esse tipo de cara”* – sinalizam que o insucesso no estabelecimento de laços mais sólidos é responsabilidade delas. A pesquisadora não está isenta de ser ela também alguém que abandona a relação, ainda que haja mais tolerância e ponderação quando esse tipo de cobrança surge relativa ao meu trabalho. Ao fim, é pesquisa. Isso eles entendem e reafirmam; é uma escusa que quase me isenta de julgamentos mais duros. Quase, pois eles surgem e são temas para conversas que rendem bons dados¹²⁸. Registro, porém, que sou bastante “abandonada”. Acabo assumindo o *“ethos da flexibilidade”*.

¹²⁷ André, um paulistano de 32 anos, formando em Relações Internacionais, me contou em áudio gravado por *Whatsapp* que marcou um encontro com uma moça com a qual vinha se comunicando já há alguns dias. Havia disposição de ambos para o sexo e estava já tudo combinado. Se encontraram em um barzinho e quando começaram a falar de seus planos, André contou de seu trabalho com imigrantes haitianos. A moça, então, manifestou desprezo por eles, dizendo, segundo meu colaborador: “você é desses que ajuda esse povo?”. Neste momento o clima mudou e André disse ter perdido completamente o interesse pela menina, que ele havia achado bonita e simpática nas interações digitais. Disse que não ia dar certo e, mesmo diante das desculpas e sedução dela, declarou ter perdido o tesão. Foi quando ela o chamou de “viado”.

¹²⁸ É interessante como as recusas a participar da pesquisa podem gerar bons dados para a reflexão ético-metodológica. Algumas vezes, antes da recusa, há um processo de negociação por meio do qual sou questionada sobre a metodologia etnográfica, muito imprecisa para grande parte de meus interlocutores, bem como sobre como procederei eticamente em relação aos dados. Mesmo esclarecendo por escrito e/ou áudio, já no primeiro contato por *Whatsapp*, quando fica manifesto o interesse em conhecer a proposta da pesquisa, houve quem me cobrasse o uso do Consentimento Livre Esclarecido e tenha recusado de maneira quase grosseira a participar por não considerar a pactuação nos moldes antropológicos, confiável. Nestas negociações fica evidente que pertencimento de classe e geração é um marcador que se intersecciona com exercícios de masculinidades, ora competindo comigo intelectualmente, por vezes, insistindo em me demover do propósito da pesquisa a fim de desenvolver com o interlocutor relação que secundarize os

A flexibilidade emocional reproduz algumas das características do termo aplicado ao mundo do trabalho¹²⁹, com contratos fluídos e informalização das pactuações que regem as relações entre as partes envolvidas. Sem regulações claras, estão todos um tanto tateantes diante desse novo regime de gestão dos sentimentos. A flexibilização carrega muitas incertezas e umas tantas inseguranças.

A associação entre consumo, sexo e amor vem se combinando em uma “economia política do romance” (Illouz, 2009, p. 115). Otimizar, investir, não perder tempo nem dinheiro, negociar, consumir lugares... Um empreendedorismo emocional que tem gerado todo um mercado de “ajuda” mútua na internet com cursos sobre sedução on-line que ensinam como compor um perfil de “sucesso”, encetar as melhores conversas por *WhatsApp* e em que aplicativos investir tempo, dinheiro e desprender toda uma energia emocional.

O amor encontrou-se com o mercado e foi um *match* perfeito. Namorar, desde a emergência da indústria do entretenimento, no início do século passado, tem a ver com presentear, embelezar-se, sair, comer fora... enfim, consumir (Illouz, 2009). O romance digital não prescinde dessa dimensão e nem do off-line, do corpo, mas tem invertido a ordem dos encontros e interesses, que preteritamente era promovida pela proximidade física e agora depende dos algoritmos, o que exige outras roteirizações para o flerte¹³⁰.

“Elas sempre falam sobre cia [companhia] para cinema, passeios, viagens... quase todas q leio dizem: quer sexo casual? aperte o X [refere-se à interface do Tinder na qual se vê o “x” para a recusa/descarte do perfil que aparece a cada vez] (...) Eu penso q a gde. maioria das mulheres buscam relações estáveis duradouras. Relações nas quais elas possam frequentar cinema juntos, travesseiros juntos, mas enquanto não

objetivos do contato, a saber, a pesquisa. Há ainda aqueles, quase sempre os que estão entre 40 e 50 anos, que procura testar seu grau de desejabilidade, insistindo em saber o porquê de ter aceito o charme deles ou porque mostrei interesse em conhecê-los, recusando a explicação acadêmica como suficiente para justificar o contato.

¹²⁹ No *Adote um Cara* essa relação aparece claramente: nos perfis masculinos, os usuários, para definir que tipo de engajamento afetivo buscam, podem optar por “carteira assinada” (denotando disposição para assumir os compromissos contratuais aí implicados, além de usufruir dos direitos desse tipo de contrato); “estagiário” (supõe um tempo para experimentar a relação, sem grandes vínculos e pouco compromisso de ambas as partes) e *freelancer* (não tem vínculos, supostamente está mais livre, porém sem direitos).

¹³⁰ Pode acontecer nessa estratégia contemporânea dos encontros ligações telefônicas, as quais imprimem sincronicidade ao contato, exigindo maior disposição de ambas as partes para estar em contato direto e exclusivo com o outro. Em muitos casos, demandam-se conversas por *Skype*, quando imagem, som e sincronicidade atuam (recurso pouco requisitado, por implicar muita exposição, ver não só a pessoa, mas o ambiente em que ela se encontra, ouvir sons do entorno, além de comprometer a portabilidade que os outros recursos comportam) e, por fim, o encontro presencial. Não há garantias de que este virá a acontecer.

encontram escolhem alguns bonitões p sexo casual - entenda: no geral elas não são levadas pelas lábias dos caras - elas encolhem se deixar levar por um outro gostosinho, mas xarope, enquanto não vem o cara certo” (Franco, 44 anos, funcionário público de nível superior, paulistano, em conversa deixada na madrugada em meu *WhatsApp*, em 10/06/2017).

A sensação, novamente, é paradoxal. Há muitas mulheres disponíveis nos aplicativos, mas o que elas querem e buscam parece antecipar algo que os homens percebem como consequência: o comprometimento¹³¹. O que eles se deparam, por tanto, com um universo bastante restrito de possibilidades. E quando as convergências de interesse aparecem, elas podem ser percebidas mais como obstáculos para se seguir a conversa do que um elemento vinculador. Por exemplo, o desejo por sexo casual, sem compromisso. *“Mulheres hoje querem mais sexo que homens”*; *“elas não estão a fim de nada sério”* são observações queixosas que sinalizam o desconforto que alguns desses homens sentem ao lidarem com comportamentos femininos semelhantes aos deles próprios.

Franco, que flertava timidamente comigo no momento da interação, considera que as mulheres são mais corajosas, pois já dizem ao que vêm. Talvez quisesse apenas me agradar quando atribuiu às mulheres qualidade que, em sua análise, faltava aos homens: serem mais assertivos. Ricardo, fotógrafo, branco, 50 anos, também percebe as mulheres como mais verdadeiras nos meios digitais. *“Tem muito homem mentiroso”*, avalia.

Nem Franco ou Ricardo se consideram homens mentirosos ou reticentes, apenas cautelosos. Como muitos que conversaram comigo, Franco se queixa das interações esparsas, monossilábicas ou simplesmente inexistentes de mulheres que, em um primeiro momento *“apertaram o coraçãozinho”* para eles ou enviam charmes.

“Vc que pesquisa isso, me diz, o que leva uma pessoa a te mandar um charme e depois não falar com você? Eu tive uns 3 ou 4 casos desses. É uma coisa que eu não entendo. O crush, tudo bem, a

¹³¹ O que seria, inclusive, uma contradição, pois, ainda que veladamente, a maior parte usar app para “ficar”, quer dizer, se encontrar para intimidades que podem incluir relação sexual. Portanto, esperar compromisso em encontros acertados por esses meios seria fazer um mau uso da ferramenta. Porém, o que foi aparecendo nas conversas é que eles também guardam esperanças de que das transas apareça alguém com quem valha a pena ficar mais tempo e de forma mais comprometida.

pessoa coloca lá, mas depois tem uma série de alternativas. Mas um charme, né?! O charme parece que tem que pagar, né?”

Vai se tecendo uma (mercado)lógica sobre os usos dos aplicativos sem que os códigos de interação estejam de fato convencionados. Franco entende que quem manda um *charme* sinaliza claramente interesse, pois está pagando por isso¹³². O investimento financeiro e emocional seria um código claro na leitura de meu interlocutor. A surpresa carregada de sentimentos desconcertantes e de certa frustração vem, justamente, da imprecisão desses códigos que parecem desafiar não só as lógicas mercantis como as convencionadas nos flertes off-line. Explico a Franco que eu mesma já enviei charmes sem querer, rolando a tela do celular e acidentalmente tocando aquela ferramenta. Ou quando pretendi visualizar outras fotos daquele perfil e, ao tocar na tela para ter acesso às demais fotografias, acabei por teclar na varinha de condão, ícone para o envio do charme. Argumento com ele que pode haver arrependimento em relação ao charme enviado. E, nos meios digitais, não se tem como voltar atrás: seja no envio de um charme, de uma mensagem por *WhatsApp* ou de um e-mail. Uma vez mandando, não há como apagar. “*Tem o charm que a gente se arrepende, pois, foi dado na carência e baseado na ‘oferta do dia’, lembra da minha hipótese da linguagem mercadológica? E da lógica mesmo de mercado?*” (Pesquisadora, em interação por *WhatsApp* com Franco, em 06/06/2017). Além disso, avento que se pode estar com mais interesse na reação da pessoa ao charme enviado do que no suposto pretendente. Estariam testando seu grau de desejabilidade.

No site *Novo Homem*¹³³, seu administrador (Denis Carvalho) publicou em outubro de 2016 um texto de incentivo à compra de créditos do *happn*. O artigo intitula-se “Happn: como comi 4 mulheres em um mês usando este aplicativo”. Carvalho analisa, primeiramente, a lógica temporal dos aplicativos, mostrando que todos eles iniciam com

¹³² Ao se cadastrar no *happn* todo/a usuário/a recebe 10 créditos. Depois, homens precisam comprar créditos para seguir enviando charmes (para as mulheres os charmes saem de graça). Dez charmes custam 1,99 dólares e se paga com cartão de crédito ou débito. Há formas de se conseguir “moedas”, que são os créditos, sem comprá-los. Por exemplo, convidando amigos para entrar no aplicativo. Cada amigo corresponde a 5 moedas que, por sua vez, valem 1 charme.

¹³³ Sobre o site, nas palavras de seu administrador: “O Novo Homem é um site de desenvolvimento pessoal criado para ajudar o homem de hoje a lidar com as mais diversas – e recentes – questões sobre a sua masculinidade. O que você vai ler aqui não vão ser os conselhos normais e de senso comum de outros sites. O que você vai ler aqui vai te deixar desconfortável, vai te fazer se sentir um lixo, vai te fazer sentir raiva de mim. E é isso que eu tento atingir com cada palavra que escrevo. A minha intenção é que você me odeie, que você queira bater em mim. A minha intenção é jogar sua mediocridade na sua cara para que você tome uma atitude pra mudar sua vida. A minha intenção é te transformar em um Novo Homem” (<https://www.novohomem.com/o-que-e-o-novo-homem>).

grande adesão de mulheres interessantes (lindas e gostosas, o que na acepção do autor são as jovens, brancas e magras), atraindo posteriormente muitos homens “feios e escrotos”, o que leva, em um momento seguinte, as mulheres a abandonarem os aplicativos que passaram a ser utilizados por esses perfis masculinos. Segundo a matéria, o *happn* ainda estaria no momento de grande oferta de perfis femininos de “gostosas”, por isso valeria a pena investir naquele mercado. Carvalho comprou 10 charmes a 1,99 dólares, baixou um aplicativo gratuito chamado *Fakegps*, com o qual se pode simular estar em qualquer lugar do planeta, regulou sua localização para que seu celular estivesse por 24 horas situado à porta de uma grande universidade privada, próxima à sua casa, e teve como resultado três *crushs*, dos quais um deles rendeu um encontro com sexo.

Agora, veja bem: eu gastei R\$8,00 para conseguir uma transa. Oito reais. Quanto você não gasta em uma única noite na balada? E o pior, pra sair sem comer ninguém, ou as vezes até sem beijar ninguém? Oito reais é o preço de uma única cerveja em certas baladas ou bares. **Então eu quero que você me responda: compensa gastar R\$8,00 no aplicativo pra terminar a noite na cama de uma mulher sexy e que está morrendo de tesão pra dar pra você?** (Carvalho, 2016, s/p: Disponível em: <https://www.novohomem.com/happn-como-comi-4-mulheres-em-um-mes-usando-este-aplicativo>).

Praticar sexo dentro da lógica da sexualidade acumulativa ou em série (Illouz, 2012) tem feito parte da nova economia sexual desde meados do século XX. Ter muitas parcerias sexuais sem grandes comprometimentos morais e sociais se tornou algo possível para homens e mulheres nas sociedades de matriz ocidental após os anos de 1960. Com a revolução sexual e cultural na qual movimentos feministas têm grande participação para a mudança de comportamentos nas relações de gênero, o “*sex appeal*”¹³⁴ tornou-se um bem simbólico valorizado no mercado dos afetos.

Se estas transformações promoveram maior simetria de gênero, também possibilitaram que algumas assimetrias se mantivessem e, até mesmo, se aprofundassem,

¹³⁴ Para a socióloga marroquina Eva Illouz, o *sex appeal* está estreitamente relacionado ao crescimento da indústria cultural que por meio do cinema e da publicidade, foi capaz de promover a erotização dos corpos, sejam femininos ou masculinos, em uma categoria social valorada e desvinculada de valores morais, agindo como um dos elementos principais na escolha de parceiras/os. (Illouz, 2012, pp. 65-66)

argumenta Illouz (2012), que se debruça sobre relações heterossexuais para mostrar o acesso democratizado a muitas mulheres; quer dizer, não era mais necessário que o homem fosse rico ou poderoso para multiplicar suas amantes; houve um estreitamento da relação entre sexualidade e status masculino.

Entre essas assimetrias a própria fruição do espaço público aparece muitas vezes apontada como um território conquistado pelas e para as mulheres. O uso do espaço público de lazer feito de forma mais segura e descontraída ainda é uma prerrogativa dos homens. “*As mulheres têm medo de te encontrar, onde quer que seja*”, constata Felipe, *personal trainer*, de 39 anos, que mora em uma grande cidade do interior paulista e se declara branco. Ele se queixa dos adiamentos que as mulheres fazem dos encontros presenciais e eu pergunto para ele se ele se sente testado quando isso acontece. A resposta: “*testado não, acho que é insegurança mesmo [delas]. Medo de gostar de mim e eu não gostar dela, já ouvi mulher que disse pra mim: ‘esse cara nunca vai me dar um crush’. Eu não, eu pago pra ver. Gosto do desafio de conhecer alguém*”. A dominação emocional aparece como uma prerrogativa masculina em meu campo. Arriscar-se é reatualizar valores masculinos como a coragem, azeitada agora pela adrenalina, essa substância contemporânea virilizante. Ao fim, frente aos riscos simbólicos e reais, me parece que os homens ainda se percebem como estando mais municiados para lidar tanto com as demandas femininas, gerenciando-as, como no controle dos seus próprios afetos. “*Tudo bem, em três meses eu supero um pé na bunda. E se precisar ficar pensando nela em silêncio, eu fico, não mando nenhuma mensagem*”, desabafa comigo um homem de 43 anos, inseguro naquele momento em relação a um *crush*.

Para os homens, acumular “transas” e mulheres gera um capital erótico que tende a torná-los mais atraentes no mercado dos afetos e os valora diante de outros homens¹³⁵, contabilidade que parece não capitalizar as mulheres da mesma forma. A conversa que tive com um de meus interlocutores é expressiva neste sentido. Silvio nunca quis me adicionar ao *WhatsApp* por ser casado e considerar que meu acesso a seu número de celular era algo arriscado, de maneira que nossa interação se deu sempre pelo *chat* do aplicativo *Adote um Cara*. Ele comenta, certa feita, que no aplicativo:

¹³⁵ César Bueno Franco, em dissertação defendida em 2015, mostra claramente este valor entre os homens que compuseram sua amostra. Ter tido relação sexual com diferentes mulheres é um dos quesitos valorados entre aqueles homens, a maior parte na casa dos 20 anos. Não ter conseguido sair com mulheres com fins de namoro ou sexo é o principal elemento de motivação para que esses rapazes tenham procurado o site brasileiro PUABase.com, que se configura como um fórum de discussões que busca ensinar homens a se tornarem conquistadores de mulheres.

“As mulheres são piores que muitos homens”. Quero entender o que ele quer dizer com isso:

“Não sendo puritano, apenas entendo que mulher que sai com qualquer um a qualquer hora, não vejo como boa companhia (...). Quando tu encontras alguém que saiu com 4 em uma semana, ou ainda, esta em dificuldade financeira ou toma 30 remédios, que tu achas?”.

E conclui: *“acho que o destino esta me afastando daqui”*, uma vez que o está colocando em contato com mulheres como as descritas acima. A “flexibilidade” sexual dessas mulheres parece ser um impedimento maior para o envolvimento dele com elas do que o fato de Silvio ser casado.

Alan, 37 anos, negro, tenente da Polícia Militar, lamenta que as mulheres não queiram nada sério, não levem as conversas adiante, falem com muitos homens ao mesmo tempo e não estejam dispostas a um encontro “de verdade”.

“Tivermos uma revolução sexual, no entanto, têm sido as mulheres, e não os homens, as grandes pioneiras sexuais” (Garcia, 1998, p. 42), afirmava no final dos anos de 1990 Sandra Mara Garcia, com quem tendo a concordar em larga medida. Foram as feministas, em suas diversas vertentes, que reivindicaram o direito ao orgasmo, ao sexo não procriativo, a viverem mais livremente sua sexualidade – fosse com homens ou outras mulheres –, buscaram e defenderam mais experiências sexuais, isto é, experimentaram diferentes corpos, ampliando a possibilidade de também os homens viverem mais intensamente sua sexualidade. Porém, chegamos à segunda década do século XXI enfrentando retrocessos e lidando com resistentes persistências acerca da liberdade sexual feminina.

Ainda que a maior parte dos homens com que conversei considere que hoje há um maior protagonismo feminino no campo afetivo essas iniciativas ainda estão alocadas em um lugar desvantajoso para as mulheres, sobretudo quando se trata de negociar os termos das relações amorosas. Eva Illouz (2012, p. 142), inspirando-se em Pierre Bourdieu, cunha o conceito de

“dominação emocional”, quer dizer, quando uma das partes tem maior capacidade de controlar a interação emocional por meio de

um desapego mais forte e quando possui também maior capacidade de exercer seu próprio poder de escolha e limitar as opções da outra parte.¹³⁶

Para as mulheres, em geral, o sexo serial (acumulativo) e experimental (envolvendo práticas menos convencionais) ainda é mais vigiado e julgado do que propriamente um elemento emancipatório, capaz de realmente colocar-nos em um patamar prestigioso no universo eletivo de muitos destes homens. A masculinidade ainda confere status privilegiado para o julgamento do outro. Há uma certa superioridade moral atravessando essas análises da alteridade deste outro “corporificado” nas mulheres com as quais se relacionam, ainda que efemeramente, por meios digitais, como procurei ilustrar com o longo post de Fernanda, a jovem mãe que fez de seu perfil no *Tinder* uma experiência sociológica.

Ouvindo meus interlocutores, tendo a concordar com a socióloga marroquina quando ela argumenta que a sexualidade acumulativa ou serial, quer dizer, acumular transas sem necessariamente estabelecer contratos de pareceria que envolvam fidelidade ou vínculos emocionais, apesar de ter surgido como valor em um contexto de luta por igualdade de gênero, entre o fim dos anos 60 e começo dos 70, não logrou arregimentar para as mulheres um capital tão valoroso como para os homens. Mulheres, argumenta Illouz (2012, p. 142), a partir das entrevistas que fez,

adotaram a sexualidade acumulativa como um estilo de vida emancipado, como resultado de novos apelos que as convidavam a experimentar o prazer e a igualdade. (...) Mas eu considero que ao adotar essa sexualidade, as mulheres estão respondendo e imitando os homens, que obtêm poder por esse meio. (...) Para as mulheres, a sexualidade acumulativa sempre conviveu com a exclusividade. (...) quer dizer, as mulheres tendem a mesclar estratégias sexuais acumulativas com exclusivistas¹³⁷.

¹³⁶ “‘dominación emocional’, es decir, aquella que se ejerce cuando una de las partes tiene mayor capacidad de controlar la interacción emocional por medio de lo desapego más fuerte y cuando posee también mayor capacidad de ejercer su propio poder de elección y limitar las opciones de la otra”

¹³⁷ [...] han adoptado la sexualidad acumulativa como un estilo de vida emancipado, como resultado de nuevos mandatos que las invitan a experimentar placer e igualdad (...), pero considero que, al adoptar dicha sexualidad, las mujeres están respindiendo e imitando a los varones, que obtienen poder por esse médio (...). Para las mujeres, la sexualidade acumulativa siempre convivió com la excusividad”.

Eu não seria tão taxativa e imprimiria um tom relativizador nessa passagem acrescentando que, para a maior parte das mulheres, isso parece sim se dar, mas não é mais tão absoluto, de acordo com o que os próprios interlocutores relatam.

Fernando, mesmo sem ter lido Illouz, me diz algo muito semelhante baseado nas suas experiências.

“Percebo também alguns casos que chego a encontrar, que a mulher olha pra mim e pensa: Esse cara não vai querer um relacionamento comigo então vou transar com ele”. André, mais jovem sete anos que Fernando, vivendo na capital paulista e tendo formação em um curso de humanidades, diz que percebe *“conversando com amigas mulheres ou até mesmo por histórias que já vivi, que elas têm momentos de só querer satisfazer o desejo sexual. Mas esse peso do julgamento e das classificações/separações que temos na nossa sociedade acabam reprimindo às vezes certas vontades”* (em Conversa pelo WhatsApp em 19/04/2016).

Na percepção do jovem paulistano, vigiar o desejo e modular a forma de expressá-lo ainda é algo que mulheres de sua convivência tendem a fazer para serem desejadas por homens capazes de estabelecer relações duradouras e respeitadas com elas. *“Eu penso q amulherada quer arranjar um cara firmeza, sério - mas se rolar não desperdiça um gostoso casual”*, expressa Franco.

Está implícito nas falas dos dois homens mais velhos (37 e 44 anos) que a “mulherada” procura mesmo a exclusividade emocional e, ao perceber que as possibilidades de isso acontecer podem não se concretizar, as mulheres transam e, desejavelmente, curtem. André, o mais novo deles, com 32 anos, considera, por outro lado, que “relaxar e gozar” não é algo assim tão fácil para as mulheres que, ao não darem vasão mais livremente aos seus desejos sexuais, acabam, *“assim, perpetuando a genericidade (não sei se empreguei termo correto)”*.

Volto a Franco, que comentou preferir não ter sexo no primeiro encontro. *“Gosto mais de mulheres q tb preferem esperar conhecer mais um pouco. Mas não tem julgamento moral nisso”* (em 05/06/2017, em texto por WhatsApp). Adiar o sexo pode se apresentar como uma forma de evitar que vínculos emocionais sejam sugeridos ou estabelecidos prematuramente. Evita-se, assim, posteriores cobranças, e pode se tratar até

mesmo de uma estratégia textual para se mostrar como um homem confiável, que não deseja apenas sexo, potencializando, com esse recurso, um possível encontro presencial.

Retomo dados de minha pesquisa anterior, já mencionada no início deste texto, e me deparo com declarações que me fazem pensar em todas as camadas de significados que podem estar contidas no adiamento da relação sexual manifestado por Franco.

Paulo Ricardo¹³⁸, colaborador da pesquisa anterior, me escreve, em um de seus longos e-mails, que dois de seus encontros presenciais articulados via *Ashley Madison* “degringolaram” em sexo, o que, de fato, não foi contabilizado por ele como uma boa experiência.

“Acho que pessoalmente as pessoas são menos atraentes (física e psicologicamente) do q imagino, mas a amostra foi pequena e não sei se isso é sempre verdade. Tive a sensação de sexo quase profissional; não estava emocionalmente envolvido. Tenho possibilidade atual de encontrar 4 de meus contatos atualmente (dependeria mais de mim...) e não sei se quero fazer isso (pois não quero se obrigado a 'pegar' alguém por obrigação - tem mulheres assanhadas no site, pode crer! Deixam claro q se vc. ajoelhar vai ter de rezar!!)” (Em e-mail enviado em 2012).

A prática do sexo heterossexual tão vinculada à masculinidade e, teoricamente, altamente desejada pelos homens, não parece ser assim tão estimulante quanto a sedução por vias digitais. Até mesmo porque as mulheres parecem não atender às expectativas de passividade e docilidade que, de forma mais ou menos manifestas, estes homens esperam. João Paulo, também colaborador daquela investigação, queixava-se, por MSN, das mulheres que lhes mandam mensagens vulgares. *“Já mandam fotos ginecológicas e querem se encontrar no primeiro encontro na porta de um motel, muitas me disseram isso”*. É interessante destacar que um dos encontros que ele considerou mais divertidos e que seguiu rendendo prazerosas interações on-line foi um no qual não houve sexo, *“só um selinho no final”*. Encontraram-se na praça de alimentação de um shopping em São Paulo e ficaram 4 horas bebendo, conversando e rindo. Até mesmo o elemento que, na leitura dele, poderia ter sido um impeditivo para o sexo, acabou se tornando um convite à conversa temperada por “sacanagens”, mais sem pretensões a já “irem para cama”. Ele se referia ao fato de a mulher ter levado junto uma amiga, sobre quem ela havia criado

¹³⁸ Paulo Ricardo, nome fictício, tinha 46 anos à época. Foi um de meus interlocutores mais provocativos e colaborativos na pesquisa intitulada “Conjugalidades contemporâneas, mídias digitais e negociação dos afetos: a economia das emoções nos sites para infidelidade”, realizada entre 2011 e 2013.

todo um clima de insinuações antes do encontro presencial. Para ele, esse jogo de sedução é o “mais gostoso” e parecia ser, por seus relatos, o que de fato buscava.

O sexo que, supostamente seria um elemento central de e para a vinculação em novos relacionamentos e, mesmo, para a manutenção daqueles já estabelecidos, aparece secundarizado nesses depoimentos. Mas o apetite sexual ainda se mostra central e opera como uma espécie de imperativo: homem que é homem deseja fazer sexo com uma mulher, sobretudo se ela corresponder aos padrões hegemônicos de beleza e feminilidade. Não sentir atração por mulheres é um elemento altamente emasculador e pode colocar sua heterossexualidade sobre suspeita e, assim, sua masculinidade. Como lembra Garcia (1998), retomando as contribuições de Michael Kimmel e Michael Messner, os homens costumam temer o julgamento de outros homens no que se refere aos seus desempenhos sexuais. “O medo de humilhação, de perder no *rank* que estabelecem entre eles, são sentimentos que podem reforçar as definições tradicionais de masculinidade”. (Garcia, 1998, p. 43).

A falta de apetite sexual pela parceira foi uma das alegações mais recorrentes dos homens que participaram de minha pesquisa anterior para justificar seu engajamento em uma plataforma para buscar relações fora do casamento. “*Virou uma grande amiga*”, “*Ela é a mãe dos meus filhos, minha companheira, mas não tenho mais desejo sexual por ela*”, “*O tesão acabou faz tempo*” eram declarações que vinham carregadas de culpa, pois muitos daqueles homens declaravam que amavam suas esposas e a família que constituíram com elas, mas precisavam sentir novamente emoções virilizantes que as relações hipotéticas, mas possíveis, que conseguiriam por meio do site, poderiam prover. Mais do que conseguir de fato transarem gostavam de sentir que ainda eram homens capazes de sentir tesão, vontade de “comer uma mulher”, capacidade de sedução e habilidade de conquista.

“Eu não conto aventuras & desventuras, eu tento analisar o que faz as pessoas buscarem uma abordagem de site para ter sexo... já percebi, por exemplo, que eu quero “caçar” e não exatamente comer o animal abatido (talvez uma tentativa de recuperar uma autoestima abalada?) (Paulo Ricardo, já citado, por e-mail).

Para Júlio César, outro colaborador da referida pesquisa, a “caça”, ou melhor, as sensações que ela provoca, justificam a permanência nas buscas online. Ainda que ele

procurasse relações que resultassem em sexo “na real”, o processo de aproximação via mídias digitais já era em si bastante emocionante. Em suas palavras:

“Pq entro no site? É o q eu te falei pouco acima: dá um friozinho gostoso saber q vc está conectando pessoas de carne e osso como vc, com seus defeitos, virtudes, vontades, pecados. E que (não me interprete mau!) se vc apertar o botão certo, a pessoa se abre, te conta a vida”. Todos temos necessidades de falar da gente mesmo pros outros”. (Júlio César, 46 anos, casado a 22 anos na época da pesquisa. Por e-mail)

Raduã, 37 anos, educador físico e empresário, autodeclarado branco, me diz que nos aplicativos percebe que homens buscam sexo rápido. Ele está em busca de “sexo bom”. Quero saber o que é para ele o sexo bom: “*É aquele q vc não quer ir embora depois do orgasmo 😊*”. Quando pergunto se em encontros pelos aplicativos ele teve bom sexo, responde que na maior parte das vezes ele quer ficar, mas já aconteceu por duas vezes de querer sumir. Sentimento expresso com certo humor por Welliton, 32 anos, negro autodeclarado, carioca, festeiro e bastante direto como interlocutor: “*Já fiz sexo com mulheres, que depois eu gostaria muito que ela virasse uma pizza rs*”, pois não tinha afinidades intelectuais com elas. Esta incompatibilidade, no entanto, não foi um obstáculo para que a transa acontecesse.

Em junho de 2016, quando conversávamos, Raduã estava se comunicando com mais sete mulheres contatadas pelo *happn*, aplicativo que tinha voltado a usar fazia um mês. Resolveu reativar seu perfil por estar abalado com o fim de seu segundo casamento. Estava cogitando sair com algumas delas, mas preferia seguir conversando para checar as afinidades. Pergunto se fala de sexo com elas, e ele:

10/06/16 18:08:29: Raduã 37 Happn: De tudo

10/06/16 18:08:51: Raduã 37 Happn: Sexo Tbm

10/06/16 18:09:14: Larissa Pelucio: Mts caras me dizem que as mulheres hj estão querendo mais sexo que homens, vc acha isso?

10/06/16 18:10:37: Raduã 37 Happn: Eu acho q elas falam mais sobre isso. Não acho q a vontade tenha aumentado

10/06/16 18:11:15: Raduã 37 Happn: Acho q estão mais libertas de certos "pudores".

Welinton, “macaco velho de internet”, acha que as mulheres em geral “*ainda não têm esse desprendimento de fazer sexo pelo sexo. Rola ainda um machismo do nosso lado também, de que mulher que dá no primeiro encontro, não presta*”. (em conversa por *WhatsApp* em 16/01/2016).

Libertar-se de pudores sexuais, como já discuti, ainda é um desafio, mas, certamente, se mostra como uma conquista emancipatória para mulheres de uma forma geral e, para algumas, devido ao seu pertencimento de classe, filiações religiosas, raça/etnia e geração, pode ser ainda mais significativa. Como sublinha Leo, o paulistano-carioca que abre esse trabalho:

“A mulherada hoje, vai, vamo colocar aí 40, 50 anos de idade; 35 a 50 anos de idade, é muito mais... lógico, nós estamos falando de um nível sócio-econômico, nós tamos falando de uma geração da mesma idade da nossa, com aqueles mesmos valores, saindo de uma criação pós-ditadura, vivendo os anos 80, escutando rock brasileiro, essa nossa galera, essa nossa galera”,

Dessa forma, Leo situa essas mulheres emancipadas em uma classe social pela inclusão delas em uma “comunidade imaginada” expressa no termo “nossa galera”.

Para Mike, 52 anos, servidor público federal, com nível superior e pós-graduação em Economia, autodeclarado branco, “carioca da gema”, apesar de toda a emancipação algumas mulheres ainda performam o que ele chamou de

“o lado mulherzinha”. “E os homens são meio incomodados com essa contradição. ‘Ah, ela tem opinião sobre tudo, ela decide muitas coisas, ela também tem que ser protagonista, também tem que ter várias possibilidades, antes reservadas para os homens, para ela’; mas por outro lado ela, em tendo isso, não assume completamente o papel de ser independente, o papel de resolver coisas... então, eu acho que há um pouco essa contradição”. (em resposta gravada em áudio pelo *WhatsApp* em 18/09/2016)

A fala de uma das entrevistadas de Iara Beleli, em sua pesquisa com mulheres sobre intimidades e paquera em aplicativos móveis, estabelece um diálogo de surdos com

Mike. A reproduzo a seguir: “é preciso ser sexual, mas não dá para se abrir totalmente, porque eles esperam que a gente seja moderna, independente, sem restrições no sexo, mas querem também que a gente seja meio mulherzinha”. (Em entrevista a Beleli, 2017, p. 342)

Beleli analisa que ser “mulherzinha”

significa que algumas iniciativas devem ser dos homens, mas o que chama a atenção aqui não é uma relação de poder cuja masculinidade é afirmada em uma única via. Para a maioria das mulheres entrevistadas nesta pesquisa, esse tropo de masculinidade também é desejado e admirado, de forma que elas fazem parte desse jogo (Idem, ibidem).

Em outro contexto, Juliana do Prado (2014) acompanhou postagens no blog *Cérebro Masculino*¹³⁹ que também traduzem essa incompreensão, textualizada ali em tom de rechaço e cobrança, uma vez que aquele é tido como um espaço de expressão masculina voltada a aconselhamentos a mulheres que pretendem entender como pensam os homens. Escreve Davi, um dos editores do blog:

A maior hipocrisia existente nos dias atuais, o feminismo quando apenas lhe convém, eu quero receber igual, trabalho igual, poder pegar todos e transar com qualquer um sem ser chamada de puta...mas quando sairmos, o cara paga a conta e me pega em casa, paga motel, pq mulher rachar é ridículo, e eu posso fazer tudo que quero, mas os homens não, como falei, somos a favor da igualdade, em todos os aspectos. Contra machismo e contra o feminismo (Trecho de comentário no site Cérebro Masculino citado por Prado, 2014, p. 105).

¹³⁹ Segundo Prado (2014, p. 86), a “equipe é formada majoritariamente por homens que respondem e comentam as experiências amorosas enviadas pelas leitoras por e-mail. Contudo, nenhum dos membros são jornalistas ou profissionais das áreas psi, como os conselheiros e conselheiras frequentes em outras mídias. Tal fato permite constatar que as mídias digitais permitem esse desdobramento, possibilitando o surgimento de outros interesses ao aconselhar que não necessariamente vinculados à formação profissional. Entre a equipe estão profissionais das áreas de design, economia, *coaching* pessoal, administrador de empresas e uma profissional de Relações Públicas que contribui no site escrevendo seções sobre moda e entrevistas com homens para as seções de opinião masculina”.

Convivi tempo suficiente com Mike, que se tornou um companheiro de saídas e conversas, a cada vez que fui ao Rio de Janeiro a trabalho, para entender que suas colocações não estão postas no mesmo nível de recusa ao “feminismo”, tema sobre o qual tem perspectivas mais elaboradas como, por exemplo, não o entender como o avesso do machismo, tal como aparece no fragmento acima. O que cria o paralelismo entre as duas reflexões é a suposição não explicitada de que mulheres e homens dispõem, independente dos constrangimentos sociais, políticos, culturais e históricos, das mesmas possibilidades para lidarem com as exigências de autonomia nas diversas esferas da vida (amor, trabalho, família, finanças, vida sexual), como se dependesse apenas delas, mulheres, como indivíduos liberais, agirem instituindo uma nova ordem simétrica entre os gêneros. Não são profundamente consideradas as desigualdades estruturais que despotencializaram as mulheres como seres tão racionais como homens, o que deriva de uma educação emocional bastante eficiente que nos ensina de forma coercitiva a sermos cordatas, delicadas, passivas, passionais; e quando não correspondemos a essas características, não raro somos taxadas de “loucas”, “histéricas”, “mal-amadas”. Tampouco se está levando em conta a inserção desigual de homens e mulheres no campo laboral não só em relação às oportunidades, como aos ganhos financeiros. O protagonismo feminino em qualquer frente precisa ser conquistado, verbalizado, anunciado, dado a ver, ao contrário do masculino, já suposto.

Mike pondera sua análise sobre as contradições que ele percebe no comportamento feminino. Diz ele, em mensagem gravada por *WhatsApp*,

“que o papel de protagonista, o papel de tomador de decisões, o papel do ‘respondo por mim mesmo’, ele também tem muitos ônus e ele vem sendo exercido, principalmente no Brasil, há pouco tempo [pelas mulheres]. Eu vejo muitas mulheres éh... independentes e que tomam conta da própria vida brincarem e falarem assim: ‘ah, quem foi que teve a ideia de queimar sutiã?’. Então, acho que o papel ainda tem esse peso e de alguma maneira, as referências de uma outra forma de ser mulher não são tão antigas e não estão tão distantes assim e as pessoas ainda se apegam aos lados positivos que, eventualmente ela teria”

Quando perguntei sobre quais seriam os lados positivos que essas referências pretéritas teriam, ele diz que “*o principal seria alguém cuidar delas. Resolver problemas, ser um auxílio decisivo*”. Insisto em saber:

26/7/2017 16:10 Mike: *O principal seria alguém cuidar delas. Resolver problemas, ser um auxílio decisivo*

26/7/2017 16:11 Larissa Pelúcio: posso pensar em uma certa tutela que desresponsabilizaria de ter de lidar com questões, por exemplo, da vida pública, do financeiro?

26/7/2017 16:12 Mike: *O financeiro talvez fosse até o menor*

26/7/2017 16:11 Larissa Pelúcio: então, seria o suporte emocional acima do material?

26/7/2017 16:21 Mike: *Sim mas tb um certo suporte prático.*

Há 25 anos Buffon finalizava sua dissertação de mestrado com análises que ressoam ainda hoje em meu campo. Escreve a antropóloga

Assim vemos que nesse processo de mudanças das relações de gênero, que implica na reconstrução da imagem masculina, são as mulheres que surgem nos discursos desses homens, como principal empecilho à efetiva transformação masculinas. Elas, no entender deles, continuariam, de alguma forma, presas a modelos antigos de mulher. Fato que por um lado, as impede de abraçar o projeto de individualização, pois ainda buscam no homem e/ou nos filhos sua auto-realização; e por outro lado, as leva a exigirem do homem, de modo ambíguo e contraditório, posturas que se enquadram no modelo “machista” – considerado “ultrapassado” – ao “irritarem-se” com comportamentos sensíveis do homem, ou então, elas tornam-se tão “masculinizadas” em suas buscas por individuação que “frustram” as expectativas amorosas do homem. (...) Desta forma, quase numa inversão do discurso feminino que acusa os homens de permanecerem machistas, eles colocam-se como verdadeiros portadores da mudança e, assim, permanecem ao nível de suas próprias representações, ocupando uma posição de superioridade em relação às mulheres. (1992, pp. 231-232)

Mike se enquadraria no perfil dos rapazes na casa dos 30 anos que compuseram a etnografia de Buffon. Hoje, com mais de 50 anos, olha o cenário atual com mirada

semelhante daqueles rapazes que um dia foram seus contemporâneos. Talvez, mais do que uma nostalgia de referências de feminilidades pretéritas que pareciam, pelo menos na percepção de Mike, oferecer mais segurança para as mulheres, muitas delas encontrem dificuldade em sustentar a autonomia econômica e emocional em tempos tão exigentes como o que vivemos. As inquestionáveis conquistas de direitos que muitas mulheres ocidentais encontraram para além das diferenças de classe e raça (nada desprezíveis) têm sido desafiadas por resistências que estão no plano da cultura que obstaculizam conquistas jurídicas. Mesmo mulheres estando à frente de lares como figura de referência¹⁴⁰, sobretudo nas classes populares, ou ocupando postos de trabalho qualificados, alcançando maior nível de formação do que homens, esses recursos não são garantidores de respeito social, de segurança física e emocional. Em suma, o espaço público ainda é desafiador e, mesmo, ameaçador para a maior parte das mulheres. A emancipação emocional feminina enfrenta obstáculos simbólicos bastante eficientes.

(...) a revolução feminista (necessária e salutar, mas inconclusa) não respondeu a um profundo anseio do amor e da paixão que sentem todas as pessoas, sejam do gênero que forem. A liberdade e a igualdade não devem se mover do lugar central que ocupam entre nossos ideais normativos sobre o amor, mas aqui me propus a lançar luzes sobre as seguintes questões culturais: é possível que esses ideais políticos possam organizar a paixão e o compromisso? Em caso afirmativo, de que modo podem fazê-lo? Nesse sentido, as mulheres heterossexuais de classe média têm sido mais soberanas de seus corpos e de suas emoções, mas, ao mesmo tempo estão dominadas emocionalmente pelos homens de um modo que não tem precedentes (Illouz, 2012, p. 311).¹⁴¹

¹⁴⁰ Segundo as Estatísticas de Gênero - Uma análise dos resultados do Censo Demográfico (IBGE) – em 2010, 38,7% dos 57,3 milhões de domicílios brasileiros eram comandados por mulheres. Um aumento de 13% em relação a 2000. “Nas famílias formadas pelo responsável sem cônjuge e com filho(s), as mulheres foram maioria na condição de responsável (87,4%). O critério para definir a pessoa responsável pela família é de que aquela pessoa seja reconhecida como tal pelos demais membros do domicílio”. (<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2014/10/mais-mulheres-assumem-a-chefia-das-familias-revela-pesquisa-do-ibge>).

¹⁴¹ “(...) la revolución feminista (necesaria y salutable, pero aún, inconclusa) no hay respondido al profundo anhelo de amor y pasión que siente todas las personas, del género que sean. La libertad y la igualdad no deben moverse del lugar central que ocupan entre nuestros ideales normativos sobre el amor, pero aquí me he propuesto arrojar luz sobre los siguientes interrogantes culturales: ¿Es factible que dichos ideales políticos puedan organizar la pasión y el compromiso? Y en caso afirmativo, ¿de qué modo podrían hacerlo? En este sentido, las mujeres heterossexuales de clase media se encuentran en una posición historicamente inédita, pues nunca han sido más soberanas de su cuerpo u sus emociones, pero a la vez están dominadas emocionalmente por los hombres de un modo que no tiene precedentes.”

Esta citação de Illouz, extraída do capítulo final de seu livro *Por que Duele el Amor – una explicación sociológica* (2012, na versão espanhola), chamou-me especial atenção em pelo menos dois aspectos: o primeiro deles refere-se ao lugar dos discursos feministas como um campo de formulações críticas e transformadoras acerca do amor e da paixão nas relações heterossexuais, debate que adiarei. O segundo aspecto está contido na radicalidade temporal da frase que fecha a citação, como também na claustrofobia emocional que ela me provoca.

Relendo infindáveis páginas de conversas encetadas com os colaboradores desta pesquisa chego muito perto de concordar com Illouz. No esforço de justificar essa aproximação reuni na seção seguinte alguns dados sobre uma categoria que apareceu explícita e implicitamente em muitas falas: “a mulher complicada”. Esta qualificação atribuída pelos homens às mulheres com as quais trocam mensagens e, por vezes, se relacionam/relacionaram, sugere que o exercício naturalizado da dominação emocional torna as assimetrias estruturais de gênero, antes, questões próprias de uma certa biologia e comportamentos inatos às mulheres, do que reflexos desses arranjos orquestrados, por exemplo, na crença no ideal de amor romântico.

Mulheres complicadas

A vida cotidiana é uma arena das políticas de gênero (Connell apud Garcia, p. 1998, p. 43), onde se tencionam e negociam instâncias objetivas e subjetivas que constituem as relações entre homens e mulheres, inclusive, e talvez, principalmente, códigos de intimidade. Nessa arena, a expressão de sentimentos como o desejo, amor romântico, paixão, raiva, mágoa, ciúmes são sentimentos generificados e orientam comportamentos na esfera íntima da vida. Antes de serem inatos, são aprendidos e, muitas vezes, sua manifestação (mesmo daqueles tidos como menos nobres) é desejada como prova de amor ou cuidado. Aprendemos, por meio de diferentes discursos (institucionais, religiosos, científicos, midiáticos, de senso comum) como expressar corretamente sentimentos (Mauss, 1979). Como outros elementos que constituem os gêneros, a forma de expressá-los é performativa.

A performatividade se baseia na reiteração de normas que são anteriores ao agente e que, sendo permanentemente reiteradas,

materializam aquilo que nomeiam. Assim, as normas reguladoras do sexo são performativas no sentido de reiterarem práticas já reguladas, materializando-se nos corpos, marcando o sexo, exigindo práticas mediante as quais se produz uma “generificação” (Miskolci e Pelúcio, 2006, p. 258).

“Homens buscam sexo, mulheres querem amor” é uma espécie de máxima que circula nos discursos de senso comum e até mesmo de produtos culturais. Porém, o que os meus dados mostram não corrobora essa suposta verdade. Como já reproduzi em outros momentos, a maior parte dos homens com os quais conversei buscava mais do que “transas”¹⁴², o que não implica que queriam relacionamentos mais estáveis, ainda que não estivessem fechados para a possibilidade de serem envolvidos. De fato, buscavam relacionamentos que tendem a “hibridizar” formas mais tradicionais e convencionalizadas de relação como o namoro, por exemplo, com outras na qual valores como liberdade e autonomia são acionados como imprescindíveis, ao mesmo tempo em que buscam vinculações significativas. A lógica do amor confluyente (Giddens, 1993) já não parece suficiente ou operacionalizável, porém, não há outra para se pôr no lugar e que seja capaz de oferecer termos nos quais se possa pactuar com esses contatos tateantes.

Os códigos fluídos que regem esses novos meios de se conhecer pessoas parece confundir homens e mulheres. Além das discrepâncias já mencionadas entre a forma como somos emocionalmente pedagogizados, possibilitando aos homens mais recursos para lidarem com os afetos (dominação emocional), as comunicações por meio digitais tendem a diluir algumas pistas sociais gerando mal-entendidos e algumas decepções.

Talvez essas lacunas contribuam para a pontual referência a mulheres como “complicadas” e, até mesmo, “loucas” por parte de meus interlocutores. Pareceu-me importante compreender quais comportamentos acionados por essas mulheres justificava tal qualificação. Esse atributo, percebido por eles como feminino, atua, a um só tempo, como justificativa para rupturas e recusas em se estabelecer relacionamentos; bem como aparece como um reforçador da clássica díade loucura/razão e sua homologia com feminino/masculino. Códigos identitários de gênero implicados nessas dicotomias nem sempre são percebidos como históricos, culturais e, muito menos, políticos.

¹⁴² Ainda que muitos não dessem segmentos nem mesmo a conversas iniciadas online. Outros assumiram que não se vincularam a uma mulher que lhes pareceu interessante porque alguma coisa nela, buscada por eles com cuidado preciosista, indicava que o desenvolvimento da relação poderia não ser bom. Ao fim, havia mais outras tantas a serem contatadas por meios digitais.

As transformações nas relações amorosas, aceleradas a partir dos anos sessenta, foram, sem dúvida, potencializadas tanto pelas estruturas sociais, atravessadas pela tecnologia midiática, consumo e hegemonia capitalista, quanto pela explosão identitária contemporânea. Hoje falamos de um amor de caráter mais instável, da valorização da sexualidade e a liberação de práticas sexuais antes desviantes, de individualismo, de feminismo, de negociação constante entre parceiros, de relações menos hierarquizadas, convivendo ao lado de antigos comportamentos baseados em noções de gênero ainda estereotipadas. A família, o casamento, o namoro estão diferentes e apresentam novas feições, mesmo em suas formas tradicionais. (Ferreira e Adelman, s/ano, p. s/n).

Essas instabilidades são percebidas, mas não implicam, necessariamente, em repactuações claras dos termos para estabelecimento de vínculos sexuais/amorosos. Termos que podem se tornar ainda mais nebulosos quando os contatos ocorrem via mídias digitais posto que não temos muito claro quais são os termos que devem orientar essas comunicações. Cria-se uma nova semântica para a intimidade cujos códigos não estão ainda bem estabelecidos.

Estes códigos que estou chamando de fluidos pontuam a comunicação afetiva e passam, por exemplo, pela falta de nomes que qualifiquem o tipo de relação que estão tendo ou estabelecendo. “Tamo enrolados”, “ficando”, “vendo no que dá” são status imprecisos, assentados em uma suposta pactuação do não compromisso e do adiamento de vínculos. Namorar implica a assunção do vínculo, na monogamia¹⁴³, em compartilhamento do tempo de lazer e na publicização da relação que passa a ser nomeada para ser reconhecida também pelo ciclo de amizade e parentesco do casal. Sobre esse status, o namoro, os sujeitos desta pesquisa não têm dúvida, ainda que tenham críticas. Mas têm dificuldades para saber quais são as regras quando se está apenas “saindo” com uma mulher. De fato, esse é um vínculo potencialmente temporário, no qual não deveria haver cobranças, conversas diárias de tom intimista, nem compartilhamento de rotina, por exemplo. Mas alguns se veem envolvidos em longas comunicações digitais de tom

¹⁴³ Pelo menos como regra majoritária.

confessional e, por vezes, sexual, com mulheres com as quais nem mesmo estão saindo. Pode ocorrer que, depois do encontro presencial, o interesse se dissipe, e se isso ocorrer só para uma das pessoas envolvidas, não se tem convencionado como se estabelece um “término” para o que nunca foi considerado um compromisso.

Mesmo com todas essas imprecisões e dificuldades de se encontrar linguagens capazes de nomear e sinalizar os processos da relação digital, os códigos fluídos carreguem marcas geracionais, de classe, raça e gênero que marcam também as relações off-line. As abreviações e gírias dos mais novos; a escrita que denuncia a pouca escolarização; a baixa autoestima que escapa em um comentário no qual avaliações estéticas falam de fato sobre cor de pele; o excesso de *emoticons* pontuando frases femininas ou as interpelações que ensaiam cortesias galanteios expressas no “oi linda”, “e aí, gata” trazem muitas pistas, mas poucas certezas de como irão se desenvolver as possíveis relações, como devemos proceder para que isso ocorra (refiro-me ao desenvolvimento do contato)¹⁴⁴.

À guisa de exemplo sobre as incertezas que essa fluidez provoca, aponto a troca de mensagens que podem ser prolongadas sem que as pessoas tenham se encontrado pessoalmente.

“Se eu mando um ‘bom dia’ pra uma pessoa hoje, mas aí amanhã eu não mando... se eu mando no outro dia, aí ela já não responde... Aí, num determinado dia já fala: ‘ah, vc manda um bom dia, vc some’, e não sei quê, e não sei o que lá. ‘Vc só aparece de vez em quando’. Porque as pessoas não conseguem criar um vínculo. Eu também acho muito chato [ênfase] ficar de mimimi no telefone com uma pessoa que você não chegou a encontrar. Que você não chegou a ter contato nenhum”.
(Felipe, 39 anos, *personal trainer*, pardo, morando em Ribeirão Preto)

O acesso à conexão somado à mobilidade/movimento, sem restrições de lugar ou horários, é compatível com atividades profissionais, domésticas ou mesmo de lazer, provocando emoções ativadas por sons, vibrações, imagens que mobilizam ansiedades, expectativas, alegrias, desejos, mesmo quando as mensagens não vêm (ou) justamente por isso. *Emoticons*, frases curtas, o detalhe da pontuação ou mesmo da grafia, que

¹⁴⁴ É preciso ressaltar que esses marcadores nunca estão isolados: classe, raça, geração, gênero se interseccionam, modulam e oferecem referências para analisarmos sócioantropologicamente essas formas de comunicação, assim como orientam também a interação fora dos registros acadêmicos.

procura reproduzir os sentimentos de quem digita (oiiii; ameee; td bem ☺, não tem problema) não asseguram que os códigos sejam apreendidos/compreendidos pelo receptor/a da forma que quem emite deseja.

É inquestionável que os sujeitos estão imersos em, e se constituem por, uma gama de imagens fragmentadas, cujas leituras não necessariamente são detidamente refletidas, mas os impele ter respostas imediatas. A internet acelerou esse movimento, na medida em que ao navegar por um site ou aplicativo, estamos continuamente “em estado de prontidão” (Santaella apud Beleli, 2015, p. 98)

Breno tem 34 anos, se autoidentifica como branco, trabalha com marketing e Comunicação, mora só em uma capital no sul do país e se dedica também às artes plásticas. Conversamos por mais de três semanas de forma intensa e bastante cúmplice. Atencioso, amoroso e com bastante senso de humor, ele não conseguia entender por que as mulheres, ao fim, não se interessavam por ele. Estava chateado com isso, triste por vezes, mas na busca. “É o que vc espera de um relacionamento?”, pergunto.

08/03/16 22:33:16: Breno 34 Adote Um Cara: Olha... Vc está estudando a masculinidade... E não vou ser hipócrita...

08/03/16 22:33:29: Larissa Pelucio: Não entendi

08/03/16 22:33:35: Breno 34 Adote Um Cara: Mas depende muito da pessoa... Temos atração física no primeiro momento.

08/03/16 22:33:44: Breno 34 Adote Um Cara: Mas beleza não põe a mesa... Claro que procuro inteligência, afinidades, e acima de tudo, cumplicidade...

08/03/16 22:34:37: Breno 34 Adote Um Cara: E que o sexo seja excelente

08/03/16 22:34:38: Breno 34 Adote Um Cara: Rsss (...) Enfim, relacionamento como troca... Ambos querendo crescer juntos...

O par que se completa é, segundo Illouz (2013), uma das utopias emocionais mais desafiadoras do presente, pois exige conciliar os valores contemporâneos de liberdade e autonomia do sujeito com a doação de si ao outro e a planos futuros que devem ser

decididos a dois. Vivemos sob a égide de uma cultura massiva que incita o atendimento de necessidades individuais e de autoconhecimento, o que vale para mulheres e homens. Isso tem nos confrontado com ideais de simetria e igualdade entre os gêneros. Por sua vez, a norma da igualdade cria novas tensões, pois sugere que os homens e mulheres calculem, meçam e quantifiquem o que eles dão um ao outro, tanto em termos de seu trabalho doméstico, quanto em termos de troca emocional. E, nestas trocas, uma moeda que se mostra valiosa é a da permanente excitação. O casal feliz não se entedia na companhia um do outro, o que se mostra desde sua formulação como uma espécie de oxímoro: conciliar o “amor tranquilo” à excitação, um azeite imprescindível para a manutenção da maquinaria do amor cúmplice. Este, no presente, pode, não raro, ser antecedido pelo sexo. Uma prática experimental e lúdica que não deveria implicar compromissos, mas formar parte da dinâmica dos encontros. “Vamos ver no que dá” ou “vou deixar rolar pra ver qual é” são observações que apareceram nas falas dos homens mais jovens com frequência quando se referiam ao contato online e/ou off-line com alguma mulher específica. Weliton estava saindo “*com tanta mulher legal, pq ficar só com uma?*”. Então torcia para ser “*capaz de domar*” os próprios sentimentos para só voltar a namorar no ano seguinte. Seguiu assim, com seus 30 contatos estabelecidos por meio do *Adote um Cara*, dos quais já havia saído com oito. Logo iria agregar mais uma mulher a essa contabilidade, uma paulista que conheceu durante o Carnaval.

A sexualidade recreativa – exatamente porque desloca a organização do sexo do matrimônio para o mercado de consumo – gerou ansiedades culturais acerca da capacidade do homem (e cada vez mais da mulher) de comprometer-se, isto é, de dar um significado emocional ao significante amor.¹⁴⁵ (Illouz, 2014, p.58).

Gil, um carioca de quase 50 anos, queixou-se justamente da insistência, em sua visão, “quase infantil”, que as mulheres apresentam em esperar “um príncipe encantado”, ou seja, querer se comprometer de maneira definitiva com um homem idealizado. Faz esse comentário após observar que tem “*muita mulher louca aqui*”, referindo-se ao *happn*.

¹⁴⁵ No original: “La sexualidad recreativa – precisamente porque desplaza la organización del sexo del matrimonio al mercado de consumo – ha generado ansiedades culturales acerca da capacidade del hombre (y cada vez más de la mujer) de comprometerse, es decir, de dar um significado emocional al significante de amor”

Quando quis entender o que faz dessas mulheres pessoas loucas, ele me ofereceu a resposta acima. Seriam loucas, porque sendo já adultas e algumas delas na casa dos 40, ainda cultivariam esse tipo de ilusão. Ademais, se estão com um perfil em aplicativos para relacionamento não deveriam ser tolas ao ponto de pensar que esse “príncipe” que proporcionaria o “felizes para sempre” lendário pudesse ser encontrado ali. Gil queria sexo prazeroso, descomprometido, sem “neuras”. Penso se ele também não estava fantasiando, roteirizando os seus desejos como as mulheres que critica. Porém, ao invés de tomar como referente os contos de fadas, guiava-se pelo imaginário da pornografia *mainstream*¹⁴⁶. Ou, se, ao fim, só desejava o tão sonhado “amor tranquilo”, um equivalente romântico para o seu “sem neuras”.

Eu e Gil não seguimos conversando. Confesso que sua forma de se referir às mulheres e sua escrita excessivamente agressiva me incomodaram bastante. Como estava em diálogo com pelo menos mais sete homens naquele momento, “fiz a louca”, agradei por sua contribuição quando ele me chamou para a conversar mais uma vez, dizendo que estava envolvida com muitos compromissos acadêmicos naquele momento, o que me impedia de seguir conversando. “Sei”, me respondeu.

Um desses sete homens com quem estava conversando em setembro de 2016 era Ricardo, o fotógrafo, pai de cinco filhos, que morava naquele momento em uma bela chácara nas proximidades de Belo Horizonte. Sempre no circuito Rio – Belo Horizonte, Ricardo não me parecia disposto a nada sério. Em seu perfil no *Tinder* diz que “está fechado para balanço”, mas justifica ser aquele um perfil profissional, pois vende ali seus serviços como fotógrafo. Depois de três casamentos e três anos solteiro me diz que “desapejou” da ideia de ter alguém mais perene.

20/09/16 21:31:28: Ricardo 50 Happn: quero um amor tranquilo

20/09/16 21:31:31: Ricardo 50 Happn: sem neuras

20/09/16 21:31:36: Larissa Pelucio: Quem não?!

20/09/16 21:32:03: Ricardo 50 Happn: pois, sem paciência para complicadas

20/09/16 21:32:05: Ricardo 50 Happn: rsrsrsrs

20/09/16 21:32:23: Larissa Pelucio: Pergunta de antropóloga

¹⁴⁶ Aquela que é heterossexual, na qual os corpos atendem a padrões bastante higienizados e racializados, com mulheres geralmente jovens e nos quais as práticas tendem a reproduzir hierarquias de gênero como o homem ativo e penetrador, a mulher disponível e desejosa por ser possuída, enlouquecida de desejo pelo pênis e pelo sêmen.

20/09/16 21:32:34: Larissa Pelucio: O que é uma mulher complicada

20/09/16 21:33:40: Larissa Pelucio: ?

20/09/16 21:34:04: Larissa Pelucio: Sabe que antropólogo gosta das definições "nativas" ☺

20/09/16 21:36:53: Ricardo 50 Happn: *Ciúmes, Grude, Questionadora de tudo, Desconfiada*

Mariana, 45 anos, jornalista em uma grande empresa de comunicações interroga-se e transfere para mim, sua amiga próxima, estes questionamentos: teria sido ela “grudenta e questionadora” com Caio, um músico de 41 anos, com quem passou a conversar depois do *crush* pelo *happn*? Mariana é muito viajada, branca queimada de sol, cabelos castanho claro, bem tratado e cotado em um corte bastante contemporâneo, assimétrico, o que dá a ela um ar cosmopolita. Fala muitas línguas, mora entre Rio e São Paulo, passando um tempo em cada cidade e por vezes no exterior. Usa com frequência os aplicativos e tem se esforçado para não “se apegar”. Mas, Caio tinha uma foto interessante no perfil, parecia bonito e, quando começaram a conversar, ele se disse um buscador do amor cúmplice. Ela me mostra a mensagem que ele havia enviado a ela e que, em tom de desabafo, diz: “*precisava desenvolver cumplicidade com alguma mulher*”. Depois de um período bastante difícil, que envolveu dependência química com cocaína, ele se sentia harmonizado, um tanto só, mesmo tendo uma vida cultural movimentada.

Conta que aquela ida ao limite emocional teve a ver com um amor frustrado com uma mulher que conheceu por um site de relacionamentos. Viveram juntos, mas, na avaliação dele foi uma relação utilitarista e desrespeitosa, pois ela continuou usando o site de relacionamentos para conversar com outros homens enquanto aproveitava o fato de poder morar com ele em Salvador, onde foi fazer pós-graduação.

Umbandista, baiano, vivendo em São Paulo, Caio, como Mariana, morou fora do Brasil, fala outros idiomas e traz na bagagem 3 filhos e uma neta. Biografia que encantou minha amiga, ela também umbandista e com uma série de outras afinidades com seu *crush*, como foi descobrindo ao longo da conversa.

Mariana iniciou os diálogos intensos com Caio um dia antes de mais uma de suas idas a São Paulo, a trabalho. A coincidência foi lida por ele como um bom sinal e de que o encontro “*tinha de ser*”. Mística, ela sentiu-se ainda mais confiante e estimulada a encontrá-lo pessoalmente. Suas dúvidas iniciais, fruto de encontros “chatíssimos” ou

“com caras que, no fim, não bancam uma mulher como eu”, quer dizer, independente, intelectualizada, solteira, financeiramente estabilizada e sexualmente ativa, se dissiparam. Avento com Mariana que a dupla moral que caracteriza as masculinidades no Brasil tende a intervir e até obstaculizar os romances para mulheres com o perfil dela. Muitos homens se sentem ameaçados quando lidam com mulheres que têm vidas e práticas iguais ou semelhantes às suas. Não parecia ser o caso de Caio. Ao contrário, a conversa em tom confessional com Mariana mostrava um homem delicado e disposto a se envolver depois de ter sido profundamente marcado por uma relação significativa. “*Tive minha divina comédia pessoal, encontrando-me perdido no meio do caminho da vida...*”. As referências a obras literárias, as metáforas bem colocadas, os longos diálogos que fugiam dos monossilábicos e costumeiros contatos que vinha tendo foram a seduzindo, e quando ele escreveu que “*sempre fui um cara fora da manada...*”, Mariana só confirmou o que já vinha pensando sobre ele.

Encontraram-se em um local alternativo da cena paulistana. “*Ele era mais bonito pessoalmente do que nas fotos*”, me conta entusiasmada e surpresa, pois, normalmente é o contrário o que se dá. Logo estavam se beijando e terminaram a noite em um motel barato, no *bas-fond* paulistano, o que ela achou pitoresco, “*meio coisa de cinema europeu [risos]*”.

Durante o encontro, Caio foi intenso nas declarações, mostrou-se interessado em dar continuidade à relação com Mariana. Quando se despediram, deixaram combinada uma nova saída juntos na noite seguinte. Naquela mesma noite, Caio enviaria mensagens amorosas a ela antes mesmo de chegar em casa. Mariana, até então bem reticente, pois acumulara experiências com encontros como aquele, amanheceu com mensagens carinhosas em seu *WhatsApp*. Cedeu. Falaram-se por voz, pelo próprio sistema do *app*. Foi quando ela disse que também desejava seguir com os encontros e ansiava vê-lo pela noite. Jamais se viram novamente. As mensagens naquele mesmo dia rarearam. Mariana, experiente, se sentiu tola e não sabia como proceder. Mas lhe enviou uma mensagem às 19h, a fim de confirmar o encontro. A resposta foi distante e evasiva. Ficou mobilizada emocionalmente e insegura. Olhava se ele estava online de tempos em tempos¹⁴⁷. “*Tava*

¹⁴⁷ Em comunicação pessoal com a pesquisadora Iara Beleli, cujos temas de investigação são muito semelhantes aos meus (tecnologias, afetos e gênero), porém com o foco em mulheres heterossexuais entre 35 a 49 anos, Beleli observa que muitas destas mulheres passaram por experiências emocionais semelhantes a que narro acima. Como elas, Mariana também monitorou os perfis de Caio durante todo aquele dia, verificando se estava ou não on-line, procurando adivinhar por sua página pessoal no *Facebook* se ela havia agido ou entendido algo errado, em suma, foi uma experiência dolorosa e frustrante.

fazendo a louca”, avalia entre risos. Próximo das 22 horas, Mariana não resistiu e mandou outra mensagem, sobre a qual pensou detidamente, estudando cada palavra. Na mensagem calculada ela pedia que ele confirmasse se ainda tinha planos de sair com ela naquela noite, pois já estava se preparando para dormir. Ele, mais uma vez, foi seco e disse que ligaria para ela quando chegasse em casa, o que aconteceu às duas horas da manhã. Nesta conversa disse que se sentiu cobrado, que já era tarde e que eles se falariam mais no dia seguinte. Realmente entrou em contato, foi gentil, mas não mostrou intensão de encontrá-la pessoalmente. “*Talvez eu tivesse, por algum motivo que não consegui adivinhar, cagado tudo*”, culpava-se Mariana.

Mariana estava caindo numa armadilha de gênero: quase acreditou que ela poderia ter errado e ter sido “grudenta” ou “questionadora” como Ricardo, meu interlocutor, despreza. Em um primeiro momento, não considerou que os excessos haviam vindo dele com frases arrebatadoras, desejos manifestos de construir uma relação, valendo-se, inclusive, da filiação religiosa em comum para mostrar que aquele encontro era especial. Antes dessa constatação libertadora, Mariana examinou cuidadosamente toda a conversa digital que haviam tido, reviu mentalmente o encontro e sua postura durante aquela noite que tinha sido “*tão legal, tão especial*”, até decidir que, ao agir assim, estava se comportando perigosamente como “louca”. A complicada não era ela, concluiu, sem que isso lhe trouxesse alívio ou alegria, mas pelo menos se livrara da culpa. “*Louco é ele*”, constata entre risadas gostosas, uma de suas marcas.

Complicações também são experimentadas por Mike, o colaborador que se tornou um parceiro de conversas durante minhas estadias no Rio de Janeiro. Ele me liga, certa feita, pelo sistema de chamadas do *WhatsApp*, para me contar sobre suas novas experiências no *happn*, o único aplicativo em que mantém perfil. Acabara de ser bloqueado por uma mulher, intelectual, na casa dos 40, com quem iniciou uma conversa que gerou, em um dado momento, rusgas. Para ele, o “bloqueio” foi uma ação violenta e superdimensionada diante do diálogo que vinha estabelecendo, mesmo com os estranhamentos que se colocaram. “*As mulheres estão com uma necessidade de se apropriar da violência masculina. Mas estão vestindo mal as ‘armas de Jorge. É um agressivo não responsivo’. Elas se apropriaram de elementos do comportamento masculino que não as têm feito felizes*”. Além disso, como mais um complicador, Mike aponta uma “inadaptação à ferramenta”. Refere-se aos aplicativos.

“Trinta por cento estão ali buscando algo sério. Os aplicativos não são para isso. É ingênuo achar que funciona assim. E aí tem umas apresentações em perfis superagressivas, cheia de ‘nãos’. Elas procuram coisas, mas não se deixam encontrar. E às vezes não sabem reconhecer o encontro”,

avalia. Mike refere-se a mulheres mais velhas, entre 40 e 55 anos, que é seu espectro etário de busca. Interessa-se por mulheres escolarizadas e, como ele qualifica, “inteligentes”. Mas tem tido dificuldades de reconhecer determinadas respostas e estratégias que essas mulheres têm acionado como parte desses atributos que ele mesmo busca. Parecem, assim, um tanto complicadas e acabam agindo de forma a complicar as aproximações on-line, seja porque se armam com muitas negativas em suas apresentações em perfis ou porque, ao se sentirem contrariadas durante a etapa de aproximação, se posicionam de forma agressiva, fechando-se ao diálogo. *“A gente fica com quem não rejeita a gente”*, sentencia Mike, sugerindo que aquelas que rejeitam digitalmente com bloqueios e perfis “agressivos” estariam fadadas a não lograr seus intentos: encontrar um parceiro.

Francisco, quem já mencionei em nota de rodapé na seção anterior, é médico, branco, vive em um bairro nobre de São Paulo capital com um de seus 4 filhos, fruto de um de seus dois casamentos. Usava o *Tinder* e *happn* há cerca de um ano quando nosso *crush* se deu. Romântico confesso, ele, como Ricardo dizia buscar um relacionamento tranquilo. Quando pergunto o que ele espera desse relacionamento, faz sua lista de desejos: *“Companhia, parceria, cumplicidade, respeito, confiança. Tudo com bastante carinho e leveza”*. E logo emenda: *“Devo esperar pra próxima encarnação. KKKK”* (Em conversa por *WhatsApp* em 19/05/2016). As frustrações com os contatos estabelecidos por aplicativos fazem com que ele por vezes perca a paciência, mas como se sente só, ainda que *“sem desespero”*, enxerga ali possibilidades de encontros, como um que tinha agendado para aquela semana em que conversamos.

Bom papo, Francisco pergunta sobre minha vida afetiva, elogia minha aparência, de forma gentil e sem galanteios sexuais. Conversamos um pouco sobre o fato de eu ter baixado a minha idade no meu perfil e pergunto a ele se coloca balizas etárias em suas buscas. Diz que sim e me explica porque optou por mulheres até 48 anos: *“Meus primeiros contatos foram com mulheres com mais de 50 e não fui muito feliz. Muita*

‘loucura’ - sei que ninguém é normal’”. Conta-me uma história para ilustrar sua observação:

“[com] uma delas, após conversarmos bastante, inclusive por telefone, saímos para jantar. Eu não bebo e ela tomou uns drinks. Começou a falar do ex. Tudo bem. Falou e falou. Com aquele ressentimento e tal. Fazia ONZE anos que estava separada, como se tivesse rompido no dia anterior. Dei game over no dia seguinte”.

Arrependo-me de não ter perguntado para ele como fez isso. Talvez, tenha agido como Caio ou feito como me explica Caique, também um homem na casa dos 40 quando avaliava a forma como fazia uso do *Tinder*: *“É um escudo que tmb te permite dar um fora sem muitas preocupações. Ou simplesmente se ficar em silêncio”*.

Caique, artista plástico, branco, morando em um bairro de classe média na zona sul de São Paulo, faz uma avaliação sobre as suas escolhas etárias nos aplicativos:

A maioria das mulheres até os 30 anos busca uma espécie de status, uma auto afirmação, haja vista que são perfis sempre conectados com redes sociais. A partir daí, talvez, nos idos dos 40, a busca é por algo mais libertário. Dos 50 em diante, não há mais tanta surpresa nas relações, portanto creio que busquem sossego. (Em conversa por WhatsApp em 23/03/2016).

As análises de Caique são bastante convergentes com as de Gustavo, o jovem pai de 32 anos que vive em Bauru, onde trabalha como representante comercial. Já o citei em outro momento:

“No Tinder, sai com nove mulheres, com idade de 21 a 45 anos, não sei se foi coincidência, mas percebi uma igualdade nos objetivos nas mulheres com a mesma faixa de idade, as de 21 a 30 querem somente sexo casual e não possuem experiência, as de 30 a 40 estão “desesperadas” para conseguir um marido um relacionamento sério, as acima de quarenta são independentes querem sexo casual sem compromisso e possuem muita experiência, e sinceramente inicialmente

não tinha observado que você fazia uma pesquisa e foi isso que busquei em razão do seu perfil”. (em conversa por *WhatsApp* em 06/04/2016)

As experiências daquelas que passaram na faixa dos 40, tido como positivos por esses homens mais novos que Francisco, são percebidas por este último como um complicador. As mais velhas vinham com muitos acúmulos afetivos e, aparentemente, não resolvidos. O ressentimento arrastado por mais de uma década, o fato de ter bebido e, talvez por isso, se excedido nas confissões, denunciavam para Francisco a falta de recursos emocionais daquela mulher para lidar com afetos. Ou revelavam o fato de ela ter um homem marcante em sua vida, ao qual Francisco não conseguirá fazer frente. Em sua leitura, no entanto, tudo indicava que ele estava lidando com uma mulher “complicada”. Não foi a única experiência desagradável que Francisco teve com mulheres acima dos 50 anos, o que o levou a perceber que nesta faixa etária estavam aquelas mais problemáticas. Bastante curioso é que são justamente estas, entre 45 e 50 anos, que têm sido apontadas pelos meus interlocutores mais jovens como “mulheres resolvidas”, o que fez, inclusive, com que muitos deles dessem um *like* no meu perfil.

Mulheres resolvidas

“A preferência por mulheres mais velhas, minha humilde opinião, se dá por serem mais resolvidas e não tão imaturas quanto garotas na faixa dos 18-20”, me diz Júlio, 33 anos (estudante de pós-graduação em Ciências Sociais, define-se como moreno, mora em uma capital do Norte do País). Ele foi um dos 44 homens entre 29 e 39 anos que me enviou charmes por meio do *Adote um Cara*. Naquele aplicativo a maioria dos usuários, 85%, está entre 28 e 35 anos, segundo dados da própria administração da plataforma, o que justifica, em alguma medida, o número de abordagens que recebi. Ao todo, foram exatos 100 homens nesse espectro etário que se interessaram em conversar comigo. O interesse declarado de muitos deles por mulheres na minha faixa etária provocou uma série de questões que acabaram me levando à categoria “mulher resolvida”.

A mulher resolvida, aparentemente, não é só uma mulher mais velha, mas é branca¹⁴⁸, escolarizada, tem independência financeira, filhos criados e lida muito bem

¹⁴⁸ Entre as colaboradoras de Iara Beleli (2015, p. 101), apenas uma entre as 23 interlocutoras, se reconhece como “morena”, mas, segundo a descrição da pesquisadora, tem um fenótipo que a aproxima da negritude,

com seu desejo sexual. Uma espécie de versão pós-moderna da “viúva alegre” (mais velha, independente financeiramente, sem ter que prestar contas a um homem, com experiência sexual).

As interlocutoras de Iara Beleli, usuárias do site *Par Perfeito* e do aplicativo *Tinder*, tinham perfis que se aproximam das características listadas por esses jovens adultos com os quais dialoguei. Sociologicamente falando, são

[...] mulheres financeiramente independentes, solteiras ou divorciadas/separadas, algumas com filhos (...) A grande maioria se diz *bem posta* na vida, enfatizando o gosto por viagens, dentro e fora do Brasil, e morar em bairros *interessantes... cheio de bares, restaurantes e serviços, cheio de gente bonita...*, por elas considerados de classe média ou média alta (...) O que distingue esse momento de suas vidas é a autonomia para decidir seus destinos de viagem ou o lugar onde moram, mas também de escapar a olhares curiosos e ansiosos sobre sua intimidade. (Beleli, 2015, p. 93-94. Grifos no original)

Este perfil de mulher tem atraído jovens adultos que dizem encontrar nesses relacionamentos a possibilidade de vivenciar experiências sexuais e amorosas mais tranquilas e profundas a um só tempo. São mulheres, como as descritas por Beleli, que nasceram entre o início dos anos de 1960 e final dos anos 70, o que implica terem, em alguma medida, vivenciado uma série de transformações no campo político, cultural e comportamental provocadas pela segunda onda dos feminismos em países de capitalismo avançado, mas que respingaram nacionalmente.

O ano de 1975 é declarado pela Organização das Nações Unidas como *Ano Internacional da Mulher*. Mesmo em contexto de autoritarismo militar e forte censura política, assistimos no Brasil aos impactos destas propostas transnacionais. Cinthya Sarti (2004) associa esse cenário propício ao debate sobre gênero (de fato ainda se falava

“nariz largo, lábios grossos e cabelos sem movimento”. É justamente esta que obtinha menos “sucesso” no abundante catálogo do *Par Perfeito*, um dos mais famosos sites para relacionamentos do Brasil. Ao tirar sua foto do perfil e manter apenas a descrição do que procurava, seus gostos e falar um pouco de si, apagando o corpo, “*choveram e-mails e chamadas para o chat online... é, minha cor não ajuda, as pessoas tem resistência aos mais escuros*”, analisa a colaboradora (Idem, p. 108). No meu campo, os homens negros disseram que estavam um tanto invisíveis para as mulheres negras e mulatas, sendo assediados muito mais por brancas. Um deles, que usava como *nickname* um nome que já indicava a assunção de sua negritude, Zumbi, comentou que existe a fantasia entre mulheres brancas de um dia “ter seu preto básico” para somar ao rol de experiências sexuais.

“mulher”) à formação do movimento feminista brasileiro. “Iniciado nas camadas médias, o feminismo brasileiro, que se chamava ‘movimento de mulheres’, expandiu-se através de uma articulação peculiar com as camadas populares e suas organizações de bairro, constituindo-se em um movimento interclasses” (Sarti, 2004, p. 39).

As organizações femininas de bairro ganham força como parte do trabalho pastoral inspirado na Teologia da Libertação. Isso colocou os grupos feministas em permanente enfrentamento com a igreja na busca de hegemonia dentro dos grupos populares. O tom predominante, entretanto, foi o de uma política de alianças entre o feminismo, que buscava explicitar questões de gênero, os grupos de esquerda e a Igreja Católica, todos navegando contra a corrente do regime autoritário. Desacordos sabidos eram evitados, pelo menos publicamente. O aborto, a sexualidade, o planejamento familiar e outras questões permaneceram no âmbito das discussões privadas, feitas em pequenos “grupos de reflexão”, sem ressonância pública. (Idem, ibidem)

Apesar da influência da igreja Católica naquele momento, em 1977 o divórcio é aprovado no Congresso Nacional com grande repercussão midiática. A abertura política já se avizinhava e a censura tornava-se mais branda. O que possibilitou a veiculação de produtos culturais como a série *Malu Mulher*, da TV Globo, na qual se falava em violência contra a mulher e era retratado o dia a dia de Malu, socióloga, divorciada, mãe de uma adolescente e que vivia conflitos com o ex-marido. O sucesso da série leva à criação do Programa matutino diário *TV Mulher*, que estreou em 1980, com quadros sobre diretos, saúde, sexualidade, este último apresentado por Marta Suplicy, conhecida à época como sexóloga¹⁴⁹. Ainda nos anos de 1980, são criadas as Delegacias da Mulher¹⁵⁰ e, no mesmo ano, 1985, surge “o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), subordinado ao Ministério da Justiça, com objetivo de eliminar a discriminação e aumentar a participação feminina nas atividades políticas, econômicas e culturais” (Portal

¹⁴⁹ A popularidade do programa pode ser medida pela eleição, em 1982, de Ireda Cardoso, vereadora pelo Partido dos Trabalhadores. Cardoso foi, por dois anos editora do *TV Mulher*.

¹⁵⁰ No site Memória Globo é possível obter diversas informações sobre os programas *Malu Mulher* e *TV Mulher*. (<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/auditorio-e-variedades/tv-mulher.htm>).

Brasil, 2017)¹⁵¹. Estes são alguns marcos históricos que compuseram o cenário social no qual as “mulheres resolvidas” cresceram constituindo trajetórias que atraem os jovens adultos com os quais conversei.

Ademais, as “quarentona-cinquentonas” angariam hoje, além das conquistas sexuais herdadas da primeira fase da revolução sexual (o direito ao prazer e ao orgasmo), capital corporal que as aproxima dos valores estéticos associados à juventude. As de classe média e alta foram as que mais tiveram acesso a tecnologias estéticas promovidas pela indústria da beleza, uma das que mais cresceu nas últimas décadas¹⁵².

“Hoje, a mulher quarentona-cinquentona não é como as nossas mães, que foram educadas para serem donas-de-casa. Bem, tem mulheres lindas, que fascinam. Noto que algumas carregam na maquiagem e não sou muito fã destas (rsrsrs)... Tem as sem noção, as de caras e bocas... Mas creio que as independentes nos assustam de verdade”,

analisa Ivo, 51 anos, de quem falarei mais à frente.

A “independência” aparece como um atributo ambíguo. “Assusta”, pois iguala mulheres a homens, a partir da ideia de autonomia e agência, obrigando a negociações em plano mais simétrico entre os pares, assim como sugere mais cobranças e probabilidade efetiva de abandono de parceiros. Por outro lado, fascina, justamente pela simetria: possibilidade de dividir contas, de compartilhar angústias, de ser acolhido. Para os homens na casa dos 30 que procuravam mulheres mais velhas, esses apareceram como elementos capazes de tornar uma relação a dois mais “leve”, ou seja, sem tanta carga para o homem – de maneira que a sonhada utopia romântica do “amor tranquilo” pareceria mais realizável neste cruzamento geracional: mulheres que cresceram no cenário descrito de forma breve mais acima e rapazes que entraram na vida adulta habituados ao largo uso de tecnologias digitais, por onde aprenderam vocabulários outros para se falar de gênero e sexualidade; cresceram em um mundo no qual o trabalho precarizado e o desemprego tornaram-se estruturais, emprestando estas incertezas e inseguranças para o campo íntimo

¹⁵¹Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2017/03/conheca-as-principais-lutas-e-conquistas-das-mulheres>.

¹⁵² Em matéria on-line, o Senac mostra dados relevantes sobre a robustez econômica do setor de higiene, cosmética e beleza no Brasil, que se configura no ranking mundial de consumo desses produtos como o terceiro colocado, perdendo apenas para Estados Unidos e China: Disponível em: <http://www.sp.senac.br/jsp/default.jsp?newsID=a20352.htm&testeira=359&template=&unit=> (Última consulta em 30/08/2017).

e afetivo, a ponto de mobilizarem todo um vocabulário associado ao mundo do trabalho e do consumo para falarem de amor.

João tinha 29 anos quando conversávamos sobre seus interesses nos aplicativos. Morando em uma cidade do interior paulista, conciliava atividades artísticas como diretor de fotografia em uma produtora que mantinha com amigos e um trabalho burocrático em uma concessionária de rodovias. Formado em Fotografia em uma universidade particular do Sul do País, seguia estudando, agora Publicidade, também em faculdade privada. João não estava conversando com muitas mulheres naquele momento. Já tinha tido algumas poucas experiências proporcionadas pelos aplicativos, mas sua maior referência no campo das relações tinha sido seu noivado, rompido já há cinco anos. “*Se eu for me apaixonar vai ser por uma mulher mais velha*”, me diz ao considera que as mais velhas seriam aquelas entre 40 e 50 anos. Pergunto o que nas mais velhas lhe parece atrativo, ao que ele responde: “*o que elas pensam, não tem frescura, são inteligentes atraentes e sexy*”. (em conversa por *WhatsApp* em 14/04/2016). Quero saber se sua ex-noiva se enquadrava nesse perfil etário. Ele me diz que não.

“*Gosto muito de um perfil específico: mulheres mais velhas que eu*”, declara Juan, um jovem paulistano, morador da grande São Paulo.

24/04/16 16:03:46: Larissa Pelucio: Por que vc se interessa por mulheres mais velhas?

24/04/16 13:25:37: Juan 33 Adote Um Cara: Eu prefiro por vários motivos

24/04/16 13:26:02: Juan 33 Adote Um Cara: O principal é que sempre são relacionamentos mais leves

24/04/16 13:28:36: Juan 33 Adote Um Cara: São mulheres maduras / experientes / inteligentes / sem muitas neuras Tenho uma lista grande cheia pontos que me faz sempre optar por elas

24/04/16 13:29:23: Juan 33 Adote Um Cara: Em um relacionamento admirar o outro é muito importante pra mim

25/04/16 07:20:39: Larissa Pelucio: Ah sim, com certeza. Mas vc se vê vivendo com uma mulher bem mais velhas que vc? Na verdade, tem uma pergunta que antecede essa, as mulheres com as características que vc listou costumam estar mais ou menos com qts anos?

25/04/16 07:21:20: Larissa Pelucio: A namorada com quem vc morou tinha qts anos?

25/04/16 08:09:48: Juan 33 Adote Um Cara: Tinha 37!

25/04/16 08:13:30: Larissa Pelucio: Alguns caras têm me falado que mulheres mais velhas são mais "resolvidas". Eu gosto sempre de saber o que isso significa. Tem o homem resolvido, fico pensando? Tem paciência pra falar disso?

25/04/16 12:38:15: Juan 33 Adote Um Cara: Olha "resolvidas" eu não sei Rs

25/04/16 12:39:14: Juan 33 Adote Um Cara: Mas o relacionamento flui melhor (Juan é finalizador de filmes, aprendiz de tatuador, formado em design digital em uma instituição privada, estava há seis meses sozinho e há quatro usando mais consistentemente os aplicativos Adote e happn)

André, 32 anos, também paulistano, me ajuda a entender o que significa ser uma mulher resolvida:

19/04/16 19:13:21: André 32 Adote Um Caras: Olha, isso deve variar. Mas já ouvi caras falarem que mulher resolvida para eles é mulher que sabe oq quer, ai perguntei oq seria isso, ai os caras falaram: mulher sem mimimi, que transa sem ficar fantasiando coisas... Mas não dá para generalizar que todos homens pensem assim (vive com os pais em Pinheiro, bairro de classe média da capital e está “disponível no mercado de trabalho”, apesar de sua formação em Relações Internacionais numa instituição particular).

Seguimos falando sobre o fato de tantos rapazes mais jovens se interessarem pelo meu perfil, quando ele me oferece uma análise interessante: “*Acho que pode ser a questão de os apps terem permitido que faixas etárias diferentes ‘flertem’, enquanto no dia a dia pessoas de faixas etárias diferentes acabam frequentando locais diferentes e isso fica dificultado*”. (Em conversa por WhatsApp em 19/04/2016)

Os aplicativos, de certa forma, alteram a geografia da paquera. André tem uma vida social ativa, vai a shows, a festas e reuniões em casas de amigos/as, mas, nesses circuitos não atravessa fronteiras geracionais. Acontece também com Leonardo, 32 anos, pai de dois meninos, duas vezes divorciado, vivendo em uma grande cidade do interior paulista, onde trabalha com entretenimento. Sua delicadeza em nossas interações, que foram espaçadas, mas duraram 28 dias, destoa de suas fotos no happn, onde aparece em

estilo *cowboy* e exibindo bíceps bem desenvolvidos. Seu trabalho acaba o colocando em contato com pessoas jovens, assim, os aplicativos acabam facilitando suas buscas por mulheres mais velhas que ele. Ainda que saia com as “novinhas”, entre 18 e 19 anos, aquelas que, segundo ele “*são as que mais querem sexo*”. Por outro lado, são as que mais se “iludem”. Quer dizer, se colocam dispostas a envolvimento emocional de forma mais acelerada. Por não terem experiências acumuladas, tenderiam a acreditar em falsas promessas e a idealizarem muito a relação sem terem elementos concretos para tal. Administrar essas “ilusões” aparece como algo bastante cansativo na avaliação desses rapazes. “*As ‘meninas’ da minha idade são um problema kkkk*”, comenta Juan. O “problema” passa pelo chamado “grude”, associado a cobranças e busca por compromissos mais perenes, sobretudo depois que acontece a relação sexual.

Gustavo, 32 anos¹⁵³, encontra a mesma realidade no interior do estado, onde reside. Ele faz uma análise associando expectativas e comportamentos femininos a diferentes faixas etárias. Gustavo não foi o único que se referiu a meu perfil como interessante para os seus fins. Talvez, por me encaixar na categoria “mulher resolvida”: 48 anos declarados, professora de uma universidade pública paulista, “*fotos que mostram tranquilidade*”, avaliou Leonardo, que também se interessou “*pela pesquisadora, mais do que pela pesquisa*”. Com 32 anos, ele diz preferir “*mulher que menina*”, uma vez que estas últimas tendem a se deixar iludir mais facilmente, “*e aí, gruda*”. Além de serem, segundo Gustavo,

“totalmente dependentes, assim... vc tem que marcar, tem que ir buscar na casa, geralmente moram na casa dos pais. Aí a gente acaba indo prum barzinho, depois vai pra um motel... Mas, assim, é você quem manda. E pelo menos na minha experiência, são meio vazias. Parece que é meio mecânico. Só querem curtir”. (Por áudio no WhatsApp em 07/04/2016).

As mulheres mais velhas, acima dos 40 anos, observa Gustavo, “*sabem curtir*”, o que significa que aproveitam o momento sem antecipar planos e possíveis decepções. Por serem independentes e morarem só, como era o caso das duas com quem havia

¹⁵³ Já me referi a este interlocutor em outro momento: trata-se de um rapaz branco, um tanto acima do peso, representante comercial, residindo com os pais em Bauru. Estava recém-separado e tinha uma filha de 1 ano e meio à época.

recentemente saído, os encontros são mais intimistas, na própria casa, acompanhado de jantar, vinho e muito papo. “*A gente se conhece de verdade, porque conversa muito, muito mesmo*”, conta o representante comercial.

É um dado relevante que a maior parte destes rapazes que busca mulheres mais velhas resida com os pais e, apesar de terem formação universitária e, por vezes, terem renda própria advinda de trabalhos temporários ou como *freelancers*, não tem estabilidade financeira suficiente para arcar com aluguéis ou investir em lazer que envolva o consumo que o roteiro da sedução exige: barzinho, jantar, motel e mobilidade – como ter um veículo próprio.

“*Eu sou um cara pobre e vivo de freela. Então, vivo ‘armado’ com as pessoas (...) Eu toco, fotografo, escrevo, corro, arrisco muitas coisas*”, me conta o baiano Duda, 30 anos, cabelo *black power* – orgulhoso como me diz – de sua negritude. Estudante de graduação em um bacharelado multidisciplinar na Universidade Federal da Bahia, acabara de retornar a Salvador depois de alguns anos morando no Rio de Janeiro. Diferentemente de André, que aproveita as possibilidades dos aplicativos para conhecer mulheres mais velhas, Duda as conheceu majoritariamente em contatos off-line. Mas suas justificativas pela preferência por mulheres mais velhas é bem próxima daquelas do paulistano: “*tem exceções, mas a maioria é mais tranquila, mais decidida, em todos os aspectos. Geralmente, resolvidas profissionalmente, sexualmente e... e... nas relações interpessoais. Na forma de lidar, de ver o mundo. São mais esclarecidas*” (Em áudio enviado por *WhatsApp* em 05/04/2016).

Não é incomum que valorizem nessas parcerias, além da maturidade e do sexo mais intenso e sem cobranças por compromissos, o que eles chamam de bom gosto ou como Duda qualificou: esclarecimento. “*Bom papo*”, “*bastante conteúdo*”, “*sabem curtir*”, “*têm respostas surpreendentes*”, “*conhecem vinhos legais e lugares massa*”, “*gostam de ler*” – são elementos que compõem para esses jovens o perfil desse tipo de mulher. Agregam a essas qualidades intelectuais outra que é moral: elas têm “*atitude*”, o que muitas vezes foi interpretado como “*agir feito homens*”.

“As mulheres estão agindo como homem, acho, esses dias estava discutindo isso com um casal de amigos e a esposa do meu amigo chegou a conclusão depois que contei uma história. Há algumas semanas uma mulher que já tinha saído alguma vezes, acho que gostou e me convidou novamente, não estava com vontade de sair de casa no dia em questão e

inventei algumas desculpas, disse que estava sem dinheiro e cansado para dirigir. Mas ela não desistiu e ficou insistindo, disse que viria me buscar. Acabei cedendo, pois bem. Ela veio em casa me buscou fomos a um restaurante ela pagou a conta depois fomos ao motel e ela novamente pagou, quase amanhecendo o dia ela me deixou em casa... Eu fiquei pensando... fui usado....rsrsrsrsrs... Ela estava com vontade e conseguiu...” (Gustavo, 32 anos, mora em Bauru e desde que se separou mora com os pais. Em conversa por *Whatsapp* em 07/04/2016)

Como não estava interessado naquela mulher “resolvida”, Gustavo diz que não se incomodou de ter sido “usado”. “*Você sabe como homem tem um ego do tamanho do mundo... E se ela insistiu é porque gostou...*”. Ou, como qualifica Vick: a mulher a quem Gustavo se refere teve “atitude”. O jovem carioca me diz que estar cansado das “novinhas” justamente por faltarem nelas este atributo.

28/05/16 16:03:46: Larissa Pelucio: O que te cansou nas novinhas?

28/05/16 16:03:57: Larissa Pelucio: Novinha é que idade?

28/05/16 16:04:14: Vick 30 Adote Um Cara: 25 para baixo

28/05/16 16:04:24: Vick 30 Adote Um Cara: Gosto de mulheres

28/05/16 16:04:28: Vick 30 Adote Um Cara: Pessoas maduras

28/05/16 16:06:51: Larissa Pelucio: Quais diferenças vc apontaria na mulher madura?

28/05/16 16:07:16: Vick 30 Adote Um Cara: Atitudes

28/05/16 16:07:31: Vick 30 Adote Um Cara: Problema que muitos homens têm medo de mulheres independentes e mais velhas

28/05/16 16:07:35: Vick 30 Adote Um Cara: Isso nao me assusta

28/05/16 16:14:33: Larissa Pelucio: Vc acha que vc é um homem feminista?

28/05/16 16:14:50: Vick 30 Adote Um Cara: Como assim?

28/05/16 16:14:55: Larissa Pelucio: O que vc acha, que os homens temem nas mulheres independentes?

28/05/16 16:15:39: Vick 30 Adote Um Cara: Elas podem tomar atitude que quiserem pq nao dependem do homem para nada, né?

28/05/16 16:15:50: Vick 30 Adote Um Cara: Muitos homens se sentem inseguros. (Carioca, branco, administrador, residente da zona sul carioca com os pais)

Ivo, 51 anos, desempregado naquele momento, mas investindo em negócio próprio e na escrita de um livro que publicou em 2017, apesar da distância geracional, tem opinião semelhante a de Vick: *“Homem não gosta de mulher bem sucedida não (rsrsrs)... Se ganhar mais do que ele então...”* (em conversas entre 27/01/2016 por *WhatsApp*. Ivo declara-se branco, vive em uma cidade turística do estado do Rio de Janeiro e estava separado, do segundo casamento, há pouco mais de um ano quando começamos a conversar)

Um pouco mais novo que Ivo, Flávio, 44 anos, jornalista, declarado negro e que vive em São Paulo, na região dos Jardins, analisa essas recusas e temores masculinos atribuindo-os ao machismo que ainda orienta a educação dos homens. *“O homem em geral diz que fica assustado, porque ainda acha que são donos da situação que o machismo perpetuou nos vários anos, mas isso mudou e vem mudando... rsrs”* (em conversa por *WhatsApp* em 07/06/2016). *“A testosterona ainda impera”*, avalia criticamente, Jota, 38 anos, professor de História, morando em uma cidade de médio porte próxima da capital do estado. *“Posso te fazer uma pergunta?”*, sonda comigo. Digo que “sim, claro”. *“Por ser inteligente e independente... Vc acha que isso afugenta os caras, ou não?”* (Em conversa por *WhatsApp*, em 19/05/2016). A resposta a essa pergunta foi dada por outros colaboradores.

Nas diversas interações que mantive ao longo desta pesquisa, os homens mostraram-se conscientes das estruturas machistas que orientam a própria constituição de masculinidades, o que não implica transformações efetivas na maneira de se comportarem nas relações com mulheres. Porém, essa consciência, percebo, tem os levado a refletir, não sem críticas e algumas recusas, sobre questões de gênero. Nessas reflexões, essencialismos e perspectivas mais sociológicas são acionadas discursivamente. *“Acho q a mulher é um ser incrível... Se doa mais ... É mais doce .. mais serena ... fisicamente mais linda Agora no mundo que vivemos na desigualdade prefiro ser homem”* . (Leandro, 32 anos, em conversa pelo *WhatsApp* em 03/03/2016)

Trata-se de uma valorização do feminino que, talvez, não se concretize na prática, reatualiza o que Simone de Beauvoir chamou de “o eterno feminino”, mecanismo cultural que assenta no biológico e nos discursos míticos verdades sobre o que é ou como deve

ser a mulher de verdade, aquela a quem os homens devem respeitar e amar. O que deriva em outro mito: o mistério feminino¹⁵⁴.

A percepção de que há um enigma biológico e, até mesmo mítico, que define o comportamento de mulheres, leva muitos rapazes a buscarem desvendar estes mistérios por meio de técnicas de conquista apostiladas. Alguns desses cursos, como o *Jogo do Texto*¹⁵⁵, disponível on-line, oferece dicas específicas para as paqueras por aplicativos, mas também para a continuidade do flerte bem-sucedido no encontro presencial, o que garantem sua eficiência justamente porque prometem desvendar mecanismos mentais próprios do cérebro feminino. Neste sentido, César Franco (2015) oferece um subcapítulo exemplar, em sua dissertação, intitulado “Mulheres: explicadas, conduzidas e desmistificadas”, no qual mostra como a *tecnicização da sedução* passa pela (1) crença em processos biológicos, acima dos sociais, para a definição de como a mulher É, (2) e que ao se aprender sobre gens, hormônios, sinapses mentais, aprende-se também a conhecer os caminhos para se chegar a ser um “artista da sedução” e conquistar esses seres, até então, “enigmáticos”. “*Eu não sou machista, ao contrário, sempre defendi as mulheres, mas é difícil de entender...*”, comenta Michel, 32 anos, segurança, paulistano, autodefinido como branco (em áudio por *WhatsApp* em 02/03/2016), ao narrar um encontro no qual a moça se mostrou interessada e, mesmo diante de suas resistências em assumir algo mais sério, se propôs a encontrá-la novamente. Ela não compareceu ao encontro pois foi parada em um comado policial e, como havia bebido, o carro foi detido. Michel comentou, então: “*disse pra ela, ‘tudo bem, entendo, vai ver que não era pra ser’. E ela sumiu! Vai entender*” (Michel no mesmo áudio)

Percepções imperantes, mas nem sempre conscientes, baseadas em verdades a-históricas, porque “naturais” sobre o que é o feminino¹⁵⁶ orientam (ou desorientam) as

¹⁵⁴ Miriam Adelman (2009, p. 88) analisa de forma brilhante a proposta de Beauvoir na passagem que reproduzo a seguir: “Na construção do mito, um primeiro elemento é a produção da noção da Mulher como enigma, como já mencionei: sua glorificação no discurso romântico e poético masculino. Com muita astúcia, Beauvoir percebeu que as mulheres pagam o preço de uma atitude que à primeira vista as enaltece: as mulheres são as musas da cultura, o enigma ou mistério que faz com que os homens falem, escrevam e prestem homenagem a elas. É um mecanismo de distanciamento que pode às vezes se manifestar como respeito ou deferência, mas isso também permite que os homens não reconheçam as mulheres como seres iguais a eles, seres que, a partir da sua corporalidade e racionalidade, pensam e desejam”.

¹⁵⁵ Elias Mamam, jovem “empreendedor” vende cursos de sedução para homens focados, principalmente, na paquera por meio de aplicativos. O Jogo do Texto está em sua versão 3.0, pode ser comprado com cartão de crédito e em seguida baixado. Gratuitamente o empresário divulga inúmeros vídeos por seu canal no *Youtube*, além de seu site. Até setembro de 2017, uma busca com as palavras “Jogo do Texto elias” gerava aproximadamente 359.000 resultados.

¹⁵⁶ Ainda que tardiamente, cabe destacar que considero que o feminino ou a feminilidade não é atributo unicamente de mulheres cisgêneras, queer dizer, aquelas que foram assignadas como meninas ao nascerem, tendo como referente para tal classificação a genitália. Neste trabalho, diferente de outros que já realizei

análises de muitos homens. A sensibilidade inata das mulheres, o menor desejo sexual que os homens, a fragilidade corporal, o dom para o cuidado e o sexto sentido são qualidades naturalizadas e que estão sendo desafiadas pelo comportamento das mulheres com as quais conversam por meios digitais e, por vezes, presencialmente. Apesar da reflexão que essas mudanças têm provocado, os estranhamentos e recusas ainda são lugares comuns.

Miskolci (2017, p. 98) destaca cinco mudanças que a internet provocou na forma de estabelecermos relações amorosas/sexuais. A primeira, e mais significativa, segundo o autor, refere-se à “criação de um sentimento de agência desejante para pessoas que, historicamente, foram impedidas ou mais controladas no exercício de sua sexualidade, refiro-me aqui a – entre outros – homossexuais e mulheres”.

Talvez o que assuste e fascine ao mesmo tempo meus interlocutores seja, justamente, constatarem essa capacidade de agência feminina. Percebida pelos mais novos de forma positivada quando se trata de mulheres mais velhas, as quais, ao final, não irão se envolver por longos períodos¹⁵⁷, e rechaçada pelos mais velhos, aqueles que buscam “amor tranquilo”, associado a uma mulher mais próxima geracionalmente, mas que, por outro lado, não “tragam tanta bagagem”¹⁵⁸ e, preferencialmente, não se mostre tão seletiva como eles mesmos o são.

A dupla moral e a “crise” das masculinidades contemporâneas

Mesmo que mulheres tenham conquistado espaço, estudem mais e tenham trabalhos por vezes melhores do que de seus companheiros, elas ainda ganham menos, observa Igor, 43 anos.

“As mulheres evoluíram muito! (...) Antigamente, na época dos meus pais, dos meus avós, falar em separação era um escândalo. Hoje isso é normal. As pessoas casam e descasam... então, a mudança foi muito grande. Se você olhar o mundo num todo,

(Pelúcio, 2009; 2009a, 2011), não houve menção por parte de meus interlocutores a mulheres trans ou travestis. Tampouco busquei enveredar por essa discussão.

¹⁵⁷ Vick, por exemplo, casou-se com uma mulher de sua idade. André e Juan seguem preferindo não namorar; César só saiu com mulheres de sua faixa etária nesse tempo em que estivemos em contato; Leonardo começou a namorar sério com uma moça mais nova que ele. Apenas Jota passou a namorar uma mulher mais velha que ele, de 42 anos, tendo ele 38. A relação durou mais de um ano.

¹⁵⁸ Em comunicação pessoal, Miskolci atenta se este atributo rechaçado (muita bagagem) não poderia ter relação com o desejo que estas mulheres tenham tido poucos parceiros sexuais.

muita coisa mudou. Mudou muito, digamos de uns 20 anos pra cá (carioca, vivendo no interior do estado, onde trabalha como gerente de uma grande rede de postos de serviços, em conversa gravada via *WhatsApp* em 18/05/2016)¹⁵⁹.

Essas mudanças, enaltecidas em alguns momentos, tendem a aparecer de forma mais problemática quando aprofundo os questionamentos. Comportamentos contraditórios, acionados por eles mesmos são, muitas vezes, motivadores de culpa e provocam reflexões sobre moralidades, corpo, raça, sexualidade, gênero, geração, machismo e, mesmo, feminismo.

Mauro, 40 anos, morando em São Paulo; Adriano, 34, de Campinas (SP); Igor, 34, carioca; Luca, 35, paulistano morando em Bauru; Joe, 55, paulistano; Hélio, 31, nascido e vivendo em Araraquara, interior paulista; Sílvio, 36 anos, residindo em Porto Alegre, são alguns dos homens com os quais conversei que se declararam casados ou em relacionamento estável com mulheres em idades muito próximas a deles. Apesar de estarem fazendo uso de aplicativos em busca de aventuras, não imaginavam suas respectivas companheiras fazendo o mesmo enquanto mantivessem relações compromissadas com eles.

Sílvio, jornalista, e Luca, educador físico, dos sete assumidamente comprometidos, foram os únicos que se declaram negros¹⁶⁰. Ambos casados com mulheres brancas, tinham reflexões profundas sobre a questão racial e a própria masculinidade. Sílvio não perdia a oportunidade de me dizer, quase em tom vitimário, que era “bem dotado” e que foi sexualizado por isso. Em seu perfil no *Adote um Cara* escreveu: “*se quer saber se é grande mesmo, terá de conferir*”. Quando comentei esse fato com Luca, ele disse ter achado grosseiro e desnecessário tal provocação, e que isso não ajudava a desmistificar a associação entre negritude e uma genitália específica. Luca não procurava, segundo ele, se afirmar sexualmente por meio dos aplicativos, mas

¹⁵⁹ A sequência das observações de Igor me sugere que ele percebe que as separações tinham um custo social e moral maior para mulheres.

¹⁶⁰ Em setembro de 2016, dentre 192 homens que compunham a amostra desta pesquisa, 21 se assumiram como negros ou mulatos. Destes 21, 16 têm ensino superior e um deles está cursando universidade pública. Doze destes estão na faixa dos 30 anos, indicando uma sensível mudança social no que se refere ao acesso ao ensino superior por parte de pessoas representadas ou autoidentificadas como negras. Ainda que muitos deles tenham cursado universidade privada, esse é um dado que fala de transformações sociais e culturais significativas. Em um país como o nosso, com sua peculiar e violenta forma de racismo, raça e classe ainda são variáveis que não se desassocia facilmente, de forma que a escolarização segue sendo uma ferramenta de mobilidade social, de se angariar capital simbólico, mas também de se municiar criticamente para enfrentamentos do nosso racismo insidioso.

experimental, ainda que textualmente, fantasias sexuais múltiplas. *“A busca por esses tipos de apps tem a ver com a possibilidade de conversas fantasiosas, de conhecer pessoas com as mesmas fantasias”*. Pergunto a ele como se sentiria se sua mulher mantivesse esse tipo de conversa com outros homens. *“Eu não me sentiria a vontade caso eu descobrisse conversas dela com teor sexual”*. Reflexivo, ele me escreve mais à frente que sua recusa se deve *“muito provavelmente herança de uma sociedade machista e aquele sentimento de posse e não querer dividir com ninguém 😊”*¹⁶¹

Esta desigualdade moral relaciona-se a valores históricos da constituição das relações amorosas, mas também a aspectos contemporâneos da construção de masculinidades. Se ter o domínio sobre a sexualidade da mulher é uma exigência clássica do comportamento masculino nas sociedades de matriz ocidental, fazer do campo da sexualidade o terreno primordial para a afirmação da virilidade e a masculinidade é algo mais recente. Na análise histórico-sociológica de Illouz, foi a partir dos anos de 1950 que as profundas mudanças sociais impactaram a vida íntima de forma mais significativa e transformadora. Em relação às masculinidades, o trabalho e o lar deixam de ser os territórios incontestes de domínio do homem. Soma-se à essa perda de controle, às transformações na esfera das relações amorosas heterossexuais. Dentre estas, a socióloga destaca a legitimidade social do sexo acumulativo, sobretudo para os homens. Assim, “os homens transferiram para o sexo e para a sexualidade o controle que antes exerciam no lar, de forma que campo sexual se transformou no âmbito no qual podiam expressar e exibir sua autonomia e sua autoridade”.¹⁶² (Illouz, 2013, p. 103)

Esta seara parece ameaçada quando eles consideram que suas namoradas e esposas também podem estar flertando por meio digitais ou que as mulheres com as quais estão conversando interessadamente por *WhatsApp* estão, provavelmente, falando com outros homens.

Já discuti aqui que acumular parceiros e exercer uma sexualidade livre ainda é um exercício exigente para a maior parte das mulheres, uma vez que pode implicar perdas simbólicas importantes e altamente comprometedoras. Mulheres ainda estão mais expostas que homens a retaliações morais acerca das suas práticas sexuais e da forma como expõem seus corpos. Esses julgamentos podem comprometer sua reputação não

¹⁶¹ O *emoticon* é bastante expressivo e importante na pontuação das falas e expressão de sentimentos. A carência de expressões faciais e de entonação de voz podem criar problemas na comunicação, os quais as ilustrações ou pontuações que indicam emoção tais como :-) ou :- (procuram sanar.

¹⁶² “Los varones transferieron al sexo y la sexualidad el control que antes ejercían en el hogar, por lo que el campo sexual se transformó en el ámbito donde podían expresar y exhibir su autonomía y su autoridad.”

apenas no campo moral/sexual/familiar, mas também profissional. A chamada “pornografia de vingança” é um exemplo contundente desta disparidade, a ponto de estar em discussão a penalização desses atos por meio da Lei 11.340, mais conhecida como Lei Maria da Penha¹⁶³.

Aprendemos desde muito pequenas que nossa sexualidade ainda é algo que nos fragiliza mais do que nos potencializa na negociação dos afetos. Muitos homens com os quais dialoguei, por seu lado, reconhecem essa desigualdade. Por exemplo, a maior parte deles mostrou ter consciência de que receber e mandar *nudes*¹⁶⁴ não é uma troca entre iguais nesse mercado neoliberal dos afetos, no qual o individualismo, o empreendedorismo e os investimentos formam uma tríade que torna os gozos ainda bastantes assimétricos – além de exigir grande número de competências para obtenção do “sucesso”, independente dos constrangimentos sociais para desenvolver tais habilidades, as quais estão implicadas com marcadores sociais diversos e, na discussão presente, balizadas por relações de gênero que vêm se reconfigurando. Não sem resistências.

A maior parte de meus colaboradores julga que houve muitos avanços para as mulheres e que elas seriam hoje mais independentes, “*liberadas*” sexualmente, “*donas de si*”. Observações que aparecem em diversas conversas em tom celebratório, mas que no decorrer das interações ganham, comumente, outros sentidos. Esta festejada emancipação não parece trazer conforto para meus interlocutores na negociação dos encontros encetados por meio dos aplicativos, pois o que alegam com frequência é que muitas mulheres não têm conteúdo para levar adiante uma conversa, que reforçam o machismo ao exporem seus corpos por meio de fotos enviadas aos seus interlocutores, entre outras queixas que carregam, não raro, um tom vitimário, quase sempre associando a indiferença de suas pretendentes em relação a eles por não serem homens de posses ou

¹⁶³ Para uma discussão aprofundada sobre essa temática ver Lins (2017).

¹⁶⁴ Fotos com nudez, as quais podem incluir desde flagrantes de partes íntimas do corpo, passando por poses sensuais às mais explícitas sexualmente. Pedir *nudes* é, geralmente, algo que meus interlocutores dizem que não fazem e, sempre que me pediram fotos, anteciparam-se em dizer que não se tratava de *nudes*. Um deles me mandou uma foto de seu pênis ereto, a fim de comprovar que o que me dizia em relação aos seus dotes era verdadeiro. Mas não me pediu nada em troca. Um outro colaborador, em mensagem de áudio, me dizia que o calor em sua cidade estava tão alucinante que havia tomado banho e estava tecando comigo “da forma como veio ao mundo”. Seguiu fazendo insinuações dessa ordem e como eu continuei com perguntas ignorando suas provocações, retomou a conversa a partir de minhas questões. Amigas íntimas já me disseram que mandam *nudes* para homens específicos, com os quais se sentem seguras. Outras dizem que bloqueiam o rapaz se ele pede *nudes* já nas primeiras interações on-line. Há, em quase todos os casos, cautelas em não se mostrar o rosto e evitar fotos que exponham marcas corporais como tatuagens e/ou sinais que possam associar a foto à pessoa.

por não parecerem suficientemente atraentes aos olhos delas. Esta última observação tende a associar a avaliação das mulheres sobre eles como superficial e fútil.

Zé do Pantanal, um homem de 57 anos, “*descendente direto de índios terenas e bororos, peão pantaneiro, paraquedista e oficial de infantaria*” tece, por áudio no *WhatsApp*, alguns comentários sobre suas experiências no site *Adote um Cara*. Nossa conversa não se prologou. Impossibilitada pela rotina acadêmica de manter um diálogo sincrônico, me desculpei dizendo que ouviria os áudios enviados por ele mais tarde. No dia seguinte ele mandou mensagem considerando a pesquisa concluída. Depois disso, não respondeu mais os meus contatos, de forma que fiquei sem saber quem eram “as mulheres modernas” as quais ele se referia nos áudios. Analisando suas observações, pode-se inferir que Zé refere-se a mulheres mais próximas de sua faixa etária, uma vez que considera que estiveram por mais de uma década casadas e que já não são mais tão jovens como tentam fazer crer. Seriam modernas, porque deixaram de ser “Amélias” para se tornarem sedutoras virtuais.

“Mulheres modernas são engraçadas, né? Vou falar de relacionamento, que a gente esta falando a respeito do site. Elas vivem 10, 15 anos um relacionamento esdruxulo, de humilhação, de achismos. Acha que é o homem ideal pra vida. Acha que tem que ser a Amélia, de repente, quando ela começa a descobrir que a idade chega e que o tempo está passando e já não é mais a mesma coisa, ela fica com medo de se libertar. E quando isso acontece [se libertar], ela sai igual uma fêmea de nelore quando pari. Partindo pra cima dos outros se achando a sensual, a exuberante... Só que ela não para pra pensar que ela tem que se preparar. Que ela tem que ver que ela tem que ter estruturas pra ter uma nova vida. Aí vive de sonhos, de ilusões e de achismos e de opinião de outras pessoas. E outra... elas começam a colocar na cabeça que elas ainda são lindas, maravilhosas, estão bem... Só que... sei não, é meio complicado, né? Elas deviam fazer uma avaliação geral pra saber realmente quem elas são hoje na realidade.

Aí elas se acham as gostosas, as lindas, maravilhosas, sexuais. Ficam jogando charme, se insinuando para os homens. Só que elas esquecem de uma coisa, que do outro lado tem outros olhos, que talvez analisem comportamentos, pensamentos, conversas”. (29/01/2016)

As análises críticas de meu interlocutor a respeito de como essas mulheres genéricas agem nos meios digitais refletem um grande incômodo relativo ao comportamento feminino emancipado. Deixarem de ser Amélias, numa alusão ao clássico samba de Mário Lago, para se tornarem conquistadoras, autoconfiantes e sedutoras, parece – aos “outros olhos” – uma mudança irascível, posto que estas mulheres não encontrariam condições concretas para viabilizar essas mudanças tão profundas em suas vidas. Essa inadequação parece não dizer respeito aos homens, na avaliação de Zé, que insinua estar mais bem preparado que elas para recomeçar. Sua fala não considera que ele, ou homens com o perfil semelhante ao dele, sejam aqueles que não estão preparados para essas mulheres.

As marcas geracionais, regionais, de classe, entre outras, aparecem nessa longa fala reproduzida acima. Pietro, a quem já me referi anteriormente, tem 57 anos como Zé. Sua formação como filósofo e seu histórico familiar colocaram-no em contato íntimo com “mulheres fálicas” e, segundo ele, tonaram-no um homem com “uma perspectiva de igualdade ao feminino e de liberdade”. Suas experiências amorosas por meio das mídias digitais o levaram-no a muitos amores e várias reflexões. Uma delas envolvendo uma mulher de 49 anos.

“Teve uma história muito interessante, muito peculiar, de uma moça muuuito bonita, de Pernambuco, ano passado, ou nesse... não me lembro direito. Bem, um morenaço, lindíssima! Um negócio! Chic! Bem, chic não diria, mas com ótima postura, tal... Mas no fundo ela falou... ‘não, eu tenho um problema, não sei o que eu quero da vida, eu tenho uns tiutis, eu enjojo, e tá e pá pá pá’. E realmente, ela só queria sexo comigo. Ela foi... um papel muito masculino. Eu não me senti muito bem nesse papel não, pra falar a verdade (risos). Mas achei muito interessante porque ela botava um limite, então, ela dizia ‘tu mexe comigo’, quer dizer, era o tesão, né? Mas, não tinha afeto, não tinha uma história de afeto. Aí, um dia ela acordou, e não falou mais comigo (risos). Eu achei legal, porque eu acho que é uma atitude bem masculina. Né? É um negócio doido”.
(Em áudio gravado por WhatsApp em 29/12/2015)

O abandono digital trouxe dor, admite Pietro. Mas o colocou também no lugar do outro, das mulheres genéricas, corporificadas naquele “morenaço”. Uma mulher linda, de quase 50 anos, que se mostra dona do seu desejo e que confessa (ou estrategicamente

manifesta) sua impossibilidade para ir além do sexo naquele momento. Diz não saber o que quer, fazendo o que quer. Talvez essa agência do desejo seja o que Pietro está chamando de “papel masculino”. O descuidado no adeus, o interesse apenas sexual e os limites colocados cotidianamente, obstaculizando o afeto, parecem ser as marcas masculinas identificadas pelo fotógrafo-filósofo. Uma mulher que consegue agir como um homem criou nele admiração e dor.

Homens mais jovens mostraram-se igualmente analíticos em relação ao comportamento feminino, sobretudo no campo sexual. Apropriados de uma outra gramática de gênero para as relações, esses rapazes, sobretudo os mais escolarizados, tendem a ser mais cautelosos em suas avaliações, as quais têm potencial autorreflexivo.

15/06/16 12:43:03: Larissa Pelucio: Vc acha que as mulheres estão mais ousadas?

15/06/16 12:43:11: Larissa Pelucio: Ouço tanto isso dos caras

15/06/16 12:44:27: César 34 Adote Um Cara: Não considero ousadas, mas estão bem seguras do que querem

15/06/16 12:44:37: Larissa Pelucio: Jura?

15/06/16 12:44:56: César 34 Adote Um Cara: Eu observo dessa forma

15/06/16 12:45:59: César 34 Adote Um Cara: Acredito que isso se deve a desconstrução do tipo ideal

15/06/16 12:46:38: César 34 Adote Um Cara: De que a mulher é a "caça" e o homem o "caçador"

15/06/16 12:48:59: César 34 Adote Um Cara: Isso se deve a um maior debate sobre gênero

15/06/16 12:50:48: César 34 Adote Um Cara: Muitos coletivos feministas atuando... (negro, cientista social em um cargo público no setor de ensino, umbandista, morador da periferia de São Paulo).

Aparentemente distantes desses debates nos quais César está envolvido, inclusive profissionalmente, organizando eventos com temáticas de gênero junto ao órgão de ensino onde trabalha, Guilherme, 32 anos, branco, morador do subúrbio carioca, vendedor em uma loja de materiais de construção, opera com a metáfora “predador” para falar da maneira como gosta de abordar as mulheres que o interessam. Gosta da troca de olhares, por isso, prioriza o presencial. Mas, admite, tem um pouco de preconceito com mulheres

que ele conhece na noite, isto é, “em baladas”. Não pensa em levar a sério essas conquistas.

“Eu não sou o tipo de cara que chega em todas as mulheres não. Principalmente se a mulher não me percebeu, eu não vou fazer ela me notar. O que me atrai (...) é que eu sou tipo o predador. Eu fico na espreita, na minha, e quando eu tenho o contato visual com a presa e a presa olha nos meus olhos, é o que me atira. (...) Agora, sai por aí, cantando uma e outra, uma e outra pra tentar a sorte? Não. Eu não sou desses não. Eu gosto do certo.” (Em áudio por WhatsApp em 27/01/2017).

“O certo”, deixa transparecer nas conversas seguintes, é não ser preterido, poder manter-se como aquele que escolhe. Há um enquadramento moral no qual, mesmo que de forma inconsciente, para alguns desses jovens adultos, as mulheres que ocupam os espaços públicos sexualizados como são os bares e “baladas” noturnas ainda são percebidas como indesejáveis para relacionamentos mais comprometidos. A presumida agência sexual delas torna-as hoje, como há décadas atrás, mulheres inadequadas para o desenvolvimento de intimidade afetiva¹⁶⁵.

César, que está fazendo terapia para poder lidar melhor justamente com as relações afetivas, se encontra nos aplicativos com perfis de mulheres jovens que lhe parecem não “inadequadas”, mas inaptas justamente para a intimidade e me pergunta sobre o que penso sobre o anúncio recorrente com o qual se depara no *Tinder*: “não procuro sexo casual, mas também não busco nada sério”. “*O que isso pode direcionar ou mostrar?*”. Essas aparentes incongruências ou “verdades”, como se referiu Franco ao comentar sobre a honestidade feminina nos anúncios dos perfis, têm confundido homens de diferentes gerações e origens sociais. Talvez as mulheres também estejam bastante confusas na forma como precisam lidar com o campo dos afetos no terreno acidentado e pouco problematizado das relações heterossexuais.

Quando contrastei mais radicalmente os discursos com as práticas, avantei a hipótese de que quando meus interlocutores dizem que buscam amor, pode ser de fato, uma forma

¹⁶⁵ Busquei cotejar falas de homens que estão na mesma faixa etária, mas que têm visões diferentes sobre os comportamentos femininos com os quais têm tido de lidar. A origem social, as marcas raciais, o nível de escolarização e, mesmo, a região em que vivem ou cresceram constituem elementos sociológicos importantes para a formulação das masculinidades.

de parecerem “melhores” aos olhos da pesquisadora, transmutando uma antiga estratégia masculina de dizer estar apaixonado para obter sexo e/ou controle sobre as parceiras em uma espécie de estratégia contemporânea de exercício da masculinidade. Ao se apresentarem como “buscando amor”, transferem para as mulheres o “desinteresse” e as dificuldades de efetivarem relações sólidas. De alguma forma, reforçam, assim, antigas assimetrias mais do que efetivamente mudam algo no campo íntimo das relações entre homens e mulheres. Pode-se interrogar de forma crítica por que a busca por amor, mesmo para aqueles que acionam uma nova gramática para mover-se no campo dos afetos generificados, não foi capaz de mitigar acusações e abandonos.

A questão ainda está em aberto, mas no exercício investigativo e teórico de procurar compreender o que se passa no cenário afetivo contemporâneo, discuto – no próximo capítulo, que encerra esta longa tese, como as tecnologias de comunicação digital têm alterado a paisagem emocional do presente.

Capítulo IV - Amor (?) em tempos de aplicativos

“Refletir acerca dos relacionamentos virtuais é refletir sobre a mais radical mudança no campo dos relacionamentos humanos na época contemporânea” (Gonçalves 2009, s/n). A portabilidade, a conectividade permanente e o uso intensificado de *smartphones* com “radares” (GPS - sistema de posicionamento global, capazes de localizar pessoas que usam o mesmo que estejam conectado)¹⁶⁶ têm provocado profundas mudanças na paisagem emocional do presente.

Criamos um sentimento de (1) agência desejante; (2) individualizamos a busca por parceiros/as; passamos a ter a possibilidade de paquerar diferentes pessoas simultaneamente, num processo altamente seletivo e demandante emocionalmente, mas que permitiu lidar com a recusa e o fracasso de forma igualmente individualizada. Além disso, (3) os contatos tendem a caminhar rapidamente para a intimidade sem que isso resulte em encontros presenciais ou em relações digitais longas. Ao contrário a (4) efemeridade das relações é a regra, bem como a sensação de abundância. Nunca tivemos acesso potencial a tantas pessoas para fins amorosos e sexuais como a partir desse tipo de tecnologia. Diferentemente do flerte off-line, nos aplicativos e sites voltados para esses fins, temos a certeza de que as pessoas que estão ali buscam conhecer alguém¹⁶⁷, o que torna a abordagem mais direta (Miskolci, 2017, p. 98 a 100). Ou, como resume Pietro: *“Muita disponibilidade e pouca consistência ou durabilidade dessas relações”*.

Por outro lado, como já escrevi mais acima, esses contatos tendem a ter uma carga de intensidade quando há interesse das partes em sair das trocas monossilábicas de mensagens. Em pesquisa anterior (Pelúcio, 2013, 2015) realizada com homens casados que buscavam relacionamentos fora da união oficial, a potência dos textos trocados também foi bastante citada como um fator de encantamento e incitação do desejo¹⁶⁸. Karl,

¹⁶⁶ A mediação digital das relações sociais tem crescido no mundo e, de forma exponencial no Brasil. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2015, mais de 49,4% da população brasileira tinha acesso à internet, ou seja, mais de 85 milhões de pessoas. Soma-se a estes dados o aumento de pessoas que utilizam estes serviços, no Brasil, por meio de celulares e outras tecnologias móveis. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada em 2013, ainda que 4,1% dos/das brasileiros/as se conectaram à internet apenas por meio de outros dispositivos, como celular, tablet ou a televisão.

¹⁶⁷ É interessante que nem todos os perfis dos aplicativos, principalmente aqueles do *Tinder*, eram de homens buscando relações amorosas/sexuais. Deparei-me com um número significativo de perfis comerciais nos quais se vendia plano de saúde, produtos de beleza, serviços fotográficos, projetos arquitetônicos, massagens, serviço de acompanhante sexual, *personal trainer*, entre outros.

¹⁶⁸ As trocas de mensagens, nos anos em que a pesquisa se desenvolveu, entre 2011 e 2013, eram, segundo meus colaboradores, majoritariamente feitas por e-mail. O meio proporcionava escritas mais longas, no

41 anos, dois casamentos [na época da pesquisa estava há cinco anos com a esposa], artista plástico e profissional da área de Comunicação, expressa bem a potência da sedução textual: “*Nos falávamos sempre, só nas palavras. Sentíamos muito desejo um pelo outro, um desejo diferente pois o que mais erotizava esse desejo era justamente a distância e as palavras. Sempre elas...*”

Em graus variados, as mídias digitais fornecem menos pistas sociais. Na interação por celular e online, podemos ter poucas ou nenhuma indicação sobre os locais onde está nosso parceiro. Por isso que tantas chamadas de telefone celular começam com a pergunta “onde você está?”. Isso ajuda a explicar também o desejo de algumas pessoas em compartilharem sua posição por meio GPS dos aplicativos móveis. A falta de contexto físico compartilhado não significa que as interações não tenham contextos compartilhados. As pessoas que se comunicam em relacionamentos pessoais compartilham contextos relacionais, conhecimentos e alguma história. (Baym, 2010, p. 09)¹⁶⁹,

ainda que estejam à distância.

Mais que isso, essas comunicações proporcionaram e/ou potencializaram emoções que já experimentávamos antes delas. Ansiar por uma carta, ter sobressaltos com um telegrama, esperar que o telefone tocasse são sentimentos conhecidos na nossa relação com os meios de comunicação. Porém, no presente, esses anseios podem ser multiplicados não só pelo número maior de pessoas com as quais nos colocamos em contato, como também pela facilidade do acesso, a possibilidade de monitoramento da vida on-line daquelas pessoas que nos interessam em algum grau e, ainda, pelos motivos apontados por Baym: não sabermos exatamente o contexto no qual o outro está imerso, proporcionando um campo imaginativo que pode ser povoado por ansiedades e por

estilo das cartas em papel, que tendiam ser mais assíncronas que a comunicação para o *Whatsapp*, além de não contarem com a mobilidade e portabilidade que os *smartphones* e os seus aplicativos possibilitam.

¹⁶⁹ No original: “To varying degrees, digital media provide fewer social cues. In mobile and online interaction, we may have few if any cues to our partner’s locations. This no doubt why so many mobile phone calls begin with the question “where are you?” and also helps to explain some people’s desire to share GPS positioning via mobile applications. The lack of shared physical context does not mean that interacts have no shared contexts. People communicating in personal relationships share relational contexts, knowledge, and some history.”

referências roteirizadas do romance, oferecidas por produtos culturais como filmes e a publicidade. Ademais, muitas destas comunicações intensas são encetadas com pessoas com as quais, por vezes, nunca estivemos corpo a corpo.

Apesar disso, ou por tudo isso, vive-se intensamente essas emoções. Um outro colaborador da pesquisa anterior escreveu:

“dá um friozinho gostoso saber q vc está conectando pessoas de carne e osso como vc, com seus defeitos, virtudes, vontades, pecados. E que (não me interprete mau!) se vc apertar o botão certo, a pessoa se abre, te conta a vida. Todos temos necessidades de falar da gente mesmo pros outros”. (Júlio César, 46 anos, casado há 22 anos na época da pesquisa)

As novas formas comunicacionais não apenas criaram um novo contexto para desejos pré-existentes, mas passaram a modificar esses próprios desejos. Chamo preliminarmente de desejos digitais essas novas formas de expressão do desejo na era das relações criadas por plataformas comunicacionais em rede e que existem não apenas online, mas se estendem também ao off-line. As tecnologias comunicacionais do presente transformaram-nos como seres desejantes, estenderam a nós novos horizontes aspiracionais marcados por expectativas e ideais muito diferentes dos que moldavam as vidas sexuais e amorosas construídas predominantemente face a face. Assim, esses novos desejos passam a moldar as vidas das pessoas tornando-as mais atentas à sua própria aparência, incentivando-as a aderir a tecnologias corporais como dietas, exercícios, além do uso de cosméticos e o maior apuro ao vestir. (Miskolci, 2017, p. 100).

Essas preocupações com a forma de se apresentar visualmente por meios digitais me pareceram mais flagrantes entre os homens mais jovens, aqueles entre 29 e 40 e poucos anos. As fotos destes eram mais nítidas, com melhor luz, em ângulos estudados, quando não bastante planejadas com composições que remetem a peças publicitárias. Mesmo os jovens que tinham uma origem de classe menos privilegiada mostravam-se mais atentos a esse aspecto.

Entre eles, independente da faixa etária, a aparência das mulheres foi sempre algo mencionada como um disparador do interesse, mas, segundo me diziam, era secundarizada quando a conversa não “fluía”.

26/01/16 09:06:31: Weliton 32 Adoteumcara: Primeiro o que me chama a atenção é a imagem, óbvio. Mas, principalmente a imagem que a mulher transmite de si. Por exemplo, a gordinha arrumada e que não engana ninguém tirando fotos do de cima. A mulher bonita, naturalmente bonita para os padrões sociais, geralmente não esconde o próprio corpo. Mas sei que não sou lindo, então eu não tenho um padrão muito criterioso, apenas gosto que não minta, não desfarse

26/01/16 09:07:05: Welliton 32 Adoteumcara: E ela só se torna interessante depois, principalmente pelo papo

26/01/16 09:08:08: Welliton 32 Adoteumcara: Normalmente as mais interessantes são as que tem a melhor conversa, que se demonstram mais a vontade e que não são monossilábicas, detesto as monossilábicas

26/01/16 09:08:57: Welliton 32 Adoteumcara: Não me preocupo com grau de instrução, mas geralmente são as que tem nível superior (morador do subúrbio carioca, analista de sistemas, autodefinido como negro).

Além do “papo”, não foram poucos que me disseram prezar o português culto, mesmo considerando que se comete muitos erros de digitação. “*Erros de ortografia, palavras desconexas, coesão nas palavras diminuem o tesão e interesse. Até porque em primeiro momento avaliamos a imagem depois as conexões e por aí vai*” (Zumbi, 33 anos, educador físico, negro, morando em Salvador).

O texto ajuda, assim, a criar contexto. Antes da troca de áudios, muitas vezes tidos como invasivos¹⁷⁰, que também oferecem muitas pistas sociais como sotaque, por exemplo, e timbre de voz, a escrita pode indicar pertencimento de classe, além de sugerir alguns traços de personalidade e habilidades sociais: sagacidade, humor, simpatia, amabilidade, tranquilidade.

¹⁷⁰ As mensagens de voz exigem que quem as recebe demonstre que está se comunicando com outra pessoa pelo movimento de levar o telefone ao ouvido. Muitas destas comunicações são feitas de forma fortuita durante o trabalho ou em meio a outras atividades cotidianas. Há um código tácito no roteiro da paquera que não se inicia com esse tipo de comunicação. Áudios longos são quase sempre alvos de comentários ruins, pois considerados excessivos e que tomam muito tempo na comunicação.

Quando interagi com homens na faixa dos 40 anos, com escolaridade até o segundo grau ou formação técnica, os textos foram substituídos por “GIFs”¹⁷¹ com mensagens de bom dia, boa tarde, boa noite, textos de autoajuda de autoria quase sempre anônima ou piadas que tratavam de temas como política, comportamento e amor, por exemplo. Ângelo, deficiente auditivo, 42 anos, branco, morando sozinho na zona rural de uma cidade de porte médio do interior paulista, é comerciante, estudou até o início do Ensino Médio, manteve a rotina de me enviar várias vezes ao dia esse tipo de mensagem. A princípio eu o agradecia e procurava seguir com a conversa. Mesmo sendo bastante atencioso e sinalizando sua solidão, foi-me bastante exigente sustentar o diálogo com ele, interessado como estava em falar de sexo.

Alécio, 47 anos, policial, trabalhando em uma delegacia na cidade de São Paulo, branco, casado, manteve uma rotina diária e em horários previsíveis de envio de GIF e áudios motivacionais. Chegava a enviar 18 mensagens sequenciadas nas primeiras remessas do dia, por volta das nove horas da manhã. Esses textos prontos também me ofereciam contextos sociais relevantes sobre escolaridade, nível sócio cultural e repertório cultural desses homens.

Diferente dos outros dois, Ismael, 43 anos, branco, mecânico de carros importados, com Ensino Médio completo, vivendo na Grande São Paulo, apesar de ser um entusiasta dos textos motivacionais, não deixava de se expressar eloquentemente. Mandava-me longos áudios, de até 18 minutos, narrando suas experiências de forma minuciosa, me fazendo perguntas íntimas, mas sempre de forma respeitosa e intercalando essas falas com mensagens de autoajuda. Curioso e dedicado pesquisador, Ismael procurava na internet tudo aquilo que lhe suscitava curiosidade e interesse. Bastante voltado para as práticas físicas, meditativas e técnicas sexuais como *Kama Sutra*, sempre me incentivou a fazer o mesmo, para que nunca esquecesse de cuidar de mim e me valorizar como ele mesmo fazia. Sua relação com a internet era intensa, somada à sua “*vontade de sempre aprender e crescer*”, me fazia pensar da importância destes acessos para sua formação continuada como alguém que revela visar ao “*autoconhecimento*”. Valorizou constantemente nossa interlocução, dizendo muitas vezes como essas trocas o faziam “crescer” e sinalizando,

¹⁷¹ “GIF (*Graphics Interchange Format* ou formato de intercâmbio de gráficos) é um formato de imagem muito usado na Internet, e que foi lançado em 1987 pela CompuServe, para disponibilizar um formato de imagem com cores em substituição do formato RLE, que era apenas preto e branco. Uma das características mais marcantes do Gif é o intercalamento, que armazena as linhas do desenho fora de ordem de modo a possibilitar que uma imagem parcialmente descarregada seja reconhecida antes mesmo de ser totalmente baixada. Com isso o usuário pode cancelar o carregamento ao perceber que não é aquilo que queria”. (Brito, 2013, s/n) (Disponível em: <http://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2012/04/o-que-e-gif.html>)

como outros, que mais do que sexo ou amor, buscavam boas trocas. Com uma rotina puxada de trabalho e dois filhos adolescentes morando com ele, Ismael fazia dos acessos diários à web e aplicativos um momento de lazer e “estudos”, “no sossego do meu lar, que valorizo muito”.

Eu sou um cara que mora numa beira do mundo, então, minhas relações, há muito tempo, passam necessariamente pelo uso de mídias contemporâneas, conta-me Pietro. “Sempre achei legal essa coisa de poder conhecer pessoas pelas mídias. Um, porque vc tá na sua casa, tranquilo, seguro, tu vai conversando, vai percebendo quem é a pessoa. Então, é muito mais tranquilo e muito mais legal. Afinal de contas, só tem o discurso ali posto, né? E uma ou outra foto, então, acho que essa possibilidade filtra muito, né? Eu sempre brinco, né? Como diz Foucault que a verdade está no discurso, a verdade tá na vírgula (riso). A pessoa vacilou na vírgula, dançou” (Pietro, em áudio pelo WhatsApp em 28/12/2015).

Textualizar-se e “ler” o outro é um dos atrativos mais sublinhados pelos meus interlocutores como gerador efetivo de interesse. O “bom papo” é apontando como um dos elementos vinculantes. Mulheres que participaram de outras pesquisas, como a realizada pelxs sociólogxs Maria Jardim e Paulo José Moura (2007), sinalizam que o “bom papo” pode ter relação com a disponibilidade para se falar de sexo. Não é exatamente o que meus colaboradores dizem, mas tenho que considerar que a fala deles pode estar bastante vigiada, não só porque sou pesquisadora, mas também porque sou mulher. Caique, o ator e músico de 40 anos, que reside em São Paulo, menciona que “Bem, as vezes é justamente o sexo que torna um papo bom, ou melhor.” Em seguida acrescenta que, no seu caso, “pra falar se sexo é necessário um pouco de tempo, um mínimo de intimidade. Quando aconteceu, foi uma consequência”. Como já observei, o “tempo” para se desenvolver “intimidade” por meio dos aplicativos pode ser bastante comprimido. Poucas horas, por exemplo, dependendo do engajamento de cada uma das partes na conversa pode derivar em confissões, cumplicidades, confiança. Mariana, a jornalista que se envolveu com Caio, também músico, admite que em menos de duas horas de conversa sequenciada com ele já estava bastante seduzida. O tom confessional das mensagens trocadas a fazia sentir que ele confiava nela e, quem sabe, pela delicadeza

que ele demonstrava ao contar de suas dores passadas, ela também poderia confiar nele. “*Eu mandava uma mensagem e ficava tentando adivinhar o que aquilo ia provocar nele... uma delícia ficar esperando aqueles minutinhos vendo ali [na tela do celular] ‘fulano digitando’ [refere-se à mensagem visível no WhatsApp quando algum contato de sua lista está escrevendo para você] e de repente vinha, assim, uma frase bacana, uma metáfora inteligente, um galanteio bonitinho... muito gostoso*” (Em conversa presencial)

22/05/16 14:53:58: Larissa Pelucio: Tem esse encantamento de ir descobrindo e se mostrando pro outro.

22/05/16 14:54:11: Cláudio 34 Adote Um cara: *principalmente sobre sexo*

22/05/16 14:55:30: Larissa Pelucio: Acho que é gostoso sim. Sexo é um assunto que sempre nos mobiliza

22/05/16 14:56:53: Cláudio 34 Adote Um cara: *eu acho muito gostoso*

22/05/16 14:57:15: Cláudio 34 Adote Um cara: *principalmente quando começa assim e culmina no presencial.*

O presencial nem sempre é tão bom quanto o virtual. Beleli (2015, p. 107) narra a experiência de uma de suas interlocutoras que

[d]epois de quase seis meses interagindo com um homem que conheceu em um site de relacionamento, passando por longas conversas online, inclusive com *web cam*, telefonemas diários, me sentia namorando. O desastre do primeiro encontro é claramente marcado pela postura corporal do “namorado”: *Ele andava olhando prá baixo... ombros caídos, tão caídos que as mãos quase chegavam no joelho... parecia um orangotango, aquilo me causou repulsa... beijo??? Nem pensar... as ótimas conversas que tivemos por telefone ficaram esquecidas... ele não tinha pegada... mal consegui terminar o jantar e terminei a relação como começou, por uma mensagem de celular...*

“A mulher tinha uns 50 quilos a mais do que nas fotos do perfil”, comenta Marcos, um paulistano fashionista¹⁷², branco, 40 anos, profissional liberal, e que foi extremamente polido em nosso contato presencial. A frieza gentil é uma das estratégias que ele aciona quando, no presencial, “não rola química”. Menos envolvido com seu “crush” que a interlocutora de Beleli, Marcos foi conferindo ao seu encontro uma atmosfera mais profissional que passional. “Normalmente, as mulheres esperam que você é quem tome a atitude da aproximação. Aí, é se manter distante e procurar abreviar o encontro”. O passo seguinte é não responder às possíveis mensagens que virão por *WhatsApp*, restringir o acesso da pessoa indesejada ao seu perfil no *Facebook*¹⁷³ e, como recurso final, bloqueá-la nos meios digitais.

Assim, o presencial, ao contrário do que Cláudio sinalizou, pode ser decepcionante, quebrando o encantamento que o textual provocou e, por vezes, deixando as partes sem saber exatamente como sinalizar que não há mais interesse. Muitas vezes, quando isso se dá, as pessoas já têm grande envolvimento digital. Estão na lista de “amigos”, “seguidores”, “contatos” em diferentes plataformas, e é preciso, então, monitorar todos esses acessos caso uma das partes ainda queira insistir no contato on-line.

Cláudio foi o único cadeirante com quem tive oportunidade de conversar (havia pelo menos mais dois perfis de homens em cadeiras de rodas nos aplicativos consultados). Aos 32 anos, dez na cadeira de rodas, com formação na área da saúde e vivendo no interior paulista, não economizava em sua apresentação no *Adote um Cara*. Bom com as palavras, valeu-se delas para apresentar-se e procurar “mostrar-se” um pouco mais para além das fotos. Perfis detalhados são raros entre os homens, sobretudo, os mais jovens. De fato, como observou Beleli (2015), há um “imperativo das imagens”. Muitos de meus interlocutores só liam minha descrição como pesquisadora após serem alertados sobre isso, o que sempre fiz já na primeira abordagem. Porém, há plataformas que incitam a

¹⁷² Marcos foi um dos poucos homens que encontrei presencialmente. Meu interesse pelo encontro se deu por ele se apresentar como “acompanhante” no *happn*, usando outro nome no perfil (Marcos foi o nome que escolhi para ele. Em seu perfil de garoto de programa usava um nome que não é o seu e tampouco mostrava fotos suas, apenas fotos publicitárias de práticas de dominação sexual). A menção ao fato de ele ser um homem “fashion” tem a ver com a forma como estava vestido, articulando diversos elementos de moda, com peças visivelmente caras; usava um perfume de grife renomada, trazia a barba grisalha e volumosa extremamente bem aparada, compondo um perfil bastante incomum entre meus interlocutores.

¹⁷³ O *Facebook* oferece diversas ferramentas de privacidade para seus/suas usuários/as de modo que é possível controlar o acesso de cada pessoa de sua lista de amigos às suas postagens, sem a necessidade de excluir ou bloqueá-la. Estas duas ações citadas costumam ser mal recebidas e são, mesmo, julgadas como ofensivas, mesmo quando acontecem em outras plataformas. Mike, de quem já falei diversas vezes, foi, por duas vezes, bloqueado no *WhatsApp* por mulheres com quem havia iniciado diálogo. Em ambas as vezes considerou a medida desproporcional e, por mais que examinasse o porquê de tal atitude não conseguia entender o que poderia ter feito de tão ofensivo. O fato foi que, nas duas vezes, chateou-se.

textualização, como é o caso do *Adote um Cara*. Tido por um dos meus interlocutores como o melhor dos aplicativos que estava usando quando se trata de procurar uma “relação séria”, justamente porque “*se a pessoa tem paciência pra preencher aquilo td, sei lá, acho que tá a fim de algo mais sério*”, avalia (Luc, 33 anos, morador da grande São Paulo, formado em Comunicação, vivendo de “bico” e morando com os pais). Sua estratégia muda quando usa outro aplicativo no qual os perfis são muito enxutos. “*No Tinder eu faço ‘ataque soviético’, saio dando like geral, alguém interessante vai aparecer. Mas aí é só mais pra transar, bater um papo mais sacaninha, garantir uma saída legal no fds [fim de semana]*”.

Mais velho e experiente com as mídias digitais, Plínio não despreza os textos, por isso valorizava naquele momento o aplicativo recentemente descoberto: O *Adote*. “*Eu leio perfis!!! Se a pessoa escreve é para ser lido, é o mínimo a se fazer... ja imaginou eu jogo um charme vc me aceita, e vc tem um senhor texto que mostra um pouco de quem vc é... e eu não aproveito isto? estamos falando de conquista* (Plínio, 47 anos, trabalha com tecnologia de comunicação, pardo, morando em Londrina, separado e pai de um casal). No jogo das conquistas online as imagens contam muito: “*primeiro eu vejo a foto*”, me disseram muitos homens. Mais do que vê-las, eles as leem, analisando o texto iconográfico sobre o qual tecem comentários quando os solicito a me dizerem o que os atrai ou cria recusa quando visualizam essas fotos: “*Maquiagem pesada eu não gosto*”; “*beijando golfinho, não dá, rs*”; “*fazendo biquinho é sem noção*”, “*umas caretas surreais*”; “*bem vestida*”, “*cara boa*”, “*em lugares legais*”, “*sorriso lindo*”, “*um olhar profundo*”, “*amo covinhas*”, “*mulher que usa echarpe eu acho um charme*”.

Ainda assim, as fotos, descrições minuciosas, afinidades de interesses apontadas pela associação entre plataformas dos aplicativos com *Facebook*, *Spotfy*¹⁷⁴ ou *Instagram* não oferecem pistas suficientes sobre quem é aquela pessoa para quem se “enviou o coração”. É uma aposta. “Vamos ver no que dá”, expressão corriqueira entre os colaboradores, sinaliza um engajamento tênue e mesmo temeroso com o *match/crush*, justamente porque antes do presencial há mais idealizações oferecidas pelas pistas digitais do que afinidades concretas que parecem não prescindir do corpo a corpo.

César, o jovem cientista social de quem já falei, foi o colaborador com quem mantive o contato mais longo, a ponto de considerarmos que somos amigos. Essa

¹⁷⁴ Aplicativo para baixar músicas. Disponibiliza a versão gratuita e paga, em ambos aplicativos é preciso criar um perfil, geralmente as pessoas optam por associá-lo ao perfil já existente no *Facebook*. No *happn* pode-se ver a lista de músicas baixadas no perfil do/da usuário/a.

intimidade nos faz também confidentes, e por conta da pesquisa ele procura me deixar sempre atualizada sobre suas investidas. Depois de sucessivas decepções, ele resolveu sair dos aplicativos. Uma das mulheres com a qual conversava mora em outro estado e por isso adiaram o encontro, não sem que César considerasse e manifestasse a ela a intenção de ir conhece-la. Ela enviava a ele textos poéticos de sua autoria, tecia elogios a seus atributos físicos, mandava-lhe *nudes* e falavam de “sacanagem”. Um dia, quando ele já se preparava para ir até a cidade “da moça do sul”, ela diz a ele que está namorando. Ainda assim, passada algumas semanas, queixa-se que ele não manda mais mensagens para ela e nem fala mais sobre intimidades.

César também teve vários encontros presenciais com mulheres que conheceu por aplicativos e quando eu o interrogava como havia sido o encontro, se tinha “pintado interesse”, se “rolou química”, ele acionava o slogan dos amores neoliberais: “*Estamos deixando rolar*”.

As dificuldades em estabelecer relacionamentos não vêm propriamente das experiências on-line. César leva essas questões para a terapia, mas ainda não tem uma resposta para esse comportamento que, a mim, me parece mais expressivo de um novo *ethos* relacional, do que uma questão individual. Esse *ethos* passa pela não pactuação dos termos da relação. O compromisso com o outro é temido e adiado, mas os termos para organizar essa aproximação não parecem suficientemente claros para as partes. Mesmo quando está anunciado no perfil a busca por relações mais fluídas, esse anúncio pode ser ambíguo e não há garantias de que as cobranças posteriores não venham.

César me manda a seguinte mensagem comentando sobre as dubiedades que têm dificultado suas relações estabelecidas por meio dos aplicativos: “*Uma outra coisa sobre o tinder, muitas vezes vi a seguinte frase, ‘não procuro sexo casual, mas também não busco nada sério’. O que isso pode direcionar ou demonstrar?*” (em 03/08/2017). Dias depois, me conta que saiu com uma moça muito interessante, que estão “*vendo no que vai dar, deixando rolar*”, quando, pouco tempo depois, é surpreendido por uma mensagem confessional da mesma, que diz estar se sentido culpada por ter ficado com outro homem.

Além destas indefinições expressas em contradições que confundem as partes, esse *ethos*, como venho discutindo, está fortemente implicado com lógicas de mercado e do mundo do trabalho, de forma que a aposta, o risco e, quem sabe, a conquista, como mencionou Plínio, requerem investimentos, e estes pedem cálculos justamente em um

campo no qual fomos ensinados que deve ser regido pela suposta espontaneidade dos afetos.

Cito Richard Miskolci que, após intensa etnografia e profícua reflexão, atenta para a estreita relação entre esfera pública e íntima, de maneira que as formas contemporâneas de relações regidas pelo que ele nomeia como “nova economia do desejo” carregam para os suportes e meios de interação online a lógica das estruturas sociais do presente e, seus valores e contradições. “Economia aqui se refere tanto ao universo da produção e do consumo quanto à forma como se regula o desejo” (Miskolci, 2016, p. 234).

As relações entre afeto, sexo e amor passam a se dar em uma nova configuração econômica, de trabalho e de consumo, em que as relações sociais se dão crescentemente por meios comunicacionais em rede. De forma geral, refiro-me à maneira como as vidas sexuais e amorosas e o próprio desejo das pessoas passam a se expressar no contexto contemporâneo, em que passamos a viver em uma sociedade pós-industrial, centrada em serviços, no consumo, na segmentação midiática e em formas de trabalho “flexíveis”. (Idem, *ibidem*.)

A flexibilidade emocional reproduz algumas das características do termo aplicado ao mundo do trabalho, com contratos fluídos e informalização das pactuações que regiam as relações entre as partes envolvidas. Sem regulações claras, estão todos um tanto tateantes diante desse novo regime de gestão dos sentimentos. A flexibilização carrega muitas incertezas e umas tantas inseguranças.

Estas inseguranças, proponho, não se colocam porque as interações são iniciadas online, pois estas atualizam códigos já conhecidos da paquera off-line tais como galanteios verbais/textuais –, ainda que precisem criar e mobilizar outros, capazes de contornar algumas ausências como a troca de olhares, os cheiros e posturas corporais. Ainda assim, a maior parte dos homens que contribuiu com esta pesquisa não pareceu menos segura em suas investidas on-line do que já estivera antes, quando suas estratégias de paquera e aproximação se davam exclusiva ou majoritariamente em contextos off-line. Estão, no entanto, aprendendo a transpor essas táticas para as interações digitais, não sem dificuldades e algumas frustrações.

28/05/16 14:05:32: Larissa Pelucio: Vc não se frustra com a dinâmica desses encontros?

28/05/16 19:16:44: Flávio 44 Happn: *Vou responder daqui a pouco... Meu filhos estão aqui e é hora do video-game... rsrs* 🎮😊

28/05/16 20:35:04: Larissa Pelucio: 😊

29/05/16 01:12:42: Flávio 44 Happn: *Não sei se entendi sobre sua pergunta de se frustrar em relação a dinâmica dos encontros, mas como cada um tem sua particularidade, não vejo como frustração e sim como consequência. Acho que tanto o homem como a mulher, no fundo, sabem que pode ser algo superficial e com muita sorte, vai ser um relacionamento mais longo e profundo. Talvez também no fundo, é isso que mtos querem, que seja algo rápido e passageiro. Com raras exceções, alguns querem apenas compromisso sério. Mas esse é minha visão e percepção e posso estar muito enganado. Pra finalizar, acho que tem várias fases, pois no início a novidade e o desconhecido te instiga e parece que seduz pra ficar mais tempo tentando entender o "mecanismo"... Depois tem a fase do "estou me dando bem" (rsrs), pois conheceu alguém... E depois vem a fase do "acho que estou cansando disso aqui"... rsrs*¹⁷⁵

A sensação de “game over” manifesta por Flávio tem estreita relação com a saturação, ainda que momentânea, com a dinâmica das escolhas, do descarte e do insucesso em alcançar objetivos, os quais nem sempre estão claros até mesmo para quem se propõe a buscar “algo” nesse universo de ofertas. O mercado dos afetos é regido por um suposto poder radical de escolha do usuário, algo “empoderador” e que atrai fortemente para o uso dessas plataformas, já que a experiência emocional da grande maioria das pessoas no mercado afetivo (antigo e mesmo atual) é a de não ter controle e ser mais preterido do que escolhido.

Estabelecer relações íntimas e, por vezes, fortemente emocionais por meio de tecnologias comunicacionais que cabem, literalmente, nas palmas das mãos e permitem

¹⁷⁵ Já apresentei Flávio no capítulo anterior: negro, jornalista, vivendo na região dos Jardins (área de classe média, média alta, da capital paulista). Mantive a parte da conversa na qual ele menciona que está brincado com os filhos, que o visitam nos fins de semana, a fim de oferecer mais elementos sociológicos sobre ele, assim como procuro chamar a atenção para o ritmo de nossa conversa, mantendo os horários das perguntas e respostas. A sincronidade e assincronidade podem dizer muito sobre o interesse das partes em relação ao outro, quando se trata de paquera. Não era o caso aqui, mas esse é um elemento bastante mencionado entre os interlocutores desta pesquisa.

contatos permanentes que vencem distâncias espaciais e temporais, talvez seja uma das mais significativas mudanças experimentadas no campo das sociabilidades contemporâneas. Some-se a esse acesso intensificado o surgimento da Web 2.0¹⁷⁶, no início deste século. “A Web 2.0 é a segunda geração de serviços online e caracteriza-se por potencializar as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, além de ampliar os espaços para a interação entre os participantes do processo” (Primo, 2007, p. 21). Para José van Dijck (2013, p. 04). é depois disso que se criam ferramentas tecnológicas para tornar a internet “mais social”. Depois disso, o termo “mídias sociais” passa ser largamente usado e ganhar seu sentido contemporâneo.

Desde então estaríamos, ainda segundo Van Dijck, operando em dois registros conflitantes: o da “conexão” e o da “conectividade”. O primeiro como um movimento que fomenta a coletivização e democratização de acesso ao conhecimento e que visa ao estímulo da sociabilidade e da criatividade de quem usa o sistema. Enquanto o outro seria um sistema de conexão que opera por meio de algoritmos para estabelecer relações entre usuários das redes sociais digitais, impulsionado por objetivos de negócios e rentabilidade das plataformas.

Trabalho com a hipótese de que no campo das relações afetivas e sexuais mediadas digitalmente os/as usuários/as operam na tensão entre conexão e conectividade, pois, ao mesmo tempo em procuram trocar experiências, alargar seu círculo de sociabilidade e experienciar relações prazerosas para as partes envolvidos/as na relação, operam também por meio da “comodização” de si e das relações. Essa espécie de “mercado online” se intersecta com a formação de arenas sexuais e afetivas pautadas por critérios e lógicas que a analogia com o mercado capitalista não encerra, tampouco compreende completamente. As características dessas arenas-mercado envolvem também elementos histórico-sociais, simbólicos e políticos, sem os quais investigadores não conseguem analisar a maneira como operam e, sobretudo, como os sujeitos negociam neles seus desejos e afetos. Apenas pesquisas específicas e mais aprofundadas poderão expandir essa percepção sobre o mercado online para além das definições ainda dependentes e referenciadas na troca de mercadorias pautada por uma lógica econômica de ordem capitalista.

¹⁷⁶ Para Edvaldo Couto e colaboradoras/es, os aplicativos inauguram a Web 3.0: [...] caracterizada pela interseção das redes e usos de aplicativos móveis – vivemos de modo muito mais intenso a expansão da convergência midiática. Agora, estabelecer redes de sociabilidade capazes de ultrapassar fronteiras geográficas e constituir fluxos flexíveis e maleáveis (2013: s/n)

Economia dos afetos

Eva Illouz nos oferece uma farta história da associação entre amor e mercado, em seu livro *O Consumo da Utopia Romântica* (2009)¹⁷⁷, onde procura entender como se deu o encontro do amor com o capitalismo. Essa aproximação que costumamos perceber como inusitada, quase espúria¹⁷⁸, está bem documentada pela autora, que mostra como veio se dando essa fusão: a romantização dos bens de consumo e mercantilização do amor romântico.

Illouz mostra que nas primeiras quatro décadas do século XX, a publicidade e o cinema foram capazes de associar longevidade do matrimônio com a intensidade da relação, desde que o casal cultivasse momentos de lazer juntos. Isso significava consumir filmes, alimentar o romance com jantares em bons restaurantes, sair para olhar as vitrines, enfim, valer-se dos bens de consumo em geral a fim de afastar o tédio da vida cotidiana – de maneira que amor e diversão passaram a ser cada vez mais associados. Um casamento duradouro e feliz deveria ser também divertido. Esse imperativo do gozo parece exacerbado em meu campo.

“Como o capitalismo molda e transforma a vida emocional e a individualidade?”, interroga-se Eva Illouz¹⁷⁹, inspirando minhas próprias questões frente ao uso intensificado dos aplicativos móveis para fins de relacionamentos. As emoções moduladas pela lógica dos algoritmos matemáticos vão traçando combinações entre pares, nos colocando frente a formas de organizarmos a exposição de quem somos e de nossos interesses, muito próxima àquelas que regem as dinâmicas do mercado. Construir um perfil para si em sites e/ou aplicativos para relacionamentos é um processo altamente racionalizado. Registrar-se é construir uma espécie de “versão computacional de quem você é” (Illouz, 2011, p. 111). Mobiliza esforços de síntese e de comodização. Como se anunciar da melhor forma? Como se diferenciar nos vastos catálogos em que estes sites e aplicativos se transformam? Como traduzir iconograficamente o melhor de si?

Os aplicativos móveis para fins de relacionamentos amorosos/sexuais integram um complexo campo no qual a dinâmica da vida contemporânea é pautada pela aceleração do tempo, maior exigência no campo do trabalho e a sua flagrante precarização. Some-se a esse cenário um conjunto de ansiedades que entrelaça esfera pública e privada, tais como

¹⁷⁷ Estamos usando a edição em espanhol, assim, as citações literais apareceram traduzidas pelas autoras desse artigo.

¹⁷⁸ Discuto mais à frente essa proposta.

¹⁷⁹ Illouz em entrevista a Miskolci (2016).

o aumento da violência urbana, as urgências emocionais relativas aos anseios estimulados por diversos discursos que nos convocam a sermos felizes, saudáveis, aventureiros/as. Conformando as já muito discutidas transformações na esfera íntima da família e do amor romântico (Giddens, 1993; Bauman, 2004; Illouz, 2009) essas demandas coadunam-se com as possibilidades emocionais ofertadas pelas novas tecnologias, pactuando uma estreita relação entre estas e os sentimentos.

Para Illouz (2009, 2011), o momento pós-industrial do capitalismo não acontece sem intensa mobilização de emoções potencializadas pelas mídias de massa, e também pelas pós-massivas, vinculado à ideia de felicidade ao consumo, inclusive de emoções, apostando em linguagens vulgarizadas provenientes da psicanálise e das referências dos discursos de autoajuda como recursos para a gestão dos afetos.

Como investidores emocionais, muitos dos homens com os quais mantive contato apostavam no sucesso de suas conquistas valendo-se de diferentes estratégias digitais: galanteios acompanhados e *emoticon/emojis* de flores e corações, envio de músicas, links para assuntos que pareçam ser de interesse de quem se quer conquistar, chamadas para conversas por câmera do *WhatsApp*, *Messenger* do *Facebook* ou *Skype*, convites para um encontro presencial, “curtidas” em fotos e postagens das pessoas visadas em suas páginas pessoais (caso já tenham se vinculado como “amigos” e/ou “seguidores”). Enfim, um intenso dispêndio de tempo que muitas vezes envolve cálculos estratégicos sobre como administrar esse volume de mensagens¹⁸⁰.

“*Gosto do sabor da conquista, do prazer do novo, da adrenalina*”, me escreveu um antigo colaborador sobre sua experiência no site *Ashley Madison*, onde “aventurava-se”. Relendo apontamentos feitos naquele momento de trabalho, relaciono-os com os achados da atual pesquisa, volto às discussões sobre risco-aventura propostas por Spink. A “aventura”, define a autora, é vista “como a disposição de correr riscos. Trata-se de um componente importante da modernidade, expressa, por exemplo, na disposição de investir, motor principal da economia liberal” (2001, p. 1283). Investir tempo e recursos emocionais nessas relações, as quais podem nunca sair do contato digital, não é só

¹⁸⁰ “Participar e ter sucesso nesse mercado virtual exige tempo e dedicação, como em qualquer outro mercado” (Jardim e Moura, 2017, p. 175). Os autores apuraram entre seus colaboradores que estes gastavam em média entre 20 a 45 minutos por dia na gestão dos perfis. Considero o dado significativo em se tratando somente de conferir o catálogo de pessoas, dar “likes”, enviar e responder mensagens. Porém, minha experiência etnográfica mostra que havendo engajamento emocional mais significativo com uma ou mais pessoas, esse tempo pode ser bastante dilatado.

aventuresco, mas guarda vínculos históricos com a constituição das masculinidades em um mundo capitalista, associando gênero e classe. No presente, provem todo um “repertório interpretativo” (Potter & Wetherell apud Spink, 2001) que os ajuda a transitar no terreno das emoções valendo-se de conceitos, lugares-comuns e figuras de linguagem afeitas a um universo com os quais estão mais familiarizados: o dos negócios (incluindo os informais) e dos jogos de azar, os quais incluem homossociabilidade, apostas e riscos.

“Bem-vindo ao mundo de intensa adrenalina da Linear. Emoção é o que não falta a quem se aventura por seus fundos de alto risco – que pode fazer a felicidade (ou a depressão) do investidor”

Está é a saudação da matéria de capa da Revista *Exame*, em sua edição 13 de agosto de 1997. A chamada de capa foi reproduzida por Spink (idem, p. 1283) a fim de desenvolver sua teorização sobre risco, modernidade e pós-modernidade. Porém, o trecho jornalístico soa, nas minhas releituras, como uma espécie de síntese das experiências emocionais narradas por meus colaboradores.

No capitalismo afetivo, quando “repertórios culturais baseados no mercado moldam e impregnam as relações interpessoais e afetivas, e as relações interpessoais encontram-se no epicentro das relações econômicas” (Illouz, 2011, p. 13), o cálculo, os investimentos relativamente programados e racionalizados orientam a conduta emocional.

Marquinho, 29 anos, branco, funcionário público, morador da zona leste da cidade de São Paulo, traduz a economia dos *likes* enquanto me explica como administra os 10 charmes gratuitos que tem direito de enviar a cada dia no *Adote um Cara*: “Depois dos 10 por dia você tem que comprar créditos, meu [expressão paulistana que funciona como uma interjeição], aí já não dá. Então, você tem que saber muito bem onde você vai colocar seu coraçãozinho [refere-se ao ícone que sinaliza a curtida do perfil] pra dar uma oportunidade pra conversar, entendeu?” (em áudio gravado por *WhatsApp* em 31/03/2016). Como bom gerenciador, ele analisa minuciosamente os perfis, elabora estatísticas, tece análises e me diz ter “uma teoria para tudo”. Está certo que a maior parte das pessoas procuram mesmo é putaria, “10% pode até querer outra coisa”, e que mulheres, na sua maioria, estão bastante interessadas em bens simbólicos e materiais, sugerindo que priorizam esses elementos ao romance. Quero saber como ele aúfere esses

dados. Explica-me que as mulheres são extremamente atentas às fotos. Analisam não só às qualidades físicas do pretendente, mas os signos materiais que o cercam:

“as mulheres olham para as fotos e já olham o que você tem. Se você tem isso, se você tem aquilo... se você tem profissão, se você tem carro. Se você tira foto em carro, em viagens e fala bem no seu perfil, isso vai te dar ganhos pra você conquistar a pessoa (...) A maioria dos aplicativos é assim. É interesse! Nada é... fala que quer amizade! Querem nada. A maioria quer por interesse, luxo, vida boa”,

Ao fim, Marquinho, não esclarece como verifica essas hipóteses, apresentadas como teses. Na análise do jovem paulistano, os aplicativos recriariam digitalmente um espaço para mulheres promoverem mobilidade social e/ou angariarem benefícios materiais sem terem de se expor em espaços públicos de sociabilidade off-line, otimizando, ademais, as buscas, eliminando rapidamente aqueles que, em suas avaliações não seriam capazes de lhes prover os bens almejados. Isto é, operam na lógica favorecida pela própria dinâmica dos aplicativos: a busca pelo melhor investimento.

Miskolci (2017a, p.02), referindo-se a outro contexto de usos dos aplicativos, percebe, entre seus interlocutores, homens que buscam homens, pertencentes à classe média paulistana, na faixa dos 30 a 40 anos, que também operam “a lógica individualizante do uso das plataformas online”, a qual “confere ao usuário a sensação de certa superioridade moral em relação àqueles com quem vem a se envolver”. Marquinho busca conhecimento, amizades, bons papos, sexo consentido, em um uso percebido por ele como menos espúrio, uma vez que seus investimentos seriam no campo das emoções e não no material.

Segundo Viviana Zelizer (2009), na maior parte das discussões, amor e dinheiro formam uma equação problemática. A ideia corrente é que o dinheiro corromperia as relações afetivas, contaminando-as com a frieza e a racionalidade que lhes são atribuídas, qualidades supostamente incompatíveis com a dimensão emocional dos afetos.

Sozinho há quatro anos, Marquinho investe tempo, mas não dinheiro, nos aplicativos para ter “*boas conversas*” e sexo, mesmo que seja apenas digitalmente. Assim, ele não estaria pondo em contato esferas que são tratadas como separadas pelo senso comum: a da intimidade e do mercado (Zelizer, 2011). Gosta de trocar fotos íntimas e não se furta a ter conversas picantes, mas lamenta que a maior parte das conversas “*não*

rende”, e quando vão bem, isto é, têm continuidade, as pessoas moram em outras cidades e estados. Na visão de um outro usuário com quem interagi, a distância entre contatos demanda custos financeiros que podem ser mal-empregados, caso o encontro presencial frustre as expectativas iniciais: “*Desperdiça-se tempo e dinheiro*”, conclui Wagner¹⁸¹, que prefere apostas mais seguras. Por isso, suas opções de preferências no sistema de seleção dos aplicativos restringe distâncias. Calculadamente, prefere gastar seu tempo em investidas mais seguras do ponto de vista do dispêndio de recursos com deslocamentos longos.

O tom crítico de Marquinhos às relações estabelecidas pelas mulheres por estes meios não o torna menos entusiasta deste tipo de comunicação. Bem mais jovem que Wagner, ele coloca-se bastante disponível à mobilidade. Esse foi um elemento chamativo no discurso dos homens na faixa dos 30 anos. Gustavo, por exemplo, tem 30 anos é paraense, vive na capital, em uma casa que ele mesmo estava construindo. Afirmo que a distância não é um problema para o estabelecimento de vínculos, pois se o interesse for mútuo irão construir pontes para que o que começou online vá para o off-line. César, 34 anos, quem já mencionei seguidas vezes, se dispôs por mais de uma vez a viagens para encontrar e conhecer mulheres com as quais estava interagindo pelo *Adote*. Em uma das vezes comprou a passagem, a qual teve de remanejar por desistência da mulher com que ia se encontrar. Luc, 31 anos, também já citado, não hesitou em viajar para Curitiba para passar o réveillon com uma mulher que conheceu também no *Adote um Cara*. O mesmo me disse Vick, 30 anos, acostumado a se relacionar desta forma, uma vez que o envolvimento mais importante que havia tido implicava constantes deslocamentos da parceira Brasil afora. Mudanças no campo do consumo proporcionam essas viagens antes mais exigentes financeiramente e, até mesmo, inviáveis¹⁸².

¹⁸¹ Irei a apresentá-lo a seguir. Adianto tratar-se de um homem de 50 anos, também residente na cidade de São Paulo, com experiências de vida afetiva que incluem um longo casamento e filhos.

¹⁸² Houve crescimento econômico sensível durante os dois governos Lula (2003 – 2010), com políticas de redistribuição de renda, queda na taxa de desemprego e consequente aumento do consumo. “É importante observar o papel da melhoria na distribuição da renda para a ampliação do mercado consumidor brasileiro. Foi amplamente divulgada na mídia especializada e não especializada a importância do aumento do consumo das classes C e D como motor do crescimento dos gastos do consumo. Este efeito foi particularmente importante após a eclosão da crise financeira global, em 2008, momento em que a manutenção dos gastos com consumo destas classes evitou uma retração mais profunda na demanda agregada (Curado, 2011, p. 94). Como observa Rebeca Campos (2015, p. 14): “Outra consequência das mudanças econômicas e do consequente alargamento do filão consumidor foi o aumento de microcomputadores nas residências brasileiras, bem como o acesso à internet. Não apenas os microcomputadores, mas também houve aumento na venda de celulares e através desses equipamentos o acesso à internet, é possível compartilhar vídeos, imagens, notícias em tempo real”.

Todos esses rapazes, assim como muitos homens mais velhos, incluindo Wagner, sempre tinham algum tempo para conversar comigo durante o período de trabalho. Alguns estavam mais disponíveis que outros devido à dinâmica do serviço que exerciam ou do tipo de atividade exigida. Marquinhos me disse que, mesmo no trabalho, sempre estava on-line e, na maior parte do tempo, podia conversar sem interrupções. De forma que o uso dos aplicativos, enfaticamente, do *WhatsApp*, tem possibilitado que esferas tratadas como apartadas, tais como a do trabalho e da vida sexual/íntima, se misturem. A erotização do ambiente de trabalho já estava presente desde os usos iniciais da internet para fins laborais. Entre os t-lovers, em pesquisa desenvolvida durante o doutorado (2003 a 2007), o segredo, a clandestinidade de seus desejos os motivavam a furtivas entradas em sites afins em horário de trabalho, até mesmo porque a maior parte deles, durante os anos de 1990, não tinha *Personal Computer* (PC). Passava-se o mesmo com colaboradores da pesquisa sobre infidelidade conjugal – o lugar onde deveriam ser exercidas funções técnicas e racionais era atravessado pelo desejo. Dessa forma, as lógicas pretensamente rivais, tais como intimidade/dinheiro; lazer/trabalho; razão/emoção estão, de fato, conectadas.

A despeito de todas as transformações comportamentais desde a emergência da chamada Revolução Sexual no final da década de 1960, no Ocidente, é visível a continuidade do controle da expressão desejante no cotidiano e a deserotização do espaço público (inclusive do ambiente de trabalho). Assim, é compreensível o poder de atração das plataformas que permitem justamente erotizar todos os espaços assim como expressar desejos em desacordo com os valores hegemônicos. Aplicativos de busca de parceiros que funcionam por meio do GPS, por exemplo, efetivamente varrem o território tornando visíveis os sujeitos desejantes ao redor, o que insere o usuário em um espaço-tempo moldado pelo erotismo. Além disso, permitem que ele expresse desejos, interaja, flerte e até se encontre com outros sujeitos. As novas tecnologias comunicacionais exploram as promessas jamais alcançadas pela Revolução Sexual ou, de forma mais acurada, constituem uma resposta tecnológica para a ausência de reconhecimento pleno de certas sexualidades, assim como da

inflexibilidade moral que marca a maior parte das relações amorosas do presente (Miskolci, Pelúcio, Zago, 2017, p. 06)¹⁸³

A inflexibilidade moral, percebida nas interações relativas a esta pesquisa, estão assentadas, quase sempre, em expectativas conservadoras sobre a agência sexual das mulheres, como discutido no capítulo anterior. Na mesma medida tendem a expressar seus desejos dentro de uma gramática moral que recusa a procura explícita por sexo como legítima. Assim, quando interrogados por mim, mulher, muitas vezes mais velhas que eles, pesquisadora, diziam que buscavam “*conhecer gente*” e “*adquirir conhecimento*”, “*aprender mais sobre a vida*”, purificando suas intenções ao afastá-las das buscas sexuais. “*Tem gente que só quer sexo*” ou “*a maioria só quer putaria*” apareceu muitas vezes como acusação, portanto, dirigida a um Outro genérico.

Os namoros, casamentos e amizades nascidas de *matchs*, *chames* e *crushs* indicam que aqueles anseios existem e motivam a adesão aos aplicativos; por outro lado, a busca por prazer sexual, fantasias e transas sem compromisso também é fator de engajamento que, como nas paqueras off-line, não costuma ser verbalizado/anunciado nas primeiras trocas de mensagens nas interações heterossexuais¹⁸⁴. No âmbito da pesquisa, os interlocutores provocados muitas vezes por minhas questões, revelam desejos sexuais/eróticos acabavam compondo nossas conversas. Quando revelados, estavam quase sempre de acordo com as expectativas heterossexuais. Mesmo aqueles que buscavam conhecer casas de swing, encontrar uma dominadora/senhora¹⁸⁵, beijar pés, raramente manifestavam esses desejos dirigidos a outros homens¹⁸⁶.

Não raro os aplicativos são categorizados como “*ferramentas úteis*”, “*como um meio a mais, só isso, de se conhecer pessoas*”, “*um otimizador*”.

¹⁸³ A citação foi extraída do manuscrito original redigido em português e posteriormente traduzido para o inglês como exigido pelos editores que organizaram a coletânea na qual o artigo se encontra.

¹⁸⁴ As pesquisas de Padilha (2015), Grohmann (2016), Morreli (2017), Miskolci (2016, 2017) trazem dados distintos sobre a interação online entre homens que procuram homens. A abordagem é mais sexualizada e assume-se mais facilmente que se quer apenas transar. O que percebo em minha pesquisa é que há uma corte heterossexual que orienta as abordagens on-line nas quais deve-se adiar o momento em que vai se falar de sexo.

¹⁸⁵ Terminologia proveniente das práticas sadomasoquistas em que uma das partes domina psicologicamente e fisicamente a outra. Mulheres podem ser “*dominatrix*” (dominadoras) e senhoras.

¹⁸⁶ Mesmo um dos interlocutores que revelou ter desejo de ser humilhado sexualmente e tratado como servo/escravo (também do vocabulário de práticas sadomasoquistas), dizia que imaginava uma mulher o penetrando. Quando mencionei se desejaria fazer o mesmo com uma travesti negou veementemente.

“Pensa, vc não sai todos os dias da semana. O aplicativo te permite em uma noite de segunda que vc está tranquilo pós trabalho começar o contato com alguém. Dessa forma digamos que amplia sim a probabilidade de sexo na vida da pessoa (supondo que a “relação” atinja um ponto desses)”, argumenta André, o paulistano de 32 anos, a quem já apresentei em outro momento.

O custo/benefício parece interessante. Não é preciso sair de casa, arriscar-se pelas ruas de cidades violentas das cidades brasileiras, minimizando desgastes emocionais e físicos, além do dispêndio de dinheiro e tempo. Minora-se também os riscos de rejeição pública de suas investidas.

A rejeição online é bastante sentida, mas, frente ao vasto catálogo de perfis disponíveis em cada aplicativo, sobretudo nas grandes cidades, segue-se na busca direcionada pela próxima possível conquista. Este uso altamente seletivo exige criatividade na forma de construir a aproximação textual e valorizar-se nas fotos. Sintomaticamente, homens, mesmo os mais cuidadosos nas escolhas das fotos, não parecem apostar tanto no potencial sedutor das suas imagens. Leonardo, o rapaz de 32 anos, que vive em uma grande cidade do interior paulista, me diz que se cuida e por isso valoriza isso em uma mulher. Mencionei que ele tem músculos avantajados, “*malha muito*”, mas trazia fotos de perfil que não valorizavam justamente os atributos que ele apreciava em si. César foi repreendido por um *match* por ter colocado no perfil fotos que não condiziam com sua estética atual; Ivo, 50 anos, tinha uma foto tirada de baixo para cima que acentuava não o seu sorriso convidativo, mas o excesso de gordura embaixo do queixo. Os exemplos podiam se multiplicar. Muitos se apresentam com poucas fotos no perfil, em poses que se repetem: dentro do carro, no elevador de aço escovado e outra, em plano americano, com cerveja na mão. *Selfies* tiradas fortuitamente, uma vez que há uma expressa vaidade no ato de fotografar a si mesmo fazendo poses publicitárias, atributo associado a traços inerentes do caráter feminino. Contrapõem-se a isso ícones de masculinidade em fotos tiradas sem plateia. Elementos cênicos são, muitas vezes, tidos como mais chamativos do que suas aparências. Assim, fotos em cenários de cartão-postal, como pontos turísticos famosos; em prática de esportes radicais, bastante comuns e que indicam pertencimento de classe por meio da exibição de bens materiais e simbólicos¹⁸⁷, como aquelas em que o usuário posa ao lado de celebridades.

¹⁸⁷ O *Adote um Cara*, como já disse, é bastante rigoroso em sua política de veiculação de imagens, diferente do *happn* e do *Tinder*, onde encontrei fotos de anúncios publicitários; fotos em grupo, nas quais não se sabe quem é o homem que criou o perfil; com crianças, que se supõem serem filhos/as; ao lado de mulheres,

Ao contrário, como já vimos, o “bom papo” é valorizado. “*Não seja analógico*”, recomendou Leo, usando técnicas contábeis e do mundo dos negócios para se tornar um empreendedor emocional: foi criativo, inovando e arriscando-se. “*Me colocava de uma forma verdadeira, sem as defesas, sem as máscaras*”, diz ele explicando sua técnica de sedução – inovadora para a época.

Elias Mamam, o idealizador do *Jogo do Texto*, dá dicas de como usar “mensagens abridoras”¹⁸⁸ para se diferenciar dos demais homens. Seu produto é vendido, mas há disponível gratuitamente farto conteúdo que serve de atrativo para a compra, incluindo publicações em blogs e sites que não pertencem, aparentemente, à sua marca registrada, com tom de depoimento e de jornalismo de serviços, como o que reproduzo abaixo, extraído do blog *EuContigo*, “O melhor conteúdo online para se ler a dois”, administrado por Marcos Paulo Villela, que se apresenta como “empreendedor digital”:

Jogo do Texto é um treinamento desenvolvido pelo Elias, e ele te mostra uma técnica eficiente para você explorar a mente feminina, que se acessada faz com que qualquer mulher que você deseja, abra a oportunidade para você e se esqueça dos outros homens que também cobiçam ela, e que tenha um **desejo incontrolável** de sair contigo. O bom da coisa é que você pode acessar essa recompensadora brecha, lançando uma sequência de 3 **inocentes e matadoras** mensagens de texto, sem precisar abordar mulheres desconhecidas na rua. Você deve estar achando que isso que estou dizendo é bobagem, mas essas sutis mensagens de texto passam despercebidas pelo radar consciente da mente feminina, fazendo com que você compre a confiança dela e desejem estar ao seu lado, sintam que **sair com você** é uma excelente opção... (<http://eucontigo.com/curso-jogo-do-texto/>. Grifos e destaques no original)

César Franco (2015) mostra como a venda de técnicas sedução de transforma em um negócio rentável com vendas de livros, organização de eventos, anúncios publicitários em páginas especializadas. Em sua pesquisa no site usuário do PUABase.com (*Pick Up*

dando um sentido ambíguo ao perfil. Deparei-me com muitos perfis de policiais exibindo fardas e, às vezes, ostensivamente, suas armas.

¹⁸⁸ São aquelas que, teoricamente, criaram o engajamento da mulher na conversa, pois despertariam no cérebro feminino algumas reações específicas que gerariam o interesse em seguir conversando com o remetente.

Artist Base), mostra como ali se mobiliza toda a linguagem do mundo dos negócios contemporâneos para fins afetivos/sexuais. A ideia de inovação promovida por indivíduos ousados, que não temem riscos e aventuram-se de forma programada é o caminho para o “sucesso” financeiro ou como “artista da sedução”, bem como para a promoção do reconhecimento público daquele sujeito como alguém que “faz a diferença”.

Franco (idem, p. 90) extrai o trecho que reproduzo a seguir de uma das seções de destaque do site:

Lembre-se: Quando betas, certa vez vocês descobriram esse mundo alfa e se não fosse por todo esse conteúdo absorvido, continuariam fazendo as mesmas betices e atingindo os mesmos resultados. Então eu penso assim: Uma vez ajudado, tente multiplicar o máximo sua ajuda com os outros. É bom ter a sensação que você foi útil a alguém. É isso alfas, ajudando a gente cresce junto.

Homens “alfa”, isto é, dominadores, líderes e aqueles que são, em analogias com o mundo animal, entendidos como os melhores reprodutores, por isso desejados pelas fêmeas, aconselham os iniciantes beta a serem eles também multiplicadores do conteúdo de formação ali disponibilizado. O indivíduo de “sucesso” motiva a equipe a se engajar nos ideais da empresa. No caso, o negócio da sedução e conquistas de mulheres.

Como homens alfa eles poderão ser, idealmente, os que escolhem, não os escolhidos e nunca os preteridos. Porém, no mercado dos afetos regido pela lógica da abundância e pela mecânica do descarte, parece-me que estão todos/as enredados na trama da eterna busca.

O objetivo comercial do negócio das plataformas não é prover (tampouco definir) um parceiro, mas manter o usuário na busca e disponível a outros. O que ajuda a compreender porque meus interlocutores vivem entre a liberdade e o comprometimento priorizando a primeira a despeito de valorizarem o último. Em tese, segundo suas entrevistas, abdicariam – total ou parcialmente - da liberdade que se confunde com a agência desejante e sexual apenas caso encontrassem um parceiro que lhes oferecesse mais do que “perderiam”. (Miskolci, 2017a, p. 02).

Talvez não seja arriscado afirmar que também meus colaboradores se orientam pelo mesmo cálculo que os de Miskolci. Todos parecem ter ciência de que a heterossexualidade e a masculinidade são moedas muito valorizadas no mercado dos afetos. Envolver-se publicamente com um outro homem ou fidelizar-se a uma mulher são escolhas arriscadas, pois ambas emasculam, ainda que não no mesmo grau e com as mesmas perdas. Mantêm-se, assim, como buscadores, escolhendo no vasto catálogo dos aplicativos perfis, seja para sexo, amor, diversão ou, desejavelmente, tudo, isso junto.

O imperativo da “escolha” como valor moderno, inspirado em atitudes individualistas típicas da sociedade capitalista e consumista, mobiliza as emoções destes homens que apostam também no sexo acumulativo como possibilidade de alargar suas experiências sexuais, emocionais e de fruição do ócio. O que os coloca, muitas vezes, diante de paradoxos flagrantes, posto que o próprio meio pelos quais procuram estabelecer estes vínculos tem a marca do negócio, da racionalização.

[a] internet coloca toda pessoa que está à procura de outra num mercado, em franca competição com outras. Ao se inscrever no site, você se coloca imediatamente numa situação em compete com os outros que não lhe são visíveis. Portanto, a tecnologia da internet posiciona o eu de maneira contraditória: faz o sujeito dar uma guinada profunda para dentro, isto é, exige que ele se concentre em seu próprio eu para captar e comunicar a essência única que há nele, sobre a forma de gostos, opiniões, fantasias e compatibilidade afetiva; por outro lado, a internet também faz do eu uma mercadoria em exibição pública. O processo de busca de parceiro na rede é, ao mesmo tempo, a conjunção de um subjetivismo intenso – que assume uma forma psicológica – e de uma objetificação do encontro, através da tecnologia e da estrutura de mercado do site (Illouz. 2011, p. 114).

São, ao mesmo tempo, ou por tudo isso, tecnologias densamente emocionais. Imagens, voz, escrita inserem as pessoas em circuitos subjetivos labirínticos, permeados não só por expectativas e alegrias, mas sobretudo por temores, incertezas, dores e frustração. Mercado dos afetos é um jogo em que a maioria sai perdendo por certo, a regra básica do mercado é a desigualdade de acesso aos bens disputados.

Nesse mercado, regido pelo uso das tecnologias comunicacionais contemporâneas, as mídias digitais são entendidas “como meios que permitem criar redes relacionais seletivas dentro de uma espécie de mercado amoroso e sexual, o qual ascendeu a partir da chamada Revolução Sexual e agora apenas passou a ser visualizável por meio de sites e aplicativos” (Miskolci, 2014, p. 20). Esse mesmo mercado responde também a um conjunto de transformações sociais e econômicas marcadamente neoliberais que, a partir de meados dos anos de 1980, incidiram diretamente na forma das pessoas constituírem relações. Individualismo exacerbado, competitividade, estímulo ao risco e às experimentações, precarização de relações tidas como duradouras, seja no âmbito do mundo do trabalho ou das relações domésticas, são algumas destas mudanças que acabam conformando um novo mercado afetivo, ao qual alguns sites e aplicativos para fins de encontros parecem corresponder – ao mesmo tempo em que, no campo dos afetos, “as pessoas aparentam ter saudades do modelo que ajudaram a destruir” (Teixeira, 2001, p. 31).

O colapso do amor romântico

“No final tá todo mundo em busca de alguma coisa. Muitas pessoas não sabem do que estão em busca. O fato é que tá todo mundo carente, todo mundo, eh... desestabilizado emocionalmente. E algumas pessoas têm mais pressa de conhecer alguém, outras estão pensando em algo a curto ou médio prazo e outras, simplesmente, acham que é uma brincadeira legal ficar nessa busca o tempo todo” (Wagner, 50 anos, atuando no setor imobiliário, define-se como branco, mora em São Paulo, tem dois filhos adolescentes, foi casado por 24 anos, está há dois anos solteiro, em áudio enviado por *WhatsApp* em 28/03/2016).

Enredados nessas eternas buscas, meus colaboradores vivem o desafio de combinar projetos pessoais com o desejo de se estabelecer parceria íntima, satisfatória e duradoura, em um cenário de precarização das relações amorosas. Incitados por diferentes discursos, procuram se manter vigilantes em relação aos privilégios das masculinidades, supostamente ameaçados. Temem abrir mão da liberdade da conquista que possibilitaria o acesso sexual a várias mulheres sem ônus moral; assim como de terem que se vincular

à esfera doméstica, seja constituindo família ou compondo o par que encontra na casa um espaço de aprofundamento de vínculos por meio de trocas e compromissos, além da intimidade.

Valores que caracterizam o amor romântico ainda são orientadores quando vislumbram a constituição de vínculos sólidos: cumplicidade, parceria, tranquilidade (tão reivindicada e citada por meus interlocutores na faixa dos 45 aos 60 anos). Mas essas aspirações se veem tencionadas pela incitação ao acúmulo de experiências, amores e transas, sobretudo para os mais jovens. Investir em si, arriscar-se, inovar são termos que orientam a constituição das masculinidades seja no âmbito do trabalho quanto no universo privado dos afetos. Este último constituído como território feminino que emascula os homens apaixonados ou comprometidos com uma mulher.

É interessante que estejamos emprestando termos do mercado e do mundo do trabalho para falar de amor e afetos, masculinizando o campo das emoções. Por outro lado, é como se não tivéssemos desenvolvido ainda um vocabulário capaz de nos oferecer um campo semântico organizativo para as novas experiências, as quais grande parte de nós tem se proposto a vivenciar. Tomo como hipótese que meus interlocutores estão com dificuldades de sair dos referentes românticos da modernidade quando se trata de amor/sexo/paixão. Assumir os traços pós-modernos que marcam a busca por parcerias no presente exige, além de uma nova linguagem, que esta possibilite que os novos arranjos sejam pactuados de forma mais clara, não só entre as partes, mas reconhecidos coletivamente. As pontes que ligam os referentes românticos aos ensaios e tentativas contemporâneas de se estabelecer contatos íntimos e sexuais são frágeis e arriscadas, o que tem tornado a travessia turbulenta.

Ulrich Beck (1993) pode ser inspirador para essas reflexões. O sociólogo propõe que nesse trânsito cultural estamos, de fato, gerenciando riscos e não mais a vida, quer dizer, não se tratava mais de gerir populações por meio do biopoder, mas de se buscar o controle sobre o imponderável, em diversos níveis, a partir de cálculos probabilísticos. Esse modelo de gestão pessoal incide sobre as subjetividades e inclui a gestão dos afetos, nas quais a desnormalização das relações veio acompanhada pelo imperativo da opção/escolha. “Mas há também, a emergência de anteparos variados à destradicionalização, entre eles a busca do sentido da vida na emoção e adrenalina” (Spink, 2001, p. 1282). Nas experiências amorosas/sexuais desejadas por muitos colaboradores dessa pesquisa, jogo, aposta, aventura, paixão, *frisson* compõem o léxico da utopia romântica do amor sem compromisso e das relações sem pactos reguladores.

Paradoxalmente, há sedução também na rotina. A vida ordinária pode oferecer um referente seguro em um mundo cambiante¹⁸⁹. Para Illouz (2011), duas lógicas econômicas aparentemente contraditórias convivem e se tencionam quando as pessoas usam a internet para buscar relacionamento amoroso/sexual: a da escassez, típica da busca pelo amor romântico; e a da abundância, própria desse universo onde o número de perfis disponíveis é farto, maximizando as opções de escolha, sem que, de fato, se encontre o que se está buscando. Mesmo porque, como observou Wagner, “*muitas pessoas não sabem do que estão em busca*”.

No presente, quando o sexo passou a anteceder o amor às relações mais institucionalizadas, como discute Illouz e dados empíricos confirmam, parece que experimentamos uma

[...] forte nostalgia (...) em relação a funções de gênero mais binárias e bem definidas, com relacionamentos mais claros, organizados e regulados. A incerteza do presente prejudica o envolvimento e a intensidade emocional de cada indivíduo (Illouz em entrevista a Vicente, 2015, s/n).

Porém, foram justamente esses binarismos hierarquizantes que fizeram do amor romântico uma ideologia opressiva para as mulheres. Por outro lado, como venho insistindo, as incertezas de um mundo cambiante e atravessado por tantas precarizações não têm sido menos tirânicas. Exige-se, no presente, que homens e mulheres tenham habilidades múltiplas para sustentar relações afetivas: serem amantes libertos e abertos a novas experimentações, quer dizer, que tenham acumulado experiências sexuais, o que, para as mulheres, pode ser um fator desabonador. Espera-se que sejam, ambos, “bem resolvidos” emocionalmente. Espécie de eufemismo para sugerir que a pessoa saiba lidar com as frustrações sem transferir para o outro a culpa por suas fragilidades emocionais. Via de regra, as inabilidades para gerir as experiências afetivas são apontadas pelos homens como um dos problemas de suas pretendentes e/ou parceiras. Os “mimimis” femininos. A onomatopeia usada para falar dessas manifestações já desqualifica os sentimentos a elas associados. Lidos como caprichos, não como tentativas (nem sempre

¹⁸⁹ Em *A Transformação da Intimidade*, Giddens refere-se ao lar como o *locus* de apoio emocional, uma espécie de consequência do investimento moderno no amor romântico, um empreendimento que fez do casal conjugal colaborador em um empreendimento emocional conjunto.

bem encaminhadas) de se estabelecer relações com mais parceria e simetria, os “mimimis” tendem a não provocar sérias reflexões acerca da relação e podem ser vistos como forma infantil de querer cercear o espaço do outro. Aliás, essa é uma das exigências bastante cara dos projetos emocionais contemporâneos: preservar a individualidade no par. “Que possibilidade têm dois seres humanos, que querem ser iguais e livres, de manter a união do amor? Entre as ruínas de formas de vida já sem validade, a liberdade significa saída projeto novo, seguir a própria melodia que se distancia do passo compassado” (Beck & Beck-Gernsheim, 2001, p.31).¹⁹⁰

Beck (1993) propôs que a individualização, a reflexividade e a globalização marcam a gestão das subjetividades na modernidade tardia. A individuação aqui não é aquela do poder disciplinar foucaultiano, “mas da singularização por meio da destradicionalização” (Spink, 2001, p. 1281) das instituições como família e Estado, e eu acrescentaria, na forma como temos nos relacionado intimamente, a partir dessas mudanças e como estas têm exigido profundo movimento reflexivo.

Por sua vez, a reflexividade refere-se à suscetibilidade à revisão crônica da maior parte dos aspectos da atividade social e das relações com a natureza, à luz de novas informações, processo esse que perpassa nossa vida cotidiana, pensada como esfera privada (Idem, 1281-1282).

O amor romântico como relação que nasce das escolhas individuais relaciona-se à liberdade de escolha de parcerias para sexo e aprofunda a flexibilidade. Como conjugar pressupostos deste tipo de amor com o estabelecimento de vínculos emocionais duráveis (Giddens, 1992, p. 10) e a volatilidade dos contatos iniciados online? A qualidade do vínculo emocional que o amor romântico idealiza continua no foco dos desejos, sem que se almeje com isso relacionamentos duráveis. O contingente se tornou regular. Administrar esses sentimentos contraditórios tem sido muito desgastante e apontado como o elemento principal das frustrações, as quais alimentam o ceticismo emocional. Mesmo com a flagrante abundância na oferta de perfis disponíveis nos aplicativos, muitas pessoas com as quais conversei sobre suas experiências dizem, a

¹⁹⁰ No original: “Que posibilidad tienen dos seres humanos, que quieren ser iguales y libres, de mantener la unión del amor? Entre las ruínas de formas de vida ya no validas, la libertad significa salida, proyecto nuevo, seguir la propia melodia que se aparta del paso acompasado.”

princípio, que estas “são boas”. No desenrolar dos contatos, porém, vão sinalizando suas decepções com as interações ou pela falta delas. As marcas geracionais aparecem nesses relatos, assim como as de classe. Os rapazes de classe média são os menos insatisfeitos com essas experiências, mostram-se mais abertos aos experimentalismos, têm assimilado o léxico das discussões de gênero e sexualidade, mas tudo isso não parece fazê-los menos inquietos frente ao que buscam.

Danilo tem 29 anos, é formado na área de Comunicação em uma universidade pública, define-se como branco, classe média, filho de pais com pós-graduação. Conta-me que hesitou muito a abrir um perfil nos aplicativos, mas estava trabalhando muito, “*vida social zero*”, morando em São Paulo e sentindo as exigências da cidade, “*todo mundo sempre com celular na mão, fixo naquilo*”, e acabou baixando o *happn* e o *Adote um Cara*.

Romântico, como se reconhece, Danilo rechaçava os aplicativos porque seus amigos diziam de forma entusiástica que eram boas ferramentas para o “sexo fácil”, quando ele buscava cumplicidade.

“Todas as mulheres que eu conversei nesses aplicativos foi, assim, muito vazio (...) Me senti vazio. Não consegui encontrar ninguém que me desse o que eu tava procurando (...) Mas a gente é meio escravo do desejo. E eu tinha ficado meio frustrado porque não tinha conhecido ninguém legal, aí eu mudei a abordagem... que eu tava precisando, né, transar [riso tímido] (...) Daí, mudei minha abordagem e fui atrás do que eu tava precisando no momento, e daí, funcionou. Comecei a jogar frase vazias. Falar que eu só queria, sei lá, uma noite... e daí rolou (...). Aí conheci essa mulher, aí ela concordou com isso. Aí quando ela pode e eu posso, eu me dirijo à casa dela, faço sexo e vou embora, assim. É... gostoso. Sexo é gostoso. Mas, né, eu acho que não vou conseguir me manter nesse relacionamento porque não me sinto muito à vontade (...). O pós-sexo é horrível, porque eu não tenho nada em comum com essa pessoa, a não ser que ambos queremos sexo. E esse não foi meu primeiro impulso quando entrei nos aplicativos. Eu queria conhecer uma pessoa legal pra trocar uma ideia, que somasse, né? Não que ficasse naquela mesmice de sempre. E por um acaso eu conheci, há pouco tempo atrás, no happn, e não no Adote, uma moça aí de Bauru (...) e tá sendo ótimo. Outra coisa. Isso me deu uma empolgada. Luz no fim do túnel. Nem tudo isso é tão horrível na tecnologia (...) Só que é isso, eu nunca vi ela na vida... a gente só tem, assim, conversas enriquecedoras, mas tá indo (...)

Então é isso, não sei se me expliquei bem. Mas num primeiro momento eu usei pra conhecer alguém legal, me frustrei muito, mas aconteceu. E quando a vontade bate você pode tentar isso, essa outra abordagem. Só que é meio difícil, porque muitas mulheres se ofendem, com razão, né, porque é escroto falar que só quer trepar e ir embora, né? Então, quando eu tento isso, eu procuro ser... sei lá, um tanto quanto cavalheiro. Mas no fim das contas, é sempre a mesma coisa, um cara que só quer comer a mulher e ir embora” (em áudio gravado e enviado por WhatsApp em 11/01/2016).

Danilo e a moça que o fez fazer as pazes com os aplicativos chegaram a se encontrar, mas a relação não fluiu no off-line, apesar das intensidades das trocas nas conversas digitais. Já mencionei a intensidade que as conversas estabelecidas online pode alcançar, assim como chamei atenção para a brevidade que estas podem ter, sem que fique claro para as partes o porquê da interrupção.

“A gente passou umas três horas conversando. Áudio, texto, fotinhos, aquelas coisas kkkkk. Bem gostoso. Parecia um cara legal, td a ver comigo, maior cumplicidade... Ai ele disse que queria muito me ver, vai vendo. Chamei ele no dia seguinte pra gente acertar um dia e coisa e tal. Tu acredita que o bofe me respondeu com emoticons e não falou mais comigo?” (em conversa por em WhatsApp em 22/09/2016) .

O comentário é de Letícia, professora universitária, branca, na casa dos 40 anos, separada há quatro anos e que vinha se envolvendo em várias relações efêmeras¹⁹¹. Diante dessa comunicação, que para ela sinalizou uma “*delicada evasiva*”, seguiu em suas buscas, não sem mencionar que estava desnorreada e um tanto cansada desse tipo de atitude vinda dos homens que se mostram por algumas horas ou, mesmo dias, interessados e disponíveis, mas que “sumiam” ou mudavam repentinamente de intenção sem que ficasse claro para ela o que havia se passado. “*Foi péssimo, né? Um cuzão, na verdade... Mas a fila anda kkkkkk*”, conclui com humor. Quando estas situações se tornam recorrentes, o que não é incomum, o cômico vai dando lugar à sensação de fracasso,

¹⁹¹ Letícia é o nome fictício de uma das mulheres bastante próximas a mim que concordaram em conversar sobre suas experiências amorosas/sexuais iniciadas ou que sofreram grandemente a influência das comunicações encetadas por meio das mídias digitais. Sua profissão favorece seu trânsito pelo país, de maneira que conheceu e conversou com homens de diferentes cidades. Ela reside e trabalha em uma capital do sul do Brasil.

associado a supostas inabilidades do sujeito desejante em despertar o desejo no outro. “Poder-se-ia afirmar, conforme Luhmann (1991, p. 215), que ‘o caráter trágico já não reside no fato de os amantes não se encontrarem, mas no fato de as relações sexuais gerarem amor e no fato de não ser possível viver segundo ele nem libertarmo-nos dele’” (Kesller, 2013, pp. 365-366).

A globalização, como terceira característica do presente, ainda segundo Beck, aparece associada à potência comunicativa das mídias digitais que comprimem tempo e espaço e, no campo desta pesquisa, permitem potencial contato com muitas pessoas simultaneamente, fazendo com que “a fila ande”, mas também se avolume, não havendo impedimentos tecnológicos para as interações ocorrerem com bastante intimidade, mesmo havendo grandes distâncias geográficas. Muitas pessoas com quem conversei para os fins dessa pesquisa mantinham, apesar das decepções, seus perfis ativos, estabelecendo com frequência contatos com estranhos que, potencialmente, poderiam se tornar alguém significativo. Esses contatos assim mediados têm nos colocado frente à gestão do imponderável.

*“Tu aproxima pessoas distantes e tu não sabe exatamente quem são essas pessoas. Tu tem uma ideia. (...) mas a distância efetiva trai a gente, trai muito. E aí a gente vive sonhos ou não, ou só uma questão de tesão... e de vez em quando fica a frustração (...) No fundo, todo mundo sabe que outras ou outros virão. (...) A monogamia tá complicada, justamente por esta multiplicidade do virtual, mas por essa **desconstrução dos amores**. Ninguém mais se submete”* (Pietro, em áudio enviado por *WhatsApp* em 02/01/2016, grifo meu).

Os amores desconstruídos tem relação, para Pietro, com a falta de estruturação de uma “nova cultura do afeto”, como ele nomeou. Se “uma das premissas do amor-romântico seria a possibilidade de os parceiros se unirem tendo, como regra fundante o poder unilateral de decidir um rompimento” (Guedes & Assunção, 206, p. 406), no amor neoliberal, estamos na lógica do imediato. Um dos pressupostos desse modelo estaria no pacto tácito de que nada se pactuará, apostando-se na fluidez e na flexibilidade. “*A partir de Deleuze, de 1968, o amor romântico entrou em colapso. (...) O romantismo é sempre um projeto. É o meu sonho no outro. O Outro é objeto do meu sonho. O outro é o diferente*” (Pietro, em áudio enviado por *WhatsApp*, em 02/01/2016).

O “colapso” referido por Pietro, sua menção a Gilles Deleuze e ao emblemático 1968 nos remete ao contexto da contracultura e da chamada Revolução Sexual. Segundo Linda Willians (2012) e Miriam Adelman (2009), este cenário está inextricavelmente associado aos movimentos e aos estudos feministas. Feminismos que iam, segundo Adelman, além das pautas liberais de alargamento dos direitos individuais, pois tencionavam a moral vigente, reivindicavam o direito das mulheres ao prazer, o controle da contracepção, bem como incluíam debates sobre raça, classe e homossexualidade às suas pautas e reflexões, juntando-se, assim, a outros movimentos da época.

Politizou-se questões que costumavam ser tratadas prioritariamente em clivagens conservadoras e/ou assentadas em pretensos conceitos biológicos que davam margens a preconceito. O pessoal, o privado e o íntimo se tornam igualmente questões políticas. “As esferas da família e do cotidiano adquiriram uma nova visibilidade, na medida em que foram identificadas pelas mulheres e pelos representantes da ‘contracultura’ como esferas onde o poder opera e se reproduz”. (Adelman, 2009, p. 104).

Nem amor, nem sexo poderiam escapar a essas profundas transformações.

O movimento de contracultura desencadeou demandas por um maior empoderamento feminino e maior visibilidade das questões de gênero e de sexualidades dissidentes, minando a visão tradicional de amor e casamento, as relações amorosas igualitárias e flexíveis (Ferreira & Adelman, s/ano, s/n.).

Em tom biográfico, Linda Willians pontua as transformações profundas experimentadas pela sociedade norte-americana, mas com repercussões em outras partes do mundo, incluindo o Brasil, justificando-se para ela o termo “revolução sexual”.

Alguma coisa tinha radicalmente mudado entre 1969 e 1973. Fazer amor era, para muitos da minha geração, também uma maneira de se opor à guerra; uma mulher — decaída como eu¹⁹² podia re-erguer-se; os abortos eram legalmente permitidos depois do caso de Roe X Wade¹⁹³, em 1973, e não mais deixavam um

¹⁹² Em parágrafo anterior, Willians conta que havia perdido a virgindade no terceiro ano da universidade, tomava pílula anticoncepcional escondida e suportava as críticas de sua mãe, que a chamava de “decaída perdida”.

¹⁹³ Trata-se de decisão histórica e polêmica tomada pela Suprema Corte norte-americana sobre o direito da mulher interromper a gravidez respaldado na Constituição.

estigma indelével; o controle da natalidade era legal, e pílulas e camisinhas eram facilmente acessíveis, mesmo para adolescentes. Quando as atitudes e os comportamentos mudam tão radicalmente em tempo tão curto, o termo revolução parece adequado. (Williams, 2012, p. 25).

Maria Luiza Heilborn retoma a proposta de Michel Bozon, quem “desconstrói a categoria de revolução” ao se referir ao que se passou no cenário histórico em questão. Para Bozon, não teria havido “uma reviravolta total nos princípios que ordenam o exercício da sexualidade, ainda que mudanças importantes tenham se produzido no decorrer das três últimas décadas” (Heilbon, 2006, p. 48). Por isso, a antropóloga prefere tomar o termo como categoria nativa, isto é, como uma qualificação êmica cunhada e reverberada de determinados grupos sociais (incluindo-se acadêmicas/os) para referirem-se a essas mudanças que, de forma mais ou menos sensível, impactou suas vidas no plano pessoal e político.

A Revolução Sexual sintetiza flagrantes transformações que, justamente, trazem para o debate público questões de fórum íntimo, relacionando-as a opressões e desigualdades que refletiam na forma como alguns segmentos eram percebidos socialmente, autorizando perseguições, quitação de direitos, desqualificações morais que precisavam ser enfrentadas. As estratégias de luta para tal tomaram o corpo, seus usos e prazeres como locus político. As estéticas transgressivas de gênero como a moda unissex, confundiam intencionalmente os gêneros; a minissaia, a calça jeans foram usadas como formas de contestação aos modelos burgueses de feminilidade/masculinidade e consumo; a incitação ao amor livre, por meio de formação de outros modelos de união amorosa/sexual, com a publicização, por exemplo, dos afetos entre pessoas do mesmo sexo desafiava a ordem heterossexual; os cabelos longos dos rapazes enfrentavam a estética militar e belicista da época; o uso de substâncias de alteração da consciência que, de certa forma, se opunham ao racionalismo cientificista e ocidental, era somado à adesão de práticas e filosofias orientais. Comportamentos contestatórios que refletiam uma estética própria às adesões políticas de parte da juventude do final dos anos 60 e dos anos de 1970.

A Revolução Sexual foi, a meu ver, mais que uma forma de parte dessa juventude e de alguns intelectuais denominarem esse campo vasto de experiências iconoclastas. Concordo, contudo, com a análise histórica de Richard Miskolci, quem teoriza que esta

foi uma revolução inconclusa, fatidicamente interrompida pelo pânico social da aids, no início da década de 1980. Porém, reconhece ele,

[a]inda vivemos suas consequências e aprofundamentos. Assim como compreendemos outras revoluções como longos processos históricos marcados por períodos contraditórios e conquistas inacabadas, o mesmo se passa com relação à sexualidade: trata-se de uma revolução inconclusa e incompleta que impactou mais a vida das mulheres e dos homossexuais. Alguns de seus paradoxos derivam justamente desse impacto seletivo e desigual, especialmente na manutenção dos privilégios culturais e políticos da masculinidade heterossexual (2017, p. 26).

Proponho que, mesmo com essas permanências e por causa delas, após duas décadas de recrudescimento conservador, entramos o século XXI reatualizando estas questões. Nesta segunda fase da revolução sexual, mais conservadora por um lado¹⁹⁴, passa-se a pautar na cena pública nacional, temas como gênero e sexualidade, para além dos binarismos homem/mulher, heterossexualidade/homossexualidade, normal/patológico. Assistimos a “uma explosão visível de sexualidades heréticas”, diria Foucault (2003, p. 48), em outro contexto.

O ressurgimento do movimento homossexual, denominado de LGBT, a partir da *I Conferência Nacional de Direitos de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Travestis*, em 2008, é um marco significativo dessa nova fase. Assim como a efetivação de políticas públicas e promulgação de leis no que toca à luta pela igualdade de gênero. Dois anos antes da *Conferência LGBT*, era aprovada a Lei 11.340, conhecida popularmente como Lei Maria da Penha, que “cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal” (Presidência da República, 2006). No espaço acadêmico assistimos à entrada da teoria queer, a qual, inspirada em Foucault, Deleuze, Derrida, nos feminismos e nos estudos de minorias

¹⁹⁴ Miskolci (2017, p. 27) aponta esse conservadorismo sublinhando as reivindicações assimilacionistas dos movimentos LBTT sendo que após flagrantes avanços assistidos até os anos de 1970, o que se viu no pós-aids foi “uma reconciliação entre a liberação sexual e as expectativas tradicionais envolvendo a formação de relações monogâmicas estáveis, preferencialmente com filhos, dentro ou fora do casamento. Em outros termos, após tentar romper os modelos tradicionais voltou-se a reformá-los de forma que a norma heterossexual, reprodutiva ou não, retomou seu protagonismo cultural”.

sexuais evidencia que “a linguagem do sexo é especialmente poderosa para expressar hierarquias e desigualdades sociais” (Miskolci & Simões, 2007, p. 9).

O queer, apesar de ter sido um saber formulado no Norte Global, vai ser uma resposta atrevida das pessoas marginalizadas por uma ordem regulatória dos corpos, das sexualidades e assim também das subjetividades. Uma ordem que recusa outros arranjos sexuais e de gênero que não estejam conformados a uma moralidade burguesa, medicalizada e marcadamente eurocentrada (Pelúcio, 2014, p. 28).

Estas instabilidades e torções geraram ansiedades sociais dentro e fora do espaço acadêmico, e mesmo com críticas e recusas, muitos conceitos formulados por teóricas e teóricos queer começaram a se fazer presentes nas discussões do movimento LGBT, bem como passaram a circular paulatinamente na linguagem do senso comum. Termos como heteronormatividade, heterossexualidade compulsória se somaram ao léxico político que mobiliza palavras como homofobia, lesbofobia, transfobia, transfeminismo, enquanto feminismo, machismo, assédio sexual apareceram nas redes sociais digitais acompanhadas de *hashtags* como #meuamigosecreto¹⁹⁵, #meuprimeiroassedio¹⁹⁶ alcançando status de *trendtopics* (assuntos mais citados) nas redes.

Nesse contexto, as masculinidades, a heterossexualidade, os binarismos de gênero são desafiados, gerando reações que vêm de diferentes setores: dos religiosos aos partidários, culminando em uma onda conservadora que toma o país após o impeachment da presidenta Dilma Rouseff, em agosto de 2016.

Todas essas discussões chegaram aos aplicativos. Na busca por sexo, companhia e/ou amor, meus interlocutores passaram a ter de lidar com temáticas de gênero e sexualidade de forma direta ou tangenciada. Dificilmente puderam se colocar em posições neutras e muitas vezes mostraram-se incomodados com as acusações de suas pretendentes de serem eles machistas. A assimetria de gêneros, constituinte do amor romântico se

¹⁹⁵ Campanha difundida por meio do Twitter e do Facebook, em novembro de 2015, que visava denunciar comportamentos machistas intimidatórios e agressivos.

¹⁹⁶ O site feminista ThinkOlga, que também lançou a campanha Chega de Fiu-Fiu, foi responsável por propor que meninas, jovens e mulheres fizessem seus depoimentos de desabafo nas redes sociais digitais falando de situações que hoje elas percebiam como assédio sexual e de como isso marcou suas vidas. Resultados pode ser acessados em: <http://thinkolga.com/2015/10/26/hashtag-transformacao-82-mil-tweets-sobre-o-primeiroassedio/>

encontra desafiada, mas parece longe de ser vencida. Até porque “[o]s homens, por sua vez, mudaram menos do que as mulheres e sua transformação tendeu a ser mais uma reação ou negociação com o avanço igualitário feminino do que resultado de um engajamento transformador nas relações de gênero”, argumenta Miskolci (2017a, p. 28).

“*Esse papinho que sexo tem que rimar com amor, fustigou muito o desejo feminino*”, comenta com desdém Pietro, que pontua nossas conversas com referências que vão de Epícuro a Foucault, passando por Aristóteles e Deleuze. A mim me parece, a partir das análises das centenas de conversas acumuladas, que o desejo está fustigado não pela associação entre sexo e amor, mas por essas contradições, somadas à economia da abundância, a qual colabora para que as prerrogativas individuais sejam mais sedutoras, sobretudo para homens, do que os vínculos afetivos entre pessoas radical e essencialmente diferentes, dada a cisão entre os gêneros.

O empreendedorismo emocional atua em um campo de abundância imaginada, posto que, de fato, as opções concretas já mostraram que não são tão amplas como o número de usuários escritos pode sugerir. Para “se dar bem” nesse universo de ofertas, é preciso acionar lógicas organizativas, racionalizando a busca e organizando o tempo para que se faça o melhor investimento. Acumular capital sexual pode capitalizar experiências que permitirão que se tenha mais sucesso e, desejavelmente, menos sofrimento em um mercado competitivo que exige que se demonstre diversas habilidades emocionais. Entre estas, saber lidar com relações flexíveis, nas quais os termos fluídos escapam e confundem os agentes, exigindo, por outro lado, processos reflexivos que podem fomentar a ideia de uma individualidade autônoma, que não só dificulta os vínculos duradouros como pode levar à autoatribuição pelo fracasso.

A súbita abundância e a evidente disponibilidade das “experiências amorosas” podem alimentar (e de fato alimentam) a convicção de que amar (apaixonar-se, instigar o amor) é uma habilidade que se pode adquirir, e que o domínio dessa habilidade aumenta com a prática e a assiduidade do exercício. Pode-se até acreditar (e freqüentemente se acredita) que as habilidades do fazer amor tendem a crescer com o acúmulo de experiências que o próximo amor será uma experiência ainda mais estimulante do que a que estamos vivendo atualmente, embora não tão emocionante ou excitante quanto a que virá depois (Bauman, 2014, p. 10-11).

Ao longo desta pesquisa resisti às ideias de Zygmunt Bauman sobre o amor (2004). Vejo-me agora muito próxima delas. Ainda que o sociólogo trate amores “virtuais” como menos “reais” e seja absolutamente cáustico em suas análises, nas quais as marcas de um homem humanista nascido no início do século XX se fazem notar, muitas de suas reflexões ecoaram em meu campo. Porém, há pontos diversos que me distanciam das análises do autor, além dos já citados. Bauman assevera, por exemplo, que “é fácil entrar e sair dos ‘relacionamentos virtuais’” (2004, p. 08), sem considerar, talvez pelo momento de sua escrita, que essa fluidez, chamada por ele de facilidade, tem custos emocionais altos. Os Amores líquidos de Bauman escorrem por um mundo mais distópico que sociológico, mas, lá como aqui, também me deparei com os “Quatro Cavaleiros do Apocalipse” romântico: “amor-posse, poder, fusão e desencanto” (Idem, p. 12). Acrescentaria mais um, deixado de lado por ele: o regime heteronormativo.

A heteronormatividade abala a heterossexualidade: no campo dos paradoxos

As pessoas têm anseios sentimentais que já não conseguem reconhecer e isso [...] se deve à heteronormatividade – as normas que regulam as relações de mulheres e homens chegou em uma crise. Como disse Lauren Berlant (1995): ‘Em momentos de crises, as pessoas violam as zonas de privacidade que lhes dão privilégios e proteção com a intenção de resolver algo social que lhes parece ameaçador: fazem política, produzem publicidade, representam em público, mas em nome da privacidade’¹⁹⁷ (Illouz, 2014, p. 51).

Esse aparente paradoxo no qual questões íntimas ganham a cena pública e o político incide na forma como vamos viver, por exemplo, nossa vida sexual e amorosa, que tem gerado muitas angústias, incompreensões e, mesmo, ofensas e animosidades em

¹⁹⁷ No original: “(...) las personas tienen anhelos sentimentales que ya no pueden reconocer, y eso, diría yo, se debe a que la heteronormatividad – las normas que regulan las relaciones de mujeres y hombres – ha llegado a una crisis. Como dice Lauren Berlant (1995): ‘En momentos de crisis, las personas violan las zonas de privacidad que les dan privilegios y protección con el objeto de resolver algo social que les resulta amenazador: practican la política =, generan publicidad, actúan en público, pero en nombre de la privacidad’” (Illouz, 2014, p. 51).

um campo que aprendemos, ingenuamente, a ver como harmonioso: o do amor. Vale também para os homens heterossexuais, que parecem protegidos por seus privilégios de gênero e sexualidade dos desafios de se encontrar alguém para compartilhar a vida. As utopias amorosas imaginadas pelos sujeitos desta pesquisa aparecem na expressão da “busca por um amor tranquilo”, que tende a não ser logrado, na visão de alguns, pelo fato de as mulheres serem “complicadas”. Perceber que essas “complicações” têm a ver com estruturas profundas e complexas de organização das relações de gênero, das instituições que regem a vida íntima, da economia que empresta seu vocabulário para o mundo dos afetos ou de um regime novo, e não necessariamente bom e orientativo, para a gestão das emoções, é bastante complicado e exigente. Em contrapartida, atribuir o fracasso amoroso a si ou ao outro (mesmo que seja um outro genérico) parece mais tangível e passível de sofrer mudanças articuladas individualmente do que associar essas dificuldades emocionais ao campo macrossocial. O problema se torna do sujeito que não conseguiu desenvolver suas habilidades emocionais para lidar com as desigualdades estruturais. O sentimento de insucesso nasce de recorrente exame de si a partir de mobilização de processos cognitivos para o permanente autoexame.

Raduã, refletindo sobre o fim de uma relação fundamental para a sua experiência emocional, escreve que “*não sabia a importância de cultivar o amor o tempo todo (ou quase)*”. Ismael faz sua autocrítica reconhecendo que “*a mãe dos meus filhos é uma pessoa boa, sei que eu deveria ter lutado mais, mais nossa rebeldia atrapalhou muito. E hj procuro ser uma pessoa melhor, em certa parte fui covarde de desistir*”. Revendo as conversas mantidas ao longo desta pesquisa, percebo que o amor heterossexual foi tratado como um sentimento exigente que demanda cuidado e paciência, adiando urgências individuais e, desejavelmente, se priorizando o tempo do par – todos atributos associados à educação emocional de mulheres¹⁹⁸. O que não significa que homens simplesmente abriram mão de aprender a lidar com essas exigências. Mas lhes parece mais custoso. O que a literatura mostra e as observações comprovam é que, para os homens, o amor/paixão os emascula, os leva para o espaço do lar, os faz gentis, carinhosos e doces, como uma mulher deveria ser, segundo visões vulgarizadas. Além disso, no regime heteronormativo contemporâneo, homens têm mais vantagens do que perdas em se manterem livres de

¹⁹⁸ Concorro com Eva Illouz quando escreve que “ainda que seja feminista e considere o regime atual da heterossexualidade opressivo, pretendo analisar de maneira tal como parâmetro de normalidade a maneira feminina de conduzir as relações interpessoais e nem a utilizarei como critério para avaliar a conduta masculina” (2012, p. 99, tradução minha).

compromissos amorosos. E sabem disso. Não se trata de uma “fobia” ao compromisso, mas de certa ciência acerca das convenções e normas de gênero que regulam as relações sociais.

Deste modo, ao invés de patologizar a conduta masculina, deveríamos nos perguntar que tipo de relações sociais possibilitam e, mesmo, fomentam o medo ao compromisso ou à falta de compromisso nos homens, quais são os registros culturais que fazem dela [a falta de compromisso] significativa, legítima e prazerosa¹⁹⁹ (Illouz, 2012, p. 100).

Bem como nos perguntar por que mulheres mostram desejar mais que eles compromissos bem assentados, mesmo agora quando dados estatísticos comprovam que, no Brasil, elas estão mais escolarizadas que os homens, chefiam lares, assumem sozinhas seus filhos, ocupam quase metade das vagas no trabalho formal em atividades mais qualificadas do que a dos homens com registro em carteira²⁰⁰. É com esse perfil sociológico de mulher que os homens com os quais mantive contato para os fins dessa pesquisa têm negociado no mercado dos afetos. A esfera do mercado pressupõe, na lógica liberal, sujeitos livres em trocas simétricas. Desde Marx sabemos que a regra básica do mercado é a desigualdade de acesso aos bens desejados.

Então, em uma situação de liberdade de mercado, as mulheres necessitam mais amor para a autoavaliação e, ao mesmo tempo,

¹⁹⁹ No original: “Deste modo, en lugar de patologizar la conducta masculina, deberíamos preguntarnos qué clase de relaciones sociales posibilitan e incluso fomentan el miedo al compromiso o la falta de compromiso en los varones, y caules son los marcos culturales que hacen de ella una conducta significativa, legítima y placentera”.

²⁰⁰ A pesquisa do IBGE “Estatísticas de Gênero - Uma análise dos resultados do Censo Demográfico 2010” revelou que a escolaridade das mulheres aumentou em relação à dos homens. (...) As Estatísticas evidenciam que, no ensino médio, houve aumento da frequência escolar feminina de 9,8% em relação à masculina no período considerado. A taxa feminina foi de 52,2%, para uma taxa masculina de 42,4%. (...) Constatou-se também um contingente maior de mulheres entre os universitários de 18 a 24 anos no nível superior, em 2010. Elas representavam 57,1% do total de estudantes na faixa etária.

Consequentemente, o nível educacional das mulheres é maior do que o dos homens na faixa etária dos 25 anos ou mais. (<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2014/11/escolaridade-das-mulheres-aumenta-em-relacao-a-dos-homens>). Em 2016, dados do IBGE mostram que 44% dos postos formais de trabalho estavam ocupados por mulheres. O levantamento aponta um crescimento na ocupação formal por mulheres entre 30 e 39 anos (43,8%) e entre 50 e 64 anos (64,3%). “Os setores em que o percentual de mulheres ocupadas é superior ao dos homens são administração pública e serviços” (<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2017/03/mulheres-ganham-espaco-no-mercado-de-trabalho>)

também desejam um compromisso mais intenso e imediato. A transformação na ecologia e na arquitetura da escolha amorosa, somada à relação entre amor e valor social, indica que as desigualdades de gênero estão encarnadas hoje nas questões emocionais, mas do que nas sociais. A grande difusão de livros sobre as diferenças entre “Marte e Vênus” não faz mais do que confirmar o esforço de se compreender em termos psicológicos um fenômeno que, em realidade, é de natureza sociológica, a saber: a reorganização das diferenças de gênero em torno do amor como fonte de valor para as mulheres ou de capital sexual para os homens²⁰¹ (Illouz, 2012, pp. 316-317).

Por outro lado, a insistência nesses binários: Marte/Vênus, azul/rosa, hetero/homossexualidade sinalizam para as ansiedades sociais geradas por mudanças culturais profundas. Grupos religiosos e políticos têm se articulado no intuito de refrearem esses processos de transformações que respondem a anos de luta por direitos sexuais e de gênero. Talvez o exemplo mais loquaz dessa inflexão conservadora seja o da campanha contra a chamada “ideologia de gênero”²⁰². O irônico desta nomeação é que o próprio argumento de seus adeptos é tão ideológico quanto o que eles criticam. Argumentam que os debates sobre gênero e sexualidade, sobretudo, se levado no âmbito da educação formal, comprometeriam a formação de famílias heterossexuais e procriativas, pois a diluição de papéis claros entre masculino e feminino corromperia a infância e colocaria em xeque a própria integridade social, sendo que “provocaria a

²⁰¹ No original: “Por lo tanto, en una situación de libertad de mercado, las mujeres necesitan más amor para la autovalidación y, al mismo tiempo, también desean un compromiso más intenso e inmediato. La transformación en la ecología y la arquitectura de la elección amorosa, sumada a la relación entre el amor y el valor social, indica que las desigualdades de género se encarnan hoy en las cuestiones emocionales más que en las cuestiones sociales. La gran difusión de los libros sobre las diferencias entre “Marte y Venus” no hace más que confirmar el intento de comprender en términos psicológicos un fenómeno que en realidad es de naturaleza sociológica, a saber: la reorganización de las diferencias de género en torno al amor como fuente de valor para las mujeres o de capital sexual para los hombres”.

²⁰² O advogado argentino Jorge Scala cunha o termo que dá nome a seu livro lançando em 2010 (“Ideología de género o el género como herramienta de poder”). “A luta contra a “ideologia de gênero” é uma forma de resistência contra os recentes avanços que vem se dando na América Latina em matéria de direitos sexuais e reprodutivos. Jorge Scala (2010: 30) considera que tais direitos não são mais do que o resultado da manipulação da linguagem, em que os “ideólogos de gênero” convencem a seus interlocutores afirmando que se tratam de direitos humanos e assim os “submetem” sem resistência já que “tudo aquilo que se apresenta ao povo como fruto de um consenso democrático imediatamente é considerado como algo bom mesmo quando é um ato criminoso”, posto que ninguém poderia opor-se à defesa dos direitos humanos”. (Miskolci & Campana, 2017, p. 06, no prelo).

alteração das pautas morais e desembocaria na destruição da sociedade”. (Miskolci & Campana, 2017, p. 01).

Richard Miskolci e Maximiliano Campana avaliam, depois de minucioso levantamento em diversos países latino-americanos, que a adesão/repercussão de setores religiosos e políticos ao discurso da “ideologia de gênero” relaciona-se estreitamente com as conquistas de direitos civis para homossexuais; políticas públicas que visaram a mitigação de desigualdades de gênero, bem como com a chegada de mulheres ao cargo político máximo das nações republicanas: a presidência (Idem, p. 18-19). Ainda que as presidentas, mesmo às filadas à esquerda política, não tenham necessariamente assegurado avanços para as mulheres, homossexuais, transexuais e travestis, o artigo mostra que

(...) a luta contra o que denominam de “ideologia de gênero” emerge como reação católica à disseminação da agenda feminista por igualdade a partir da Conferência de Beijing (1995), mas ganha força no contexto latino-americano, em especial sul-americano, do início desse milênio, no qual chegam à presidência partidos de esquerda e, a partir de 2006, algumas mulheres tornam-se presidentas. (Idem, p. 20).

Teme-se não só que estruturas hierárquicas de gênero sejam abaladas, mas que com isso, a própria heterossexualidade, como sinônimo de ordem social, seja desafiada.

Capturados na teia pouco flexível da heronormatividade, os sujeitos com os quais interagi encontram dificuldades para lidar com os avanços na agenda feminista e reposicionar seus próprios desejos. Por mais críticos que muitos deles sejam à vaga conservadora, nem sempre conseguem transpor essas posições para o plano das relações afetivas. Este não é deslocamento fácil, pois tende a colocá-los em um terreno pouco conhecido no qual terão que lidar com suas próprias vulnerabilidades.

Contrariando prognósticos feministas feitos nas últimas duas décadas do século passado, a maior igualdade de direitos entre gêneros (Esteban, 2005) não transformou o a esfera amorosa e íntima com a mesma potência que se deu na cena pública. No campo dos relacionamentos afetivos/sexuais parece mais desafiador perceber que o amor e o sexo são construções culturais, históricas, sociais e, portanto, políticas. O amor e o sexo produzidos pelo regime heteronormativo alicerçam-se em desigualdades, criando

margens que servem não só para alocar os acusados de desvio, mas para sinalizar o centro como um lugar moral²⁰³.

Estruturalmente o amor está implicado com a manutenção da divisão de gênero e da institucionalização da heterossexualidade, assim como é um assunto sujeito aos constrangimentos externos e regulações que o capturam nas demandas do consumo capitalista. (Jackson, 2014, p. 8-33- Kobo. Tradução minha).

O que não significa que as pessoas se deixem levar sem críticas e revisões dos roteiros sexuais e amorosos disponíveis. A agência, isto é, a capacidade de o sujeito agir, mediada cultural e socialmente (Piscitelli, 2008, p. 267), provoca inquietações, recusas e fomenta desejos. Como produto da cultura, o amor tem sido vivido em um campo de tensões morais, em um cenário social que desafia, ao mesmo tempo que reforça, as utopias românticas modernas. Assim, homens mais velhos dizem querer “um amor tranquilo”; os mais novos, uma “mulher resolvida”. Em comum, nenhuma das faixas etárias parece disposta a rever radicalmente as estruturas assimétricas de gênero, o que, por outro lado, não significa ignorá-las ou estar em conformidade com elas. Foram muitos os paradoxos com os quais me deparei ao longo desta pesquisa. Este é apenas um deles.

A recusa ao compromisso e a aposta na “sexualidade recreativa” convivem com a incitação à formação da parilha heterossexual, na qual a monogamia está implicada. A incitação à busca por emoções, risco e aventuras está na publicidade, mas também na economia, assim como nas aspirações amorosas – como conciliar a busca permanente por uma vida excitante à rotina que organiza os relacionamentos duradouros, envolvendo convívio familiar e, talvez, filhos. “Virar amigos” não implica relações horizontais, e sim a deserotização do casal e, como alguns colaboradores disseram, pode acabar com ele.

No modelo heteronormativo não cabem arranjos distintos para se viver o amor. Suspeita-se que quando não se visa à coabitação, a procriação e pratica-se, pelo menos publicamente, a monogamia, não há amor de verdade. E se amor não há, não é sério.

²⁰³ A luta de pessoas não heterossexuais pelo reconhecimento público e legítimo de seus desejos, confirma que o privilégio da expressão pública de afeto é heterossexual. Assim como as desqualificações das demandas femininas contra o machismo, acusadas de serem exageradas e cerceadoras da liberdade de se flertar, elogiar e cortejar mulheres, assenta-se na invisibilização das prerrogativas masculinas sobre corpos femininos. A deslegitimação de outras formas de se constituir amores não monogâmicos ou masculinidades mais plásticas também entra na contabilidade da agenda moral na qual, mais que garantir privilégios para a heterossexualidade, pretende-se manter intocado o regime heteronormativo.

Conjuminar seriedade à ludicidade do lazer e os prazeres do consumo romântico como elemento importante para a perenidade dos vínculos é desafiante, sobretudo quando há promessas imaginadas de que a melhor pessoa pode ser aquela que ainda não se encontrou e que pode estar ali ao alcance de um “like”.

Apesar disso, há uma percepção difundida de que nada duradouro ou significativo poderia ser construído por meios digitais, mas muitos de meus interlocutores tiveram relações importantes estabelecidas a partir de *chats*, sites e aplicativos. Leo, 44 anos, casou-se com uma moça que conheceu no *Tinder*; Vick, 30 anos, com uma que encontrou no *happn*; Mark, 31 anos, de quem não falei até aqui, procurou me seduzir para um encontro presencial sob a promessa de que me contaria como se apaixonou e se casou com um *match*; Caique, 41, viveu um grande amor com uma mulher que conheceu em um site de relacionamento; Pietro, 57 anos, também morou junto com um amor construído a partir do *Par Perfeito*; a primeira namorada de Welinton, 32 anos, foi uma menina que conheceu pelo *ICQ*; Roberto, 53 anos, colaborador em pesquisa anterior, quase se separou da esposa para viver um grande amor que conheceu pelo *chat* da UOL. Homens de diferentes faixas etárias, vivendo em distintas cidades, exercendo ocupações diversas, experimentaram paixões e amores iniciados por esses meios, assim como outros se viram estimulados a deixarem suas parceiras usando essas ferramentas.

Pessoas casaram e descasaram por causa do extinto Orkut, rede social digital que fez muito sucesso no Brasil nas primeiras décadas deste século. Marcos, o policial que se considera um “dinossauro” quando o assunto é relacionamento por aplicativos, contou-me que quando o *Orkut* surgiu, aumentou o número de Boletins de Ocorrência (BO) na delegacia da pequena cidade onde trabalhava. “*O Orkut possibilitava buscas, postagens de fotos. Uma amante postava foto e a esposa via...ou alguém mandava recado pra traída. Acabava em crimes*”. Franco é um exemplo que não acabou em BO, mas em duas separações: “*O Orkut acabou com meu casamento e o Face [abreviação para Facebook] fez eu tomar um monitor na testa*”. O que me remete à propaganda que o site para relacionamentos extraconjugais veiculou por um tempo: “O Facebook já acabou com muitos casamentos, o Ashley Madison não”. Paradoxalmente a plataforma para “traições” evitava o fim das uniões estáveis, enquanto aquela criada para vincular amigos em laços que não se esgaçariam pela distância temporal/geográfica estaria corroendo compromissos amorosos.

Se a internet com suas plataformas afetivas proporcionou e reforçou vínculos amorosos, também facilitou que se encontrasse outras pessoas interessantes com as quais

seria possível viver experiências estimulantes, ainda que perigosas. Nada mais excitante e mais afeito ao modelo hegemônico de masculinidade.

O perigo está associado ao rompimento do pacto que alicerça a parceria heterossexual: a exclusividade sexual (acima da emocional) dos cônjuges/namorados. As mulheres estiveram e estão até o presente mais ameaçadas quando o pacto é rompido. Se são elas as que “traem” os ônus morais podem ser bastante altos, com possibilidades, no presente, de vingança sexual digital, por meio de publicização de fotos e/ou vídeos sexuais da mesma, os quais, mesmo que exponham o órgão genital do parceiro, já mostraram ter consequências sociais muito mais altas para elas²⁰⁴. Quando são traídas, não é incomum que se atribua a elas o fracasso pela manutenção da relação.

A heteronormatividade como regime regulador de corpos e subjetividades mostrou sua potência discursiva, apesar de/e por meio do pânico moral acionado pelos discursos conservadores que atribuem às homossexualidades e aos feminismos os perigos de dissolução moral. Rever esse regime é muito mais desafiador e assombroso do que lutar por sua permanência, mesmo com todas as fissuras que este apresenta e das desigualdades que fomenta.

A reação vem de forma insidiosa. Aprofundaram-se as diferenças entre os gêneros, a partir de discursos sedutores da publicidade e de produtos de entretenimento como filmes comerciais e brinquedos infantis, chegando até aqueles mais sisudos, como os protestos religiosos. O que, paradoxalmente, compromete a própria heterossexualidade que alguns setores pretendem defender e proteger, dada a incomensurabilidade criada e reforçada entre aquilo que seria próprio de homens *versus* o que é adequado para mulheres – de maneira que o amor romântico, que se assentou em essencialismos se vê comprometido. A complementaridade entre homem e mulher no campo biológico, como defendem os conservadores, não suportaria essa radical polarização entre o que é, supostamente, característico do masculino, e aquilo que seria específico do feminino. Justamente porque essa dicotomia profunda inviabilizaria relações duradouras e felizes. Onde não há possibilidade de compreensão do outro, não há simetria, quando esta falta, a parceria fica frágil. Essa fragilidade convive com a incitação ao consumo de experiências prazerosas que, como meu campo mostrou, não têm colaborado para a construção de relações mais igualitárias entre homens e mulheres no campo emocional.

²⁰⁴ Sobre esse tema, ver Lins (2016).

O regime heteronormativo têm dificultado o *match* entre homens e mulheres e, por outro lado, favorecido o *crush* entre amor e mercado.

Finalmente...É mesmo de amor que se está falando?

Custei a me dar conta que este era um estudo sobre amor. Ou sobre a busca por amor em tempos de esgarçamento dos modelos oferecidos pelo amor romântico, amor em tempos de aplicativos. Quer dizer, de portabilidade e conectividade permanente vividas sobre a égide do capitalismo afetivo. Chamei de amores neoliberais por reproduzirem na esfera íntima valores que estruturam o mercado financeiro e o mundo do trabalho precarizado.

De fato, estive refletindo sobre masculinidades contemporâneas, sem conseguir, no entanto, oferecer até aqui uma definição concisa para o conceito. Talvez seja arriscado fazê-lo. O campo mesmo mostrou aquilo que a literatura de referência já oferecia: para pensar consistentemente em gênero, é preciso ir para além deste. Marcas de classe, raça, geração, regionalidade e religião²⁰⁵ foram compondo experiências distintas de masculinidades, proém encontravam convergência nas dificuldades relatadas em estabelecerem relações realmente satisfatórias com as mulheres. Os aplicativos pareceram boas ferramentas de busca para esse fim. E o são. Mas passaram a participar da vida emocional desses homens de forma imprevisível, mais exigentes do que se faz crer quando se trata de constituir relações amorosas/sexuais.

Para situar as experiências singulares destes quase 300 homens que colaboraram como interlocutores, procurei alocá-las em um cenário ampliado, levando a sério que o pessoal é político. E que o político passava, no momento da pesquisa, por polarizações envolvendo temas centrais para esse estudo: gênero e sexualidade. Além disso, durante os anos em que essa investigação se desenvolveu, houve disseminação flagrante dos usos de *smartphones* no Brasil, comprovável não só por números absolutos e relativos divulgados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), em 2015, mas perceptível também em observações assistemáticas e diárias do movimento das ruas e dos comportamentos de pessoas anônimas e comuns.

Em 2015, os resultados do Pnad mostram que “92,1% dos domicílios brasileiros acessaram a internet por meio do telefone celular, enquanto 70,1% dos domicílios o

²⁰⁵ Não falei de religião, mas o questionário trazia essa questão, evitando perguntas sobre filiação política dada a tensão polarizadora do período em que estive em campo. Fui “acusada” de petista e feminista. César também teve esta experiência, em ambas houve o bloqueio dos perfis por parte dxs “acusadorxs”. Mas a maioria dos colaboradores era católica não praticante, seguida dos agnósticos/ateus/espiritualistas sem religião. Alguns poucos eram umbandistas ou do Candomblé; poucos judeus. Apenas um deles disse que religião era importante para a vinculação, posto que não gostaria de adaptar seus momentos de lazer à agenda religiosa de uma possível parceira.

fizeram por meio do microcomputador” (Campos, 2016). Crescimento este acompanhado pela adesão massiva aos aplicativos móveis para fins de relacionamentos.

O Brasil é um dos maiores consumidores de aplicativos do mundo, sendo hoje o quinto país que mais realiza downloads destes produtos. Segundo dados publicados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 2015, o Brasil possuía 204,4 milhões de habitantes, ao passo que no ano de 2016, constatou-se 168 milhões de *smartphones* em uso no país, segundo pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FVG), o que significa que 82,19% dos brasileiros possuem esse tipo de aparelho (Jardim & Moura, 2017, p. 155).

A mesma pesquisa aponta que nesses milhões de *smartphones*, 93% dos usuários/as têm baixado o *WhasApp*. As facilidades atuais que o aplicativo oferece justificam o número de downloads. Pode-se enviar mensagens de texto e voz, fotos, imagens, vídeos, links, fazer ligações telefônicas e de vídeo para qualquer pessoa da lista de contatos, formar grupos privados com essas pessoas gratuitamente. O impacto da disseminação desse aplicativo foi tal que, em 2017, constatou-se uma redução de 5,14 %, em relação ao ano anterior no número de chips operando no País (Anatel)²⁰⁶.

Acompanhei essas mudanças sociotécnicas e seus impactos para a pesquisa, de maneira que meu campo foi desenvolvido principalmente pelo *WhatsApp*. O aplicativo mudou a forma de interação, a dinâmica e a maneira de encetar, manter e desenvolver os contatos, imprimindo um ritmo à pesquisa que eu jamais havia experimentado. Tratou-se de uma etnografia cuja imersão foi dada em tempo comprimido, sem a presença física do outro, adivinhando contextos e geografias, lidando com contatos fugazes, mas significativos. Experimentei – como pesquisadora – o que meus colaboradores viviam na esfera privada dos afetos.

Aliás, a pesquisa por mídias digitais tornou mais acessível e compreensível a vida íntima – afetiva, amorosa e sexual – expandindo os limites investigativos antes

²⁰⁶ Matéria sobre os dados divulgados pela Anatel pode ser lida em: <http://link.estadao.com.br/noticias/cultura-digital,numero-de-linhas-de-celular-no-brasil-cai-5-em-maio-diz-anatel,70001888847>. Até pouco tempo, as pessoas costumavam ter mais de um chip de diferentes operadoras de telefonia celular a fim de minorar custos de chamadas e aproveitar vantagens que cada uma oferecia e que se adequavam à realidade de uso de cada consumidor. O *WhatsApp*, por reunir vantagens como ligações gratuitas de usuário/a para usuário/a, além do envio de mensagens de voz e texto, tornou desnecessária a estratégia de se ter diferentes chips.

restringidos pelas dificuldades impostas pela exposição face a face, na qual barreiras morais delimitavam mais radicalmente o que se podia dizer ou mostrar. Em outros termos, o contato mediado expandiu a pesquisa em rede aumentando tanto o número de sujeitos quanto o território explorável incentivando, na perspectiva de muitos investigadores, a realização – por exemplo – de etnografias multissituadas (Marcus, 1998). Vamos seguindo as teias, compondo redes, dando ênfases distintas aos lugares nos quais as coisas e as pessoas nos levam. Fui conduzida, sistematicamente, para o *WhatsApp*. O aplicativo incidiu fortemente na maneira de os sujeitos desta pesquisa lidarem com suas emoções, desejos e buscas por sexo/amor/companhia presencial ou não. Proponho-me, em uma outra investida, a refletir sobre essa tecnologia específica e seus impactos para a (re)configuração da paisagem emocional do presente. A conexão entre tecnologias e afetos segue me instigando como pesquisadora.

Nas incursões diárias pelas texturas rugosas das teias tecnológicas, lidei com diferentes anseios privados, mas que se mostraram absolutamente conectados à cena pública. No *continuum* on/off-line, tecnologias comunicacionais têm moldado e alterado não só a forma de flertarmos e desejarmos, mas também nosso vocabulário afetivo/romântico: “dei um like”, “compartilhei o post dele/dela”; “deu crush!”, são expressões que sinalizam compatibilidade e interesse. Encontram seu oposto em expressões como “dei um bloqueio”²⁰⁷, “deletei o contato”, “excluí de tudo” (em referência às plataformas de sociabilidade on-line) – de forma que a gramática dos (des)encontros e (des)afetos é também tecnológica. Traduz-se em ações e comportamentos que nos impactam tanto quanto aqueles que ocorrem presencialmente, corpo a corpo.

Como tende a ser, sai desta imersão pelas redes digitais do desejo heterossexual diferente de como entrei. Tornei-me nativa, contrariando a máxima antropológica de que essa transmutação subjetiva não se opera fora da modulação metodológica.

Ser uma mulher na casa dos 50 anos, intelectualizada, solteira (depois de ter vivido uma relação monogâmica e heterossexual por três décadas), mãe de mulheres adultas, professora universitária em convívio diário com jovens que me ensinam cotidianamente sobre o tema que pesquiso fez-me experimentar muito do que teorizei. Fui a “mulher resolvida” e a “complicada” no mesmo dia. Conversei com muitos homens ao mesmo tempo, cruzando fronteiras que as relações corpo a corpo, off-line, dificilmente me permitiriam. Passei por abandonos digitais, rechacei tentativas de sedução, testei meu

²⁰⁷ Impedir que o contato bloqueado tenha acesso ao perfil de quem fez o bloqueio.

grau de desejabilidade, vivi paixões efêmeras, engajei-me em confissões digitais noite a dentro, falei de teoria, expliquei metodologia, tive indisposições políticas. Senti-me emocionalmente exausta, invadida em meu universo particular (o meu I-phone 5C, companheiro fetichizado de pesquisa) por estranhos que eram, na verdade, colaboradores. Quis desistir quando me percebi vulnerável, podendo ser identificada, como fui, durante uma compra de remédios em uma farmácia de Bauru (onde moro e trabalho), por um homem que insistia em colaborar, desde que isso fosse feito pessoalmente.

Não falei até agora de Célio, 45 anos escondidos num perfil que dizia ter 35, e a difícil negociação que mantivemos sobre sua possível participação nesta pesquisa. Reproduzo nosso diálogo:

pq não faz essa enquete pessoalmente comigo? Gostaria de me conhecer?

Não encontro pessoalmente os caras da pesquisa, me interesse mesmo pelas interações on-line. [não era verdade, apenas uma desculpa, pois não me sentia segura diante daquele contato. Ao mesmo tempo que queria mantê-lo, pois toda a conduta dele me interessava muito como dado de pesquisa]

Mas gostou do meu perfil e das fotos

Sim. Mas onde se ganha o pão, não se come a carne, rs

Medo de se envolver?

Não se trata disso. Não estou nos apps em busca de relacionamento. Poderia estar, claro. Mas aí teria de ter um perfil em que não dissesse que estou fazendo pesquisa, entende?

Vc é mulher, e eu homem. Sentimos desejos.

Sim, mas estou trabalhando. Se quisesse me envolver criaria um perfil só para isso.

Trabalhar com prazer não é melhor?

Vc sequer perguntou se sou casada, se sou hetero, se tenho alguém... Esse é meu trabalho, Célio.

Mas isso não implicará em nada pois como eu disse não terá envolvimento sentimental.

Se vc não quiser conversar por aqui, eu entendo. Afinal esta num app em busca de contatos off

Sim, nada de envolvimento.

Eu te agradeço. A gente pode ir conversando. Como te disse, qd não quiser mais, é só cessar a comunicação.

[sem respostas até o dia seguinte]

Claro que podemos. Mas gostaria sim de tomarmos um café e conversaríamos.

Oi, bom dia. Posso continuar?

Estava em São Paulo.

Trabalho?

Sim, trabalho e algo mais rsrs

Meu interesse é no algo mais, rs

Humm, preciso saber se vc existe não posso me expor, tenho muitas coisas que irá amar saber rsrs

Googa²⁰⁸, vai ver que existo sim. Mas retomo o que te disse: dou aula na Unesp, moro em Barú e te entendo completamente em relação aos receios.

[envio um link com uma entrevista que concedi à TV Unesp²⁰⁹]

Então, eu existo e até onde consigo me entender, eu sou eu, rs

Kkkk. Linda. Irá conhecer um mundo paralelo. E se caso quiser conhecer pessoalmente tudo isso o que faremos?

Célio insistiu um pouco mais. Prometia me apresentar “um mundo paralelo”, administrando as informações sobre esse universo de prazeres. Como resposta às minhas insistências em conversarmos pelo *WhatsApp*, vinha o convite de fazermos primeiro para depois falarmos sobre suas “aventuras, fantasias e taras”. Ele regulava os elementos da narrativa, solicitando que nos víssemos pessoalmente, para que ele pudesse me conduzir pelo mundo dos *Cinquenta Tons de Cinza* desse Christian Grey improvável²¹⁰.

Em seu mais recente livro, *Erotismo e Autoayuda - 'Cincuenta sombras de Grey' y el nuevo orden romântico*, Eva Illouz relaciona o sucesso do livro *Cinquenta Tons de Cinza*, ao reposicionamento das relações de gênero no contemporâneo e às inseguranças coletivas geradas por essas transformações. A autora propõe que, em tempos de capitalismo tardio e de pós-feminismo, há um clima cultural propício para a recepção de enredos que reinscrevem lugares de gênero numa trama ficcional em que o protagonismo feminino não apaga o lugar de privilégios masculinos, porém, essas reiterações não ocorrem sem atualizar as transformações ocorridas nos últimos 50 anos no que toca às transformações flagrantes que as lutas feministas imprimiram na teia política, social e cultural de sociedades de matriz ocidental. Por outro lado, oferece uma espécie de roteiro que parece responder às inseguranças recentes de homens e mulheres frente aos tencionamentos colocados à ordem heteronormativa.

Jair Ramos (2016, p. 32-33) chama de flexibilidade do e no trabalho de campo “a capacidade e exigência de que o pesquisador examine seus pressupostos e seus recursos conceituais e metodológicos frente às especificidades da situação que se quer observar e analisar, de forma a adequar seus meios à situação estudada”. Precisei examinar minhas estratégias e desenho de pesquisa, eliminando Bauru como cidade/campo, perdendo o pudor analógico em bloquear *crushs/matchs* inoportunos e agressivos, entender melhor

²⁰⁸ Referência a procurar pelo sistema de busca do Google informações específicas a partir de palavras de busca.

²⁰⁹ Matéria disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Uv6_yuY15Wg

²¹⁰ Refiro-me ao protagonista do best-seller *Cinquenta Tons de Cinza*, escrito por Erika Leonard James, publicado em 2012, dando origem a uma trilogia e franquia de filmes. Grey é o jovem bem-sucedido que esconde o segredo sexual de ser um dominador praticante de BDSM.

os recursos tecnológicos que tinha em mãos e como operá-los a fim de arquivar dados, estabelecer contatos, fazer análises. A flexibilidade do trabalho de campo mostrou, contudo, que era preciso começar a pensar em amor e heterossexualidade.

Nas últimas duas décadas, pelo menos, as problematizações em torno da heterossexualidade têm ganhado espaço dos estudos acadêmicos brasileiros, mas sem que esse arranjo seja, de fato, o foco da investigação²¹¹. Assistimos a uma intensa produção de pesquisas sobre homossexualidades em detrimento daquelas que procuravam problematizar as relações amorosas/sexuais entre homens e mulheres. Sem esquecer estudos sobre pornografia, consumo de brinquedos eróticos, prática de swing e BDSM (Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo) que trouxeram incontestáveis contribuições, o sexo entre homens e mulheres²¹². O fato é que se falou pouco de amor²¹³. E se

(...) o amor desempenha um papel central na formação de relações heterossexuais, deve ocupar um lugar mais proeminente no pensamento feminista atual sobre a heterossexualidade, há muito que argumento que a crítica efetiva da heterossexualidade deve abordar a heteronormatividade e a hierarquia de gênero dentro da heterossexualidade²¹⁴ (Jackson, 2014, p. 3-33- Kobo), tradução minha).

Deparei-me com uma bibliografia vasta sobre amor e feminismo, heterossexualidade e amor, sem ter tempo suficiente para incorporá-la organicamente a esta tese. Assim, que adio para a próxima pesquisa esse tema, procurando me aprofundar e colaborar para o debate entre feminismo, amor heterossexual e as tecnologias comunicacionais do presente.

Tratei, no entanto, do amor em tempos de aplicativos, considerando que

²¹¹ A grande produção recente sobre sexualidades não heteronormativas não deixou de fora a crítica à heterossexualidade compulsória como um dispositivo do regime heteronormativo.

²¹² Ver as pesquisas de Maria Filomena Gregori (2005); Jorge Leite Júnior (2006); Gregori e Guita Debret (2008); Maria Elvira Díaz Benites (2010);, Olívia Von der Weid (2012); Fátima Regina Freitas (2012), para citar apenas alguns.

²¹³ Mari Luz Esteban (2005, p. 144) registra que as críticas feministas em torno do amor se debilitam nos anos de 1980/90.

²¹⁴ No original: “since love plays a central part in the forming of heterosexual relationships, it should occupy a more prominent place in current feminist thinking on heterosexuality, I have long argue that the effective critique of heterosexuality must address both heteronormativity and gender hierarchy within heterosexuality”.

O amor não pode deixar de ser entendido no quadro das suas significações históricas e culturais, sabendo nós que aquilo que é percebido como uma manifestação de intimidade ou de amor pode variar em função do espaço e do tempo onde tal fenómeno está situado. Nesse sentido, para além de ser um conceito multidimensional, o amor é também um produto social e discursivo (Neves, 2007, p. 612).

Apesar do tom muitas vezes pessimista desse trabalho, não aposto em cenários distópicos, nos quais tecnologias regidas por uma espécie de inteligência artificial maligna capturam as emoções humanas. Não estamos nos relacionando menos. Como discute Manuel Castells (2011), nunca nos comunicamos tanto, nem estabelecemos tantos vínculos. Os sentimentos traduzidos em expressões emprestadas dos aplicativos não nos tornam nem mesmo sensíveis ou humanos. Aliás,

[é] impossível tornar-se humano de outra forma além de socializar dentro de um mundo material de artefatos culturais que incluem a ordem, agentes e relacionamentos entre as próprias coisas e não apenas o relacionamento com pessoas. Os artefatos fazem muito além de apenas expressar a intenção humana (Miller & Horst 2015, p. 105).

Não estamos mais associados às coisas do que já estivemos. Estamos, sim, conectados a outras coisas que vêm nos desafiando no campo subjetivo. “A sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas” (Castells, 2011, p. 43).

Como Gilles Lipovetsky (1987), procurei tratar o tempo presente sob a ótica dos paradoxos – como discuti repetidamente ao longo deste texto e de forma enfática no capítulo final. “A contemporaneidade é isso mesmo, uma síntese paradoxal: efêmero e estabilidade geram mais democracia; moda, consumo e direitos humanos sinalizam uma sociedade de escolha e de ênfase no individualismo” (Lipovetsky, em entrevista a Jurandir Machado da Silva, 1999). Nos agonismos que marcam as relações de poder, tivemos que lidar com discursos reativos à democracia e às liberdades individuais. O empreendedorismo moral dos conservadores se faz ouvir no Congresso Nacional, nas ruas, nos leitos e corpos. Na sociedade de escolhas aparentemente infindas e de ênfase no individualismo, as relações íntimas têm sido perturbadas pela própria escolha e

dificultado o necessário exercício de alteridade que o amor exige e a vida em sociedade não pode prescindir. Diferente do filósofo, penso que o problema do consumo capitalista não está no acesso constrangido aos bens disponíveis no mercado, mas na incitação permanente em se fazer parte dele.

As discussões sobre gênero e seus binarismos mostraram que as masculinidades contemporâneas não podem ser entendidas sem a discussão necessária sobre estruturas de poder que alicerçam as relações entre homens e mulheres, dos homens entre si e das mulheres com eles. Processo que está em curso, não sem provocar as discutidas resistências. Qualifiquei inúmeras vezes este momento como “cambiante”, em transição, portanto. A sociologia clássica foi profícua em nos mostrar que os trânsitos sociais têm implicações culturais profundas que reverberam cenários políticos desafiadores.

O pessoal é político, asseverei tantas vezes somando minhas análises a de muitas teóricas feministas. Esta é uma pesquisa feita por uma mulher, como fui lembrada tantas vezes em campo, assombrada como fui por esse lugar que autorizava o assédio, mas que também colaborou para que a cumplicidade entre mim e meus *crushs* e *matches* se desse. Minha escrita é assumidamente feminista, atravessada por torções, posicionada teórica e politicamente.

Trabalhei com afetos e fui afetada por eles. Por tudo isso, creio que estive, sim, falando de amor.

Referências bibliográficas

ADELMAN, Miriam. A voz e a Escuta - encontros e desencontros entre a teoria feminista e a sociologia contemporânea. São Paulo: Blucher Acadêmico, 2009.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Nordestino: uma invenção do falo - uma história do gênero masculino (Nordeste 1920/1940). Maceió: Edições Catavento, 2003.

ALMEIDA, Guilherme. 'Homens trans': novos matizes na aquarela das masculinidades?. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 513-523, Aug. 2012.

ALMEIDA, Guilherme; MURTA, Daniela. Reflexões sobre a possibilidade da despatologização da transexualidade e a necessidade da assistência integral à saúde de transexuais no Brasil. Sex., Salud Soc. (Rio J.), Rio de Janeiro, n. 14, p. 380-407, Aug. 2013.

APPADURAI, Arjun. Dimensões culturais da globalização. Lisboa: Teorema, 2004.

ARÁN, Márcia. A psicanálise e o dispositivo diferença sexual. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 17, n. 3, p. 653, jan. 2009.

ARILHA, Margareth; RIDENTI, UNBEHAUM, Sandra G.; MEDRADO, Benedito. Introdução. In ARILHA, Margareth; RIDENTI, Sandra G. Unbehaum; MEDRADO, Benedito (Org.). Homens e masculinidades: outras palavras. São Paulo: Ecos: Editora 34, 1998.

ÁVILA, Simone. Transmasculinidades: a emergência de novas identidades políticas e sociais. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

ÁVILA, Simone; GROSSI, Miriam Pillar. "Maria, Maria João, João: reflexões sobre a transexperiência masculina". In: FAZENDO GÊNERO 9: DIÁSPORAS, DIVERSIDADE, DESLOCAMENTOS, 23 a 26 de agosto de 2010, Florianópolis. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278255349_ARQUIVO_Maria,MariaJoao,Joao040721010.pdf>.

BADINTER, Elisabeth. XY: sobre a identidade masculina. Trad. de Maria Ignes Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BARBOSA, Regina & PARKER, Richard (orgs.) Sexualidades pelo avesso: direitos, identidade e poder. IMS/ UERJ-Ed. 34, Rio de Janeiro-São Paulo. 1999.

BATISTA, Luís Eduardo. Entre o biológico e o social: homens, masculinidade e saúde reprodutiva. In: Goldemberg P, Marsiglia RMG, Gomes MHA. O clássico e o novo:

tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz. 2003.

BARBOSA, Bruno Cesar. Nomes e Diferenças: uma etnografia dos usos das categorias travesti e transexual. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). USP. São Paulo, 2010.

BAYM, Nancy K. Personal Connections in the Digital Age. Cambridge: Polity Press, 2010.

BECK, Ulrich e BECK-GERNSHEIM, Elisabeth, El normal caos del amor – Las nuevas formas de la relación amorosa. Editorial Paidós, Buenos Aires, 2001.

BECK, U., 1993. Risk Society: Towards a New Modernity. Cambridge: Polity Press.

BELELI, Iara. Amores online. In: PELÚCIO, Larissa et alii (orgs). Olhares plurais para o cotidiano: gênero, sexualidade e mídia. Marília/São Paulo, Oficina Universitária/Cultura Acadêmica, 2012, pp.56-73.

BELELI, Iara. O imperativo das imagens: construção de afinidades nas mídias digitais. Cad. Pagu, Campinas, n. 44, p. 91-114, June 2015.

BELELI, Iara. Reconfigurações da intimidade. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 337-346, Apr. 2017.

BENEDETTI, Marcos. Toda feita: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond-Universitária, 2005.

BENTO, Berenice A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BUFFON, Roseli. Encontrando o “homem sensível”? Reconstruções da imagem masculina em grupo de camadas médias intelectualizadas. Florianópolis: Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. 1992.

BUMACHAR, Bruna L. “Migração e novas mídias: um diálogo sobre a experiência familiar transnacional de estrangeiras presas em São Paulo e de trabalhadoras filipinas residentes em Londres”. Cronos – Revista do Programa de Pós-Graduação da UFRN, v. 12, n. 2. 2011, pp. 75-95.

BUTLER, Judith. “Sex and Gender in Beauvoir’s Second Sex”. In: Yale French Studies, Simone de Beauvoir: Witness to a Century, nº 72, Winter 1986.

CAMARGO, Isadora & TERRA, Carolina. Faces da conectividade: Plataformas, Influência e Usuários. Parágrafo. Jan/Jun. 2017. V.5, N.1. 2017. Disponível em: <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/viewFile/570/514>.
Última Consulta em 13/09/2017.

CAMPANELLA, Bruno; BARROS, Carla (Org.). Etnografia e consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos. Rio de Janeiro: E-papers, 2016.

CAMPOS, Rebeca R.. Classes Sociais, Consumo e Violência Simbólica. Cadernos de Campo, v. 19, p. 13-36, 2015.

CARRARA, Sérgio. Políticas e direitos sexuais no Brasil contemporâneo. Revista Bagoas, Natal, n. 05, p. 131-147, 2010.

CARVALHO, Mario Felipe de Lima “Muito prazer, eu existo!” : visibilidade e reconhecimento no ativismo de pessoas trans no Brasil . Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

CARVALHO, Mário. Que mulher é essa? Identidade, política e saúde no movimento de travestis e transexuais. Dissertação (Mestrado em saúde coletiva) Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

CASTELLS, Manuel. Sociedade em Rede. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

CECCHETTO, Fátima Regina Violência e estilos de masculinidade. Violência, Cultura e Poder. Editora FGV, Rio de Janeiro, 2004.

CHIAVENATO, Idalberto. Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor. 4ª ed., São Paulo: Saraiva, 2012.

CLIMACO, Danilo. Das transformações da dominação masculina. Cad. Pagu, Campinas, n. 30, p. 437-443, Junho, 2008.

COLLING, Leandro. Stonewall 40 + o que no Brasil? Salvador, EDUFBA, 2011.

CONNEL, R. W. Políticas da masculinidade. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995.

CONNELL, Robert W. (2003) La organización social de la masculinidad, en: LOMAS, C. (comp.) ¿Todos los hombres son iguales? Identidades masculinas y cambios sociales. Barcelona: Paidós.

CORRÊA, Mariza. "Bourdieu e o sexo da dominação". Revista Novos Estudos, CEBRAP, n. 54, p. 43-53, jul. 1999.

COUTO, Márcia T.. O poder masculino em questão. Revista Antropológicas, Recife, v. 9, p. 145-151, 1999.

COUTO Márcia T, Schraiber LB. Homens, saúde e violência: novas questões de gênero no campo da Saúde Coletiva. In: Minayo MCS, Coimbra Jr C. A. (Orgs.). Críticas e atuantes: Ciências Sociais e Humanas em Saúde na América Latina. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2005. p. 687-706.

COUTO, Márcia. T.. Sexualidade masculina, gênero e saúde. Ciência e Saúde Coletiva (Impresso), v. 14, p. 675-677, 2009.

COUTO, Márcia T.; PINHEIRO, Félix T. ; VALENÇA, Otávio ; MACHIN, Rosana ; SILVA, NOGUEIRA, Geórgia S. da ; GOMES, Romeu ; SCHRAIBER, Lília Blima; FIGUEIREDO, Wagner dos Santos . O homem na atenção primária à saúde: discutindo (in)visibilidade a partir da perspectiva de gênero. Interface. Comunicação, Saúde e Educação, v. 14, p. 257-270, 2010.

COUTO, Edvaldo S., SOUZA, Joana F. & NASCIMENTO, Sirlaine P. Grindr E Scruff: Amor e Sexo na Cíbercultura. Trabalho apresentado durante o Seminário em Tecnologias Digitais - Performances Interacionais e Mediações Sociotécnicas. Salvador - 10 e 11 de outubro de 2013.

COUTO JÚNIOR, Dilton. Marcas da Abjeção Expressas em Conversas sobre Heteronormatividade com Jovens no Facebook: Em Defesa De Uma Pedagogia Queer. Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação. 2017.

CURADO, Marcelo. Uma avaliação da economia brasileira no Governo Lula. Economia & Tecnologia - Ano 07, Volume Especial, p. 91 a 103, 2011.

COURTINE, Jean-Jacques. Introdução: impossível virilidade. In: _____ (Org.). História da virilidade 3 – A virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Petrópolis: Vozes, 2013.

DÍAZ BENÍTEZ, María Elvira. Nas Redes do Sexo: Os bastidores do pornô brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

DUQUE, Tiago. Montagens e desmontagens - desejo, estigma e vergonha entre travestis adolescentes. São Paulo: Annablume. 2011.

ESTEBAN, Mari – El amor romántico dentro y fuera de occidente: determinismos, paradojas e visiones alternativas in *Feminismos en la antropología: Nuevas Propostas Críticas* numero 6, Universidad del País Vasco, Espanha, 2005.

FACCHINI, Regina. FRANÇA, Isadora Lins. De cores e matizes: sujeitos, conexões e desafios no Movimento LGBT brasileiro. *Sexualidad, Salud y Sociedad*. n.3, p. 54-81, 2009.

FACHINNI, Regina. Entre compassos e descompassos: um olhar para o “campo” e para a “arena” do movimento LGBT brasileiro. *Revista Bagoas*, Natal, v.3. n. 4, p.131- 158, 2009.

FACHINNI, Regina; FRANÇA, Isadora L.; BRAZ, Camilo. Estudos sobre sexualidade, sociabilidade e mercado: olhares antropológicos contemporâneos. *cadernos pagu* (42), janeiro-junho de 2014:99-140.

FAVRET-SAADA, J. Ser afetado (tradução de Paula de Siqueira Lopes). *Cadernos de Campo*, n. 13, p. 155-161, 2005.

FERRAZ, Janaina; PELUCIO, Larissa . É Fantástico! As sexualidades dissidentes em pauta na produção jornalística do “Show da Vida”. In: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2012, Ouro Preto. *Anais do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste*. Publicação online: Intercom, 2012. v. 0. p. 01-12.

FINKEL, E. J., EASTWICK, P. W., KARNEY, B. R., REIS, H. T., & SPRECHER, S. “Online dating: A critical analysis from the perspective of psychological Science”. *Psychological Science in the Public Interest*, 13, 3-66. 2012.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade*, vl. 1 - A Vontade de Saber. 13ª edição. São Paulo: Graal. 2003.

FRANCO, César B. “Como Conquistar Mulheres?” - Masculinidade e Subjetivação em uma Comunidade Virtual. Dissertação para defesa do título de mestre no Programa de Pós-Graduação em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná. 2015.

FREITAS, Fátima Regina Almeida de. *Bondage, Dominação/Submissão e Sadomasoquismo: uma etnografia sobre práticas eróticas que envolvem prazer e poder em contextos consensuais*. Dissertação de Mestrado, Antropologia Social, UFG, 2012.

GARCIA, Sandra Mara. Conhecer os homens a partir do gênero e para além do gênero. In: ARILHA, Margareth; RIDENTI, Sandra G. Unbehaum; MEDRADO, Benedito. Introdução. In ARILHA, Margareth; RIDENTI, Sandra G. Unbehaum; MEDRADO,

Benedito (Org.). Homens e masculinidades: outras palavras. São Paulo: Ecos: Editora 34, 1998.

GOLDENBERG, Miriam. O macho em crise: um tema em debate dentro e fora da academia, pp. 13-39. In GOLDENBERG, Miriam (org.). Os novos desejos. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

GOMES, Christianne. L.. Lazer: Necessidade humana e dimensão da cultura. Revista Brasileira de Estudos do Lazer - RBEL , v. 1, p. 3-20, 2014.

GOMES, Romeu. Sexualidade masculina e saúde do homem: proposta para uma discussão. Ciência & Saúde Coletiva 8(3):825-829. 2003.

GOMES, Romeu. Levantamento sobre a produção bibliográfica da saúde coletiva acerca da masculinidade. Atividade da pesquisa do CNPq A construção da masculinidade como fator impeditivo do cuidar de Si/ 2003-2006. IFF/Fiocruz, Rio de Janeiro. 2004.

GOMES, R., org. Saúde do homem em debate. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011.

GONÇALVES, Márcio S. “Amores virtuais”. LOGOS - Ano 6 Nº 10 1º Semestre/1999.

GIDDENS, Anthony. A transformação da intimidade. 2a.ed., São Paulo: Ed. da UNESP, 1993.

GIFFIN, Karen. A inserção dos homens nos estudos de gênero: contribuições de um sujeito histórico. Ciência & Saúde Coletiva, 10(1):47-57, 2005.

GREGORI, Maria Filomena e DEBERT, Guita Grin. Violência e gênero: novas propostas, velhos dilemas. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 23, n.66. 2008.

GREGÓRI, Maria Filomena. Prazer e Perigo: notas sobre feminismo, sex-shops e S/M In: Quaderns Institut Català d'Antropologia. Barcelona, vol.4. 2005.

GROHMANN, Rafael. Não sou/ não curto: sentidos midiaticizados de masculinidade, feminilidade e classe social nos discursos de apresentação do aplicativo Grindr. Sessões do Imaginário (Online), v. 21, p. 70, 2016.

GROSSI, Mirian Pillar. A Revista Estudos Feministas faz 10 anos uma breve história do feminismo no Brasil. Estudos Feministas, Florianópolis, p. 211, jan. 2004.

GROSSI, Mirian Pillar. Masculinidades: uma revisão teórica. Antropologia em Primeira Mão, 75, 1-37. 2004a.

HALBERSTAM, Judith. *Female masculinity*. Durham and London, Duke University Press, 1998.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, n. 5, 1995, p. 07-41.

HARVEY, D. *A Condição Pós-Moderna: Uma Pesquisa sobre as origens da Mudança Cultural*. SP: Ed. Loyola, 2001.

HEARN, Jeff & MORGAN, David. *Men, Masculinities & Social Theory*. London. Routledge Library Edition. 1990.

HEILBORN, Maria Luiza; CARRARA, Sérgio. "Dossiê Masculinidade. Em cena, os homens...". *Revista Estudos Feministas*, IFCS/UFRJ, v. 6, n. 2, p. 270-421, 1998.

HINE, Christine. Estratégias para etnografia da internet em estudos de mídia. In: CAMPANELLA, Bruno; BARROS, Carla (Orgs.) *Etnografia e Consumo Midiático: novas tendências e desafios metodológicos*. Rio de Janeiro: E-Papers. 2016.

HINE, Christine. Towards ethnography of television on the internet: a mobile strategy for exploring mundane interpretive activities. **Media, Culture & Society**, Reino Unido, v. 33, n. 4, p. 567- 582, 2011.

HORST, Heather and MILLER, Daniel (Eds.). **Digital Anthropology**. London and New York, Berg. 2012.

ILLOUZ, Eva. *Erotismo de autoayuda – cinquenta sombras de Gray y el novo orden romántico*. Buenos Aires. Katz Editores. 2014.

ILLOUZ, Eva. “Don't Be My Valentine: Are Couples Becoming a Thing of the Past”? Haaretz, Israel. 2013. Disponível em: <http://www.haaretz.com/israel-news/don-t-be-my-valentine-are-couples-becoming-a-thing-of-the-past.premium-1.503597> 2013
<http://www.haaretz.com/israel-news/don-t-be-my-valentine-are-couples-becoming-a-thing-of-the-past.premium-1.503597>. Última consulta em 03/05/2016.

ILLOUZ, Eva. *O amor nos tempos do capitalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ILLOUZ, Eva. *El consumo de la utopía romántica. El amor y las contradicciones culturales del capitalismo*. Katz Editores: Madrid. 2009.

IRINEU, Bruna Andrade. 10 Anos do Programa Brasil Sem Homofobia: Notas Críticas. *Temporalis*, v. 2, n. 28, p. 193-220, nov. 2014.

JARDIM, Maria C. & MOURA, Paulo J. C.. A construção social do mercado de dispositivos de redes sociais: a contribuição da sociologia econômica para os aplicativos de afeto. Tomo – Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Universidade Federal do Sergipe, no. 30, jan/jun., 2017, pp. 151-196.

JACKSON, Stevi. Love, Social Change, and Everyday Heterosexuality. IN: JÓNASDÓTTIR, Anna G., FERGUSON, Ann. Love - A Question for Feminism in the Twenty-First Century. London: Routledge. 2014.

JESUS, Jaqueline G. O protesto na festa: política e carnavalização nas paradas do orgulho LGBT. Tese de doutorado defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social – Do trabalho e das organizações. Universidade de Brasília, Brasília, Brasil. 2010.

JÓNASDÓTTIR, Anna G., FERGUSON, Ann. Love - A Question for Feminism in the Twenty-First Century. London and New York: Routledge. 2014.

KIMMEL, Michael. S. “A Produção de Masculinidades Hegemônicas e Subalternas”. Horizontes Antropológicos – Corpo, Doença e Saúde. Porto Alegre, ano 4, n. 9, outubro , pp. 103-117. 1998.

KNAUTH, Daniela. “Uma Doença dos Outros: A construção da identidade entre mulheres portadoras do vírus da AIDS” In: In Cadernos do NUPACS. Rio Grande do Sul, UFCH, 1996.

KNAUTH, Daniela R. "Morte masculina: homens portadores do vírus da AID sob a perspectiva feminina." In Doença, sofrimento, perturbação: perspectivas etnográficas. In DUARTE, Luis Fernando; LEAL, Ondina F. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1998.

LACOMBE, Andrea. De entendidas e sapatonas: socializações lésbicas e masculinidades em um bar do Rio de Janeiro. Cad. Pagu, Campinas , n. 28, p. 207-225, Junho, 2007.

LEAL, Andréa F. “No peito e na raça” – a construção da vulnerabilidade de caminhoneiros: um estudo antropológico de políticas públicas para HIV/AIDS no Sul do Brasil. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Antropologia. Porto Alegre, Abril de 2008.

LEITE Jr, Jorge. Nossos corpos também mudam: a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico. São Paulo: Annablume. 2011.

LEITE Jr., Jorge. 2006. Das maravilhas e prodígios sexuais - A pornografia “bizarra” como entretenimento. São Paulo: Annablume/ Fapesp.

LEMOS, André. Celulares, funções pós-midiáticas, cidade e mobilidade. Urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana, vol. 2, núm. 2, julio-diciembre, 2010, pp. 155- 166.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O Pensamento Selvagem (trad. Tânia Pellegrini). Campinas: Papirus, 1989.

LIONCO, Tatiana. Atenção integral à saúde e diversidade sexual no Processo Transexualizador do SUS: avanços, impasses, desafios. Physis, Rio de Janeiro , v. 19, n. 1, p. 43-63, 2009 .

LIPOVETSKY, Gilles. Império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas. Tradução por Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LINS, Beatriz. A. Vazou na internet: gênero, violência e internet nos debates sobre “pornografia de vingança”. Trabalho apresentado no GT Antropologia Digital, Tecnologia e Cibercultura, 30º RBA. João Pessoa, jun/2016.

LINS, Beatriz. A. “Não existe privacidade 100% na internet”: leis, direitos, mulheres e sexo nos debates jurídicos e legislativos sobre exposição íntima via internet ou “pornografia de vingança”. Texto apresentado no V ENADIR no GT. 07 - Mulheres, criminalização e violência, em agosto de 2017.

MACHADO, Vanderlei. As várias dimensões do masculino: traçando itinerários possíveis. Estudos Feministas, Florianópolis, 13(1): 179-199, janeiro-abril/2005.

MARCUS, George. Ethnography in/of the World System: The Emergence of MultiSited Ethnography. In: George E. Marcus, Ethnography through Thick/Thin. Princeton: Princeton University Press.

MATEUS, Felipe de Oliveira; VENTURA, M. S.. O meio é a mensagem e a mensagem como meio: leituras de Marshall McLuhan feitas pelo site youPIX. In: 7º Congresso

Internacional de Ciberjornalismo, 2016, Campo Grande. Anais do 7º Congresso Internacional de Ciberjornalismo, 2016.

MARENTES, Maximiliano; PALUMBO, Mariana; BOY, Martín. “Me clavó el visto: los jóvenes y las esperas en el amor a partir de las nuevas tecnologías. Astrolabio – Nueva Época, n. 17, 2016, pp. 307 – 330.

MARX, Karl. O Capital : crítica da economia política – o processo de produção de capital. Livro Primeiro. Volume I. 3 ed. Tomo 1. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória dos sentimentos (1921). OLIVEIRA, R.C. (org) Marcel Mauss. São Paulo: Ática, 1979.

MCQUIRE, Scott. The media city: media, architecture and urban space. London: Sage. 2008.

MEDRADO, Benedito; FRANCH, Monica; LYRA, Jorge; BRITO, Maira (Orgs.) Homens: tempos, práticas e vozes. Recife: Instituto PAPAI; Fages; NEPOUNICAMP; Pegapacapé, 2004.

MELLO, Luiz; BRITO, Walderes; MAROJA, Daniela. Políticas públicas para a população LGBT no Brasil: notas sobre alcances e possibilidades. Cad. Pagu, Campinas, n. 39, p. 403-429, Dec. 2012 .

MILLER, Daniel E HORST, Hearth. O Digital e o Humano: prospecto para uma Antropologia Digital. Parágrafo. Jul. /Dez. 2015, V. 2, N . 3.

MISKOLCI, Richard, CAMPANA, Maximiliano. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. Sociedade e Estado Brasília: Departamento de Sociologia UnB, vol. 32 Nº 03 set/dez de 2017 (no prelo)

MISKOLCI, Richard. Desejos Digitais - uma análise sociológica da busca por parceiros online. Belo Horizonte, Autêntica, 2017.

MISKOLCI, Richard. Não existe amor em apps. Mimeo. 2017a

MISKOLCI, Richard ; ILLOUZ, Eva . No coração pulsante da cultura - Entrevista com Eva Illouz. São Carlos: Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia - UFSCar, 2016 (Entrevista).

MISKOLCI, Richard. Machos e Brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 301-324, abril. 2013.

MISKOLCI, Richard. O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX. São Paulo, Annablume/FAPESP, 2012.

MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa. "Fora do sujeito e fora do lugar: reflexões sobre performatividade a partir de uma etnografia entre travestis". *Gênero*, Niterói: Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero, UFF, p. 255-267, 2006.

MISKOLCI, Richard; SIMOES, Júlio Assis. Apresentação. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 28, p. 9-18, June 2007.

MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa; ZAGO, Luiz Felipe. Secret Desires: contemporary Brazilian masculinities in the era of network relations. In HOLMES, Dave; MURRAY, Stuart J.; FOTH, Thomas (Ed.). *Radical Sex Between Men: Assembling Desiring-Machines*. Toronto: Taylor & Francis. 2017.

MORELLI, Fábio. Não Existe Amor em APP? Pistas sobre o processo de subjetivação entre homens por meio de aplicativos voltados ao público gay. Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Mestre em Psicologia. 2017.

MURTA, Daniela. Os desafios da despatologização da transexualidade: Reflexões sobre a assistência a transexuais no Brasil. Tese de Doutorado em Saúde Coletiva, Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2011.

NARVAZ, Martha; NARDI, Henrique Caetano. Problematizações feministas à obra de Michel Foucault. *Rev. Mal-Estar Subjetividade*, Fortaleza, v. 7, n. 1, p. 45-70, mar. 2007.

NASCIMENTO, Elaine F. do. Violência e estilos de masculinidade: violência, cultura e poder. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 260, Mar. 2005.

NATANSOHN, L. Graciela (Org.). *Internet em código feminino. Teorias e práticas*. E-book. Ed. em português revista e ampliada.. 1. ed. Buenos Aires: La Crujía, 2013. v. 1. 192p.

NATANSOHN, Graciela "Por uma agenda feminista para internet e as comunicações digitais". In PELÚCIO, Larisa, PAIT, Heloísa, SABATINE, Thiago. *No Emaranhado da Rede - gênero, sexualidade e mídia: desafios metodológicos do presente*. São Paulo. Annablume Queer. 2015.

NEVES, Ana Sofia Antunes das. As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho do "amor confluyente" ou o retorno ao mito do "amor romântico"? *Estudos*

Feministas, Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 609, jan. 2007. ISSN 1806-9584. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2007000300006/1189>>. Acesso em: 02 set. 2017.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Internet: a negatividade do discurso da mídia versus a positividade da experiência pessoal. À qual dar crédito?. *Estud. psicol. (Natal)*, Natal, v. 7, n. 1, p. 25-35, Jan. 2002. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2002000100004&lng=en&nrm=iso>. access on 14 June 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2002000100004>.

NOLASCO, Sócrates A.. O mito da masculinidade. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

OLIVEIRA, Pedro. P. de. Discursos sobre a Masculinidade. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 91-112, 1998.

OLIVEIRA, Pedro P. A Construção Social da Masculinidade. Belo Horizonte: Editora UFMG/Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro; 2004.

PADILHA, Felipe. Isto não é um manual de instruções: notas sobre a construção e consumo de perfis em três redes geosociais voltadas ao público gay. *Norus – Novos Rumos Sociais*. v. 3, n. 3 jan - jun 2015, pp. 72-104.

PAIXÃO H. et al. Modernidade e Reflexividade: uma leitura da obra de Anthony Giddens. *Revista de Iniciação Científica da FFC*, v. 4, n. 1, p. 92-102, 2004.

PARKER, Richard & BARBOSA, Regina (orgs.) Sexualidades brasileiras. Ed. Relume-Dumará-ABIA-IMS/UERJ, Rio de Janeiro. 1998.

PARREIRAS, Carolina. Sexualidades no ponto.com: espaços e homossexualidades a partir de uma comunidade on-line. 2008. 198 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

PARRINI, Rodrigo. ¿Existe la masculinidad? Sobre un dispositivo de saber/poder. México: Colégio do México, 2006.

PELÚCIO, Larissa. Narrativas infieis: notas metodológicas e afetivas sobre experiências das masculinidades em um site de encontros para pessoas casadas. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 44, p. 31-60, jun. 2015.

PELÚCIO, Larissa. Breve História Afetiva de uma Teoria Torcida. *Revista Florestan Fernandes - Dossiê Queer*, v. 02, p. 26-45, 2014.

PELÚCIO, L. e CERVI, M. Traições, Pequenas Mentiras e Internet: conjugalidades contemporâneas e usos de mídias digitais. Revista Científica Gênero na Amazônia, vol. 1, Manaus, pp.25-51. 2013.

PELÚCIO, Larissa . Deseos, brasilidades y secretos ? el negocio del sexo en la relación entre clientes españoles y travestis brasileñas. In: PAVEZ, Jorge Pavez y KRAUSHAAR, Lilith. (Org.). Capitalismo y Pornología. La producción de los cuerpos sexuados. 01ed.San Pedro de Atacama, Chile: Quilqa/Universidad Católica del Norte, v. 1, p. 437-456. 2011.

PELÚCIO, Larissa. Abjeção e Desejo - uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids. 1. ed. São Paulo, SP: Editora Annablume, v. 01. 263p . 2009.

PELÚCIO, Larissa. Gozos ilegítimos Tesão, erotismo e culpa na relação sexual entre clientes e travestis que se prostituem. In: María Elvira Díaz Benítez; Carlos Eduardo Figari. (Org.). Prazeres dissidentes. Rio de Janeiro: CLAM-Garamond, 2009a, v. 1.

PENTEADO, Fernando Marques; GATTI, José (Org.) Masculinidades: teoria, crítica e artes. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.

PERES, Wiliam Siqueira. Subjetividade das Travestis Brasileiras: da vulnerabilidade da estigmatização à construção da cidadania. Tese de Doutorado - PPG em Saúde Coletiva/ Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2005.

PERLONGHER, Néstor. O Que é Aids. São Paulo: Editora Brasiliense. 1987.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. Sociedade e Cultura, v. 11, n. 2, p. 263-74, jul./dez. 2008.

PISCITELLI, Adriana. Recriando a (categoria) mulher?. In: ALGRANTI, Leila M. (org.) A prática feminista e o conceito de gênero. Textos Didáticos, nº 48. Campinas, IFCH- Unicamp, 2002, pp.7-42.

PRIMO, Alex. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. E-Compós (Brasília) , v. 9, p. 1-21, 2007.

RAGO, Margaret. Epistemologia Feminista, Gênero e história. In: PEDRO, Joana M. e GROSSI, Mirian P. (orgs), Masculino, Feminino, plural. Florianópolis, Editora das Mulheres, 1998, pp.24-42.

RAMOS, Jair. Etnografia e digitalização. In: CAMPANELLA, Bruno; BARROS, Carla (Org.). Etnografia e consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos. Rio de Janeiro: E-papers, 2016.

RODRIGUES, Cristiano S. ; ANDRADE, Darlene. S. V. ; KUBIK, Máira . Por uma teoria social de gênero do - e para - o sul global: uma entrevista com Rawynell Connell. Revista Feminismos , v. 3, p. 45-58, 2015.

SANTOS, Ismar dos. A Construção Discursiva de Masculinidades Bissexuais: Um Estudo Em Linguística Queer. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Letras. 2012.

SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 35, jan. 2004.

SCAVONE, Lucila. A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. Cadernos Pagu. Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu, n. 16, p. 137-150, 2001.

SCHRAIBER, Lília ; d& ; HANADA, Heloísa ; FIGUEIREDO, Wagner ; COUTO, Márcia; KISS, Lúgia ; DURAND, Júlia ; PINHO, Adriana. Violência vivida: a dor que não tem nome. Interface. Comunicação, Saúde e Educação, Botucatu, v. 7, n.12, p. 41-54, 2003.

SCHRAIBER, Lília Blima ; GOMES, Romeu ; COUTO, M. T. . Saúde do homem: uma abordagem em construção. Ciência & Saúde Coletiva, v. 10, n.1, p. 32-34, 2005.

SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. Revista Educação & Realidade. Porto Alegre, (6 (2) 5-22, jul/dez) 1990.

SCHPUN, Mônica Raisal (Org.). Masculinidades. São Paulo: Boitempo, 2004.

SEFFNER, Fernando. Composições (com) e resistências (à) norma: pensando corpo, saúde, políticas e direitos LGBT. In: Colling. Leandro (Organizador). Stonewall 40 + o que no Brasil? Salvador: EDUFBA, 2011.

SCHRAIBER, Lília Blima; GOMES, Romeu; COUTO, Márcia Thereza. Homens e saúde na pauta da Saúde Coletiva. Ciências de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro , v. 10, n. 1, p. 7-17, Mar. 2005.

SIBILIA, Paula. O show do eu. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, Francisco. V.; BARBOSA, Maria do Socorro. M. F.. Até que o *ghosting* os separe: a produção de subjetividade em discursos sobre o amor virtual. Calidoscópio (Online), v. 14, p. 265-275, 2016.

SILVA, Tamires B. “Experiências Multissituadas: Entre Cursinhos Trans e Ativismo, Que Narrativa de Cidadania é Essa?”. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-

Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista/UNESP – Campus Marília, como requisito para obtenção de título de Mestre em Ciências Sociais. 2017.

SOUZA, Jessé de. Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora? Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

SOUZA, Márcio Ferreira de.. As Análises de Gênero e a Formação do Campo de Estudos Sobre a(s) Masculinidade(s). Revista Mediações (UEL), v. 14, p. 123-144, 2009.

SPINK, Mary Jane. “Tópicos do discurso sobre risco: risco-aventura como metáfora na modernidade tardia”. Cadernos de Saúde Pública, n. 17, p.1277-1311. 2001.

SOUZA, Ana Luiza. Mas, afinal, o que é o Tinder? – Um estudo sobre a percepção que os usuários têm do aplicativo. Verso e Reverso, 30(75):186-195, setembro-dezembro 2016.

STEVENS, Cristina Maria Teixeira; SWAIN, Tânia Navarro (Orgs.). A construção dos corpos: perspectivas feministas. Florianópolis: Editora Mulheres, 2008.

TAVARES, Mauro C. Segmentação de mercado, diferenciação de produtos e a perspectiva da antropologia do consumo. Revista Gestão & Tecnologia, Pedro Leopoldo, v. 11, n. 1, p. 106-122, jan./jun. 2011.

TEIXEIRA, Flávia. B.. Dispositivos de dor: saberes poderes que (con)formam as transexualidades. 1. ed. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2013.

TURKLE, Sherry. Alone Together: why we expect more from technology and less from each other. New York, Basic Books, 2011.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do Sul de Portugal. Anuário Antropológico, Rio de Janeiro, n. 95, p.161-189. 1996.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. Senhores de Si – uma interpretação Antropológica da Masculinidade. Lisboa: Fim de Século. 2000.

VAN DIJCK, José. The Culture of connectivity: a critical history of social media. Oxford University Press. 2013.

VENCATO, Anna Paula. “Fervendo com as Drags” – coporalidade e performances de drag-queens em território gays da Ilha de Santa Catarina. Dissertação de Mestrado em Antropologia apresentada ao Programa de Pos-graduação em Antropologia Social do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina. 2002.

VENCATO, Anna Paula. Gênero e Sexualidades em Tempos Instáveis: Mídias Digitais, Identificações e Conflitos. ETD - Educação Temática Digital Campinas, SP v.19 n.4 p. 808-823 out./dez. 2017.

VÍCTORA, CERES, and DANIELA RIVA KNAUTH. Trajetórias e vulnerabilidade masculina. Revista Antropolítica 6, pp. 23-28. 1999.

VILLELA, Wilza. “Práticas de Saúde, Gênero e Prevenção do HIV/Aids”. 2o Seminário, Saúde Reprodutiva em Tempos de Aids; mar. 13-15. Rio de Janeiro: ABIA/IMS/UERJ; 1997, pp. 66-72.

VON DER WEID, Olivia . Swing, o adultério consentido. Revista Estudos Feministas (UFSC. Impresso) , v. 18, p. 789-810, 2010.

WELZER-LANG, DANIEL. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. Revista de Estudos Feministas, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001.

WILLIAMS, Linda. Screening Sex: Revelando e dissimulando o sexo. cadernos pagu (38), janeiro-junho de 2012:13-51.

ZAGO, Luiz F. & SANTOS, Luís H. S. Corpos, gênero e sexualidades gays na corda bamba ético-metodológica: um percurso possível de pesquisa na internet. ... um percurso possível de pesquisa na internet. Cronos (Natal. Impresso), v. 12, p. 39-56, 2011.

ZAGO, Luiz Felipe. Convites e tocaias – Considerações ético-metodológicas sobre pesquisas em sites de relacionamento. PAIT, Heloísa, SABATINE, Thiago. No Emaranhado da Rede - gênero, sexualidade e mídia: desafios metodológicos do presente. São Paulo. Annablume Queer. 2015.

ZELIZER, Viviana A.. “Dinheiro, poder e sexo”. Cadernos Pagu, Campinas, n. 32, Junho. 2009.

ZELIZER, Viviana A. A negociação da intimidade. Petrópolis: Vozes, 2011.

Fontes eletrônicas/jornalísticas

BRITO, Edvaldo. O que é GIF. Techtudo. 24/10/2013. Disponível em: <http://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2012/04/o-que-e-gif.html>. Última consulta em 15/09/2017.

CAMPOS, Ana Cristina. IBGE: celular se consolida como o principal meio de acesso à internet no Brasil. Agência Brasil. 22/12/16. Disponível em:

<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-12/ibge-celular-se-consolida-como-o-principal-meio-de-acesso-internet-no-brasil>. Última consulta em 24/09/2017.

CAPELLAS, Bruno. Brasil vira maior mercado para app de paquera Happn. O Estado de São Paulo, 30/01/2016. Disponível em: <http://link.estadao.com.br/noticias/cultura-digital,brasil-vira-maior-mercado-para-app-de-paquera-happn,10000028543>. Última consulta em 20/06/2017.

DA SILVA, Jurandir. A Era da Mulher Sujeito. Entrevista com Gilles Lipovestiky. F. de São Paulo – Cultura. 21/11/199. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2111199917.htm>. Último acesso em 25/09/2017.

GEDHIN, Rodrigo. Entenda o Super Like. Manual do Usuário. 2015. Disponível em: <https://www.manualdousuario.net/super-like-tinder/>. Última consulta em 17/07/2017.

MONTEIRO, Melissa. As maduras curtem o Happn. Revista Veja (online), 18/03/2017. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/tecnologia/as-maduras-curtem-o-happn/>. Última consulta em 03/08/2017.

VICENTE, Álex. “A sexualidade é inevitável: hoje o sexo precede o amor” - A socióloga propõe uma surpreendente leitura de ‘Cinquenta Tons de Cinza’. El País – Cultura. 30/03/2015. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/26/cultura/1427384053_822164.html. Última consulta em 12/09/2017.

RIBEIRO, Gabriel. O que é e como funciona o Tinder? Tech Tudo. Disponível em: <http://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/noticia/2015/12/o-que-e-e-como-funciona-o-tinder.html>. Última consulta em 1/08/2017.

Documentos oficiais

BRASIL. Presidência da República Casa Civil - Subchefia para Assuntos Jurídicos. LEI Nº 11.340, DE 7 DE AGOSTO DE 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. A educação no Brasil na década de 90: 1991-2000 / Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. – Brasília: Inep/MEC, 2003. Disponível em: http://portal.inep.gov.br/informacao-da-publicacao/-/asset_publisher/6JYIsGMAMkW1/document/id/486788. Última consulta em 16/10/2017.

Apêndices

Questionário enviado a colaboradores

1. Como gostaria de ser chamado durante nossa interação?
2. Sua idade

3. Qual sua área de atuação profissional?
4. Está empregado no momento? Se sim, é em sua área de formação?
5. Qual seu nível de formação educacional?
6. Se tem formação superior, em qual instituição se formou? É pública ou privada?
7. Ao longo de seus estudos frequentou escola pública, privada, ambas?
8. É ou foi casado (ou relação estável)?
9. Teve mais de um casamento (relação estável)?
10. Se sim, qt tempo durou/duraram essas relação/ções?
11. Esta, nesse momento, em algum relacionamento sério?
12. Se sim, há qt tempo?
13. Tem filhos? Se sim, qts! E as idades.
14. Mora só, com familiares, amigos?
15. Em que cidade vive agora (nem sempre a cidade que aparece no aplicativo é a de residência da pessoa)
16. Tem alguma filiação/simpatia religiosa?
17. Esta usando o aplicativo há quanto tempo?
18. Acessa pelo site ou por smarthpone? Ambos?
19. Como decidiu fazer o perfil no Adote? Queria saber se estava em um momento emocional específico, especial?
20. Como tem sido suas experiências por aqui?
21. Usa outros aplicativos? Se sim, quais?